

Maria Zenaide Alves

Ser alguém na vida.

Condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da microrregião de Governador Valadares-MG

Belo Horizonte

Agosto de 2013

Maria Zenaide Alves

**SER ALGUÉM NA VIDA.
CONDIÇÃO JUVENIL E PROJETOS DE VIDA DE JOVENS MORADORES DE
UM MUNICÍPIO RURAL DA MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR
VALADARES-MG**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, cultura, movimentos sociais e ações coletivas.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Tarcísio Dayrell

Belo Horizonte

Agosto de 2013

BANCA EXAMINADORA

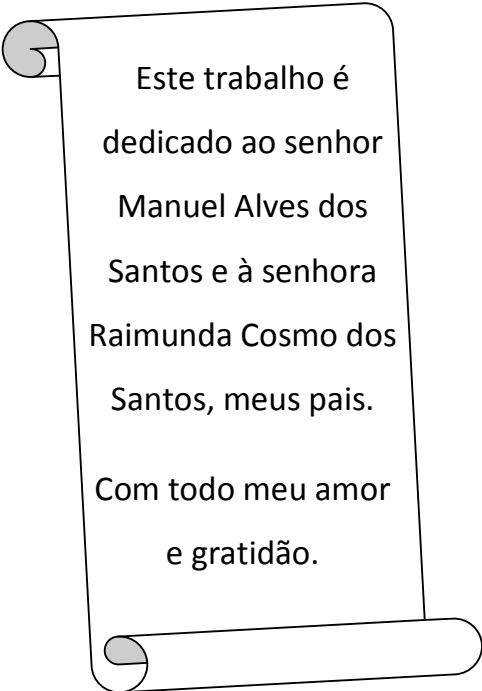
Prof. Dr. Juarez Tarcísio Dayrell – Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Profª Drª Sueli Siqueira
Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE)

Prof. Dr. Wilson Weisheimer
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Profª Drª Inês Assunção de Castro Teixeira
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Prof. Dr. Geraldo Leão
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)



Este trabalho é
dedicado ao senhor
Manuel Alves dos
Santos e à senhora
Raimunda Cosmo dos
Santos, meus pais.
Com todo meu amor
e gratidão.

SOU E SEREI ETERNAMENTE GRATA...

À minha família, alicerce da minha existência, meu porto seguro, razão para todas as minhas inquietudes e buscas por um mundo melhor.

Aos amigos que comigo estiveram ao longo desse percurso, me encorajando e, em algumas etapas, efetivamente me ajudando no desenvolvimento desse trabalho.

A Deus e a todos os bons espíritos que sempre me iluminaram e me guiaram pelos caminhos da fé e da determinação.

A toda a sociedade brasileira que, por meio das agências governamentais CAPES e CNPq, financiaram os meus estudos no Brasil e no exterior.

À comunidade de São Geraldo da Piedade, em especial à minha querida *host family*, aos amigos da Escola Estadual Sebastião Gualberto e aos jovens estudantes dos anos letivos 2010/11.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG, com um reconhecimento especial aos professores e funcionários que me auxiliaram ao longo desses quatro anos.

Ao meu querido orientador, Juarez, pela generosa e humana condução no processo de desenvolvimento deste trabalho.

À professora Maxine, pela calorosa acolhida em Nova York e por compartilhar comigo seus achados científicos e experiências com a temática da imigração.

Ao meu grupo de pesquisa, Observatório da Juventude da UFMG, onde não só produzi este trabalho, mas, tenho certeza, cultivei boas amizades.

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de responder a duas perguntas centrais: como se caracteriza a condição juvenil em um município rural marcado pelo transnacionalismo e pela cultura da migração? De que modo os jovens nesse contexto organizam e elaboram seus projetos de vida? A resposta a essas perguntas foi sendo costurada ao longo da escrita e pode ser resumida na seguinte proposição: A condição juvenil nesse contexto é marcada por aspectos sociais, econômicos e culturais híbridos, ora apresentando fortes marcas da modernidade, ora com fortes nuances das sociedades tradicionais, ora marcada por aspectos culturais globais, ora locais. Essa hibridez no contexto se reflete nos projetos de vida dos jovens que se vêem, por vezes, divididos entre os valores modernos e tradicionais, entre o local e o global, entre o projeto individual e o familiar e entre as vantagens e desvantagens de sair ou permanecer longe dos grandes centros urbanos. Para desenvolver o estudo a metodologia utilizada foi a etnografia. Lancei mão de elementos empíricos registrados no campo de investigação, durante oito meses de vivência no município de São Geraldo da Piedade, na microrregião de Governador Valadares, para realização da pesquisa etnográfica. Os instrumentos de coleta de dados foram observação direta e participante, questionários e entrevistas com jovens estudantes do Ensino Médio. Os dados foram analisados à luz de um referencial teórico multidisciplinar (da sociologia da juventude, da sociologia da imigração, da sociologia rural, da educação e da antropologia) com ênfase nas questões que afetam a juventude na construção dos seus projetos de vida. A investigação apontou que, embora sejam múltiplos os modos de ser jovem nesse contexto, a condição juvenil é fortemente marcada pela cultura da migração que se desenvolveu nessa região mineira nos últimos anos e que tem como principal característica o transnacionalismo. Tais marcas, no entanto, não os afastam da cultura local. Muitos desses jovens pertencem a famílias transnacionais que protagonizam movimentos constantes de pessoas, assim como trocas de bens, idéias, valores e remessas entre essa região mineira e países como os Estados Unidos, Portugal e Inglaterra. Por outro lado, se essa cultura da migração marca os modos de ser jovem, a influência nos projetos de vida aparecem com menos intensidade, em muitos casos como um plano B. A diversidade nos modos de ser jovem também se reflete nas diversas formas de organização das condutas futuras evidenciando, por vezes, tensões entre projetos individuais e familiares e entre as dimensões objetivas e subjetivas que marcam esse processo de elaboração de projetos. A investigação evidenciou que os jovens nesse contexto organizam seus projetos de vida orientados por modelos distintos, tendo em comum a idéia de que, embora alguns ainda não tenham clareza sobre que rumo seguir na vida, manifestam forte preocupação com o futuro, verbalizada na ideia de que sabem que querem “ser alguém na vida.”.

Palavras-chave: juventude – condição juvenil - município rural - transnacionalismo – projetos de vida.

ABSTRACT

This research addresses two central questions: First, how can we understand the condition of Brazilian youth living in a rural municipality characterized by transnationalism and a migration culture? And, secondly: How do young people in this context organize their life projects? In this dissertation, I argue that the condition of young people in Governador Valadares is marked by social, economic and cultural aspects that reflect hybrid tendencies. These life conditions at times show strong marks of modernity, while also demonstrating strong attachment to traditional society, as they vacillate between global and local cultures. This hybridism is reflected in the life projects of young people who find themselves sometimes divided between traditional and modern values, between the local and the global, between the familial and the individual, and between the advantages and disadvantages of leaving or staying away from large urban centers. I adopted ethnography as a main methodology for this project. To collect the empirical data, the researcher lived during eight months in the rural municipality of *São Geraldo da Piedade*, in the region of *Governador Valadares*. The instruments for data collection were direct and participant observation, questionnaires and interviews with high school students. The data were analyzed in light of a multidisciplinary theoretical framework (sociology of youth, sociology of immigration, rural sociology, education and anthropology), with a particular focus on issues affecting youth and their life projects. The research showed that, although there are multiple modes of being young in a rural transnational context, youth in Governador Valadares are strongly influenced by the culture of migration that has been developing in this Brazilian region in recent years and whose main characteristic is a connection to multiple, transnational locales, while retaining an attachment to local. Many of these young people belong to mobile transnational families, as well as the movement of goods, ideas, values and remittances between this mining region and countries like the United States, Portugal and England. The tensions between individual and family projects and between objective and subjective dimensions of the life projects of this group are also discussed in this research. The research showed that young people in São Geraldo da Piedade organize their lives and aspirations according to different models. Although some of these young people did not have clarity about what direction to take in life, they expressed strong concern about the future, voiced in the idea that they know they want to "be someone in life."

Keywords: youth - youth condition - rural municipality - transnationalism - life projects.

RESUMEN

Esta pesquisa fue desarrollada con el objetivo de responder a dos preguntas centrales: ¿cómo se caracteriza la condición juvenil en un municipio rural marcado por el transnacionalismo y por la cultura de migración? ¿De qué modo los jóvenes en ese contexto organizan y elaboran sus proyectos de vida? La respuesta a esas preguntas fue madurando a lo largo de la escrita y puede ser resumida en la siguiente proposición: La condición juvenil en ese contexto es marcada por aspectos sociales, económicos y culturales híbridos, a veces con fuertes matices de las sociedades tradicionales; a veces marcada por aspectos culturales globales, a veces locales. Esa hibridez en el contexto se refleja en los proyectos de vida de los jóvenes que se ven, por veces, divididos entre los valores modernos y tradicionales, entre lo local y lo global, entre un proyecto individual y lo familiar y entre las ventajas y desventajas de salir o permanecer lejos de los grandes centros urbanos. Para desarrollar el estudio la metodología utilizada fue la etnografía. He utilizado elementos empíricos registrados en el campo de investigación, durante ocho meses de vivencia en el municipio de São Geraldo da Piedade, en la micro región de Governador Valadares, para realización de la pesquisa etnográfica. Los instrumentos de colecta de datos fueron observación directa y participante, cuestionarios y entrevistas con jóvenes estudiantes del Bachillerato. Los datos fueron analizados a la luz de un referencial teórico multidisciplinar (de la sociología de la juventud, de la sociología de la inmigración, de la sociología rural, de la educación y de la antropología) con énfasis en las cuestiones que afectan la juventud en la construcción de sus proyectos de vida. La investigación apuntó que, aunque sean múltiples los modos de ser joven en ese contexto, la condición juvenil es fuertemente marcada por la cultura de la migración que se desarrolla en esa región del Estado de Minas Gerais en los últimos años y que tiene como principal característica el transnacionalismo. Dichas marcas, sin embargo, no los alejan de la cultura local. Muchos de esos jóvenes pertenecen a familias transnacionales que protagonizan movimientos constantes de personas, así como cambios de bienes, ideas, valores y remesas entre esa región del Estado de Minas Gerais y países como Estados Unidos, Portugal e Inglaterra. Por otro lado, si esa cultura de migración marca los modos de ser joven, la influencia en los proyectos de vida aparecen con menos intensidad, en muchos casos como plano B. La diversidad en los modos de ser joven también se refleja en las diversas formas de organización de las conductas futuras evidenciando, en algunos casos, tensiones entre proyectos individuales y familiares y entre las dimensiones objetivas y subjetivas que marcan ese proceso de elaboración de proyectos. La investigación evidenció que los jóvenes en ese contexto organizan sus proyectos de vida orientados por diferentes modelos, teniendo en común la idea de que, aunque algunos todavía no tengan la seguridad de que rumbo seguir en la vida, manifiestan fuerte preocupación con el futuro, verbalizada en la idea de que saben que quieren “ser alguien en la vida”.

Palabras claves: juventud – condición juvenil – municipio rural – transnacionalismo – proyecto de vida.

LISTA DE SIGLAS

BH - Belo Horizonte
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais
COEP – Comitê de Ética e Pesquisa
EM - Ensino Médio
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
GPS - Global Positioning System
GV - Governador Valadares
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
IPEA - Instituto de Pesquisas Educacionais aplicadas
JEMG - Jogos Escolares de Minas Gerais
JUBEMI- Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador
LC – Lei Complementar
MG - Minas Gerais
OCDE- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU - Organização das Nações Unidas
PPP - Projeto Político Pedagógico
PROUNI- Programa Universidade para Todos
RCC - Renovação Carismática Cristã
SEE - Secretaria de Estado da Educação
SGP - São Geraldo da Piedade
SISU - Sistema de Seleção Unificada
SPSS - Statistical Package for the Social Sciences
SRE - Superintendência Regional de Ensino
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UAB - Universidade Aberta do Brasil
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UNIVALE - Universidade Vale do Rio Doce
USA - United States Of America

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estado de Minas Gerais	32
Figura 2: Pirâmide Etária de SGP	43
Figura 3: SGP	44
Figura 4: Microrregião de Governador Valadares	45
Figura 5: Informantes da Pesquisa	52
Figura 6: Família da Maria Antonia	64
Figura 7: Família da Bruna	64
Figura 8: Família da Ana Flávia	65
Figura 9: Família da Thalia	65
Figura 10: Festas organizadas pelos jovens.....	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Quantas pessoas moram na sua casa incluindo você?	76
Gráfico 2: Pensando no futuro, com qual afirmativa você concorda mais? ...	166
Gráfico 3: Preocupação com o futuro por idade.....	166
Gráfico 4: Pensando no futuro, com qual afirmativa você concorda mais? – Nascidos em 1993	168
Gráfico 5: Pensando no futuro, com qual afirmativa você concorda mais? – Nascidos em 1994	168
Gráfico 6: O que você faz hoje que pode te ajudar a realizar seus planos depois do Ensino Médio?	169
Gráfico 7: Com quem você conversa sobre seus projetos de futuro?	171
Gráfico 8: Você gostaria de morar em outra cidade?	171
Gráfico 9: Em que outro lugar gostaria de morar	172

LISTA DE QUADROS

Quando 1: Municípios da microrregião de Governador Valadares	37
Quadro 2: Com que idade você começou a exercer trabalho remunerado?	94
Quadro 4: Você já repetiu ano escolar?	95
Quadro 5: Atualmente você desenvolve alguma atividade de trabalho remunerado?	96
Quadro 6: Qual a situação que melhor descreve seu caso?	96
Quadro 5: Os tipos de projetos e a relação com esses aspectos podem assim sintetizadas	187

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	30
2.1 - Justificando a abordagem etnográfica	31
2.2 - O contexto da pesquisa	32
2.3 - Os preparativos para o campo	34
2.4 - a microrregião de Governador Valadares e a escolha do município	36
2.5 - A chegada ao campo	39
2.6 - A cidade	41
2.7 - A escola	46
2.8 - A juventude como lente para uma pesquisa etnográfica	52
2.9 - Os consultores	54
2.10 - A aplicação dos questionários	58
2.11 - Entrevistando jovens	60
CAPÍTULO III - A CONDIÇÃO JUVENIL EM SGP	69
3.1 - Perfil dos jovens estudantes de SGP	70
3.2 - A família	73
3.3 - A vida escolar	79
3.4 - Lazer e sociabilidade	83
3.5 - Religião	88
3.6 - O trabalho	93
3.7 - Gênero e sexualidade	98
3.8 - Afinal, o que é ser jovem para os jovens de SGP?	103
CAPÍTULO IV – JUVENTUDE E TRANSNACIONALISMO	109
4.1 - Partidas e chegadas	110
4.2 - Migração e migrantes transnacionais	111
4.3 - Definindo transnacionalismo	115
4.4 - Um pé lá e outro cá	117
4.5 - A casa dos sonhos	119
4.6 - <i>Shopping center</i> para quê?	120
4.7 - Minas Gerais sem fronteiras	121
4.8 - Dinâmica familiar em SGP: as famílias transnacionais	126

4.9 - Famílias transnacionais. Por que partem, afinal?	129
4.10 - Os filhos da migração e a transição para a vida adulta	133
CAPÍTULO V – JUVENTUDE E PROJETOS DE VIDA	137
5.1 - Por que discutir projetos de vida	138
5.2 - Lula e Steve Jobs	139
5.3 – Definindo projeto, uma categoria multidisciplinar	141
5.4 - Projetos de vida	143
5.4.1 - A questão do tempo	152
5.4.2 - O campo de possibilidades	158
5.4.3 – Tensões entre as dimensões objetivas e subjetivas	160
5.5 - Os jovens de SGP e seus projetos	164
5.6 - Cada um com seu projeto	173
5.6.1 - Projetos miméticos	174
5.6.2 - Projetos hipomaníacos	176
5.6.3 - Projetos estratégicos	178
5.6.4 - Projetos de recusa	179
5.6.5 - Fora de projeto	181
5.7 - O que eles desejam, afinal, é “ser alguém na vida”	183
CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES	190
Sobre a condição juvenil	192
Sobre os projetos de vida	195
Palavras finais	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	199

APRESENTAÇÃO

[...] Eu não conheço rajada de vento mais poderosa que a minha paixão
Quando o amor relampeia aqui dentro, vira um corisco esse meu coração
Eu sou a casa do raio e do vento
Por onde eu passo é zunido, é clarão
Porque Iansã, desde o meu nascimento, tornou-se a dona do meu coração. [...]

Este trabalho é resultado de um sonho que, embora tenha se concretizado em quatro anos de estudos, foi sendo construído na estrada, no percurso. Quando dei os primeiros passos em direção a uma escola (Patronato Nossa Senhora de Lourdes) jamais poderia imaginar que trilharia o caminho da escolarização formal até atingir o mais elevado grau do sistema de ensino brasileiro. Nascida em uma época, em um lugar e em um meio social onde estudar era um privilégio para poucos, esse nunca foi um projeto meu individualmente, tampouco da minha família, mas sempre foi um sonho acalentado por todos. Em meio a tantas desvantagens, quisera as forças superiores que eu nascesse em uma família onde sonhar era possível. E foi graças ao sonho dos meus pais de terem um “doutor” na família que às vezes me pegava sonhando com isso também.

Tecnicamente analfabetos, meus pais têm e sempre tiveram uma capacidade tal para ler o mundo (não o das letras), que eu ousaria dizer que eles foram, de fato, os primeiros “educadores” que me conduziram para o caminho do saber escolar. Cresci ouvindo duas frases que se tornaram o lema para a minha vida: “Deus ajuda quem cedo madruga” e “a educação é o maior tesouro que um pai pode deixar a um filho”. Meus pais repetiam essas frases com frequência e eu passei a adotá-las como crença. Eles acreditavam nisso de uma forma inexplicável e não poupavam esforços para nos darem exemplos de como acreditavam.

Foi nesse contexto familiar que comecei a elaborar, ainda na adolescência, meu projeto de vida. Foi aí que comecei a sonhar em ser professora ou advogada. As circunstâncias me levaram à primeira opção. O curso de pedagogia me incitou reflexões importantes provocadas pela minha experiência de vida e me proporcionou uma inserção profissional e acadêmica essenciais para o caminho que passei a trilhar a partir dali. Nesse sentido, é possível afirmar que o cerne das inquietações que embasam esta investigação tem origem nas minhas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais.

Do meu longo histórico familiar de migração interna dentro do Brasil nascem minhas preocupações com o fenômeno dos movimentos populacionais. Neta e filha de migrantes nordestinos, eu própria emigrei do interior do Piauí para o Sudeste do Brasil aos vinte anos de idade. Foi então que me tornei uma migrante interna, condição em que vivo até hoje. Viver em diferentes cidades fora do Nordeste (Palmas, Goiânia, São Paulo, Belo Horizonte) me mostrou como é ser brasileira de um Brasil vivendo em outro Brasil¹, embora eu tenha demorado a perceber essa dualidade. Foi somente ao ingressar na Universidade Federal de Minas Gerais, em 1999, que o *status* de imigrante começou a me provocar reflexões e inquietações de diversas ordens, chegando, às vezes, a me sentir estrangeira dentro do meu próprio país.

Os questionamentos oriundos das minhas experiências pessoais começaram a ganhar sedimentação teórica a partir da minha investigação de mestrado, desenvolvida entre 2005 e 2007, na Universidade do Porto, em Portugal. Através deste estudo busquei analisar e compreender as estratégias utilizadas por crianças brasileiras para construir suas redes de sociabilidade no contexto escolar português (ALVES, 2007). Durante a pesquisa, diversos aspectos do fenômeno das migrações me chamaram atenção, entretanto, como não constituíam objeto de investigação naquele momento, limitei-me a mencioná-los sem, contudo, dedicar-lhes maior atenção. Por exemplo, o caráter eminentemente jovem dos progenitores das famílias da minha investigação; o histórico familiar de migração (interna e internacional) de todas elas e o fato de terem emigrado de pequenos municípios do interior do país foram alguns desses aspectos observados.

Tais observações levaram-me, posteriormente, a me interrogar sobre as razões para emigrar. Afinal, quais são os fatores essenciais nesta tomada de decisão? Quais são os determinantes ou o que influencia na decisão de migrar? Em que contexto ou circunstância surge a decisão (ou seria uma necessidade?) de emigrar? Existiria um “projeto migrar” ou trata-se de uma decisão esporádica? Se existe tal projeto onde e como tem início? Existiria uma idade em que o sujeito está mais propenso a migrar? Enfim, diversas questões relativas, sobretudo, a quem não migrou ou à vida dos sujeitos antes de migrar passaram a me inquietar bastante a partir desta pesquisa.

De uma experiência profissional anterior à pesquisa de mestrado, em projetos de extensão na UFMG atuando com jovens, também pululavam algumas inquietações que

¹ Refiro-me à expressão cunhada pelo francês Jacques Lambert, em “Os Dois Brasis”, para definir as diferenças gritantes que dividem a parte Norte da parte Sul do nosso país.

dialogam, de certa forma, com as questões que me inquietavam naquele momento, sobre quando e como os projetos de vida começam a ganhar força para os jovens. No ano de 2004 atuei como coordenadora pedagógica e educadora social em um curso de formação de jovens desenvolvido pelo Observatório da Juventude com jovens trabalhadores da Cruz Vermelha que prestam serviço para a UFMG. Essa experiência constituiu um momento fecundo de reflexão sobre a juventude e, especificamente, sobre um fenômeno importante vivenciado pelos jovens, referente aos projetos de futuro, as escolhas e as preocupações a que estão expostos neste momento da vida. No intuito de subsidiar esse processo de escolhas e avaliação das possibilidades, a proposta do curso era promover essa orientação, em detrimento de uma formação voltada exclusivamente para o aumento da produtividade ou preparação para o mercado de trabalho.

O contato com esses jovens trabalhadores da Cruz Vermelha, moradores de uma grande metrópole, com experiências simultâneas em instituições socializadoras distintas, como a escola, o trabalho e a família, constituiu campo fértil de indagações e questionamentos sobre os projetos de vida desses jovens. À época me questionava sobre as influências, o papel das instituições, o peso dado às necessidades e aos interesses, aos planos individuais e familiares na construção dos projetos de vida. Ou seja, de que modo aqueles jovens estavam organizando seus projetos de vida? Qual o peso dado à educação e ao trabalho? Quais as possibilidades presentes no horizonte daqueles jovens estudantes que permaneciam durante todo o dia dentro de uma instituição de ensino superior, mas como trabalhadores? O que eles consideravam mais importante e/ou mais viável: trabalhar ou estudar? Tanto essas experiências pessoais e profissionais, como os questionamentos surgidos durante a pesquisa de mestrado, levam-me a sistematizar algumas indagações relativas às formas de transição para a vida adulta e aos projetos de vida que orientam os jovens nesse período.

Todos esses aspectos trouxeram-me a esta investigação, na qual me centrei especificamente em jovens moradores do município mineiro de São Geraldo da Piedade (SGP), na região do Vale do Rio Doce, reconhecidamente caracterizada pelas migrações internacionais. Busquei analisar a condição juvenil em contextos marcados pelos movimentos migratórios e como os jovens elaboram seus projetos de vida nesse contexto. Assim, as perguntas centrais a que esta pesquisa objetivou responder foram:

Como se caracteriza a condição juvenil no município de São Geraldo da Piedade?² De que modo os jovens nesse contexto elaboram seus projetos de vida?

A pesquisa foi desenvolvida, durante os anos de 2009 e 2013, tendo como principais etapas a reescrita do projeto, durante o primeiro ano de doutorado, seguido de pesquisa de campo, realizada durante oito meses de permanência da pesquisadora no município pesquisado. Após esse período, foi realizado o estágio sandwiche na Universidade Columbia, para aprofundamento teórico e sistematização dos dados empíricos. Nessa etapa a orientação da pesquisa foi feita pela professora Maxine Margolis, do Institute of Latin American Studies (ILAS). Nesse sentido, as contribuições da Professora Maxine a esse estudo, em especial na elaboração do capítulo IV, foram inestimáveis.

O que apresento neste estudo é o resultado desta investigação, que organizei em seis capítulos, sendo um capítulo introdutório, em que apresento os principais referenciais teóricos que orientam esta pesquisa, bem como os conceitos e categorias centrais. No capítulo 2 eu apresento a metodologia utilizada, justificando a escolha da abordagem etnográfica e apresentando o contexto e as condições em que se desenvolveu a pesquisa, bem como os sujeitos da investigação. No capítulo 3 eu descrevo a condição juvenil em SGP, apresentando inicialmente um perfil dos jovens estudantes do ensino médio e discutindo de forma pormenorizada os aspectos referentes à condição juvenil que se mostraram mais eloquentes para a juventude naquele contexto, buscando responder a pergunta sobre o que caracteriza a condição juvenil em SGP. No capítulo 4 eu apresento e discuto uma questão que se mostrou muito relevante para a condição juvenil e para a definição dos projetos de vida dos jovens, o transnacionalismo, uma das características históricas centrais desta região de Minas Gerais e que em SGP também se mostrou importante para as questões sobre as quais esta investigação se debruçou. Por fim, no capítulo 5, apresento a categoria projetos de vida, categorizando os modos como os jovens estão organizando suas condutas futuras. O capítulo 6 traz as conclusões possíveis de serem apontadas até o momento, de acordo com o que vi, ouvi e vivi no campo de pesquisa, além de questões que ainda carecem de investigações futuras para serem respondidas.

² A partir deste ponto opto por me referir ao município apenas pela sigla SGP.

Duas questões importantes precisam ser salientadas de antemão. Ressalto que ao longo da escrita optei por não utilizar a linguagem textual que alguns pesquisadores denominam de linguagem não sexista, mantendo, portanto apenas a variável masculina e, quando necessário para o entendimento das questões discutidas, enfatizando quando me refiro ao gênero masculino e/ou feminino. Ressalto que não há nessa escolha qualquer manifestação de resistência ao uso não sexista da linguagem ou mesmo desconsideração à importância política e às lutas e conquistas históricas que essa demarcação simboliza. A opção se deve, sobretudo, para simplificar o meu trabalho de escrita. Além disso, o texto está escrito na primeira pessoa do singular, apesar de reconhecer que não o produzi sozinha. A opção por escrever em primeira pessoa reflete, na realidade, minha posição em relação à responsabilidade que assumo pessoalmente e individualmente de traduzir, por meio da escrita, o que vivi no campo, o que li na bibliografia, o que discuti com os meus orientadores, enfim, traduzir a polifonia que compõe um relato etnográfico. Nesse sentido, reconheço a importância de todos os interlocutores cujas vozes contribuíram para este trabalho, mas assumo individualmente a tarefa da tradução no exercício dessas vozes da escrita e as possíveis falhas na interpretação das suas vozes aqui presentes.

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

[...] A vida imita o vídeo
Garotos inventam um novo inglês
Vivendo num país sedento
Um momento de embriaguez [...]

Este é um estudo sobre a juventude e a condição juvenil no município rural de São Geraldo da Piedade que teve como sujeitos jovens estudantes do ensino médio e como objeto de análise os projetos de vida desses sujeitos. Situa-se no campo das ciências sociais e educacionais e está consubstanciado no contexto das transformações que têm afetado as sociedades ocidentais contemporâneas, cujos reflexos podem ser percebidos em diversas esferas da vida social. A complexidade e dinamicidade dos processos sociais contemporâneos têm sido analisadas por Santos (2001, p. 90) na perspectiva da globalização, fenômeno multifacetado que pode ser entendido como “o conjunto de relações sociais que se traduzem na intensificação das interações transnacionais”. Tais interações, sejam de ordem econômica, social, cultural, sejam em nível individual, coletivo, institucional ou interestatal, têm feito emergir modos de vida e formas de organização social característicos da chamada modernidade reflexiva. (GIDDENS, 2002).

Modernidade líquida, pós-modernidade, modernidade tardia, alta modernidade, sociedade da informação, sociedade do conhecimento... Essas são algumas formas como as transformações sociais contemporânea vêm sendo definidas por diferentes abordagens sociológicas. Independente de haver um consenso acerca da denominação mais apropriada, ou da melhor forma de caracterizar o período histórico atual, algo que essas abordagens parecem estar de acordo é que esta nova ordem tem provocado mudanças importantes no sistema capitalista e na forma de pensar o processo de globalização, “fenômeno local que afecta a vida cotidiana de todos nós”, e que está a “mudar a forma como o mundo se nos apresenta e a maneira como olhamos para o mundo (GIDDENS, 1990, p. 51). De acordo com Santos (2001), o conceito de globalização traz subjacente uma teia de complexos processos sociais, o que permite esse autor afirmar que não há uma globalização, mas globalizações, visto que estamos perante um fenômeno complexo e explicações monoculturais e interpretações

monolíticas parecem pouco adequadas. Trata-se de um fenômeno que interage, concomitantemente, com diversas transformações no sistema mundial:

O aumento dramático das desigualdades entre países ricos e pobres e, no interior de cada país, entre ricos e pobres, a sobrepopulação, catástrofe ambiental, os conflitos étnicos, a migração internacional massiva, a emergência de novos Estados e a falência ou implosão de outros, a proliferação de guerras civis, o crime globalmente organizado, a democracia formal como condição política para a assistência internacional [...]. (SANTOS, 2001, p. 32).

São questões importantes suscitadas pela dinâmica da globalização e que têm afetado de forma direta – embora em escalas distintas e com consequências diversas – as sociedades contemporâneas. Nesse contexto, um dos fenômenos que tem alimentado essa dinâmica é a mobilidade humana, cujo aceleração tem levado alguns cientistas sociais a afirmarem que estamos vivendo a era das migrações (GIDDENS, 2004). Não que a mobilidade humana seja exclusividade desse período histórico, todavia, se inicialmente esse processo de sair da terra natal era motivado pelo fato de que esta já não era capaz de fornecer os subsídios necessários à sobrevivência humana, hoje os movimentos populacionais diferenciam-se, cada vez mais, das razões que impulsionaram a humanidade a abandonar o sedentarismo.

De um modo geral, é esse o contexto mais amplo no qual tento elaborar as questões locais que estão sendo problematizadas neste estudo que trata de um grupo social específico, a juventude que, mais do que apenas uma etapa da vida, é tomada neste estudo como resultado de um processo caracterizado por uma interação dinâmica e, por vezes, conflituosa, entre um conjunto de agências socializadoras distintas, encarregadas de dotar os infantes de habilidades necessárias ao exercício pleno da vida adulta. A juventude agrega características tão diversas em diferentes sociedades, culturas e períodos históricos que carrega um mosaico de possibilidades de construção do seu significado, razão pela qual algumas abordagens teóricas propõem falar em juventudes, no plural.

Essa categoria surge nas análises sociológicas por influências iniciais dos estudiosos da Escola de Chicago, nas primeiras décadas do século XX. A partir de então a sociologia da juventude tem acumulado as bases epistemológicas para a compreensão desta categoria social. Apesar da relevância do tema e do acúmulo de análises desde a

Escola de Chicago, ainda não há um consenso quando se trata de definir juventude. Há correntes que abordam a juventude na perspectiva classista, tomando-a como um grupo social; outras a tomam na perspectiva geracional, tratando a juventude como uma fase da vida. O fato é que tanto um como outro paradigma epistemológico têm trazido contribuições significativas para a compreensão desse grupo social. Nas sociedades ocidentais a juventude ganha visibilidade como sintoma de uma cultura ocidental capitalista por meio de bandeiras diversas como a rebeldia, a utopia política ou o consumismo (KHEL, 2004).

Tomar a juventude como objeto das minhas questões de investigação me obriga a definir como estou entendendo essa categoria e reconhecer as múltiplas facetas que a constituem. Ou seja, significa pensar dimensões até certo ponto universalistas (como os aspectos biológicos); dimensões subjetivas, relativas às questões de gênero, raça/etnia, local de moradia, classe social; dimensões etárias, visto que se trata de uma fase da vida para a qual se tem reclamado, cada vez mais, políticas e garantias legais específicas para vivê-la com dignidade; e ainda dimensões simbólicas, uma vez que a juventude, em muitas sociedades e em diferentes contextos históricos, culturais e sociais, adquire certos significados, tornando-se, em alguns casos, um fetiche ou objeto de desejo, o que muitos chamam de a busca pela eterna juventude. De um modo geral a categoria, no senso comum, carrega uma carga simbólica negativa muito forte, sobretudo quando falamos dos sujeitos (os jovens) muito mais do que quando falamos do objeto (a juventude). Ou seja, na prática a juventude é identificada como algo positivo, objeto de desejo, enquanto que os jovens nem sempre são vistos da mesma forma.

De uma maneira ou de outra, seja enfatizando os aspectos biopsicológicos, como tem feito a psicologia, seja enfatizando os aspectos socioculturais, como tem feito a sociologia, não é possível problematizar a juventude sem considerar essa dupla dimensão. Essa hibridez que caracteriza a juventude já seria condição *sine qua non* para que a sociedade tomasse essa fase da vida e os sujeitos que a estão atravessando como importante questão de interesse público. Não é de hoje que a ciência vem chamando atenção para tal fato. A psicologia de Eduard Spranger já recomendava, em meados do século passado, de forma contundente, a necessidade de atenção especial a essa etapa da vida. “Em nenhuma fase da vida possui o homem tão forte necessidade de ser

compreendido como na adolescência³. Parece que apenas mediante profunda compreensão seria possível ajudá-lo a sair de suas dificuldades de ser que evolui.” (SPRANGER, 1970, p. 19). Claro está que se trata de uma abordagem psicológica. Essa, aliás, foi dominante nos estudos da juventude durante muito tempo e tem na sua base análises que recaem, em sua maioria, sobre os aspectos de desenvolvimento físicos e psicológicos vistos quase sempre em uma perspectiva negativa, enfatizando os problemas e dificuldades que afetam os sujeitos nesse momento da vida.

Na perspectiva sociológica, as questões que afetam a juventude têm desafiado as ciências sociais a partir da dimensão sociocultural, cujos estudos iniciais devem-se aos pesquisadores da Escola de Chicago em resposta às mudanças profundas que a industrialização, a urbanização e o crescimento populacional estavam provocando nos centros urbanos nos países industrializados no início do século passado. Tais mudanças traziam consigo consequências a esses contextos como a delinquência juvenil. Esse foi o enfoque inicial a partir do qual a juventude passou a despertar interesses desde o século passado. Nesse sentido, vem se constituindo, nas últimas décadas, como categoria de análise sociológica importante para a compreensão dos processos sociais nas sociedades contemporâneas.

Outro enfoque dado à juventude nas abordagens sociológicas foi o caráter de protesto e radicalismo das manifestações protagonizadas pelos jovens, que parecem reforçar uma das formas tradicionais através das quais esse grupo foi caracterizado no período seguinte às abordagens fechadas na delinquência juvenil. No clássico ensaio do sociológico David Matza (1961) sobre as tradições ocultas da juventude norte-americana, a quem se refere como sendo de natureza rebelde, o autor identifica pelo menos três características, que denomina de versões extremas das tradições ocultas da juventude e centrais para identificar e compreender as razões para tal natureza rebelde: a delinquência, o radicalismo e a boemia.

Ao descrever as formas de organização social em um bairro de imigrantes italianos na cidade de Boston, em meados do século passado, Whyte (2005), embora

³Nesta pesquisa as palavras juventude e adolescência são utilizadas como sinônimos, embora eu reconheça que têm significados distintos. A adolescência constitui a primeira fase da juventude e é marcada por mudanças de caráter biológico e psicológico, enquanto que a juventude abarca, além dessas mudanças, questões de ordem socioculturais diversas. Daí que aquela é geralmente matéria da psicologia enquanto esta, da sociologia (CORTI, 2004). Assim, optei por manter o termo utilizado pelos autores com quem dialogo que, dependendo da área do conhecimento, utilizam um ou outro.

não tome especificamente a juventude como objeto de análise, dedica parte importante das suas análises a esse grupo social. Na distinção que faz entre os mais jovens e os mais velhos em Corneville, o autor identifica dois grupos de jovens que chama de “os rapazes da esquina e os rapazes formados” (p. 22), diferentes entre si pelo nível educacional, embora tendo a mesma origem imigrante e vivendo no mesmo bairro. A obra é uma referência singular nos estudos da sociologia urbana e fornece elementos importantes para a compreensão da condição juvenil em um determinado contexto sócio-histórico e cultural.

A juventude também foi tratada na sociologia de Norbert Elias, que tomou como escopo das suas inquietações sociológicas, em um dado período, algumas manifestações juvenis, quando instigado pelo aparente alto nível de delinquência juvenil na comunidade de Winstor Parva, pequena cidade do interior da Inglaterra (ELIAS e SCOTSON, 2000). Nessa comunidade, em virtude dos comportamentos hostis em relação a um grupo de moradores, os jovens eram vistos como delinquentes. Essa suposta característica dos jovens dessa comunidade foi o que incitou Elias a iniciar uma investigação local, em parceria com um professor da cidade, que resultaria em uma das suas mais conhecidas obras: *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Neste caso a hipótese perdeu consistência e a investigação ganhou contornos diferentes do impulso inicial. Embora os jovens não tenham se mostrado delinquentes, tal qual a hipótese inicial apontava, constatou-se o fato de os jovens do grupo *outsiders* reagirem de forma menos subserviente que os demais moradores do mesmo grupo aos insultos do grupo estabelecido. Nesse sentido, um argumento dos autores à época para explicar tal comportamento foi o seguinte: “Dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a essa expectativa” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 30). Naquele contexto, o estudo mostrou que residia aí o que inicialmente se acreditou ser simplesmente um fenômeno de altos índices de delinquência juvenil. Na prática, o fenômeno constatado foi uma forma de comportamento dos jovens de algumas zonas da cidade que, sentindo-se rejeitados pelos membros da “boa sociedade”, portavam-se mal e revidavam aos insultos sofridos, procurando fazer exatamente o que sabiam que os estabelecidos não gostariam que fizessem.

No Brasil a juventude ganha maior notoriedade a partir dos anos de 1960, inicialmente pelo viés da juventude da classe média escolarizada, por meio da

participação nos movimentos estudantis ou pela adesão às contraculturas e à política partidária, sobretudo com os movimentos de resistência à ditadura militar, encabeçados por militantes de partidos políticos de esquerda (ABRAMO, 2008). Os momentos que se seguem a esse período abordam a juventude do ponto de vista do risco, cujo corolário são as políticas universalistas com base em critérios etários, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que restringe essa categoria a um limite de idade que é 18 anos. É indiscutível que se trata de uma iniciativa necessária e importante, entretanto, as consequências para os sujeitos e, sobretudo, para a nossa sociedade, cujo modelo não consegue garantir dentro do prazo de tempo delimitado legalmente, as condições ideais de transição para a vida adulta, tem tido efeitos perversos. Além do ECA, outro importante dispositivo legal é o Estatuto da Juventude. Segundo essa legislação, é considerado jovem no Brasil pessoas com idade entre 15 e 29 anos.

Considerando a complexidade da categoria, há perspectivas que pensam a juventude na sua condição, considerando não apenas o critério etário, mas também os inúmeros aspectos, materiais e simbólicos, que evidenciam as regularidades e singularidades desse grupo social na contemporaneidade. É esse olhar transversal que pode permitir compreender que esses sujeitos, embora estejam vivenciando experiências que os tornam muito próximos uns dos outros, proporcionadas pelos aspectos biológicos, também estão vivenciando questões sociológicas que podem distanciá-los, na perspectiva da diversidade, como explicita Dayrell:

Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, e cada grupo social vai lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. (DAYRELL, 2007, págs. 41 e 42).

Essa perspectiva mostrou-se a mais adequada para compreender a juventude no contexto das transformações contemporâneas que orienta esta investigação. Importa

ressaltar, no entanto, que independente da abordagem teórica, uma questão que perpassa a todas elas é o fato de que estamos falando de um processo por meio do qual o indivíduo, inexoravelmente, está mudando de status dentro do seu grupo social, independente do contexto social, histórico, político ou cultural.

* * *

Apesar de não mais ser considerado um tema emergente (SPÓSITO, 2009), muitas demandas têm surgido a partir do alargamento da arena de discussões acerca da juventude e reclamado atenção em diversas áreas do conhecimento. O balanço mais recente sobre estudos e pesquisas em torno da temática evidencia que as pesquisas acadêmicas nas áreas de Educação, Serviço Social e Ciências Sociais referentes à temática ainda são tímidas. Do total da produção discente nestas áreas do conhecimento, entre os anos de 1999 e 2006,

Verifica-se que os trabalhos sobre os jovens, apesar de em termos absolutos constituírem um universo significativo (1.427), em termos relativos ainda não ocupam grande relevância nas áreas cobertas pelo atual estudo. Uma das hipóteses iniciais do presente Estado da Arte incidia sobre a ideia de uma expansão significativa do campo de pesquisa, tendo em vista os novos debates na esfera pública brasileira em torno da questão juvenil (SPÓSITO, 2009, p. 19).

A expansão suposta inicialmente pela autora não se confirmou, sendo que a área da educação foi a única em que foi possível perceber um crescimento discreto nas produções, passando de 4,5% no estado da arte realizado em 2002 para 6% em 2009. Do total das obras catalogadas no referido Estado da Arte, chama atenção a quase ausência de algumas das questões como, por exemplo, a interface entre juventude e migração e a presença reconhecidamente marcante dos jovens nos movimentos migratórios são duas ausências percebidas. O levantamento aponta que do total, nas três áreas analisadas, 12 trabalhos (0,84%) tratam de jovens do/no estrangeiro. Alocados no tema “Jovens e os deslocamentos transnacionais”, esses estudos tratam dos deslocamentos estudantis, o que não permite que esses jovens sejam abarcados pela categoria migrante.

Um leque de problemáticas ainda não constituíram o interesse de pesquisadores da Pós-Graduação, como, por exemplo, a circulação

transnacional de mão de obra juvenil, quase sempre de forma clandestina, e os circuitos da prostituição transnacional que envolvem mulheres jovens. (SPÓSITO, 2009, p. 30).

Deste leque de ausências também fazem parte os jovens que vivem fora dos circuitos urbanos das grandes cidades, outro aspecto revelado pela pesquisa do Estado da Arte, segundo a qual as produções discentes tratam, em sua maioria, da juventude urbana/metropolitana. Do total, apenas 4% se ocuparam dos jovens do meio rural e 0,5% dos jovens indígenas, evidenciando uma abordagem eminentemente urbana da juventude. Ademais, esses estudos enfocam basicamente jovens do campo com um determinado perfil, em geral jovens assentados, envolvidos com movimentos sociais do campo ou mesmo jovens moradores da zona rural na sua relação com algumas instituições socializadoras como o trabalho e a família ou ainda na relação desses sujeitos com a cidade. Esse aspecto é relevante para a minha investigação porque esta não trata de uma juventude do campo específica. Ou seja, os jovens desta pesquisa não são jovens assentados, nem jovens trabalhadores do campo, ou mesmo jovens de escolas famílias agrícolas, jovens seringueiros, jovens cortadores de cana nem carregam objetivamente qualquer outro adjetivo que os possa identificar com alguma dessas características que demarcam a juventude do campo que fulgaram nestas investigações apontadas pelo Estado da Arte. Diga-se de passagem, alguns até rejeitam a própria categoria jovem do campo ou jovem rural, utilizada por mim de forma reconhecidamente arbitrária neste estudo para identificar sujeitos que vivem em um pequeno município que caracterizo como município rural. O conceito é utilizado por José Eli da Veiga (2003) para definir pequenas cidades com baixa população, baixa densidade demográfica e, localizadas longe de um grande centro urbano. Para esse autor a tese da urbanização do Brasil há que ser repensada, uma vez que o país tinha, no ano 2000, um total de 1.176 municípios com menos de 2 mil habitantes. A legislação do nosso país, vigente desde o Estado Novo⁴, classifica como “cidade” toda e qualquer sede de município ou de distrito. De acordo com essa classificação o censo de 2000 contabilizava uma população urbana de quase 118 milhões de pessoas, ou seja, mais de 80% da população brasileira, o que justificaria a tese da urbanização do Brasil.

⁴ Decreto-lei 311/38.

Para lidar com as dificuldades conceituais ocasionadas pela obsolescência metodológica do cálculo do grau de urbanização no Brasil, Veiga (Op. Cit.) sugere que, “para efeitos analíticos não se deveriam considerar urbanos os habitantes de municípios pequenos demais, com menos de 20.000 habitantes” (p. 32). Todavia, pondera que aspectos como densidade demográfica e localização também precisam ser considerados. Isso porque, moradores de municípios pequenos, mas situados próximos a grandes aglomerações urbanas, ou que integram uma região metropolitana, certamente terão experiências diferentes de outros que vivem em municípios com a mesma quantidade de habitantes, porém, isolados ou distantes dos grandes centros. Para separar um caso de outro, Veiga (2003, p. 33) argumenta que o critério de densidade demográfica é importante, mas sugere que tal definição aconteça com base no índice de pressão antrópica, indicador que resulta das modificações sofridas pelo meio em virtude da ação humana e da urbanização. Portanto, o autor considera como municípios rurais – conceito que também utilizarei neste estudo - aqueles caracterizados por baixa densidade demográfica, que não estejam localizados próximos a um grande centro urbano, cujas atividades econômicas sejam majoritariamente rurais e com pouco impactos ao meio ambiente causados pela intervenção humana e pelo processo de urbanização. Partindo desse entendimento é que defino SGP como um município rural.

Ressalto que, ao longo da escrita, utilizo, na maior parte das vezes, a categoria “campo” para definir o território que caracteriza o *lócus* da pesquisa, mas também lancei mão de outras categorias com o mesmo sentido. Por exemplo, em alguns momentos utilizo “rural” e também “roça”, esta uma categoria nativa, majoritariamente utilizada pelos sujeitos que vivem fora da sede do município para definir o território onde vivem. A opção por priorizar a terminologia campo é política. Esta é a categoria mais utilizada por estudiosos e movimentos sociais do campo, em geral ligados às questões educacionais, em defesa de uma “educação do campo”, ou seja, uma educação pautada nos princípios, valores, necessidades e na diversidade dos povos do campo. Esse termo se contrapõe ao de “educação rural”, pautada nos princípios e valores do capitalismo agrário, do agronegócio, na suposta incapacidade e inferioridade dos povos do campo e desconsiderando seus anseios, demandas, necessidades e seus saberes. (ALVES e OLIVEIRA, 2012). A perspectiva que utilizo pode ser identificada com o que Carneiro (1998) chama de abordagem crítica.

Crítica à visão dualista que opunha o "rural" ao "urbano" como duas realidades empiricamente distintas e normalmente definidas uma em negação da outra, com base em critérios meramente descritivos informados pelo paradigma que associa o "rural" ao agrícola e ao "atrasado" e o "urbano" ao industrial e ao "moderno". (p. 57).

Esse campo de que falo, apesar de todas as desvantagens que ainda caracterizam o rural brasileiro - sobretudo as regiões que não são beneficiadas pelas políticas agrárias de estímulo ao agronegócio e à monocultura - em nada corresponde à visão dicotômica do campo atrasado e da cidade avançada que ainda persiste em alguns setores da nossa sociedade. Malgrado as dificuldades em vivem esses sujeitos, vítimas de um modelo de desenvolvimento econômico excludente (MARTINS, 2000), as pessoas que ali estão não vivem isoladas do mundo urbano, não ignoram as desigualdades entre a vida no campo e na cidade e não querem ser fixados no campo. No caso desse município rural que, como já explicitado e cujos dados empíricos a serem apresentados no capítulo seguinte fornecem elementos que sustentam essa afirmação, uma característica importante da sua história recente imputa-lhe aspectos que, embora não sejam capazes de modificar o status de município rural, confere-lhe elementos singulares que não podem ser desconsiderados em qualquer análise que se pretenda fazer sobre os sujeitos que ali vivem. Falo dos movimentos migratórios que tem marcado aquela região mineira nas últimas décadas, como evidenciado por estudos como Margolis (1994), Fusco (2000), Golgher (2001), Soares (2002), Siqueira (2006), Domingues (2008), dentre outros.

É nesse contexto que o tema das migrações internacionais se cruza com o tema central deste estudo que é a juventude, grupo que mais tem protagonizado as dinâmicas migratórias contemporâneas. De acordo com a Organização das Nações Unidas (2007), jovens entre 20 e 24 anos é o grupo mais propenso a migrar dentro dos seus países e entre diferentes países, seguido daqueles situados na faixa etária entre 15 e 19 anos. Uma das hipóteses apontadas para essa juvenização da migração é que quanto mais vínculos o indivíduo mantém com a comunidade onde vive, menor é a probabilidade de migrar (HARBISON, 1981). Sendo assim, para um jovem solteiro, sem filhos, com menos responsabilidades familiares (já que não é provedor), sem obrigações legais com escolaridade, para quem os riscos da migração podem ser menores, migrar pode

significar, inclusive, uma forma própria de transição para a vida adulta, como apontam Pais, Cairns e Pappámikail (2005), ou um rito de passagem (MASSEY et. all., 1993; STANDING, 1984).⁵ Apesar da forte presença da juventude no fenômeno das migrações e do significado que esta tem para os jovens, esses sujeitos têm tido pouca visibilidade nos estudos migratórios. É fato que alguns estudos têm tomado jovens filhos de migrantes como sujeitos de suas análises (Cf. PORTES, 1999 e 2006; SEABRA, 2006; MARQUES e MARTINS, 2005) sem, contudo, tomar a juventude como uma categoria de análise.

Do mesmo modo, os estudos que tem se ocupado de analisar o fenômeno das migrações nessa região não têm tomado a juventude como lente de análise. Perspectivas analíticas pautadas nas influências externas sobre os valores, crenças e modos de vida e na decisão de migrar vem sendo feitas por abordagens que utilizam a teoria das redes sociais, segundo a qual os locais de origem sofrem forte influência dos que partem, tornando os moradores desses locais mais propensos que outros a migrar, sendo por essa razão definidos como “migrantes potenciais” (FUSCO, 2000). Ou seja, os migrantes potenciais seriam, portanto, que vivem em uma região marcada pela cultura da migração e que, influenciados por esse contexto, estariam mais propensos a migrar que outros grupos populacionais. Foi com base nesses estudos que construí minha hipótese inicial de pesquisa de que para os jovens daquela região a migração estaria presente nos projetos de vida.

Nesse sentido, a categoria projetos de vida é central nesta investigação e é entendida como um processo que vivenciamos de diferentes modos, dentro das diferentes instituições socializadoras e cujo fim é nos tornar seres autônomos sob todas as dimensões da condição humana. As bases teóricas que utilizo para o entendimento da categoria estão assentes, sobretudo, em Boutinet (2002) e Velho (2003 e 2004). Trata-se de um processo “dinâmico e permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões nas suas identidades” (VELHO, 2003, p. 104), que responde

⁵ Standing (1984) exemplifica esses ritos de passagem, como nos casos de muitas sociedades pré-industriais, quando era comum que os jovens deixassem suas vilas a uma certa idade e passassem algum tempo longe da família para ganhar experiência e conquistar o status de adulto e o respeito destes no retorno.

[...] aos imperativos psicológicos de afirmação da identidade pessoal, de desenvolvimento da autonomia, de atualização progressiva de si através de uma história pessoal que pode tanto menos ser abandonada porque se prolonga, assim como se prolonga a expectativa de vida. (BOUTINET, 2002, p. 271).

Portanto, projeto é entendido e utilizado neste estudo como um elemento central para os indivíduos contemporâneos. Pode não ser concreto, como um projeto arquitetônico, escrito e com um cronograma a ser cumprido; pode não ser consciente, verbalizável ou explicitável; pode não ser individual, mas vai sempre depender da adesão do indivíduo; pode até nem ser viável ou ainda nem ser reconhecido como tal, mas é o modo como construímos sentido à vida. Pode até ser abandonado, esquecido ou mesmo substituído ao longo do curso da vida, mas é inerente ao humano. Nessa perspectiva todos temos projetos e assim, interessa a esta investigação compreender quais são os projetos dos jovens moradores de SGP para as suas vidas depois de concluírem o ensino médio, aspecto que será explorado no capítulo cinco deste trabalho.

O marco para as análises dos projetos de vida dos jovens é o término da escolarização básica, por considerar essa uma etapa escolar significativa na condição juvenil no Brasil contemporâneo. No caso dos jovens desta investigação que são, em sua maioria, a primeira geração da família a alcançar esse nível de ensino, concluir o ensino médio é uma conquista comemorada por toda família. A realidade deste município evidencia que a expansão do Ensino Médio, que vem sendo apontada por estudos que analisam essa etapa da educação (Cf. DAYRELL, 2007; KRAWCZYK, 2009; PEREGRINO, 2011), tem provocado impactos positivos para essas famílias que costumam se orgulhar de estarem realizando o sonho de poder “estudar os filhos”.

É dessa forma que as questões tratadas neste estudo se entrecruzam e é a partir das reflexões teóricas sinalizadas neste capítulo inicial, e que serão aprofundadas ao longo do texto sempre que a empiria demandar, que desenvolverei a análise da condição juvenil e dos projetos de vida dos jovens no contexto proposto. Trato aqui de um grupo de jovens que, no limiar do século XXI está concluindo uma etapa importante da educação básica – para alguns o término da vida escolar - e está se perguntando (e está sendo perguntado pela sociedade) sobre quem é, o que quer da vida, o que pretende fazer e para onde caminhar a partir dali.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

“Você não sabe o quanto eu caminhei pra chegar até aqui...”

2.1 – JUSTIFICANDO A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

Esta pesquisa foi conduzida por meio de uma etnografia, utilizando como principais instrumentos de coleta de dados a observação participante, entrevistas e questionários. Cada um desses instrumentos foi utilizado em momentos específicos, para responder a questões também específicas, tendo como eixo articulador as perguntas que orientam o objetivo geral desta investigação e o grupo social que compõe os sujeitos de pesquisa.

A pesquisa social tem suas raízes históricas no século XIX e foi desencadeada por fatores como a urbanização, a industrialização, o colonialismo, os movimentos migratórios em massa, os conflitos sociais e todas as consequências advindas dessas mudanças nas sociedades capitalistas modernas (SILVA e PINTO, 1986). É na pesquisa social que residem as bases da investigação qualitativa, também definida como naturalista, pelo fato de ser desenvolvida no ambiente natural onde se desencadeiam os fenômenos observados. Os trabalhos de campo de antropólogos como Franz Boas, Bronislaw Malinowski e Margaret Mead estão no cerne desse paradigma de investigação, cujos estudos eram desenvolvidos por meio da etnografia, método de pesquisa social que busca compreender os significados e valores que guiam os comportamentos de determinada sociedade ou grupo social (HAMMERSLEY e ATKINSON, 1995).

De acordo com Costa (2006, p. 130), “o maior impulso à pesquisa de terreno em sociologia é dado nos Estados Unidos pela Escola de Chicago”, cujas pesquisas combinavam técnicas como a observação direta, entrevistas e análises documentais. Um exemplo clássico desse período é a obra de Willian Foote Whyte, “*Street Corner Society*”, de 1943, que se tornou paradigmática nos estudos etnográficos. Para esta investigação a obra constituiu uma referência metodológica importante. No momento em que me preparava para a ida a campo e tomada pela insegurança que imagino ser regra nos pesquisadores iniciantes, a leitura do “anexo A” de uma publicação recente da

obra funcionou como um aporte significativo naquela ocasião. Nesses escritos, o autor revisita Cornerville e brinda o leitor com informações valiosas sobre os antecedentes da pesquisa, a escolha do bairro, os preparativos para o campo, as estratégias de aproximação, as dúvidas, os medos, a relação inicial com a comunidade, as questões que envolvem um jovem pesquisando jovens e as limitações teóricas que precisou enfrentar para desenvolver a pesquisa por meio do método que escolhera, até então utilizado, sobretudo, em estudos com tribos primitivas.⁶

A pesquisa etnográfica para ser bem sucedida deve ter como premissa, segundo Malinowski (1980), algumas regras de bom senso e princípios científicos definidos em três categorias principais: ter objetivos realmente científicos; desenvolver-se em condições apropriadas de trabalho, em meio aos nativos; e lançar mão de métodos particulares de coleta e manipulação dos dados. O pesquisador deve estabelecer contato estreito e regular com o campo, relações pessoais, lançar-se como um caçador ativo em busca de elementos empíricos que definam o fenômeno investigado, provas que comprovem suas hipóteses, enfim, empenhar-se em levantar dados capazes de “oferecer uma descrição clara e nítida da constituição social e distinguir as leis e regularidades de todos os fenômenos culturais das irrelevâncias.” (MALINOWSKI, 1980, p. 47).

Assim, alguns procedimentos de coleta de dados serão expostos para que se possa evidenciar o percurso metodológico que esta investigação desenvolveu. À medida que tais procedimentos forem sendo apresentados, será feito um esforço na tentativa de evidenciar também os vieses que cada um deles pode carregar, sejam relativos ao próprio instrumento, à pesquisadora, aos sujeitos pesquisados ou mesmo às condições de aplicabilidade de cada um, bem como as estratégias encontradas para lidar com cada um desses vieses. Dado que esse percurso foi construído por etapas, minha opção didática de organização é apresentá-las assim, na ordem de acontecimentos dos fatos, embora reconheça que tais fatos não aconteceram cronologicamente estanhos da forma como esta organização textual pode sugerir.

Ademais, outra opção metodológica foi por expor neste capítulo os caminhos percorridos e os procedimentos utilizados para desenvolver esta pesquisa, muito mais

⁶ A obra também foi um importante subsídio teórico na etapa de sistematização e análise dos dados e, por vezes, recorro aos apontamentos etnográficos de Whyte, a fim de captar os critérios de seleção de conteúdo utilizados pelo autor, os recortes teóricos e empíricos, a forma de organização dos dados, enfim, todas as contribuições metodológicas que a obra oferece.

do que dissertar sobre as concepções teórico-metodológicas que a orientam, descrevendo o percurso e os percalços que me conduziram durante toda a investigação. Tal escolha se justifica por eu entender, assim como Oliveira (2006), que na escrita do texto etnográfico devem-se explicitar as etapas da escrita bem como as condições de sua produção.

O desafio de escrever um texto etnográfico, do qual os referenciais teóricos também fazem parte do cenário, está evidenciado ao longo da escrita. Entendo o trabalho etnográfico como um trabalho de busca, de observação, de reflexão, de perguntação, de escuta das respostas, de registro sistemático e reflexão constante, e também de construção de mais perguntas (algumas das quais até ficaram sem resposta), de anotação de cada detalhe, de registro escrito e fotográfico e de sistematização dos dados. Enfim, o esforço empreendido neste estudo, como uma aprendiz do exercício do etnográfico que sou e pretendo continuar a ser, foi de praticar etnografia, no sentido apontado por Geertz (2011, p.15), que define essa prática como o ato de “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante.”

Por fim, ressalto que esta pesquisa é um registro etnográfico que pode ser identificada como uma monografia clássica, de acordo com a definição de Oliveira (2006), visto que, embora se apresente uma contextualização geral do campo de pesquisa e dos sujeitos investigados, não é minha intenção promover uma apreensão holística do grupo pesquisado ou retratar a totalidade de uma cultura, mas apresentar elementos para desvelar um grupo social específico nesse contexto, a juventude, e os processos de elaboração dos seus projetos de vida.

2.2 - O CONTEXTO DA PESQUISA

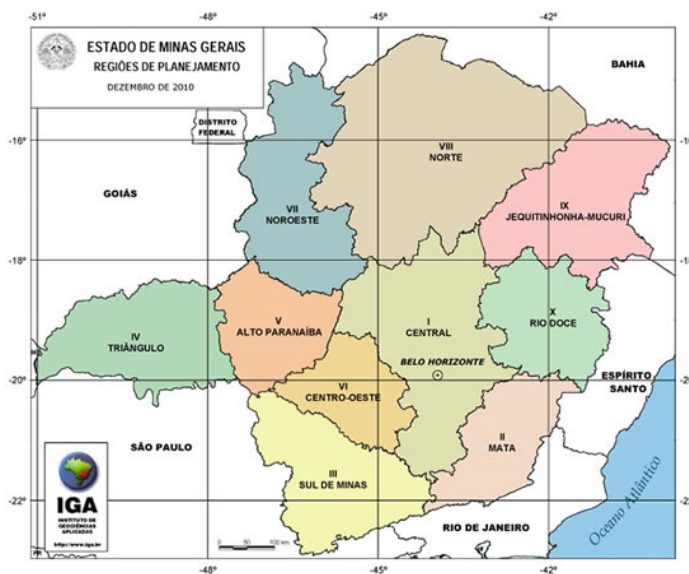
Este estudo foi desenvolvido em um município rural da microrregião de Governador Valadares, no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, sudeste brasileiro. O estado de Minas Gerais é dividido em dez regiões que, por sua vez, são subdivididas em microrregiões. Governador Valadares é a maior cidade da região do Vale do Rio Doce, com uma população de 263.594 habitantes, de acordo com o censo de 2010. Assim, quando falamos na população de migrantes de Governador Valadares, em geral,

estamos nos referindo à microrregião e não apenas ao município de Governador Valadares. Nesse sentido, este estudo foi desenvolvido em um município dessa microrregião, aqui denominado SGP.

A região do Vale do Rio Doce é reconhecidamente caracterizada como polo das migrações internacionais nas últimas décadas. Esse é um aspecto já observado por diversas pesquisas realizadas na região. (Cf. GOLGHER, 2001; FUSCO, 2000; SIQUEIRA, 2006, entre outros). O ciclo de migração nessa região teve início nos anos de 1960, quando o principal destino eram os Estados Unidos da América e teve seu apogeu nos anos de 1980. Em virtude do fortalecimento das migrações na região, esta pode ser caracterizada por uma dinâmica cultural que alguns autores chamam de cultura da migração, ou seja, quando o fenômeno da mobilidade humana é forte ao ponto de interferir nos valores e percepções culturais da população local de modo a aumentar a probabilidade de migrações futuras (MASSEY *et. al.*, 1993).

O estado de Minas Gerais está dividido em dez regiões que são divididas em microrregiões.

Figura 1: Estado de Minas Gerais



A região do Vale do Rio Doce está dividida em sete microrregiões. Situada no centro do estado, cortada pela estrada de ferro que liga Minas ao litoral e banhada pelo Rio Doce, essa mesorregião é formada por 102 municípios, sendo os principais

Governador Valadares e Ipatinga. Trata-se de uma região cujas riquezas naturais têm sido historicamente e sistematicamente exploradas de forma insustentável, o que tem provocado o esgotamento dos recursos naturais e levado à estagnação e crise após os ciclos exploratórios e extrativistas mineral e vegetal (SIQUEIRA, 2009).

A migração, em especial na microrregião de Governador Valadares, surge em resposta a essa situação de crise dos recursos naturais. Trata-se de mais um ciclo na história da região que, além de já ter sido espoliada dos seus recursos naturais, agora começa a perder seus recursos humanos.

Esse fenômeno migratório, quando comparado aos ciclos extrativistas que ocorreram na região ao longo da história, torna-se o evento mais cruel dos que ocorreram na Microrregião de Governador Valadares, por extrair da terra o bem mais precioso, as pessoas que nela vivem. Sem opções de manter o seu padrão de vida, buscam em terras alheias o que deveriam encontrar em sua origem. Um processo que consome os imigrantes em seu auge produtivo que, além de separar o imigrante de sua família, atravanca o planejamento econômico do estado. (SOUSA e DIAS, p. 08, SD).

A origem das relações migratórias entre essa região e os Estados Unidos está vinculada a fatores econômicos, como a exploração e o comércio de mica, e a construção de estradas de ferro que, na década de 40 do século passado, trouxeram à região cidadãos norte-americanos para trabalhar nessas áreas. Isso fez crescer no imaginário da população local as expectativas em relação às possibilidades financeiras naquele país. (SIQUEIRA, SD).

As características migratórias do Vale do Rio Doce têm sido analisadas por diversas pesquisas que tomam como contexto analítico, sobretudo, a microrregião de Governador Valadares. Em levantamento feito no segundo semestre de 2009 no Portal da Capes, das 30 teses e dissertações localizadas a partir da expressão exata “migração internacional”, 05 tratavam do eixo Brasil-Japão e 11 do eixo Brasil-Estados Unidos. Destas, 07 se ocuparam especificamente da rota GV-USA.

Essas pesquisas têm se ocupado de questões distintas e evidenciado aspectos relevantes para a compreensão do fenômeno. Dentre as principais questões investigadas, estão os processos de adaptação dos brasileiros nos Estados Unidos (OLIVEIRA, 2004); as redes sociais nas quais estão enredados os sujeitos que vivenciam, de forma direta ou indireta, os processos migratórios (FUSCO, 2000; SOARES, 2002; FUSCO, 2005b;

REZENDE, 2005); a forma como se constituem as redes sociais e como se estendem por uma determinada região, transformando a migração em um fenômeno de massa, como mostra Soares (2002), no caso das regiões mineiras de Valadares e Ipatinga; a perspectiva do retorno também tem sido objeto de análise dessas investigações (SIQUEIRA, 2006), tendo como foco as questões econômicas e os impactos dos investimentos feitos nos locais de origem pelos migrantes retornados.

Nesse sentido, por todos os aspectos apresentados, a região se constitui como um espaço privilegiado para a realização desta pesquisa. Para tal, a abordagem metodológica foi de cunho qualitativo, optando-se pela etnografia, método de busca empírica.

2.3 - OS PREPARATIVOS PARA O CAMPO

Esta etapa da pesquisa foi um período de duplo movimento. Ao mesmo tempo em que eu procurava me aproximar da bibliografia relativa ao método que pretendia utilizar, também precisava me aproximar, teoricamente e empiricamente, do meu *locus* de pesquisa. Durante esse estágio, mesmo fazendo disciplinas para cumprir os créditos acadêmicos, fiz algumas visitas à região do Vale do Rio Doce, afinal, tinha como meta um projeto a ser desenvolvido em um local onde até então só conhecia por algumas notícias de jornal e pela literatura acadêmica. No mês em que entrei no doutorado, julho de 2009, aproveitei o período de férias e fiz minha primeira viagem à região como turista mesmo. Fui conhecer Governador Valadares em uma viagem sem nenhuma pretensão acadêmica e/ou científica.

Na volta, centrei esforços em conseguir uma inserção em algum projeto na universidade que me colocasse em contato com a região. Foi assim que se deu meu primeiro contato profissional e acadêmico com o local da pesquisa, por meio das minhas atividades na equipe de formação de professores do programa ProJovem Campo – Saberes da Terra, Saberes de Minas. Essa foi a oportunidade que encontrei dentro da universidade de estabelecer contatos na região. Ingressei no Programa logo no primeiro semestre do doutorado e, a partir de então, muito mais por curiosidade minha do que por exigência das minhas atribuições profissionais, passei a levantar todas as informações possíveis sobre a região de Governador Valadares e, como parte das atividades de

formação, fiz minha primeira viagem exploratória à região em janeiro de 2010. Durante os quatro dias em que permaneci em GV conheci professores de diversas escolas do campo, indaguei sobre suas práticas, sobre suas realidades, suas dinâmicas de trabalho e, obviamente, sobre os sujeitos das suas práticas, os jovens. Foi uma oportunidade rica para me aproximar empiricamente de uma realidade que até então só conhecia pela literatura e para reunir elementos para a definição do município onde seria realizada esta pesquisa, o que ainda exigiria de mim mais algumas viagens à região.

Vencido o desafio de me aproximar do *locus*, de estabelecer contatos e reunir elementos empíricos que me auxiliassem na definição do município onde desenvolveria a pesquisa, agora precisava pensar em como me estabelecer e permanecer na região, onde eu pretendia morar por pelo menos um ano. Sendo assim, não poderia continuar nas atividades do ProJovem, que exigiam minha presença muito mais em Belo Horizonte do que no interior do estado. A única forma possível seria conseguir uma bolsa de estudos, não por descartar a viabilidade de conciliar estudos e trabalho, mas por não ver nenhuma possibilidade de trabalho em um pequeno município rural. Como pesquisadora, minha inserção no campo inicia-se quando fiz a primeira viagem acadêmica ao local. Na ocasião, participei do seminário Gênero, Migração e Território, realizado pela UNIVALE, nos dias 01 e 02 de junho de 2010. O contato com pesquisadores que desenvolvem pesquisas no próprio local de origem das migrações internacionais me possibilitou acesso a informações da região do Vale do Rio Doce importantes naquele momento da pesquisa, quando trabalhava na definição do município para pesquisa de campo. Aproveitei essa viagem para visitar outros municípios além de GV.

Nesse processo, também ia me preparando para viver longe de Belo Horizonte e essa imersão inicial me permitiu uma primeira visão dos modos de vida nas pequenas cidades da região. Algo que me chamou atenção nas primeiras cidades que visitei foi a centralidade de um meio de transporte específico, a moto. Foi então que decidi que esse também seria o transporte que passaria a usar. Julguei que essa seria uma boa maneira de eu me aproximar mais facilmente dos moradores locais, em especial dos jovens para quem as motos são o meio de transporte privilegiado. Foi assim que, ao retornar dessa viagem, entrei na escola de moto, aprendi a pilotar, tirei carteira categoria A e comprei

uma moto. Com bolsa e meio de transporte, estava pronta para a mudança definitiva, mas ainda faltava definir o local da pesquisa.

2.4 - A MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES E A ESCOLHA DO MUNICÍPIO

Para definir o local onde realizaria a pesquisa, inicialmente fiz um levantamento de alguns dados dos 25 municípios que integram a microrregião de Governador Valadares. Esses dados deveriam apontar algumas características que me auxiliassem na definição do município, de acordo com o conceito de município rural com o qual trabalho - cujos aspectos centrais referem-se à densidade demográfica, distância dos grandes centros urbanos, grau de urbanização e industrialização e preservação ambiental – e ao número de escolas de ensino médio, visto que precisava de um lugar que, além de enquadrar-se no referido conceito, tivesse apenas uma escola de ensino médio. Aliado a isso, a intenção inicial era escolher um município de fácil acesso, de preferência localizado às margens de uma das BRs que cortam a região, o que facilitaria minha mobilidade para Belo Horizonte. Esse, no entanto, não era um critério, apenas um desejo.

Cortada por importantes rodovias (BR 381, BR 116 e BR 259) e pela ferrovia que liga o estado de Minas Gerais aos portos do Espírito Santo, a microrregião de Governador Valadares é por isso também vista como uma região de passagem. Tem na cidade sede, Governador Valadares, tratada carinhosamente pela população local como GV, o epicentro demográfico, concentrando 63% da sua população (SOUSA e DIAS, S/D).

Inicialmente a intenção era que a pesquisa fosse desenvolvida em um município da mesorregião do Vale do Rio Doce. Isso porque a organização política muitas vezes separa municípios que na verdade são vizinhos. É por essa razão que em alguns momentos farei referência a um ou outro município que foi visitado, mas que não faz parte da microrregião de Governador Valadares, embora esteja localizado a apenas 66 km de distância da cidade sede. É o caso de Sardoá e Gonzaga, municípios que atenderiam perfeitamente aos requisitos elencados, que também visitei, mas que não

aparecem no seguinte quadro com os 25 municípios que compõem a microrregião de Governador Valadares, por integrarem a microrregião de Guanhães.

Quando 1: Municípios da microrregião de Governador Valadares

Município	População	Nº Escolas de em
Governador Valadares	263.274	36
Itambacuri	23.386	02
Itanhomi	12.357	02
Coroaci	11.131	03
Engenheiro Caldas	10.908	01
Frei Inocência	9.347	01
Galileia	7.563	02
Alpercata	7.252	01
Tumiritinga	6.291	01
Sobralia	6.116	01
Virgolândia	5.659	01
Jampruca	5.145	01
Divino das Laranjeiras	5.092	01
Capitão Andrade	5.087	01
São Geraldo da Piedade	4.865	01
Marilac	4.394	01
Pescador	4.197	01
São José da Safira	4.069	01
Nova Módica	3.952	01
São José do Divino	3.881	01
Campanário	3.753	01
Mathias Lobato	3.526	01
São Geraldo do Baixio	3.461	01
Nacip Raydan	3.015	01
Fernandes Tourinho	2.713	01

Fonte: IBGE Cidades/Acesso em Agosto de 2010.

De posse desses dados, a etapa seguinte foi visitar alguns desses municípios, priorizando-se aqueles que atendiam aos critérios iniciais e tentando, na medida do possível, agregar o desejo de que estivesse localizado às margens de uma rodovia. Assim, aproveitei a ida a Governador Valadares para um seminário na UNIVALE para iniciar minha incursão pela região. Tal incursão tinha como objetivo muito mais buscar elementos que pudessem me auxiliar subjetivamente na escolha do que pretensões científicas mais elaboradas. A intenção era que minha escolha não fosse baseada apenas nos critérios objetivos já apresentados, mas que eu pudesse agregar a isso alguma empatia subjetiva com o lugar onde viveria por pelo menos um ano. Visitei, além de Governador Valadares, as cidades de Alpercatas, Sobrália, Fernandes Tourinho, Capitão Andrade, Frei Inocência, Engenheiro Caldas e Virgolândia. Foram apenas quatro dias. Em alguns municípios poucas horas; em outros, uma manhã inteira. Esse exercício, no entanto, foi essencial visto que alguns municípios, mesmo atendendo aos requisitos, não despertaram em mim o desejo de ali morar. Nesse quesito, os conselhos e a experiência do meu orientador foram de grande valia, pois inúmeras vezes ele me deixou livre para escolher com base nas minhas escolhas subjetivas. Nesse roteiro, a cidade com a qual mais me identifiquei foi Sobrália, embora não se localize às margens da BR, como eu gostaria.

Pouco mais de um mês após a primeira visita retornei à região. Dessa vez, visitei os municípios de São Geraldo da Piedade e Sardoá. No roteiro inicial da viagem, estava prevista a visita a apenas um município, São Geraldo, mas devido à proximidade das duas cidades (19 km) e os comentários da população local de que em Sardoá o investimento das remessas em construção de moradias era muito mais visível, resolvi ir conhecer. O contato com as duas cidades deu-se em nível diferenciado pelo fato de que, como fui com uma amiga cuja família é de São Geraldo, nessa cidade, tive oportunidade de conversar com muitas pessoas, crianças, jovens, adultas e idosas, de conhecer alguns jovens que estudam na única escola de Ensino Médio da cidade e de ir a uma festa promovida pela turma do 3º ano dessa escola. Nessa cidade, chamou-me atenção as muitas histórias de migrantes que vivem nos Estados Unidos e também a quantidade de pessoas de uma mesma família. No contato com os estudantes, fui informada de que boa parte dos jovens que estudam na escola da cidade são moradores da zona rural e que a faixa etária não se restringe à idade regular do Ensino Médio. Uma das jovens com

quem conversei tinha 21 anos, estudante do 3º ano, contou-me que atrasou nos estudos porque parou quando pensava em emigrar para os Estados Unidos, onde vivem seus pais há cerca de oito anos. Como o projeto não deu certo, ela retornou à escola.

Depois de vários municípios visitados, alguns dados colhidos, conversas com moradores, observações atentas, detalhes importantes discutidos com o orientador, ponderações sobre aspectos que pudessem influenciar tanto na pesquisa quanto na minha própria estadia no local escolhido, optei por desenvolver a pesquisa no município de São Geraldo da Piedade. Foram quase dois meses de análise e avaliação de questões técnicas, como a distância de BH, proximidade de alguma BR que pudesse facilitar o acesso tanto a BH como a GV, transporte, localização, aspectos estruturais da própria cidade. Ponderei ainda questões subjetivas.

Ao final, fiquei entre os municípios de Sobrália e SGP. Gostei muito de Sobrália, achei a cidade bonita, bem organizada, alegre, simpática, gostei dos moradores com quem conversei, da limpeza das ruas. Encontrei um *blog* de moradores da cidade falando das riquezas locais, declarações de quem vive lá ou de quem é de lá e está fora do país. Tudo isso me chamou bastante atenção para a cidade, entretanto, embora me considere uma pessoa bastante racional, no momento dessa escolha, fui mais emotiva. A opção por SGP, que reunia todos os critérios necessários, embora não ficasse às margens de uma BR, teve como ponto decisivo o fato de ter uma amiga cuja família é de lá. A expectativa de poder contar com o apoio emocional dessa família foi, de fato, o que me fez optar pela cidade. Agora restavam os trâmites legais, como conseguir autorização da Secretaria de Estado da Educação (SEE) para entrar na escola, ponto de partida para o contato com os jovens da cidade.

2.5 – A CHEGADA AO CAMPO

Definido o município, agora era necessária uma autorização da escola, já que a pesquisa seria com jovens estudantes de ensino médio. Isso foi algo que demandou bastante tempo e certa dose de paciência. Embora no início eu tenha conversado com colegas que já haviam feito pesquisa em escolas públicas na Região Metropolitana de Belo Horizonte e as informações davam conta de que era algo simples, de que bastaria

um ofício da universidade para a direção da escola e tudo estaria resolvido, não foi bem assim no meu caso.

Na Secretaria de Estado da Educação, a orientação foi fazer contato direto com a escola, por meio da Superintendência Regional de Ensino (SRE) de Governador Valadares, visto que a escola do município escolhido está sob jurisdição dessa SRE, para oficializar meu pedido. Outra possibilidade era que eu descobrisse o nome da inspetora e fizesse contato com a escola por meio dela. Dentro da hierarquia, essa é a figura que representa as escolas de determinada região junto à Superintendência.

Telefonei à Superintendência e me informei sobre a inspetora e a diretora da escola. No *site da SEDUC-MG*, consegui outras informações importantes como telefone e endereço da escola. Tentei por diversas vezes falar com a inspetora, em vão. Essas profissionais monitoram várias escolas e por isso precisam viajar bastante. Fui informada de que somente às segundas-feiras as inspetoras estão na Superintendência, mas que ficam em reunião durante quase o dia inteiro. Isso dificultou bastante esse contato. Diante dessa dificuldade, optei por fazer contato direto com a escola, pois fui informada de que a inspetora ia lá com frequência. Telefonei, falei com a diretora, expliquei a pesquisa e ela corroborou a informação de que somente a inspetora poderia resolver isso. Ainda assim me pediu um ofício, o que encaminhei por *e-mail*, juntamente com um resumo do meu projeto de pesquisa.

A partir daí, foram várias as tentativas de contato, tanto com a escola para saber se havia recebido o ofício, como com a Superintendência, todas sem resposta. Passei todo o mês de agosto de 2010 tentando conseguir essa autorização. A diretora dizia que a inspetora é quem iria decidir. A inspetora alegava que precisava de uma resposta da Superintendente e assim perdi um mês inteiro com algo que parecia simples. Diante desse dilema, optei por refazer a rota e, embora tivesse tentando desde o início não impor a minha presença, resolvi acionar alguns contatos dentro da Secretaria de Estado da Educação, em Belo Horizonte. Antes, apenas, tomei o cuidado de ligar mais uma vez para a escola e, diante de mais uma falta de posição da diretora, perguntei de forma bem direta se a escola fazia alguma objeção a que a pesquisa fosse ali realizada, ao que ela respondeu que não, embora não a tenha sentido muito firme em sua resposta. Só depois fui entender que não era mesmo objeção, mas certo receio, visto que ela nem sabia exatamente o que era e como era feita uma pesquisa como essas. Esse episódio me

deixou alerta para as vantagens e desvantagens de realizar pesquisa em um campo virgem. É vantajoso pelo fato de que como ninguém sabe o que é uma pesquisa acadêmica, reagem de forma muito espontânea a algumas questões, no entanto, por não saberem do que se trata, às vezes ficam desconfiados.

Essa decisão foi crucial e foi assim que, no início de setembro de 2010, saí da SEE com autorização da Sub-Secretária de Educação básica para desenvolver a pesquisa na escola e recomendações de que a escola me recebesse pelo período necessário. Uma semana depois estava de partida para SGP.

Saída de BH por volta das 7h:00, ou melhor, de casa, já que só consegui acessar o anel rodoviário às 8h:00. A rodovia, BR 381, temida por todos que por ali trafegam e por inúmeras razões conhecida como a Rodovia da morte, estava bem tranquila naquela manhã de sexta-feira e o medo inicial de pegar a estrada sozinha foi dando lugar às especulações sobre o que estaria me aguardando, como seria recebida, como as pessoas da cidade entenderiam esse trabalho... [...] Sigo pensando, porém concentrada na estrada. Tento, em vão, desviar minha atenção para a música que toca no rádio e me livrar dos pensamentos sobre os desafios que estão por vir. De repente, começo a me indagar sobre o que estava vivenciando naquele momento, naquela estrada, sozinha e solitária. Sentia-me como um caçador, uma das melhores metáforas (utilizada por Malinowski) que vi para definir um etnógrafo. Senti-me indo atrás da caça, Tateando, “matutando” e elaborando estratégias de aproximação. Acho que estou começando a entender porque se diz que a etnografia é uma metodologia de pesquisa cuja ferramenta mais importante é o próprio pesquisador. À medida que saio da minha zona de conforto e, influenciada pela música da vez (Esquadros, da Adriana Calcanhoto), dou-me conta de que ir à caça dos sujeitos por meio dos quais pretendo compreender esse desconhecido mundo é adentrar em uma realidade sem esquadros, sem molduras, sem portas ou janelas separando pesquisador e pesquisado (ou seria caça e caçador?). Essa metáfora tem me ajudado a me convencer da necessidade de habitar o mesmo ambiente que os meus sujeitos, percorrer os mesmos caminhos, compartilhar interesses, costumes, sentimentos e frustrações, se quero, com sucesso, aproximar-me deles e capturar suas visões de mundo. [...] À medida que deixo para trás essa zona de conforto na qual eu estava muito bem acomodada até então, para assumir o papel de uma pesquisadora, descubro o quanto é, ao mesmo tempo complexo e desafiador, esse trabalho. A cada nova descoberta que faço nos lugares por onde tenho passado nesses últimos meses a sensação é que não é possível compreender esse mundo pela janela do carro. É chegada a hora de dar o salto. Passar para o lado de lá e ali permanecer pelo tempo que for necessário para descrevê-los, para desvendá-los, para compreendê-los e para compreender o mundo a partir dos seus pontos de vista. Essa viagem está só começando... (NOTAS DE CAMPO - 24/09/010).

2.6 – A CIDADE

O município de São Geraldo da Piedade é um dos 25 municípios integrantes da microrregião de Governador Valadares e está localizado a 70 km deste que é o epicentro demográfico da região, e a 320 km da capital mineira. O acesso à cidade é feito por uma linha de ônibus que faz o trajeto duas vezes ao dia pela estrada de chão que liga a BR 381 ao município. O trajeto que dura em torno de uma hora e meia, em períodos de chuva chega a levar até três horas quando não precisa ser interrompido, como aconteceu em fevereiro de 2011, quando tentei retornar das férias e só consegui chegar até um distrito rural onde permaneci uma semana aguardando em vão a abertura da estrada.

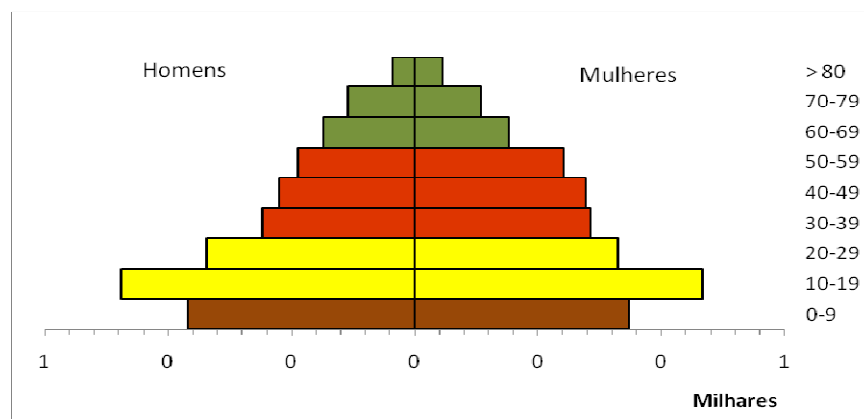
Outra opção de acesso à cidade é por uma estreita estrada asfaltada que liga a BR 359 ao município, passando pela serra e aumentando o trajeto em 20 km a partir de Governador Valadares. Por aí, no entanto, não há linha de ônibus, o que restringe o uso dessa via apenas por quem circula com transporte próprio. Ambas as possibilidades de acesso exigem pelo menos um dia inteiro para uma viagem de BH a SGP, como registrei no meu caderno de campo no meu primeiro retorno à cidade:

[...] mesmo que não tivesse nada para fazer, teria que ficar esperando, já que são apenas dois ônibus diários para SGP, às 12h:00 e às 16h:00. Tomei o ônibus de meio-dia. Fazia muito calor. O ônibus, daqueles bem antigos, com velhos bancos de couro rasgados, o que fazia aumentar a sensação térmica, saiu pontualmente às 12h:00 da rodoviária de GV. Após a partida, fez inúmeras paradas, tanto dentro da cidade como na estrada. Parava para o motorista conversar com alguém, para entregar uma encomenda, para dar notícias e, obviamente, para embarque e desembarque de passageiros. Isso faz com que uma viagem de 70 km, metade percorrida em estrada de chão, chegue a levar até 2 horas. Foi inevitável fazer as contas do tempo que gastei até chegar ao meu local de pesquisa sem carro: 6 horas de BH a GV, mais 6 horas de espera na rodoviária de GV, mais duas horas de GV a SGP. Saldo final: gastei 14 horas para fazer um percurso que de carro fiz em seis horas. (NOTAS DE CAMPO - 06/10/10).

Dados do censo de 2010 indicam que SGP, que é formado pela sede e por 13 distritos rurais, ocupa uma área de 153 km² e tem uma população de 4.389 habitantes, dos quais 1.054 vivem na sede (população urbana) e 3.335 no meio rural. Além de ser uma população eminentemente rural, já que menos de um terço da população vivem na sede, é também uma população jovem, como mostra a seguinte pirâmide, elaborada com base nas informações do censo 2010. Os dados evidenciam que quase um terço da

população (1.611 moradores) está na faixa etária dos 10 aos 29 anos, período em que os jovens começam a buscar autonomia financeira e, em muitos casos, precisam buscar fora da cidade onde as oportunidades são escassas.

Figura 2: Pirâmide Etária de SGP



O povoado foi elevado à categoria de Distrito em 1953, pela Lei nº 1.039, de 12/12/1953 e emancipado em 1962.⁷ Em virtude da forte influência do catolicismo, o antigo distrito de Bananal do Bugre, depois de emancipado, recebeu o nome de São Geraldo com o complemento Piedade em homenagem ao primeiro distrito do município chamado Piedade.

O município já foi o maior produtor de banana da região, razão pela qual ainda hoje é chamado de terra da banana e realiza todo mês de outubro o Festival da Banana. Embora a produção hoje seja muito pequena, mantém-se a tradição do consumo e produção caseira de diversas receitas que os moradores desenvolveram com a fruta, como a banana frita, a maior tradição da culinária local. Atualmente a economia desenvolve-se por meio da agricultura, com destaque para a agricultura familiar, e a pecuária, sobretudo com a produção de leite. Além das ocupações no campo, a economia local mantém um pequeno comércio que emprega, em sua maioria, familiares e parentes dos proprietários, e os serviços públicos, estadual e municipal, responsáveis pela ocupação de um contingente significativo da população.

A sede do município de São Geraldo da Piedade fica no meio de um pequeno vale, cercado de montanhas por todos os lados. Há um ditado popular na região que se o mar invadir Minas, essa será a primeira cidade a ser alagada, de tão profundo que é o

⁷ Fonte: IBGECidades (<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=316160>).

vale, como mostra a imagem a seguir, foto tirada de um dos morros que circundam a cidade e onde fica o cemitério do município.

Figura 3: SGP



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Essa característica geográfica impede até o crescimento geográfico da própria cidade, que não deve ter mais que duas dúzias de ruas, tornando-a menor em extensão que alguns distritos localizados na zona rural. A arquitetura é bastante influenciada pelas remessas dos dólares norte-americanos. A cidade é dividida entre quem tem ou teve dólares e os quem vive da economia local. Essa divisão econômica se expressa nas construções/reformas das casas. Nesse sentido, não é possível identificar na cidade uma parte mais rica ou outra mais pobre, visto que em todas as poucas ruas existem casas luxuosas e casas simplórias.

A divisão de classe é percebida na organização espacial que esta é percebida, a não ser pelos moradores do conjunto habitacional que, segundo alguns comentários, são os mais pobres da cidade. Não é raro ouvir nas brincadeiras dos jovens eles se referirem a essas comunidades mais pobres como favelas. É também assim que alguns moradores se referem a duas das comunidades rurais (Vinhático e Beija-Flor) que têm a maioria da população de negros, o que leva alguns moradores a suspeitarem que se tratam de comunidades remanescentes de quilombos. A cidade guarda diversas características do que se pode chamar de um município rural: a dispersão espacial da população entre a sede e os distritos; as dificuldades de locomoção na época das chuvas; a ausência de indústrias e qualquer tipo de poluição; a natureza quase intocada; a dificuldade de acesso a bens e serviços; os insetos que invadem até mesmo a sede, sobretudo na época das chuvas. Uma moradora certa vez definiu a cidade da seguinte maneira: “São Geraldo é assim mesmo, é uma cidade no meio da roça, por isso que aqui tem tantos bichos, mosquitos, grilos, cigarras, tarúiras... tem até cobra aqui, boba. É porque nossa

cidade é assim, meio roça, meio cidade”. (NOTAS DE CAMPO - 13/10/10).

Visto que se trata de um município eminentemente rural, localizado distante dos grandes centros urbanos, que não é cortado por nenhuma rodovia, não abriga nenhuma fábrica, empresa ou mesmo qualquer atração turística, quase não recebe pessoas de fora e por isso não tem qualquer estrutura para tal. Não há ali hotel, pensão ou mesmo um quarto que se possa alugar para passar uma noite. Esse foi um dos primeiros desafios que enfrentei, o que foi resolvido com apoio da minha família de referência. Ao mencionar a intenção de viver na cidade por um tempo, fui apresentada a uma jovem em Belo Horizonte, moradora de SGP, cuja mãe vivia sozinha na cidade. Ela me apresentou sua mãe e foi com essa família, que chamo carinhosamente de minha *host family*, que morei durante o tempo em que permaneci na cidade. Mãe e filha são professoras da rede municipal e a filha mais jovem estuda enfermagem em Governador Valadares.

Figura 4: Microrregião de Governador Valadares



A zona rural do município também tem distritos em melhores condições e outros muito pobres, como é o caso da comunidade do Vinhático, comunidade rural mais representada na escola. Quase 20% dos alunos matriculados em 2010 eram dessa comunidade. O distrito está localizado a 16 Km da sede e faz parte da rota do ônibus

que liga GV a SGP, o que facilita a mobilidade da população. A comunidade surgiu como acampamento de uma empresa de exploração de eucalipto – ACESITA – que, na década de 1970, ali se instalou e alojou os trabalhadores em uma área plana e afastada da cidade. Quando encerrou suas atividades, a companhia partiu e muitos trabalhadores ali permaneceram, embora sem os meios para se sustentar. Hoje alguns moradores ainda trabalham nas plantações de eucalipto dos arredores, para onde são levados pelo transporte da companhia, ainda de madrugada e voltam no final do dia. Alguns moradores da comunidade também trabalham em uma penitenciária que fica ao lado da comunidade.

A maioria da população do Vinhático é de negros, o que me levou, inicialmente, a achar, influenciada por comentários locais, que se tratava de uma comunidade de remanescentes de quilombos. Meu contato com os moradores, no entanto, não me forneceu qualquer pista sobre essa suspeita. Quando comentei essa suspeita com uma professora, ouvi como resposta que não e que “ali tem muitos negros porque eles vieram trabalhar no corte de eucalipto, um trabalho pesado, e como a população negra é mais apta para esse tipo de trabalho, por isso tem tantos negros ali”.

Tenho ouvido inúmeros comentários sobre essa comunidade (ou bairro, como preferem alguns moradores), todos pejorativos. Ouvi muitos relatos de homicídios, brigas, agressões, gravidez na adolescência e todo tipo de violência na região. Durante esse tempo, o único comentário positivo que ouvi foi em relação aos salgados do bar da mãe de um aluno da escola. No mais, tudo o que ouvi foi negativo, o que me levou, em certo momento, a comparar o Vinhático a uma favela de uma grande cidade. Os moradores - não só da sede, mas também de outros distritos - referem-se ao Vinhático de forma semelhante à que os moradores das grandes cidades referem-se às favelas, muitas vezes sem ao menos conhecer, como é o caso de uma professora que certa vez comentou na sala dos professores que “ia deixar para ir conhecer o Vinhático quando tivesse querendo morrer.” (NOTAS DE CAMPO - 07/12/10).

Esse é, portanto, um breve perfil do município de São Geraldo da Piedade, que me leva a identificá-lo como um município rural. Outras características também relevantes para a explicitação dessa ideia figurarão ao longo deste capítulo. Obviamente que essa narrativa não esgota todas as peculiaridades locais. Por exemplo, algo que não aparece neste trabalho, por não ser um assunto abordado pelos jovens com a mesma intensidade que pelos adultos, é a política do município, marcada por uma polarização

político-partidária que divide a cidade. Sempre que abordava o assunto com os jovens, eles limitavam-se a dizer que não gostavam de política porque faz as pessoas brigarem. A última eleição municipal dividiu a cidade de tal modo que os dois grupos que disputam o poder local não são capazes de deixar de lado os interesses partidários para trabalhar em conjunto pelo bem comum.

2.7 - A ESCOLA

A Escola Estadual Sebastião Gualberto foi a porta de entrada para eu me aproximar dos jovens de SGP. A estratégia era que, a partir da escola, eu pudesse chegar até os meus sujeitos e, a partir daí, também em outros contextos da vivência juvenil. Por meio dos estudantes, passei a conhecer outros grupos juvenis, embora a maior parte dos informantes da pesquisa tenham sido estudantes do ensino médio ou egressos, já que a pesquisa de campo aconteceu no período de agosto de 2010 a julho de 2011. O período de observação direta dentro da escola foi o último trimestre de 2010, sendo que, depois desse período, dediquei-me a acompanhar os jovens também em outros espaços, a frequentar suas casas, seus locais de trabalho, bem como os espaços de lazer e sociabilidade por eles frequentados, tanto na sede como na zona rural, e também em Governador Valadares, para onde emigrou boa parte do meu grupo de informantes. Quando retornei à cidade em 2011, depois das festas de fim de ano, continuei a frequentar a escola, no entanto com menos frequência, visto que boa parte desse segundo período no campo eu dediquei a quem ainda estava na escola e a egressos que estavam cursando ensino superior ou trabalhando.

A escola foi fundada em 1960 e inicialmente chamada de Escola Isolada de São Geraldo da Piedade. Três anos depois, passou a ser denominada Escola Combinada e, a partir da década de 1970, Escolas Reunidas Sebastião Gualberto. Oferecia apenas o ensino fundamental até 1995, quando passou a ofertar o ensino de 2º grau na modalidade magistério. No período de realização da pesquisa atendia, em sua maioria, alunos da zona rural. A escola funciona em um prédio bem conservado, com boas instalações e mobiliário novo. Tem 10 salas de aulas, 01 biblioteca, 01 sala de informática equipada com 17 computadores com acesso a internet, dos quais apenas 13 estavam em perfeito estado de funcionamento.

Para práticas de esportes, a escola conta com uma pequena quadra coberta (de mais ou menos 50m²) e um pátio coberto um pouco maior, com um palco ao fundo. A diretora fala com muito orgulho da última reforma, quando ampliou o número de salas de 06 para 10 e mandou cobrir o pátio que, por sinal, ficou muito bonito. As salas da frente, originais do prédio, são mais arejadas e mais claras e os alunos das turmas do fundo reclamam da falta de ventilação e da distância para os banheiros, que ficam na ala antiga do prédio. A escola é referência na cidade e muitos professores que ali lecionam se orgulham de serem também ex-alunos.

Entrei na escola pela primeira vez por volta das 8h:30 da manhã de uma segunda-feira da primavera de 2010. Estava apreensiva com a forma como seria recebida. Respirei fundo e toquei o sino cujo acesso é feito por meio de uma abertura feita na parte superior do portão de entrada. O pequeno buraco, de tamanho de uma mão, só pode ser alcançado por alguém com pelo menos 1,5m de altura. Após o terceiro toque uma senhora veio abrir. Apresentei-me, perguntei seu nome e perguntei pela professora Zélia, ao que ela prontamente respondeu: “professora não, ela é diretora”. Tentei me redimir argumentando que, como sou professora também, prefiro tratar minhas colegas como tal, mas parece que minha justificativa não foi tão bem aceita, visto que ela insistiu em explicar que, pra ela, a Zélia sempre foi diretora, mesmo quando estava em sala de aula: “pra mim ela sempre foi e sempre será a diretora da escola”, sentenciou. À medida que ia adentrando o recinto, ia tendo uma visão geral do pequeno jardim na entrada, do pátio coberto com palco ao fundo e das salas de aula que ficam na parte mais antiga da escola, totalmente reformada. Fui conduzida por um corredor lateral até a sala da diretora. A primeira sensação que senti ao entrar na escola foi surpresa. Não fosse pela identidade arquitetônica, típica da maioria das escolas públicas que parecem estar sendo construídas a partir do mesmo projeto há várias gerações, aquela em nada lembrava as escolas públicas que conheço. A limpeza, o silêncio e a organização me causaram um impacto inicial muito positivo. Fisicamente a escola me lembrou muitas outras onde já estive, mas pareceu ter uma atmosfera diferente, uma ordem atípica, um silêncio que chegou a soar um tanto artificial. Lembrei-me de que ali dentro estavam cerca de 250 jovens e foi inevitável conversar com meus botões – vou precisar me acostumar com ideia de que há coisas que só posso comentar comigo mesma – sobre como era possível mantê-los tão sob controle e, confesso, cheguei até a cogitar a possibilidade de que a escola pudesse ter sido preparada, maquiada para me receber. Isso é algo que só o tempo diria. (NOTAS DE CAMPO - 18/10/10).

Os docentes têm formação de nível superior. A maioria possui o *status* de efetivo (professor concursado) ou efetivado⁸. No início da pesquisa, havia três professores designados na escola que tiveram que ser desligados porque a outra escola estadual do município, que ofertava o Ensino Fundamental, foi municipalizada e os profissionais tiveram que ser realocados na Sebastião Gualberto. Eu mesma cheguei a dar aulas de sociologia durante um mês como designada, atendendo a uma solicitação da diretora, já que os alunos estavam sem professor dessa disciplina desde o primeiro semestre. Os professores foram receptivos à minha entrada na escola, embora alguns tenham relutado à aproximação inicial. Os professores mais jovens (que quase sempre também são efetivados ou designados) são mais abertos, ao passo que os mais velhos (não só de idade, mas tempo de serviço no Estado), que também são em menor quantidade, mostraram-se mais desconfiados em relação à minha presença na escola. Percebi que alguns se sentiam vigiados, mas a relação foi tornando-se amistosa à medida que eles iam compreendendo que eu estava ali para compreender a juventude e não para avaliar suas práticas.

De acordo com o PPP da escola, está prevista a criação da Associação de Pais e Mestres, no entanto, não creio que isso tenha se concretizado, pois durante o tempo em que lá permaneci não ouvi nada a esse respeito na escola. Pela boa reputação da instituição na região, que atrai jovens também de municípios vizinhos, a direção da escola tem sido objeto de disputa entre os dois principais adversários políticos da cidade. Segundo diversos relatos que ouvi na cidade, a eleição para diretor da escola é tão disputada quanto a eleição para prefeito. Não é difícil entender porquê, já que, sendo a única escola de Ensino Médio, quem a tem nas mãos tem também, em tese, os jovens eleitores, sujeitos decisivos no embate político-partidário que divide a cidade.

Sobre os objetivos do ensino, não creio que a escola tenha isso muito claro. Ouvi diversos alunos falarem do ENEM, de vestibular, de universidade, entretanto, não percebi esse assunto com a mesma frequência nas conversas com e entre os professores ou mesmo com a direção da escola. Parecia não haver muita sintonia entre os anseios dos jovens e as propostas da escola, evidenciando nesse contexto a falta de identidade do ensino médio que vem sendo denunciada por estudiosos do tema. Sobre esse aspecto, observei, por exemplo, uma preocupação excessiva da direção e da supervisão da escola

⁸ Efetivados são os profissionais que trabalhavam como designados à época da promulgação da LC 100/2007 e foram efetivados pelo Estado por meio dessa lei.

em manter tudo sempre organizado. Os murais estão sempre arrumados, mas quase sempre com mensagens de auto-ajuda ou incentivo, com conteúdos que raramente despertam o interesse dos jovens.

Na semana do ENEM de 2010, quando imaginei ver uma mobilização da escola em torno do assunto, já que muitos alunos das turmas de 3º fariam o exame⁹, nenhum comentário se ouvia na escola. Naquela semana, um dos murais mantinha uma mensagem em homenagem aos professores, o outro uma mensagem de auto-ajuda, que não creio ser dirigida aos jovens do ENEM e os outros dois mantinham as fotos, já desbotadas, da gincana acontecida um mês antes. As mensagens dos cartazes eram as seguintes:

“O talento é a marca que determina o único valor verdadeiro de todas as pessoas e de todo o seu trabalho.”
“Um mero professor apenas aponta o caminho das estrelas. Um professor de verdade ajuda a alcançá-las.”

Diversas atividades culturais acontecem ao longo do ano e mobilizam os alunos, que parecem aguardar ansiosamente pela próxima festa na escola. No segundo semestre de 2010, foram pelo menos quatro grandes eventos: a Gincana Cultural, a Copa Sebastião Gualberto, o *Halloween* e a Festa de Natal, todas idealizadas e organizadas pela escola, contando com a participação dos alunos na execução. Algumas dessas atividades demandam bastante tempo dos alunos nos preparativos, ensaios, treinos, vendas de rifas para arrecadar fundos; deixando de lado, por vezes, questões que possam ser de interesse de muitos ali, como é o caso do ENEM.

No início do ano seguinte, era visível o envolvimento das duas turmas de terceiro ano com a perspectiva do ENEM. Provavelmente embalados pelos resultados do ano anterior, quando alguns colegas entraram na universidade (ou mesmo pela minha presença). Pelo menos cinco entraram na UNIVALE, um entrou na UFMG, para fazer graduação em matemática pela UAB, e uma conseguiu nota no ENEM suficiente para ter direito a uma bolsa integral do ProUNI e, em 2011, começou o curso de enfermagem

⁹ Em consulta ao *site* do INEP, constatei que, em 2009, dos 57 alunos concluintes do 3º ano, apenas 09 se inscreveram para o ENEM, enquanto que, em 2010, esse número subiu para 24 inscritos, totalizando uma participação de 48% do total de concluintes do Ensino Médio. Em 2011, foram 48 inscritos. Ressalto que esse número pode não representar exatamente os concluintes dos respectivos anos, já que para fazer o ENEM qualquer ex-aluno de anos anteriores pode se inscrever a qualquer momento.

em Ipatinga. Esses dois últimos moradores da comunidade do Vinhático, a mais pobre da região. No início do ano de 2011, uma das manifestações do envolvimento e preocupação deles com os exames do final ano veio em forma de um pedido que me foi feito no primeiro semestre, às vésperas da inscrição no ENEM, e que registrei no meu caderno de campo.

Estive nas turmas de 3º ano, a pedido deles, para tirar algumas dúvidas sobre a inscrição no ENEM, mas, dada a carência de informações relativas às formas de ingresso na universidade que venho percebendo, aproveitei o interesse deles para falar também do ProUNI e do SISU, que poucos conheciam. A atividade foi solicitada pelo Ernesto, do 3º A (considerada pela escola a turma mais forte), mas aproveitei para ir também no ano 3º B que, afinal, acho que aproveitou mais, fez mais perguntas. Talvez porque tivessem mais dúvidas também. Uma das alunas estava com o caderno de matemática preparatório do ENEM e já sabia muita coisa, mas aproveitou para tirar algumas dúvidas. Ao final das explicações, perguntei quem tinha intenção de fazer o ENEM. Em ambas as turmas, todos os alunos levantaram a mão afirmando que pretendem fazer o exame, embora no 3º B tive a sensação de que alguns levantaram a mão por pressão, por verem a maioria levantando. É como se pensar em outro caminho para depois do ensino médio que não seja a universidade fosse algo constrangedor para esses estudantes. Esse episódio evidenciou que a continuidade dos estudos em nível superior é o projeto de muitos desses jovens, embora não esteja no campo de possibilidades de boa parte deles, seja pelas dificuldades financeiras, seja pela falta de informações que faz com que poucos cogitem a possibilidade de conquistar uma bolsa do ProUNI, seja pela precária formação que recebem no ensino médio e que lhes tira qualquer capacidade de sonhar com uma universidade pública, seja ainda pelo isolamento geográfico, que os mantém longe demais das capitais, restringindo seus campos de possibilidades. (NOTAS DE CAMPO - 25/05/11).

A escola atende, em sua maioria, alunos da zona rural (79%), embora esteja localizada na sede e seja denominada pelo sistema de ensino como escola urbana. Por morador da zona rural, vale destacar, não estou entendendo apenas aqueles cujas moradias são afastadas umas das outras o que, em geral, caracterizaria a vida no campo. No caso do município de SGP, há inclusive distritos cuja população é quase igual à da sede, como o distrito do Vinhático, de onde provém cerca de 20% dos alunos matriculados na escola naquele ano.¹⁰

¹⁰ Sobre os jovens, não vou me ater tanto nesse tópico, visto que, como são os sujeitos desta investigação não apenas na sua condição de aluno, aparecerão com mais centralidade nos tópicos seguintes.

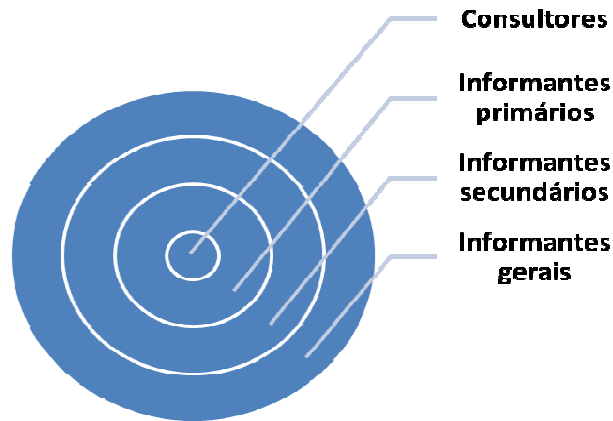
Ao término da pesquisa de campo, organizei uma mostra de profissões a ser realizada na escola. A ideia era tentar responder a uma das principais queixas dos jovens em relação ao sistema de ensino que é a falta de informações sobre as possibilidades acadêmicas e profissionais pós-ensino médio. Assim, o objetivo da mostra de profissões era auxiliar os jovens nesse momento de escolha do término da escolarização básica, por meio de palestras, debates e diálogo com estudantes de ensino superior da UFMG e de outras instituições. Por divergências políticas entre as parcerias locais, o projeto não saiu do papel.

2.8 – A JUVENTUDE COMO LENTE PARA UMA PESQUISA ETNOGRÁFICA

Os jovens são a lente com a qual enxergo a juventude nesse contexto. Embora, por exigência da metodologia utilizada, meu contato tenha sido com a população da cidade em geral, este é um estudo com jovens e sobre jovens. Durante os dois primeiros meses no campo, minhas observações sinalizaram para alguns possíveis consultores (ou informantes). Os consultores iniciais foram membros da família que me acolheu na cidade, entre os quais duas jovens estudantes da escola. A partir daí e da minha convivência diária com os estudantes nas manhãs da escola, o grupo foi aumentando e se diversificando.

Dada a complexidade de uma pesquisa etnográfica realizada no contexto de um município, mesmo pequeno como SGP, não é possível afirmar que consegui abarcar toda a juventude local que, segundo o censo de 2010, representa quase um terço da população (como mostrado na pirâmide etária). Assim, foi possível identificar pelo menos quatro níveis de informantes, de acordo com o contato que estabeleci durante a pesquisa de campo.

Figura 5: Informantes da Pesquisa



Em um nível mais amplo, estão os que chamo de **informantes gerais**, ou seja, todos os habitantes do município, uma vez que, direta ou indiretamente, tive contato com toda a população. Não é difícil imaginar como a notícia da presença de uma pesquisadora da UFMG se espalhou pela cidade e, dado que inicialmente nem todos entendiam exatamente o que eu estava fazendo ali, muitos, adultos e jovens, sentiam-se de certa forma “observados” por mim. Isso ficou claro na escola, seja por conta do clima político que dividia a cidade nesse período, o que fez surgir especulações acerca do meu envolvimento com um lado ou outro desse embate, ou mesmo pela própria desconfiança dos professores de que eu pudesse estar ali em nome da Secretaria de Educação ou do Governo para observá-los. Nesse sentido, é possível afirmar que os informantes desta investigação não são apenas os jovens. Diversas vozes contribuíram para a análise da juventude nesse contexto. Isso pode implicar debates acerca de questões éticas, mas asseguro que todas as recomendações do COEP foram seguidas de modo a não ferir os direitos do grupo pesquisado e nem a limitar o meu direito de pesquisadora no exercício da pesquisa social.

Em outro nível, estão os jovens estudantes matriculados no Ensino Médio, na Escola Estadual Sebastião Gualberto, nos anos letivos de 2010 e 2011 e que constituíram a amostra inicial de **informantes secundários** desta investigação. A esse grupo foi aplicado um questionário socioeconômico inicial com objetivo de traçar um perfil dos jovens estudantes do Ensino Médio e, ao mesmo tempo, indagar sobre a disponibilidade em colaborar com a pesquisa.

Com um nível mais acurado de contribuição, então os jovens que concordaram em participar da pesquisa e contribuíram, de forma consentida, deliberada e autorizada pelos pais com esta investigação, constituindo o grupo que chamo de **informantes primários**. Portanto, as informações por eles fornecidas, sejam por meios de entrevistas

e conversas informais, seja durante as observações em diversas situações da vida cotidiana, são mencionadas e identificadas na pesquisa, tendo, obviamente, suas identidades preservadas.

Desse último grupo, surgiram aqueles que contribuíram de forma mais direta, efetiva e pontual com esta investigação, compondo o grupo que chamo de **consultores**, que foram entrevistados coletivamente e alguns individualmente. O grupo de consultores surgiu de forma espontânea. Alguns se identificaram comigo logo nos primeiros dias na escola e se aproximaram oferecendo-se para participar da pesquisa; outros me conheceram fora da escola, por meio da minha família acolhedora e se mostraram interessados em colaborar; outros ainda foram se aproximando aos poucos, espreitando sobre os objetivos da pesquisa, questionando-me sobre o que exatamente eu queria deles e acabaram tornando-se consultores de grande importância. Boa parte da minha inserção nos diferentes contextos na cidade deu-se por intermédio de alguém desse grupo. Além de longas conversas informais sobre os mais diferentes assuntos, em momentos e contextos distintos, eles jovens também participaram das entrevistas coletivas e alguns concederam entrevistas individuais quando foi necessário aprofundar sobre algum tema.

Assim, a forma de inserção na pesquisa se deu de modo diferente com cada um desses 12 jovens que contribuíram de forma mais efetiva com a investigação, apresentando-me a vida cotidiana da comunidade, os espaços de lazer e sociabilidade fora da escola, suas famílias, seus modos de vida e tantos outros aspectos importantes para esta investigação. O fato de pertencer ou não a uma família transnacional não foi critério para escolha dos consultores, mas, como veremos a seguir, a maioria eram.

2.9 – OS CONSULTORES

01 – THALIA morava na sede com os pais, tinha 17 anos no início da pesquisa e estava cursando o terceiro ano. Foi reprovada. A mãe é professora primária e o pai estava desempregado desde seu último retorno do exterior. O pai emigrou e retornou quatro vezes, duas para os Estados Unidos, uma para Alemanha e uma para Portugal. É a caçula de quatro filhas, das quais uma mora fora do Brasil (em Portugal) e as outras duas em GV e Ipatinga. Também tem vários tios e primos vivendo fora do Brasil. Durante a pesquisa manifestava desejo em emigrar. Era líder do grupo de jovens, muito inteligente e influente entre os jovens da cidade. Toca alguns instrumentos musicais e tem boas habilidades com escrita, demonstradas por meio das letras de músicas e

poesias que compunha. Foi uma consultora importante na minha inserção em diversos espaços, mas, sobretudo, no grupo de jovens católicos, através do qual eu pude tomar contato com outros jovens além dos estudantes da escola.

“Quando ele chegou, acho que eu já tinha uns... 14 anos já, ele trouxe uma boneca.” [falando do retorno do tio]

02 - ANA PAULA morava na sede com uma tia. Tinha 23 anos no início da pesquisa. A mãe emigrou para os Estados Unidos quando ela tinha treze anos. Ana Paula tentou de diversas formas emigrar para encontrar a mãe, mas não conseguiu visto e a mãe, que atravessou a fronteira pelo México, não quis que a filha fizesse a mesma jornada. A expectativa gerada com inúmeras tentativas de emigrar acabou por comprometer o andamento dos estudos, provocando diversas reprovações e desistências. Terminou o Ensino Médio em 2011, aos 24 anos e planejava fazer um curso superior. Dizia não ter mais vontade de emigrar.

“Lógico que a gente sentiu muito, mas acho que a gente acabou acostumando.” [Falando da separação da mãe]

03 – ANTÔNIO é irmão de Ana Paula e tinha 18 anos no início da pesquisa. Mora com outra tia na mesma rua da irmã. Tinha oito anos quando a mãe emigrou com a promessa de que eles iriam ter uma vida melhor. Também tem um percurso escolar marcado por reprovações e desistências. Dizia nunca ter tido vontade de emigrar para encontrar com a mãe, mas durante a pesquisa conversava bastante com os amigos sobre a possibilidade de emigrarem juntos para algum país da Europa. Ao mesmo tempo, manifestava forte desejo em cursar faculdade de gastronomia.

“Acho que já uns tem 10 anos que ela foi. Eu inteirei 18 anos em março... é... dez anos. [...]. Mas eu acho que agora pra mim num faz muita falta não, porque hoje eu já esqueci.” [Referindo-se à mãe].

04 – ANA FLÁVIA morava em Belo Horizonte com o pai no início da pesquisa e mudou-se para SGP para morar com a mãe e o irmão caçula. Tinha 17 anos e estava cursando o terceiro ano. Pertence à família mais bem sucedida da cidade, detentora de vasto patrimônio, construído com os dólares americanos. Cinco tios viveram nos

Estados Unidos por uma década e adquiriram diversas propriedades que hoje lhes garantem o *status* de a família mais rica da cidade. Concluiu o ensino médio em 2010 e dizia-se muito confusa e perdida em relação ao futuro depois que terminasse os estudos.

“Eles [*os tios*] era muito pobres. Aí eles trabalharam muito e conseguiram alguma coisa pra viver aqui.”

05 – VICTÓRIA morava na roça com os pais e três irmãos mais jovens. Tinha 16 anos no início da pesquisa. Terminou o Ensino Médio em 2011 e entrou na faculdade para o curso de Odontologia, pago “com muito orgulho”, como dizia sua mãe, com a renda da fazenda comprada com os dólares adquiridos pelo pai durante os oito anos em que viveu nos Estados Unidos. Dizia que nunca teve qualquer desejo de emigrar, que queria estudar, se formar e, quem sabe, um dia casar e ter filhos.

“Tem mãe que não tem nenhum filho em casa. Todos estão nos Estados Unidos, todos, todos...”. [Falando da pequena comunidade rural onde morava].

06 – MARIA ANTÔNIA tinha 16 anos e vivia na roça com a avó e o irmão de nove anos de idade. Sua mãe emigrou para os Estados Unidos quando ela tinha 10 anos. Conta que nunca desejou emigrar, mas que sonhava em viajar e conhecer a Europa. Ao terminar o EM, ingressou na universidade para cursar Engenharia Elétrica com apoio financeiro da mãe.

“Hoje eu não sinto tanto mais falta dela não. Acho já acostumei com a ausência dela. Tranquilo agora.” [*falando da mãe*]

07 – BRUNA tinha 15 anos e vivia com os pais em uma pequena propriedade rural, fruto do trabalho do pai na Alemanha e nos Estados Unidos. Passou a infância longe do pai e conta que isso contribuiu para afastá-la dele, porque depois que ele voltou passou a consumir bebida alcoólica sistematicamente, segundo ela. Tem muitos parentes vivendo fora do Brasil e diz que se tivesse oportunidade também emigraria.

“Aí eles fala que ele saiu escondido pra eu não vê ele indo embora. [*falando da partida do pai*]

08 – JÚNIOR é filho único e morava com os pais em uma comunidade rural. Era o jovem mais popular da escola quando lá cheguei e teve um papel importante no meu diálogo com os jovens no início. Também foi um dos principais informantes da comunidade rural onde vivia, hospedando-me várias vezes em sua casa e me apresentando a algumas famílias que inicialmente demonstraram alguma resistência à minha presença. O único parente emigrado era um primo que morava em Londres. Dizia que nunca quis sair do país, a menos que fosse para realizar seu sonho de se tornar um jogador de futebol. Ao terminar o EM, foi morar em GV e trabalhar no comércio.

“Os meninos saíram tudo, entendeu? Igual, quando eu cheguei aqui tinha uma turma muito boa de jovens [...] e hoje não tem mais...”

09 – LORENA vivia na cidade com os pais e tinha 17 anos no início da pesquisa. O pai viveu um tempo nos Estados Unidos, mas voltou sem nada conseguir. Os três irmãos mais velhos moravam nos Estados Unidos e ajudavam no sustento da família no Brasil. Contava que seu maior sonho era cursar uma faculdade. Após o término do EM, em 2010, foi morar em GV e trabalhar no comércio.

“Ah, tem tanto tempo que ele tá lá! Mas ele tá doido pra vim embora...” [*falando do irmão*]

10 – BÁRBARA pertence a uma família tradicional da cidade e foi boa interlocutora no meu contato com a “elite” política local. Tinha 16 anos no início da pesquisa. Participava do grupo de jovens da Igreja Católica. O pai já morou nos Estados e ainda tem muitos membros da família vivendo fora do Brasil. Diz que nunca quis sair do país e que sonha em se formar na faculdade, casar e ter filhos. Ao terminar o EM, ingressou no curso de Engenharia Ambiental em GV.

“Eu detesto pensar que eu vou morar longe da minha mãe, longe da minha família. Morar em outra cidade tudo bem, agora, fora do Brasil, eu descarto completamente.”

11 – THAINÁ morava na roça com os pais no início da pesquisa e depois passou a viver com o namorado na mesma comunidade rural. Tinha duas irmãs vivendo nos Estados Unidos. Uma delas emigrou aos 17 anos, foi presa ao cruzar a fronteira e, por conta disso, foi adotada por uma família norte-americana. Contava que sonhava “em ser

alguém na vida”, mas que não sabia muito bem como realizar esse sonho, porque as duas formas que ela conhecia (estudando ou emigrando) custavam muito caro.

“Minha irmã pulou três cerca, fez um corte de quinze ponto na perna e chegou e foi presa, mas como ela era de menor, foi adotada por um casal de americanos. Hoje ela é legalizada nos Estados Unidos.”

12 – ERNESTO tinha 16 anos e morava com o irmão mais jovem e os pais, recém-chegados dos Estados Unidos. Nasceu em Belo Horizonte e teve que mudar para SGP quando tinha nove anos para morar com uma tia, quando os pais emigraram. A família tentou algumas vezes, em vão, levar os filhos, mas em todas as ocasiões tiveram os vistos negados, razão pela qual os pais decidiram retornar ao Brasil depois de sete anos. A família vivia com a renda de uma pequena marcenaria adquirida com os dólares economizados fora do país.

“Aí ela levantou, deu um beijo na gente, chorou lá na cama [...] e foi pro outro lado pra pegar o ônibus. Aí eu fui e acordei desesperado, chamei meu irmão e fomos correndo. [...] Aí eu vi ela entrando no ônibus ainda. Aí eu saí correndo pela estrada afora de mãos dada com meu irmão.” [Falando do dia da partida da mãe].

2.10 - A APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Um dos instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa foi um questionário, aplicado a todos os estudantes do Ensino Médio e que teve como objetivo fazer um levantamento do perfil sociocultural dos jovens estudantes. O intento foi coletar informações gerais relativas às condições social, econômica, religiosa, racial, de gênero, escolarização dos pais, acesso a bens culturais, espaços de lazer e sociabilidade, agregado familiar, migrantes na família, planos para depois do ensino médio, enfim, informações a respeito dos jovens que pudessem me fornecer elementos gerais que auxiliassem a construir um perfil desses sujeitos.

No total, foram aplicados 196 questionários, elaborados inicialmente a partir de questões gerais e adaptados, depois da minha chegada à cidade, à realidade dos jovens, suas linguagens, seu cotidiano. Para trabalhar na reconstrução do questionário elaborado previamente, aguardei cerca de um mês depois da minha chegada ao campo até que iniciasse a aplicação. O trabalho de reelaboração foi resultado de conversas diárias com

moradores locais, com os professores da escola e com os próprios jovens. Fui percebendo que precisaria substituir alguns termos, expressões e agregar elementos da cultura local. Assim, fui reelaborando o questionário e então pedi a duas professoras da escola e à supervisora que lessem e fizessem críticas e sugestões. Isso foi de grande valia, pois elas fizeram observações preciosas de questões para as quais eu ainda não havia atinado. Por exemplo, ajudaram-me a levantar os nomes de todas as comunidades rurais da região, de modo que uma questão aberta sobre local de moradia pudesse ser feita fechada, facilitando meu trabalho no momento da tabulação e surpreendendo os jovens que se mostraram contemplados ao encontrar o nome da sua comunidade no questionário.

Esses cuidados, no entanto, não substituíram a aplicação do pré-teste, algo que avalio como negativo nesse processo, e não foram suficientes para evitar alguns vieses relativos a termos ou expressões que os jovens não acolheram muito bem. Alguns jovens tiveram mais dificuldades que outros em algumas questões, mas, no geral, todas as turmas tiveram dúvidas com relação a termos como trabalho remunerado, ocupação dos pais, situação de moradia (casa própria quitada) e autodeclaração racial. Sobre o trabalho remunerado, as questões giravam em torno do fato de que como muitos trabalham com a família, nas propriedades rurais, eles alegavam que nem sempre recebiam pelo trabalho. Em relação à ocupação dos pais, muitos não souberam responder. O mesmo aconteceu com a questão sobre local de nascimento dos pais. Mais de 50% dos jovens não souberam responder a essa pergunta e disseram que nunca haviam pensado nisso. A situação de moradia foi uma pergunta a que muitos demonstraram estranhamento. Alguns diziam: “ah, a casa é da nossa família”, provavelmente fazendo alusão a propriedades que já estão nas mãos da família há várias gerações. A questão mais polêmica, no entanto, foi a pergunta sobre declaração racial. Em todas as turmas, a maioria dos jovens parecia estar se defrontando com esse questionamento pela primeira vez. A pergunta gerou comentários diversos e, inclusive, desencadeou uma demanda posterior por parte de alguns jovens de que a questão racial fosse discutida na escola.¹¹

Outras dúvidas pontuais também apareceram, por exemplo, com relação a pai ou mãe falecido, uma lacuna no questionário para a qual eu não havia atinado.

¹¹ Na ocasião, questionei a direção sobre como a Lei N° 10.639 estava sendo aplicada na escola, mas a diretora demonstrou desconhecer o conteúdo dessa lei.

Relativamente à família, outra questão importante foi referente ao provedor. Quando perguntados sobre o responsável pela família, muitos afirmaram que são o pai e a mãe e não apenas um deles. Essa questão me alertou para o fato de que questões cruciais, relativas às novas configurações familiares, o lugar do trabalho e o papel das mulheres na organização familiar, precisam ser consideradas. Alguns chegaram a escrever nos questionários ou deram explicações orais para questões fechadas, evidenciando um anseio por justificar algumas das respostas dadas.

Os questionários foram aplicados em sala, durante o horário das aulas e, eventualmente, nos corredores, em horários alternativos com aqueles que não estavam em sala no dia da aplicação. Algumas perguntas foram abertas e outras com respostas induzidas¹². O trabalho de aplicação dos questionários deu-se por etapas e demorou uma semana até concluir todas as oito turmas do ensino médio. Consegui negociar o horário de alguns professores faltosos ou que estavam adiantados com a matéria. O tempo de uma aula foi curto, mas como todos os professores tinham conhecimento do trabalho, ficou acertado que eu poderia levar mais que uma aula caso fosse necessário. Os dados foram tabulados no programa SPSS.

2.11 - ENTREVISTANDO JOVENS

Um primeiro aspecto que observei no campo foi que para a população local, uma pessoa mais velha freqüentar os espaços próprios dos jovens, estar com eles, fazer coisas que eles fazem parecia complicado de aceitar, muito mais para os adultos do que para os próprios jovens. Durante os três primeiros meses da pesquisa de campo, permaneci dentro da escola no turno da manhã, observando, conversando com os jovens e com os adultos, fazendo perguntas, enfim buscando pistas que pudessem me proporcionar alguma familiaridade com aquela realidade. Durante esse período, fui mapeando os diferentes grupos de jovens dentro da escola, na tentativa de identificar diferentes perfis que pudessem constituir um grupo de consultores. Os questionários e o trabalho diário de observação me forneceram um quadro geral dos diferentes grupos presentes dentro da escola, como anotei no caderno de campo:

¹² Utilizo o termo resposta induzida quando me refiro a respostas dadas para perguntas fechadas e resposta espontânea para respostas dadas às perguntas abertas.

Nesse contingente foi possível identificar grupos de interesses diversos dentro da escola como, por exemplo: os **premiados**, formado por um pequeno grupo de jovens muito preocupados com produtividade escolar, bastante competitivos, elogiados pelos professores e quase sempre eram os ganhadores das premiações por boas notas. Majoritariamente formado por aqueles com melhor poder aquisitivo dentro da escola, da roça ou da sede, eram pouco envolvidos em atividades esportivas e mesmo com o grupo de escolares como um todo. Outro grupo dentro da escola é o que denominei de **frequentadores**, formado porque aqueles que freqüentavam a escola, mas pouco se envolvem tanto com atividades em sala de aula como com atividades esportivas e/ou culturais. Muitos estavam fora da idade escolar regular, eram donas de casa, mães de família, egressos de programas de aceleração da aprendizagem, que retornaram à escola para terminar a educação básica. Esse grupo demonstrava bastante dificuldade em acompanhar as atividades cognitivas e poucos sinalizavam interesse em continuar os estudos além do EM. E, por fim, o grupo mais significativo de jovens, que chamei de os **enturmados**, bastante populares, envolvidos com atividades de cunho esportivo (com destaque para modalidades como a queimada, o futebol, a peteca e o truco¹³) e cultural e razoavelmente envolvidos com as atividades cognitivas de aprendizagem. Eram considerados pela escola como alunos medianos. Circulavam bem por toda a escola, dentro do seu grupo, entre os demais e também entre os professores e a direção da escola. Em geral, eram bastante extrovertidos e levavam para o interior da escola algumas formas de manifestações culturais juvenis, desempenhando outros papéis que não apenas o de alunos. (NOTAS DE CAMPO - 19/11/10).

Com essa categorização eu pretendia compor um grupo para entrevistas futuras que contemplasse a diversidade presente dentro da escola: meninos e meninas; do campo e da cidade; brancos e negros; católicos e não católicos; de famílias migrantes e de famílias não migrantes; pobres e abastados; quem já pensou em emigrar e quem nunca pensou em emigrar. Tinha ainda, como descrito no enxerto acima, uma categorização que me ajudava a entendê-los também na condição de aluno e não apenas na condição juvenil. Ficou evidente que a maioria dos estudantes dessa escola, que descrevo como “enturmados”, pode ser identificada com o que Leão (2011) define como um novo perfil de aluno que chega às escolas, com outras culturas, experiências e práticas sociais. Cabe à escola construir formas de diálogo com esse novo aluno.

¹³ A queimada e o truco são as duas atividades esportivas mais populares não só na escola, mas na cidade como um todo, sendo a queimada uma atividade essencialmente juvenil e o truco parcialmente juvenil. Apesar da popularidade dessas atividades, elas não constam no programa Minas Olímpica/Jogos Escolares de Minas Gerais (JEMG), evento anual promovido pela Secretaria de Esportes do Estado, do qual esses jovens poderiam participar e certamente sairiam muito bem na competição.

Esse quadro diagnóstico foi feito por meio dos dados do questionário e das observações cotidianas. Ressalto que, como a pergunta final do questionário era sobre interesse e disponibilidade em continuar participando da pesquisa, esse exercício para composição de uma amostra restringia-se àqueles jovens que responderam sim ao convite para participar da pesquisa qualitativa. Com isso, cheguei ao final dos primeiros meses de observação com um quadro analítico que contemplava essa diversidade. É importante enfatizar que, dado o caráter polifônico de um texto etnográfico, as vozes aqui presentes vão muito além do que o número de informantes contempla. Minha permanência cotidiana no campo me proporcionou dialogar com jovens em diferentes contextos, estudantes ou não, de diferentes faixas etárias e vivenciando experiências distintas. Essa polifonia está presente em muitos momentos aqui apresentados como enxertos do caderno de campo.

Ao retornar do período de férias, no início de 2011, com um protocolo de pesquisa, no qual fazia um balanço do andamento da pesquisa, bem como um breve relatório do perfil desses jovens, feito a partir das informações coletadas no questionário e, obviamente, do contato pessoal que já havia feito nos meses anteriores. O desafio agora era me aproximar deles fora da escola, já que até então havíamos tido pouco contato fora do ambiente escolar. Isso porque optei por não me aproximar das famílias antes que todos entendessem muito bem o que eu estava ali a fazer. Sobretudo com os adultos, que desde o início se mostraram mais desconfiados em relação à minha presença, as estratégias de aproximação eram sempre muito bem pensadas. Por exemplo, adotei o costume local de ir à missa semanalmente e, algumas vezes, ao culto na igreja evangélica. Também comecei a circular pelas comunidades rurais junto com os estudantes, nos ônibus escolares. O fato de os pais me verem circulando pelas comunidades causou um impacto muito positivo e me abriu as portas das suas casas.

Essas visitas aos jovens em casa acabaram por evidenciar que alguns, embora tenham respondido positivamente ao questionário, não estavam tão disponíveis a colaborar na pesquisa. Uns porque se mostraram arredios e tímidos fora do ambiente escolar, outros porque mudaram de cidade depois que concluíram o terceiro ano não responderam a minha tentativa de contato. Houve inclusive um caso de um jovem que desde o início mostrou-se um importante colaborador, mas a aproximação fora da escola evidenciou que ele julgava que teria alguma vantagem direta em participar da pesquisa,

mesmo eu tendo tido o cuidado de deixar claro desde o início que a participação era voluntária e que ninguém receberia nenhum tipo de recompensa por participar. No caso desse jovem, no entanto, que se mudou para GV logo após concluir o ensino médio, a família foi uma das que me acolheu na região e sempre que eu ia à comunidade onde ele morava ficava na casa dos seus pais, entretanto, ele próprio não colaborou da forma como eu esperava. Nesse sentido, Poupart (2010) chama atenção para a importância de se obter a colaboração do entrevistado, de forma incondicional, o que me levou a desistir desse que foi o primeiro que cogitei como informante.

Foram realizadas seis entrevistas coletivas, com jovens da sede, de duas comunidades rurais (Vinhático e Sossego) e com um grupo misto (sede e zona rural), egressos da escola e que estavam morando em Governador Valadares. E ainda dez entrevistas individuais com alguns desses jovens que participaram das entrevistas coletivas. Nas entrevistas coletivas, dois grandes temas foram privilegiados: “ser jovem” e “projetos de vida”. Foram duas entrevistas com cada grupo, cujo número de participantes variou de uma localidade para outra. Nas duas entrevistas da sede, houve, involuntariamente, um recorte de gênero, uma vez que, embora tenha convidado meninos e meninas, apenas meninas compareceram. Nas comunidades rurais, os grupos foram mistos e, em GV, também apenas as meninas responderam positivamente ao convite. Na comunidade do Vinhático, chamou atenção o fato de que o número de meninos foi maior que o de meninas e ainda o grande número de jovens que se mobilizou querendo participar da entrevista. Precisei explicar que só poderia participar quem era estudante da escola e quem havia assinado o termo de autorização.

As entrevistas coletivas da sede foram realizadas na escola e aquelas das comunidades rurais no salão paroquial da Igreja Católica. Em GV, realizei uma entrevista no saguão do hotel onde fiquei hospedada e outra em um salão de beleza onde uma das jovens estava trabalhando. Essa, por sinal, ficou um pouco comprometida por conta do barulho que se ouvia quando era ligado o secador de cabelos. No dia das entrevistas, eu preparava um lanche, o que proporcionava certa descontração no grupo antes do início da conversa. O tempo de duração variou entre quarenta minutos e uma hora e meia. As entrevistas foram semiestruturadas, conduzidas por meio de um roteiro prévio. No caso da discussão sobre projetos de vida, como era meu interesse saber sobre o lugar que a emigração ocupa no campo de possibilidades dos jovens sem interpellá-los

diretamente, utilizei como estratégia o desenho da árvore migratória da família. Assim, disse aos participantes que o tema da nossa conversa seria família e cada jovem foi solicitado a desenhar a árvore genealógica da família, a partir de um dos avós, pintando com uma cor específica cada membro da família de acordo com o local de moradia naquele momento. Depois pedi que cada um apresentasse a sua árvore e que fosse comentando da forma que achasse melhor e apontando os aspectos que julgasse importantes. Dessa forma, chegamos a eles próprios, como eles se veem naquela árvore, como veem o seu próprio local de moradia, como eles avaliam a experiência dos parentes emigrados e/ou retornados, o que eles apreenderam das experiências dos seus familiares e como eles próprios se viam no futuro dentro daquele desenho. Seguem abaixo exemplos de algumas árvores migratórias.¹⁴

Figura 6: Família da Maria Antonia

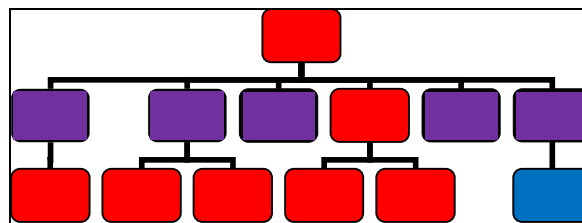
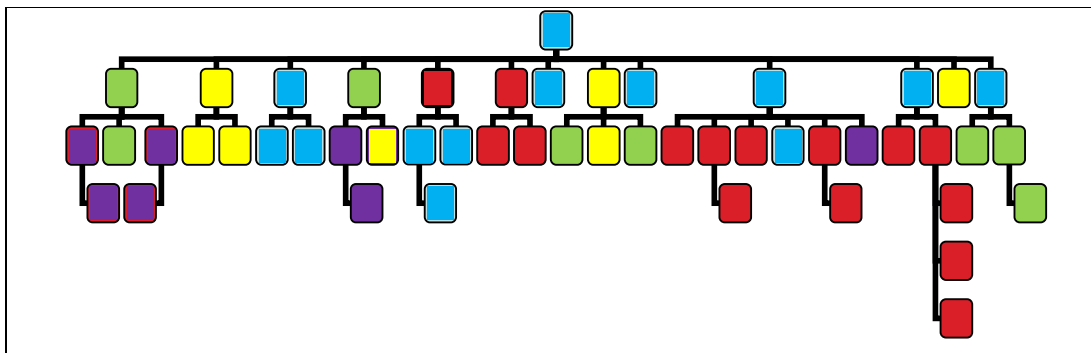


Figura 7: Família da Bruna



¹⁴ LEGENDA:

Azul – vive em SGP e nunca saiu do país;
 Verde – vive em Minas Gerais, fora de SGP;
 Amarelo – vive no Brasil, fora de Minas Gerais;
 Vermelho – vive fora do país;
 Roxo – retornado.

Figura 8: Família da Ana Flávia

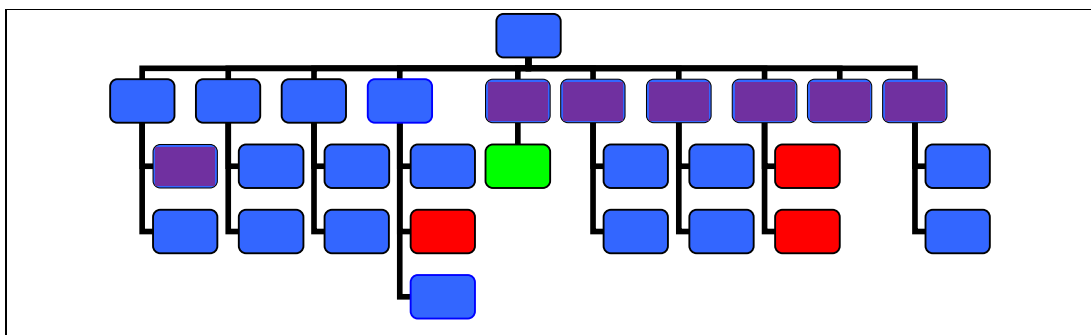
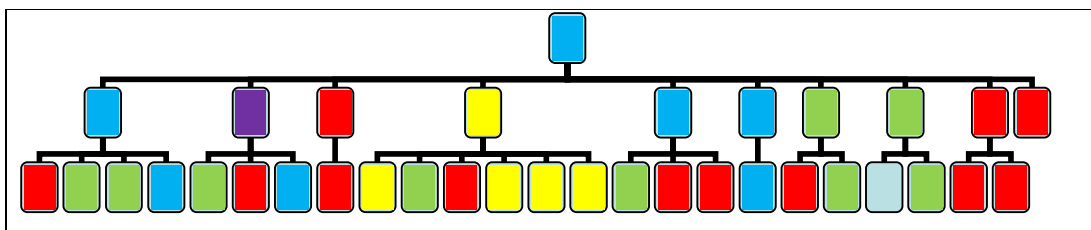


Figura 9: Família da Thalia



As entrevistas individuais foram realizadas em diferentes locais - na casa dos entrevistados, na casa onde eu estava morando, na rua, na escola, na porta da igreja e no restaurante do hotel – e em diferentes contextos. Algumas surgiram de conversas informais que geraram assuntos interessantes e, como os jovens já estavam familiarizados com a pesquisa, aproveitava a ocasião e perguntava: “posso gravar?” Nesse sentido, Poupert (2010, p. 217) adverte que “misturar-se às atividades cotidianas dos atores, com a ajuda da observação participante, constitui o melhor meio de perceber suas práticas e interações, como também de interrogá-los durante a ação.” Foi assim com a Bruna, com quem encontrei por acaso sentada na rua durante a última visita que fiz ao Vinhático. Aproximei-me para cumprimentá-la e a achei meio cabisbaixa. Perguntei se estava tudo bem e ela respondeu que apenas estava pensando na vida, já que naquele dia estava fazendo dezoito anos e sabia que isso era muito sério. Foi então que eu disse que adoraria saber mais sobre isso e perguntei se podíamos conversar um pouco e se eu poderia gravar nossa conversa, ao que ela consentiu. Sentadas na calçada da pequena casa onde ela vive com seu companheiro, tentando em vão escapar do sol escaldante daquela tarde de inverno, conversamos por cerca de uma hora.

Outras entrevistas foram realizadas de modo mais formal, seguindo o roteiro, em situações menos descontraídas. Seja qual for o contexto, uma dificuldade comum em muitos casos foi extrair dos jovens as palavras suficientes e necessárias para explicar o que tencionavam dizer. Embora tenha conseguido estabelecer laços de reciprocidade com a maioria deles, meninos e meninas, da cidade e da roça, alguns se expressam de forma muito lacônica e estabelecer um diálogo por vezes foi tarefa árdua. Casos como a Thalia e a Bruna foram mais fáceis. Elas conversavam com desenvoltura e não tinham vergonha de se expor. Nesses casos seguimos o roteiro e minhas intervenções foram quase desnecessárias. No entanto, entrevistas como as da Thainá e do Neto demoraram engrenar. E o curioso é que no dia a dia eles são muito espontâneos, extrovertidos, mas, quando sabiam que estavam sendo observados e gravados, as palavras sumiam. Nesses casos, as entrevistas foram mais demoradas, justamente porque precisei lançar mão de algumas estratégias para fazer fluir a conversa. Tais estratégias, em alguns casos, eram pensadas já para o ponto de partida, como a entrevista da Thainá, e o intuito foi, como sugere Poupart (2010, p. 228), “obter a melhor colaboração do entrevistado; colocá-lo o mais à vontade possível na situação de entrevista; ganhar sua confiança e, enfim, fazer com que ele fale espontaneamente e aceite se envolver.”

[...] Depois de um tempo sentadas na calçada, senti que ela estava apreensiva com a ideia da entrevista. Em um dado momento, ela disse-me: “É Zê, agora você tem que fazer a sua pesquisa. Tá na hora né?” e eu respondi: “Tá sim, mas pra isso eu preciso de você e preciso gravar a nossa conversa, lembra? Você prefere que a entrevista seja feita aqui ou dentro de casa?” e ela disse que preferia que fosse lá dentro. Entramos e ela se acomodou no pequeno sofá da sala. Eu fui pegar o gravador e expliquei novamente que precisaria gravar a nossa conversa, mas que ela não se preocupasse que seria mesmo uma conversa. Que ela poderia falar do jeito que quisesse, que não se preocupasse com o vocabulário e que quando quisesse parar poderia fazê-lo a qualquer momento. Assim, comecei a entrevista por um assunto que já havíamos conversado em outras ocasiões e que estávamos retomando na calçada, sobre os seus sonhos para o futuro. (NOTAS DE CAMPO - 28/06/11).

As entrevistas, individuais e coletivas, totalizaram cerca de 20 horas de gravações e foram transcritas na íntegra, totalizando cerca de 500 páginas de transcrição. Depois de lidas foram organizadas e sistematizadas a partir dos temas recorrentes, contextualizados nas questões que orientaram a pesquisa. Procedimento

semelhante foi feito com a sistematização do caderno de campo. Assim, os temas mais recorrentes em todas as entrevistas, detectados pelas diversas leituras e escutas das gravações e identificados por meio de palavras-chave, eram deslocados e agrupados em arquivos relativos àquela temática. Os dados coletados e sistematizados foram categorizados e analisados à luz do quadro teórico que embasa este estudo. Foi esse exercício que me permitiu, por exemplo, chegar a uma importante categoria que não utilizava até acurar meu olhar e meus ouvidos ao que a empiria evidenciava. Falo do transnacionalismo que, embora não tenha aparecido nos discursos com essa terminologia, as características eram bastante recorrentes na empiria. O quadro teórico da sociologia da imigração me levou ao conceito.

CAPÍTULO III - DA CONDIÇÃO JUVENIL

“Todos os dias quando acordo
Não tenho mais
O tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo. [...]”

Tempo Perdido. Legião Urbana

3.1 – PERFIL DOS JOVENS ESTUDANTES DE SGP

“O que é mesmo que você tá fazendo aqui?” Essa é a pergunta que mais tenho ouvido depois que cheguei à cidade. A primeira vez, embora eu julgasse que estava preparada para respondê-la, dei voltas enormes e creio que minha interlocutora (uma professora da escola municipal que conheci na casa da minha família informante), ficou sem entender minha explicação. Isso foi no meu segundo dia como moradora da cidade. Era um domingo e eu ainda não havia ido à escola. Funcionou como um pré-teste, pois daí pra frente ouviria a mesma pergunta em todos os lugares onde chegava. [...] Com os jovens, na escola, inicialmente dizia que estava aqui para fazer uma pesquisa sobre os jovens, para entender como é ser jovem aqui em SGP, essa explicação gerava certa ansiedade, algo do tipo: “ah, se é só pra isso, então vamos lá!”. Certa vez uma garota respondeu: **“Ah, então tá fácil demais. Ser jovem é aproveitar a vida.”** Então perguntei como eles aproveitam a vida aqui e ela disse-me: “Ah, na verdade não tem muita coisa pra gente fazer não. A gente aqui não aproveita tanto assim.”[...] Com o passar do tempo, e as perguntas continuando, agora minha resposta tem sido – inspirada em Willian Foote Whyte - que estou aqui porque estou escrevendo um livro sobre a vida dos jovens da cidade e que por isso preciso ficar tanto tempo, preciso conversar tanto com eles, observar, anotar, fotografar, perguntar, entrevistar... Acho que aos poucos eu e a população local vamos nos entendendo. (NOTAS DE CAMPO - 28/09/10).

Foi assim que comecei a me organizar no campo para responder às minhas perguntas centrais desta pesquisa. A opção por desvelar a condição juvenil nessa conjuntura significou, inicialmente, que eu estava partindo do pressuposto de que existem especificidades de ordem social, histórica, econômica e cultural que caracterizam os modos de ser jovem em situações determinadas. Assim, os olhares iniciais para o contexto da pesquisa, apresentados anteriormente, foram cruciais para apurar os meus sentidos para captar as questões que caracterizam a condição juvenil em SGP, procurando perceber, a partir dos próprios jovens, como é ser jovem nesse

município rural. O esforço empreendido ao longo desse estudo foi não só de observar mas também de ouvir os jovens, por meio das técnicas de coleta de dados já explicitadas no capítulo metodológico, no sentido de compreender o ponto de vista deles sobre as questões que orientam esta investigação.

Começarei por traçar um perfil dos jovens estudantes do ensino médio, com base nos dados coletados por meio do questionário aplicado na escola. No ano letivo de 2010 estavam matriculados 306 estudantes no Ensino Médio. Destes, 195 responderam ao questionário. As ausências devem-se ao período de aplicação, outubro, quando tem início o período das chuvas e a infrequência – e até a evasão – já é significativa na escola. Dos 306 matriculados na escola no ano de realização da pesquisa de campo, nem todos podem ser alocados na categoria jovem. Conforme já explicitado, trabalho com a categoria juventude compreendendo-a do ponto de vista sociológico, o que significa que extrapola o aspecto demográfico, sem contudo desconsiderá-lo. Seja considerando-os sob a perspectiva geracional, a partir do critério da idade, seja considerando-os sob a ótica da condição juvenil e dos processos de transição para a vida adulta, alguns não se alocariam mais na categoria juventude.

Quanto aos aspectos geracionais, observa-se alguma heterogeneidade entre os estudantes de ensino médio. A presença de adultos matriculados é uma realidade e, segundo a direção da escola, uma necessidade, já que esta é a única escola no município a ofertar esse nível de ensino e somente na modalidade regular.¹⁵ Os jovens estudantes em idade regular (15 a 17 anos), no entanto, são maioria no grupo, perfazendo um total de 66,7% das matrículas, acima da média nacional que é de 50,9% de acordo com IPEA (2010). Todavia, o índice de matrículas fora da idade regular (33,3%) não deixa de ser preocupante, confirmando uma tendência nacional de defasagem idade-série nesse nível de escolaridade. De acordo com Sampaio (2009, p. 07) “apesar de o Brasil ter avançado bastante nos últimos 10 anos, ainda é grande o caminho a ser percorrido para garantir, por exemplo, que os jovens de 19 anos tenham alcançado 11 anos de escolaridade, ou seja, completado a educação básica.”

Esses estudantes são, majoritariamente, moradores da zona rural. Os dados evidenciaram que 79% dos jovens matriculados na escola viviam fora da sede, em uma das 15 comunidades rurais que compõem o município, ou mesmo em comunidades

¹⁵ De acordo com Comunicado IPEA (2010), metade dos municípios brasileiros não oferece a modalidade Educação de Jovens e Adultos de ensino.

vizinhas, pertencentes ao município de Governador Valadares. De acordo com o Censo 2010, menos de um terço dos habitantes deste município viviam na zona urbana, ou na cidade, para usar os termos nativos. Trata-se, portanto, de um município “essencialmente rural”, que pode ser definido, segundo a OCDE (*Apud* Veiga, 2003, p. 60) como “as regiões onde mais de 50% da população vive em localidades rurais”. Os moradores do campo, no entanto, não vivem isolados como o imaginário da vida no campo pode sugerir.

Se a maioria dos estudantes nessa escola pode ser identificada como jovens pelo critério de idade, também a maioria não vivenciou ainda os principais marcadores de transição para a vida adulta, que, de acordo com Camarano (2006), são o término da escolaridade obrigatória, a entrada no mundo do trabalho remunerado, a saída da casa dos pais e a constituição de um novo núcleo familiar.¹⁶ No caso desses jovens a maioria não vivenciou nenhum desses marcadores tradicionais de transição. São solteiros, vivem com os pais ou familiares e não têm filhos. Quando perguntados se estão casados ou vivem com alguém 93,8% responderam que não vivem maritalmente com alguém e apenas 5,1% responderam que sim. Quando indagados se têm filhos, somente 2,6% responderam que sim.

Sobre identidade racial, 63,6% se autodeclararam pardos, 16,4% pretos, 11,3% brancos, 6,2% amarelos e 2,1% indígena. De acordo com Osório (2013, p. 91)

Existem basicamente três métodos de identificação racial, que podem ser aplicados com variações. O primeiro é a autoatribuição, no qual o próprio sujeito da classificação escolhe seu grupo. O segundo é a heteroatribuição, no qual outra pessoa define o grupo do sujeito. O terceiro método é a identificação desses grupos populacionais dos quais provieram os ancestrais por intermédio de análise genética.

Sendo assim optei por utilizar o primeiro método, por meio de pergunta estimulada, utilizando as categorias raciais adotadas pelo IBGE. Chama atenção o alto número de negros, aqui entendidos de acordo a heteroatribuição, visto que para identificar esse grupo, optei por adotar o critério mais comum entre os pesquisadores e o

¹⁶ É importante ressaltar que esses são os marcadores tradicionais, mas não significa que sejam os únicos, tampouco que, isoladamente, correspondam, em contextos atuais, aos processos de transição para a vida adulta. Há diversos casos de núcleos familiares hoje em dia formados por duas ou mais gerações, ou casos de filhos que mesmo tendo concluído a escolaridade obrigatória ou tendo um bom emprego, permanecem morando com os pais, ou ainda casos de filhos que saem e retornam à casa dos pais por não conseguirem prover seu sustento. Esses marcadores são apenas referências.

pelo Movimento Negro que tem assim classificado a parcela da população que se declara preta ou parda (OSÓRIO, 2013). O número, que chega a 80%, é bastante acima do verificado em nível nacional pela pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, que apontou um percentual de 47% de negros entre a população jovem e também em nível nacional relativamente ao total da população, cujos negros representam 45,3%. (SANTOS e BORGES, 2008). Vale lembrar que muitos tiveram dificuldade em responder a essa pergunta, chegando inclusive a trocar informações com os colegas ou a me perguntar como eu me declaro, o que me furtei a responder. O debate entre eles em torno dessa questão evidenciou uma falta de familiaridade com o tema das questões raciais e a pesquisa de campo mostrou ausência desse debate também no currículo escolar.

Um aspecto significativo para a compreensão da condição juvenil nesse contexto diz respeito à dimensão da cidadania, relativa aos direitos e deveres dos jovens e à participação. Essa é uma marca importante dessa juventude. Com relação a participação, os jovens se mostravam indiferente quando a questão era a participação político-partidária, provavelmente em virtude de uma briga política que dividia a cidade desde as eleições municipais de 2004 e que se acirrou em 2008, criando um clima de tensão entre os moradores. Famílias se dividiram e relações afetivas ficaram comprometidas por questões políticas e muitos jovens diziam que preferiam não falar sobre o assunto pois as famílias não entendiam que eles não queriam brigar com os amigos só por causa do prefeito. No entanto, a participação por outras vias era perceptível, por exemplo, por meio da religião (nos grupos de jovens tanto da igreja católica quanto da evangélica) e das manifestações culturais juvenis, como mostrarei mais adiante.

Relativamente aos direitos e deveres, no município algumas atividades não permitidas legalmente para menores de 18 anos eram praticadas livremente pela maioria dos jovens e provocavam debates calorosos entre eles. Por exemplo, consumir bebida alcóolica e dirigir carro e moto estão entre as ações proibidas para menores de idade e que em SGP são protagonizadas pelos jovens sem fiscalização por parte do poder público. Para alguns casos há fiscalização e coerção policial, para outros, no entanto, a negligência é gritante. Casos que geram multas, como o desrespeito ao Código Nacional de Trânsito, são fiscalizados com alguma regularidade, outros, no entanto, como o consumo de bebida alcóolica por menores de idade ou desrespeito aos direitos da

infância e da adolescência, por parte dos adultos, são negligenciados ou tratados com pouco ou nenhum rigor. São essas inscoerências que geram discussões entre os jovens e os fazem questionar as leis que regem a maioridade no país.

“Por que a gente pode votar e não pode fazer um monte de outras coisas?” Foi uma indagação que ouvi certa vez de uma jovem de 17 anos e que me deixou pensativa. O que afinal pode ou não fazer um jovem ou uma jovem antes de atingir a maioridade? Quando um jovem ou uma jovem está em plenas condições de responder por seus atos? Em que momento da vida humana se atinge a maturidade plena? Quando, de fato, se atinge autonomia para tomar decisões? Essas não são perguntas fáceis de responder e alguns casos que tenho tomado conhecimento aqui em SGP têm me levado a complexificar ainda mais essas questões. Por exemplo, a jovem de 15 anos que está tendo um caso com um homem de 50. Os pais fizeram denúncia ao conselho tutelar e à polícia, mas diante do fato de que a jovem assegurou perante o conselho que o relacionamento é consentido, os órgãos competentes nada puderam fazer. Por outro lado, uma jovem de 17 anos me relata as dificuldades que tem enfrentado para circular de moto. A jovem é exímia piloto, mas como não tem idade para tirar habilitação teme pelo que possa acontecer e sentencia: “ano que vem eu faço 18 anos e vou tirar logo carteira de tudo, de moto, de carro, de barco, de avião... até de cavalo se precisar de carteira, aí eu quero ver alguém me pegar. (NOTAS DE CAMPO – 13/11/10).

Outro aspecto que me pareceu significativo na condição juvenil nesse contexto foi a questão das relações intergeracionais. As posições geracionais parecem bastante demarcadas, com adultos e jovens vivenciando contextos e experiências específicos, próprios de cada grupo. Assim, ouvi em diversas ocasiões, sobretudo de alguns adultos, expressões do tipo: “ah, isso não é pra nós”, como no caso do baile de formatura dos formandos de 2010, do qual participei. As famílias (e alguns professores) estavam presentes na missa e no jantar, no entanto, nenhum deles (nem mesmo os professores de referência das duas turmas), foram ao baile. De adultos havia apenas alguns pais que foram para acompanhar as filhas, e as formandas mais velhas da escola que foram com os maridos.

Também foi possível perceber esse descompasso entre os interesses e visões de mundo dos diferentes grupos geracionais dentro da escola. Ou seja, os jovens têm pouca participação nas decisões (diria que quase nenhuma) e quando eram ouvidos isso acontecia separadamente dos professores, como no caso dos conselhos de classe, onde há o conselho com os professores e com os alunos, separadamente, sem diálogo entre os

dois grupos. A escola não tinha um grêmio estudantil ou qualquer outro meio de garantir a representatividade estudantil, além do Conselho, onde eles têm pouca representatividade e quase nenhum espaço de expressão e diálogo com os adultos.

Apresentarei a seguir seis aspectos que considero dimensões chave para a compreensão da condição juvenil nesse contexto. Não são as únicas, obviamente, mas foram elencadas para discutir essa juventude por terem sido as que se destacaram na fala dos jovens. Outras dimensões consideradas importantes pelos estudiosos da juventude, como identidade racial e participação, não foram tratadas de forma pormenorizadas, apesar de centrais na condição juvenil, por não terem aparecido de forma tão enfática nos discursos dos jovens. Ademais, aspectos relativos à cultura da migração e aos projetos de vida, dimensões importantes para a condição juvenil nesse contexto e elementos centrais desta análise, não figuram nesta caracterização pelo fato de que a estes o estudo dedica capítulos específicos.

3.2 – A FAMÍLIA

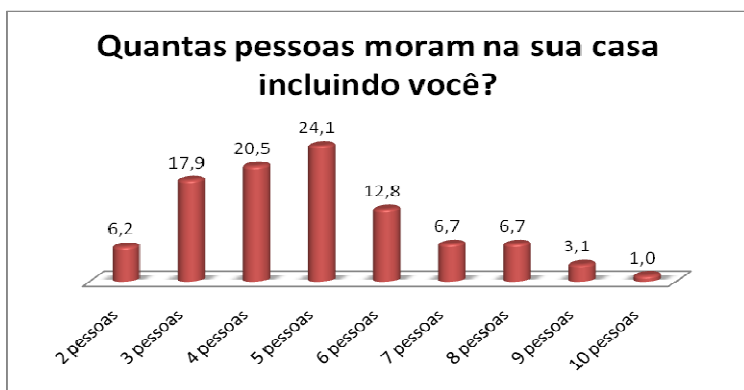
A família voltará a ser discutida no capítulo seguinte, visto que uma característica importante nesse contexto são os arranjos familiares que se configuram em virtude da separação familiar ocasionada pelas migrações. A categoria famílias transnacionais, que será definida e caracterizada, foi utilizada para definir famílias que se separaram geograficamente mas fizeram arranjos para garantir o cuidado tanto dos que ficaram como dos que partiram. Conheci diversos casos de tios assumindo o lugar dos pais, tias tendo que tornar-se mães sem nunca ter dado à luz, avós cuidando de netos como se fossem suas mães e tantos outros arranjos. Diante dessa realidade constatada, corroboro com a ideia de Sarti (2004) que propõe pensar a noção de família como uma "categoria nativa", a partir do sentido a ela atribuído por quem a vive. Foi o que a presença no campo evidenciou, ou seja, os laços biológicos são importantes, mas a família é também vista pelos moradores locais a partir das referências simbólicas e significantes que criam elos de sentido nas relações (SARTI, 2004). Por exemplo, a minha família de informantes em SGP, cuja matriarca teve 10 filhos biológicos, agregou à sua família de sangue outros filhos adotivos. Nessa nova configuração familiar os

próprios netos e bisnetos por vezes se confundiam ao dizer quem é parente consanguíneo ou quem é parente porque eles consideram ou porque cresceram juntos. Mas o importante é que para eles são todos da família.

A família é uma instituição central na vida desses jovens, apontada por 45,1% como o principal local para o desenvolvimento pessoal e profissional, e a instituição interlocutora preferida para conversar sobre os projetos de futuro para 58,5%. Embora o número seja significativo, quando comparado à pesquisa nacional a família nesse contexto parece ganhar menos relevância. A pergunta estimulada feita na pesquisa “Perfil da juventude brasileira” sobre instituições ou locais mais importantes para o amadurecimento, a família aparece em primeiro lugar para 72% dos jovens.

Quase todos os jovens investigados ainda viviam com a família de origem (93,8%), enquanto 5,1% era o número de casados à época em que responderam o questionário. A maioria (57,4%) vivia em famílias sustentadas pelo pai ou padastro e 24,1% das famílias desses jovens era sustentada pela figura materna. Essa questão, no entanto, foi motivo de polêmica durante a aplicação do questionário pois muitos jovens argumentaram que o pai e a mãe juntos eram os responsáveis pelo sustento da família e não apenas um dos cônjuges. Essa foi, portanto, uma fragilidade do questionário que desconsiderou essa possibilidade e não deu essa opção. A figura da avó como responsável pelo núcleo familiar era uma realidade para 6,2% dos jovens e os próprios inqueridos representavam um percentual de 6,7% dos responsáveis pelo sustento da família. Os núcleos familiares tinham em média cinco membros, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 1: Quantas pessoas moram na sua casa incluindo você?



Relativamente às condições de moradia, a maioria das famílias desses jovens vivia em casa própria quitada (90,8%). A situação de moradia dos demais era alugada (4,6%); cedida ou emprestada (2,6%) e apenas 0,5% declarou viver em casa própria em pagamento ou em outra situação de moradia e 1% não respondeu. Ressalto, no entanto, que essa foi também uma questão à qual os jovens apresentaram certa dificuldade de compreensão, sobretudo em torno do termo “casa própria quitada”, que precisou ser esclarecido durante a aplicação do questionário em todas as turmas. A situação de moradia pode ser um indicador da cultura da migração, visto que construir a casa própria é o sonho da maioria das pessoas que emigram evidenciado em pesquisas que analisam o destino das remessas (Cf. SIQUEIRA, 2006), o principal investimento em SGP é no setor imobiliário.

Quando questionados sobre a renda da família, 50,3% dos jovens afirmaram não saber informar; 18,5% declararam renda de até um salário mínimo; 12,8% de um a dois salários mínimos; 11,3% de três a quatro salários mínimos; 4,6% de três a quatro, 2,1% responderam que a renda mensal da família é de mais de 4 salários mínimos e 0,5% dos inqueridos não respondeu a esta pergunta. Mesmo com o alto índice dos que declararam não saber a renda da família, meu contato, durante a observação no campo, evidenciou que a maioria é de famílias pobres, muitas das quais dependiam de ajuda financeira dos parentes emigrados. Vale ressaltar ainda a existência de um pequeno grupo de abastados nessa amostra. São fazendeiros, comerciantes, políticos, enfim, a elite financeira da cidade que, não tendo outra opção para cursar o ensino médio, frequentavam essa que é a única escola a ofertar essa modalidade de ensino no município.

Sobre a escolaridade dos pais alguns aspectos me chamaram atenção. Primeiro a constatação de que essa é uma geração mais escolarizada que a dos pais, reconhecidamente uma tendência nacional. Entre os pais, aqueles que nunca estudaram representavam 11,8% da amostra. Os que sabem ler e escrever ou que concluíram o ensino fundamental perfazem um total 64,1%. Disseram desconhecer a escolaridade do pai 17,4% dos jovens e 3,1% não responderam. Apenas concluíram o ensino médio 1,0% dos pais e 0,5% chegou ao ensino superior. Portanto, o que se observa é que, diferente dos filhos que estão cursando o ensino médio, 75,9% dos pais desses jovens não chegaram a atingir o final da escolaridade básica, evidenciando uma tendência nacional de ampliação do acesso ao ensino médio.

Mesmo se comparados às mães que, em termos de escolarização, estão em ligeira vantagem em relação aos pais, essa geração corrobora os dados que apontam para a expansão do ensino médio no Brasil. Embora os números das mães que cursaram o ensino fundamental ou que apenas conseguem ler e escrever seja relevante (51,3%), o número das que não estudaram ou que têm a escolaridade desconhecida pelos filhos é menor se comparadas aos pais (8,2% e 7,7% respectivamente). A vantagem mencionada, no caso das mães, é mais perceptível no acesso ao ensino médio, alcançado por 7,2% e ensino superior e/ou pós-graduação, alcançados por 6,6% das mães.

O fato de os filhos estarem em um nível de escolaridade cuja maioria dos pais jamais cogitou chegar, requer dos pais – em boa parte dos casos das mães - estratégias de incentivo à escolarização que são pouco convencionais aos padrões urbanos pós-modernos que conhecemos. Nesse sentido, os castigos e os couros (surras) são muitas vezes a forma que essas mães encontram para demonstrar o valor que aferem aos estudos e estimular os filhos a continuarem estudando.

[...] Aí ela [*a diretora*] foi... Abriu o portão e me deu suspensão. Eu peguei meu caderninho e fui pra lan house... Quando pensa que não minha mãe subindo igual uma arara. Tinha chegado [*de GV*] e eu não sabia! [*risos*] E eu lá bebendo! Aí, meu Deus do céu. Ela me deu chinelada no meio de todo mundo! Gritou comigo pra caramba! Calma véi! Ela ficou horrorizada, triste, muito triste. Claro, também quem não ficaria com um atrevimento todo desse? Aí me cortou no couro na frente dos meninos. [*Na lan house*] (Thalia).

Em diversas ocasiões ouvi relatos de jovens dentro da escola sobre os couros (surras) que levaram por ter tirado notas baixas, por ter sido flagrado colando, por ter tido o celular confiscado dentro da escola, por responder à diretora, à supervisora ou a algum professor ou por descumprirem outras regras escolares. Sobre as estratégias, no dia da reunião de pais na escola, em que tive a oportunidade de ser apresentada à comunidade escolar e de conversar um pouco com os pais, ouvi de uma mãe sua estratégia para mandar o filho para a escola. Para essa mãe, moradora da roça, perguntei se seu filho não tinha preguiça de levantar cedo para ir para a escola, ao que ela me respondeu:

[...] Tem sim! Ele tem preguiça de levantar cedo para ir para a escola, mas ele já sabe que não for para a escola também não vai ficar dormindo, vai levantar e ir direto capinar o quintal. “Ele sabe que se ficar em casa não vai ter moleza, vai ficar o dia inteiro capinando, então ele vem pra escola, nem que seja com preguiça. E eu nem levanto pra chamar. Ele já sabe, bota o despertador, se levanta sozinho e vem porque se eu acordar e ele tiver lá, vai direto pro cabo da enxada”. Ela olha o boletim do filho, satisfeita com as notas azuis, embora na média e lamenta o fato de não ter melhorado, mas diz que se dar por satisfeita do filho não ter notas vermelhas. (NOTAS DE CAMPO - 27/05/11)

Conforme evidenciado no relato dessa mãe, e que tem semelhança com muitos outros que ouvi durante a investigação, a forma dessas famílias relacionarem-se com a escola e com os próprios filhos nas questões relativas à escola, pauta-se, por um lado, por uma adesão quase que incondicional das regras escolares e, por outro, pelo “autoritarismo” em relação aos filhos e ao modo como estes devem “obedecer” às regras da escola. Certa vez a coordenadora me explicou que em alguns casos de indisciplina preferia nem chamar as famílias porque sabia que não haveria diálogo, que provavelmente o jovem seria espancado e poderia piorar o comportamento dentro da escola.

Nesse sentido, a nova ordem que regula os valores da família contemporânea que, segundo Nogueira (2005), pauta-se não mais no autoritarismo, mas na comunicação e no diálogo, parece ainda ser uma realidade distante do contexto analisado, onde a tendência é muito mais de relações entre pais e filhos mediadas por ameaças do que pelo diálogo. Ressalto, no entanto, que esta é uma tendência que parece caminhar para mudanças visto que, embora muitos jovens tenham relatado casos de espancamentos, muitos também diziam que a vida deles era boa em vista o que foi a dos irmãos mais velhos, que levavam surras mais regularmente e bem mais dolorosas.

Essas famílias têm como principal ocupação as atividades locais, seja no trabalho com a terra, em propriedades da família, que corresponde a 24,1% da atividade profissional dos pais; seja nas atividades domésticas, em casa, que corresponde a 45,1% das atividades das mães. As atividades informais, aqui entendidas por variadas atividades remuneradas sem carteira assinada, como pequenos comércios, representam a segunda realidade mais presente na vida dos pais, perfazendo um total de 17,9% dos casos. Também nesse aspecto as mães estão em situação de leve vantagem em relação

aos pais, visto que, se os pais estão mais na informalidade, entre as mães 10,8% desenvolvem trabalho remunerado com carteira assinada. Tal vantagem pode estar relacionada à vantagem escolar das mulheres em relação aos homens, apontada anteriormente.

Ainda sobre as ocupações dos progenitores, 10,3% dos pais são aposentados/pensionistas; 4,1% desempregados; 2,1% trabalhadores sazonais; 11,8% dos jovens declararam desconhecer a atividade profissional dos pais e 7,2% não responderam. Quando perguntados, em questão aberta, sobre que tipo de atividades são exercidas pelos pais, é significativa a quantidade de jovens que não respondeu à pergunta (28,2%), ou respondeu que não sabe qual é a principal atividade profissional do pai (9,7%). A ausência de resposta quanto à atividade profissional da mãe também foi relativamente alta, 17,4% não responderam e a maioria se ocupa das atividades do lar, 45,1%.

Chama atenção a forte presença da mão-de-obra emigrante entre os progenitores, sobretudo entre os pais, que representa 13,3% dos que trabalham e vivem em outra cidade, ao passo que para as mães tal realidade, embora esteja presente, é menos frequente, representando apenas 3,1% das mães. Na maioria dos casos, a outra cidade de trabalho fica fora do país, ou seja, 5,1% dos pais nesta situação trabalham nos Estados Unidos, 1% em Portugal e 0,5% no Canadá. No caso das mães, 2,6% das que trabalham fora da cidade estão nos Estados Unidos, ou seja, quase a totalidade. No contexto atual, de crise nos países desenvolvidos, a observação de campo evidenciou um alto número de trabalhadores retornados. Em visitas às famílias durante a pesquisa de campo conheci muitas histórias de retornados, em alguns casos o pai e a mãe, em outros irmãos dos jovens pesquisados.

Por fim, o valor que os jovens atribuem à família é uma característica importante na condição juvenil nesse contexto. Tanto os dados do questionário como a convivência cotidiana me mostraram a força dos laços familiares, com ênfase nas figuras da mãe e da avó. A relação, embora não se possa afirmar que seja pautada no diálogo – aliás a falta de diálogo com os adultos é uma das maiores reclamações dos jovens – baseava-se na proximidade, na convivência, no apoio possível dos pais aos jovens nos momentos de dificuldade e, sobretudo, nas surras para corrigir o que os pais consideravam errado nos filhos. Os relatos dos “couros” eram muito frequentes, sobretudo nas meninas.

3.3 – A VIDA ESCOLAR

Pelo que os dados evidenciaram da pouca escolaridade das famílias desses jovens, é possível afirmar que a escola ocupa lugar central para essa geração, embora eu não esteja com isso afirmando que tal centralidade seja algo voluntário ou mesmo consciente para esses sujeitos. O fato é que, oriundos de famílias pouco escolarizadas, como constatado, o desafio de chegar ao ensino médio, que parecia uma conquista difícil nas gerações anteriores, era algo feito a duras penas para a maioria absoluta desse grupo, que precisava enfrentar estradas de terra, lama, chuva, enfim, madrugadas de viagem para chegar até a escola, na cidade. Mas o faziam, para orgulho das famílias. Ter um filho “formado”, como são chamados aqueles que concluem o ensino médio na cidade, era uma vitória para muitas dessas famílias.

O ensino médio, etapa final da escolarização básica, vem apresentando crescimento ininterrupto nas matrículas, partindo de 59,7% em 1992 para 85,2% em 2009. Os números, no entanto, escondem os sujeitos e os desafios que enfrentam. Quando se analisa quem são os jovens de 15 a 17 anos que estão frequentando esse nível de escolaridade, vemos que as desigualdades regionais são o maior desafio às políticas públicas. As polaridades norte/sul e rural/urbano são marcadores importantes das desigualdades do nosso país e também se apresentam de forma cruel nesse caso. Os jovens em idade regular matriculados no ensino médio no período de realização da pesquisa eram, em sua maioria, moradores da região Sudeste (60,5%) e das zonas urbanas metropolitanas (57,3%). Os jovens do campo representavam 35,7% desse total. (IPEA, 2010). Nesse sentido, considera-se que a condição de aluno é um traço significativo na condição juvenil nesse contexto e compreendê-la constitui tarefa significativa para compreender também esses números.

A escola onde estudavam, embora seja uma escola urbana, atendia a uma população majoritariamente de moradores do campo, que dependiam do transporte escolar para se locomover e dependiam ainda das condições climáticas para terem garantido o acesso à escola em determinadas épocas do ano. Isso explica os altos índices de infrequência, evasão e até pedidos de transferências para escolas de outros municípios, cujo acesso fosse mais fácil. No ano de 2011, quando retornei à cidade depois do período de férias (e de chuvas), um aspecto que me chamou bastante atenção

foi alto índice de pedidos de transferências para uma escola do município de Governador Valadares, que fica mais próxima para os alunos da comunidade do Vinhático, o mais populoso dos distritos do município. Os jovens me explicaram que preferiram mudar por causa da distância e também porque nessa escola as aulas aconteciam à noite e isso lhes permitia trabalhar durante o dia.

O transporte escolar era utilizado por 72,3% dos estudantes, que dedicam boa parte do tempo escolar a caminho da escola. Quando perguntados sobre quanto tempo gastavam nesse percurso, 25,1% afirmaram gastar de 30 minutos a 1 hora; 21% de 10 a 30 minutos; 22,6% menos de 10 minutos; 20,5% afirmavam gastar de uma a duas horas e 4,1% mais de duas horas nesse trajeto. Ou seja, se consideramos as viagens de ida e volta, muitos desses jovens chegavam a gastar na estrada o mesmo tempo que permaneciam na escola dedicando, portanto, oito horas diárias da sua vida à escola. Esse ritmo pode ser um comprometedor do desempenho escolar e até um catalizador dos fortes índices de infrequência, evasão, repetência e pouco aproveitamento dos estudos. Era comum, por exemplo, relatos de estudantes dormindo em sala, na hora das aulas, o que pode ter relação com o fato de terem de acordar muito cedo.

Perguntados se já repetiram de ano, menos da metade, ou seja, 48,7% responderam que não. Entre os que já repetiram, 26,2% repetiram uma vez; 14,9% duas vezes e 9,7% repetiram mais de duas vezes. Sobre evasão, 78,5% afirmaram nunca ter ficado sem estudar, enquanto 20,5% responderam que sim e 1% não respondeu. Esse considerável índice dos que, em algum momento da trajetória escolar, deixaram de estudar é observado na escola em quase todas as faixas etárias, à exceção dos jovens de 14 e 15 anos, que não apresentaram nenhum caso de evasão durante o percurso escolar.

Quando perguntados sobre a importância da escola, com resposta estimulada, para 70,3% a escola era importante para ter mais oportunidades na vida; para 16,4% para ter uma profissão; para 5,6% para aprender os conteúdos escolares; para 3,6% para se tornar uma pessoa educada; para 3,1% para encontrar os amigos e para 1% para entender a realidade. Isso evidencia, portanto, a forte crença na escola como o caminho para uma vida melhor ou, como dizem os jovens nas suas falas, “para ser alguém na vida.” Em visitas às casas dos jovens ouvi de muitos pais e mães a frase: “eu não estudei mas quero estudar meu filho.”

No contexto investigado a dificuldade parecia maior, de acordo com relatos dos professores e dos pais, quando os jovens chegavam ao ensino médio, etapa da escolarização básica que tem sido definida por alguns estudiosos da educação como sem identidade e os jovens parecem sentir isso. Em inúmeras ocasiões eles se queixavam de que não sabiam o que estavam fazendo ainda na escola, de que não viam sentido no que estavam aprendendo e de que ficavam em dúvida se continuavam na escola ou arranjavam um trabalho. Nesses casos, a primeira opção parecia pesar mais, visto que havia ali uma visão redentora da escola como a solução para os problemas enfrentados pelos jovens. Além disso, para alguns a escola era uma alternativa ao trabalho pesado da roça e à falta espaços de lazer e sociabilidade na cidade, evidenciando que esses jovens também “criam sentidos e motivações diferenciadas para estar na escola”, como mostrou Leão (2011, p. 102) em estudo sobre jovens do estado do Pará. Essa instabilidade de sentimentos relativos convergia para produzir trajetórias truncadas, marcadas por infrequência, evasão ou mesmo desestímulo pra prosseguir nos estudos. É o que fica evidente na fala desse jovem, do grupo de enturmados, que repetiu todas as séries do ensino médio:

Antonio – Não, eu acho que tipo, eu sempre busquei o conhecimento, mas não o conhecimento assim... [pausa].

Pesquisadora – Escolar...

Antonio – É. Escolar. Eu sempre busquei conhecimentos da vida, tipo, eu quero o conhecimento científico, eu não quero saber... tipo, negócio de escola eu acho muito chato. Eu não tenho interesse nenhum, mas pra fazer o que eu quero fazer, pra estudar o que quero estudar eu tenho que passar essa etapa, né? Então...

Pesquisadora – A escola é uma coisa difícil para ti?

Antonio – Não, igual, eu gosto de escola, não gosto de estudar, entendeu?

Pesquisadora – Então, o que tu gosta na escola?

Antonio – Na escola eu gosto de tudo, menos de estudar. Eu gosto de ir, bagunçar, ficar no meio da galera, conversar, mas na hora do estudo já me dá sono, me dá raiva, me dá tudo. Eu só fico olhando pro relógio. Acho que é por isso que eu não aprendo, porque quando eu não tô cochilando eu tô olhando pro relógio, aí eu... mas, tá indo. Eu tô empurrando com a barriga, mas tá indo. Eu acho que eu tirei até nota azul. Eu fiquei na média esse bimestre, eu acho que meu objetivo foi alcançado.

Sobre a participação das famílias, apesar da pouca escolaridade, os pais acompanhavam frequentemente a vida escolar de 52,8% dos jovens, em níveis

diferenciados de participação e envolvimento. Acompanhavam apenas quando eram chamados na escola em 28,7% dos casos; somente quando o jovem estava com problemas em 9,7% dos casos e não participavam em nada na vida escolar de 8,2% dos inqueridos. A participação, na maioria dos casos, limitava-se a comparecer à escola no dia de receber o boletim; chamar a atenção quando recebia uma reclamação sobre o filho por parte da escola e estimular a frequência.

Conforme já mencionado, a participação das famílias na vida escolar dos filhos, uma das grandes demandas dos educadores hoje, parecia encontrar na própria falta de domínio da cultura escolar por parte dos pais as suas limitações. Ouvi diversos relatos de mães, sobretudo moradoras da zona rural, que diziam não ir à escola do filho porque “*não sabiam falar direito*”. Não saber falar direito quer dizer não tinham se apropriado da língua padrão culta, utilizada na escola. Nesse sentido, não me parece que esses pais possam ser julgados na perspectiva da “*demissão parental*” (DIOGO, 2010), ou seja, que se eximem das suas repsonsabilidades com relação à vida escolar dos filhos. Nesses casos compartilho da tese de Silva (2003) que define a relação escola-família como uma relação entre culturas, ou seja, a cultura escolar e as culturas dos discentes. “*Ela é a relação entre uma cultura urbana, letrada, teoricista e abstractisante, de classe média, adultocêntrica, lusa e católica (no caso português) e a cultura ou culturas locais.*” (SILVA, 2003, p. 356). Se esses pais desconhecem essa cultura escolar, como podem dialogar com essa instituição?

A relação das famílias com a escola, nessas condições, pode ser conflituosa uma vez que essas famílias pareciam enxergar melhor que a própria escola o foço existente entre o discurso de que todos somos iguais e que todos têm voz na escola. Pareciam perceber também o abismo existente entre o seu mundo do mundo da escola dos filhos. Para Silva (2003, p. 358), a “*distinção entre equivalência antropológica das culturas e sua desigualdade sociológica*” parece crucial, uma vez que a escola é monocultural e os sujeitos que a frequentam são plurais e chegam ali com uma pluralidade muitas vezes pouco conhecidas e/ou desvalorizadas. Ouvi de algumas mães que se sentiam envergonhadas e que por isso preferem nem ir à escola do filho. Segundo a direção, a participação nas reuniões de pais era muito baixa, não chegando a um terço das famílias da comunidade escolar. Quando iam à escola e ouviam reclamações dos filhos, muitas vezes recorriam aos castigos físicos e às surras para “*botar o filho na linha*”, atitude que

deixava a escola receosa por saber que alguns pais podiam complicar ainda mais a vida escolar dos filhos com suas formas próprias de estímulo aos estudos.

Para muitos jovens dessa escola, sobretudo os moradores e trabalhadores do campo, a escola era vista como um momento de fuga do trabalho pesado, um espaço de lazer, muito mais do que como um espaço de saber. Essa forma de se relacionar com a escola pode ser um reflexo da forma da família se relacionar, uma vez que não tendo a maioria dessas famílias um domínio da cultura escolar que os permita articular os saberes escolares à vida cotidiana, esses jovens não construíam outros sentidos para a escola. Ou seja, quando a mãe utiliza-se da ameaça de trabalho pesado para obrigar o filho a ir à escola – e o faz porque não tem ela própria outro argumento para persuadi-lo – está se utilizando do único artifício de que é capaz de lançar mão para colaborar com os apelos da escola à participação da família na vida escolar dos filhos. Por outro lado, a escola, por desconhecer esses sujeitos além dos seus muros, por desconsiderá-los além da condição de aluno, também não consegue estabelecer esse diálogo.

A observação inicial parece apontar para o fato de que alguns jovens viam a escola como a detentora de uma credencial para uma vida melhor, capaz de livrá-los, no presente e no futuro, da dureza do dia-a-dia, do trabalho cansativo na roça ou no curral. No entanto, além de se apropriar da ideia da importância da escola, esses jovens e suas famílias ainda não maturaram suficientemente a ideia da importância do saber escolar. Alguns se sentiam contemplados simplesmente com o status de estudantes da Escola Estadual Sebastião Gualberto.

3.4 - LAZER E SOCIABILIDADE

Uma dimensão importante da condição juvenil, os momentos e espaços de lazer e sociabilidade, constituem aspecto significativo para a compreensão da vida desses jovens. No município de SGP esses espaços são raros, corroborando o que evidenciaram Brenner, Dayrell e Carrano (2008) que no Brasil, quanto menor o município, menor a existência de equipamentos culturais. Carneiro (1998) salienta que essa falta de espaços de lazer é um dos fatores responsáveis pela avaliação negativa que os jovens têm do campo e pelo desejo de migrar. Para os jovens de SGP, apesar da escassez de espaços e equipamentos apropriados, os momentos de lazer e sociabilidade muitas vezes são

tempos criados e negociados pelos próprios jovens e entre eles mesmos. Por exemplo, a casa de amigos e parentes era o principal local de encontro da juventude, apontado por 50,5% deles como o local que mais frequentavam no tempo livre. Os grupos religiosos foram apontados por 15,9% e os clubes, o terceiro local mais frequentado, por 14,4%. Também apareceram as ruas e praças, com 7,2% e a casa da avó, com 4,6%.

A casa da avó, por sinal, é um espaço de lazer e de encontro típico dos moradores locais. Durante o tempo em que vivi na cidade percebi que um dos programas mais comuns nos finais de semana e datas festivas é o almoço na casa da avó. Durante a semana o programa mais comum entre os jovens é o encontro na casa dos amigos, em geral ao redor do fogão, preparando algum prato simples da culinária local, como a banana frita ou o bolinho de banana. Esses encontros animados, em que os jovens se reúnem para cozinhar, comer, conversar, ouvir música e, se tiverem dinheiro, tomar uma cerveja, são chamados pelos moradores locais de “resenhas”. Fui convidada para uma resenha na segunda semana em que estava vivendo na cidade e, como ainda desconhecia quase tudo da linguagem nativa, estranhei o convite, como relatei em meu caderno de campo, mas fui conferir.

São quase 18h30 horas. A cidade é um pouco barulhenta nesse horário. As crianças brincam na rua e o movimento de carros na prefeitura, que fica ao lado da casa onde moro, são os principais motivos desse pequeno desassossego. Nada que oculte a estridulação dos grilos. Como de costume, estou digitando as rápidas notas que tomo durante o dia. Uma jovem professora da escola acaba de encostar-se à minha janela me convidando para uma resenha na casa do namorado dela. Da forma como ela falou fiquei confusa se havia entendido bem o convite: “Ei Zê, tá boa, bem? Aqui, vamo lá no Marcos mais tarde? Nós vamo fazer uma resenha lá.” Pensei: “bem, nesses quinze dias não recebi qualquer convite e agora ela me chama pra fazer uma resenha! Como assim? Vou lá... pode ser que ela esteja precisando da minha ajuda para fazer algum trabalho acadêmico.” (NOTAS DE CAMPO - 06/10/10).

É significativa a centralidade dos amigos na vida desses jovens, uma característica tipicamente juvenil já constatada em diversas pesquisas (ABRAMO, 2008; DAYRELL, 2004 e 2007, dentre outros), e que nesse contexto pode estar relacionada também à dispersão familiar provocada pela migração. Esta é apenas uma hipótese, levantada a partir da convivência com alguns jovens que têm ou tiveram muitos membros da família vivendo fora e acabavam buscando os amigos para conversar e troca de experiências. O questionário mostrou que os amigos eram as

pessoas com quem os jovens mais conversavam quando estavam com alguma dificuldade ou dúvida sobre algum assunto pessoal, apontado por 41% do entrevistados como interlocutores privilegiados. As casas dos amigos eram também os locais mais frequentados pelos jovens, 47,7%, algo que pode estar relacionado também à própria falta de espaços públicos de lazer e diversão. Esse fato, de certa forma, imputa aos amigos uma grande responsabilidade no processo de socialização desse grupo, sinalizando para um tipo de socialização horizontalizada, entre pares.

Em se tratando de locais fechados ou espaços privados de lazer, as opções eram poucas e os locais apontados como os que os jovens tinham mais possibilidade de acesso na cidade foram os locais para a prática de esportes, assinalados por 39,5%. A cidade dispunha, na sede, de um campo de futebol bem conservado e uma quadra de esportes precária, além, de campos de futebol também nos principais distritos. O futebol, por sinal, era a principal modalidade de esporte coletivo, mobilizando os jovens em torno dos campeonatos locais. Os meninos dentro e as meninas fora de campo, na torcida. A quadra da sede era utilizada também como espaço para realização de bailes, já que os dois clubes da cidade não tinham autorização municipal para funcionar com esse fim.

Outra modalidade esportiva muito comum era o truco, jogo de cartas praticado por crianças, jovens e adultos. Os jogos de truco constituíam momentos de lazer e sociabilidade intergeracional. Os nativos costumavam organizar campeonatos de truco para reunir os amigos e chegavam a ficar horas seguidas, noites inteiras jogando, bebendo e gritando muito. Nos encontros familiares, como o almoço na casa da avó, também não podiam faltar uma mesa de truco, com jogadores de todas as idades e sem recorte de gênero.

Os bailes eram a segunda opção de lazer na cidade, apontados por 26,2% dos jovens. Em geral eram organizados pelos jovens estudantes concluintes do ensino médio que atrelavam a oportunidade de diversão com a possibilidade de angariar fundos para a formatura no final do ano. Os jovens promoviam diversos bailes ao longo do ano e a mobilização era feita não apenas pelo boca-a-boca, mas também por meio das redes sociais, como mostram alguns convites postados no Orkut e no Facebook durante o período em que lá vivi. O primeiro promovido pelo Grupo de Jovens Mensageiros de Cristo e os outros pelos jovens concluintes do ensino médio.

Figura 10: Festas organizadas pelos jovens



A religiosidade também estava ligada à sociabilidade, sendo as festas religiosas a terceira opção de lazer, apontada por 11,8%. Os clubes eram a preferência de 9,7% e

os bares para 5,1%. O número de bares na cidade foi algo que muito me chamou atenção. A pequena cidade não tem mais que vinte ruas e nas principais ruas há pelo menos dois bares. Os mais frequentados pelos jovens eram o *trailer*, também conhecido como Bar do Djalma, e o Bar do Cote. Também foram citados os dois clubes da cidade que contam com piscina, sinuca e lago de pesca.

Perguntados, em questão aberta, sobre que espaços de lazer e sociabilidade gostariam que tivessem na cidade, embora 26,6% não tenham respondido à pergunta, o *shopping center* liderou a lista dos desejos, apontado por 23,1% dos jovens, seguido de cinema (14,9%), academia de ginástica (8,2%) e shows musicais, sugeridos por 7,2% dos jovens. As expectativas dos jovens evidenciaram, além de uma carência de espaços públicos de lazer e encontro para os jovens, uma demanda por espaços que muitas vezes sequer conheciam, como o caso do cinema. Quando perguntados qual foi a última vez que foram ao cinema, 74,9% responderam que nunca foram ao cinema, enquanto 18,8% há mais de um ano atrás; 6,7% de dois a seis meses, 3,6% de seis meses há um ano atrás e apenas 1,5% havia ido ao cinema no mês em que foi aplicado o inquérito. Indagados sobre o que costumam fazer no tempo livre, preponderaram as atividades domésticas para 24,1% dos jovens, seguidas das atividades esportivas e ouvir música, igualmente por 16,4% e o uso do computador por 13,8%.

O que se percebe é que algumas atividades culturais presentes nos grandes centros urbanos, como cinema, embora figurassem no desejo desses jovens, como apontado anteriormente, não era uma realidade para a maioria absoluta deles. Por fim, é importante ressaltar que como essas questões foram fechadas, embora tenha sido sempre dada a possibilidade da opção “outros”, um dos eventos de lazer mais populares e que não apareceu nas respostas são as cavalgadas¹⁷, muito comuns na região e que atrem não só jovens, mas uma das atividades de lazer preferidas da maioria dos jovens, evidenciado durante o período em que lá vivi.

3.5 – RELIGIÃO

¹⁷ Passeio a cavalo que reúne dezenas ou centenas de pessoas para fazer um percurso com partida e chegada determinados. As cavalgadas podem ser de iniciativa de algum grupo religioso, para comemorar uma data festiva de um santo, ou mesmo de iniciativa de alguma família. Em geral tem início na parte da manhã. Os integrantes tomam o café da manhã no local da partida e seguem em cavalgada até o ponto final, onde é servido o almoço e, em geral, prossegue a diversão pelo resto do dia.

Hoje cheguei mais cedo à escola. Os alunos da zona rural já estavam nas imediações, aguardando a abertura do portão, que ocorre às 6h50 [...]. Essa chegada mais cedo me serviu para fazer uma descoberta interessante, observando casualmente o início de uma aula. Percebi um grande deslize que cometi quando comecei as minhas aulas de sociologia esta semana. A escola guarda o costume de rezar no início do dia, na primeira aula, o que eu nem imaginava quando comecei minhas aulas, na segunda-feira. Quando entrei na primeira turma percebi algo diferente. Todos os alunos levantaram-se e permaneceram de pé à minha frente. Estranhei a atitude e fiquei sem entender o que se passava e como deveria reagir. Na hora a única coisa que me ocorreu foi a lembrança de um dos costumes da escola católica onde estudei no ensino fundamental que era a obrigatoriedade de levantar quando entrava alguém estranho na sala. Não que eu fosse estranha, mas nada mais me ocorreu naquele momento. Assim, fiz exatamente como se fazia naquela ocasião na minha escola. Agradei e disse que poderiam sentar-se. Percebi um clima estranho, os alunos se entreolhando, obviamente que sem entender minha atitude, mas não fizeram nenhum comentário. Agora percebo o que houve. Esqueci de rezar e preciso pensar uma estratégia para, na próxima semana, voltar ao assunto, na única turma onde tenho a primeira aula do dia, e me desculpar. (NOTAS DE CAMPO - 21/10/10).

A religião é outra marca importante da condição juvenil em SGP, fortemente estimulada por outras instituições socializadoras como a escola, a família e o grupo de amigos. A escola e a família por acreditarem na religião como algo que vai proteger os jovens dos males mundanos e os jovens por encontrarem nas atividades religiosas um espaço de encontro. Corroborando algumas pesquisas que apontam a preponderância do catolicismo no interior do país (ABRAMO, 2003; NOVAES, 2008; PEREZ, TAVARES e CAMURÇA, 2009;), em SGP a religião católica é predominante entre os jovens. O questionário revelou que quase a totalidade dos jovens frequentavam alguma religião e evidenciou a hegemonia da religião católica (84,6%), bem acima da média nacional que é 65%, de acordo a pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” (NOVAES, 2008), com representatividade também de evangélicos (11,8%), abaixo da média nacional que é de 22% segundo a mesma pesquisa. Apenas 2,6% disseram não ter religião.

A diferença entre os dados locais e nacionais corroboram a afirmação de Novaes (2008) de que os jovens católicos estão mais presentes nas cidades de pequeno porte do que nas grandes cidades e regiões metropolitanas. Apesar da hegemonia, o catolicismo é vivenciado de forma diferente por jovens e adultos, chegando a situações de conflito entre os jovens e os líderes da igreja igreja. Durante o tempo em que vivi na cidade pude acompanhar diversas situações de confronto entre os jovens, que clamavam por formas

de participação mais “descontraídas” nas atividades religiosas em que estão engajados e o padre, que primava pelo conservadorismo e negava qualquer manifestação de cunho carismático. Utilizo o termo carismático em referência ao Movimento de Renovação Carismática (RCC) que, embora não seja assumido, ou mesmo conhecido desse modo por todos os jovens católicos de SGP, estar de algum modo presente nas manifestações religiosas juvenis (ou pelo menos na forma como gostariam de viver a religião católica). Na igreja havia um grupo de jovens católicos – Jovens Mensageiros de Cristo – cujo líder fora afastado da igreja cerca de três meses antes de eu chegar à cidade, dizia-se carismático e se considerava perseguido pelo padre por esse motivo. A outra líder, embora permanecesse no grupo, afirmava não se sentir à vontade na igreja “por não poder louvar a Deus como gostaria”, mas diz “não saber viver longe da igreja”.

No caso do líder afastado, o que parecia incomodar era a popularidade e a capacidade de liderança que exercia no grupo, aliado ao modo como conduzia as atividades do grupo de jovens e a própria missa que o grupo era responsável. A capacidade de liderança dos seus membros, aliás, é um dos pontos fundamentais da RCC, como podemos perceber nas ações comandadas por padres cantores adeptos dessa vertente do catolicismo que aumentam a cada dia. De acordo com Valle (2004, p. 101) “uma outra marca bastante típica dos movimentos de inspiração carismática é seu *élan* criativo associado à juventude de seus participantes”. Nesse caso, a liderança dos jovens é o que parecia mais incomodar o padre, como mostram alguns registros feitos no campo.

Hoje, mais uma vez, acompanhei o encontro do grupo de jovens. No horário marcado me dirigi à igreja. De longe percebi que um pequeno grupo já se aglomerava na porta do templo que fica no topo de um morro no centro da cidade. Nenhuma outra instituição tem localização tão privilegiada na cidade como a igreja católica.



Era basicamente o mesmo grupo dos outros dias, a não ser pela presença da Ana Paula e do Bruno, antigo líder do grupo de jovens que foi destituído pelo padre depois de um desentendimento que tiveram há três meses. Eu já ouvira falar muito do Bruno, mas só o conheci há uma semana, em sua casa, quando acompanhei o grupo em uma visita à sua mãe que convalesce de um câncer. Nunca o tinha visto nas atividades do grupo e o que se dizia era que ele havia sido proibido pelo padre de frequentar a igreja. Sentei nas escadarias da igreja junto ao grupo, conversamos um pouco e logo a líder convidou a iniciar o encontro. Pediu a todos que seguissemos para fora da igreja. Descemos a rampa, afastando-nos da porta principal do pequeno templo. Ninguém entendeu o porquê. Alguém perguntou para onde iríamos, mas a líder não respondeu, apenas pediu que a seguissemos, o que todos fizemos. Demos a volta na praça e voltamos pela rampa lateral da igreja, dando a volta para entrar na sacristia, que fica na lateral oposta à que entramos. Ao chegarmos ela explicou que se tratava de uma dinâmica inicial e que seria importante para que todos refletissem sobre a importância de confiar nos líderes do grupo. Quando os últimos do grupo chegaram, e eu estava entre esses, Bruno já havia entrado na pequena sala do Santíssimo. Foi quando o padre surgiu na porta da sua casa, que fica na parte mais baixa do morro, e chamou a líder Gabi. Ela desceu, aproximou-se dele que bradou em voz alta, ignorando a proximidade que se encontrava da jovem: “eu não quero esse rapaz na minha igreja! Não quero, de jeito nenhum!”. Ela assentiu sem nada responder e subiu para juntar-se ao grupo. Ele continuou gritando lá de baixo e diante do olhar de espanto e do silêncio absoluto dos jovens, ele voltou atrás e disse: “Se ele quiser ficar que fique, mas não quero que toque em nada. Ele não pode tocar em nada ai dentro, em nada.” Embora tenha ouvido muitas histórias sobre o padre durante esse tempo em que aqui estou, imaginei que havia uma dose de exagero no que as pessoas falavam. [...]. Esse momento foi muito doloroso para mim. Foi difícil manter a postura ética do pesquisador e não interferir na realidade. A vontade que tive foi de tomar a defesa daqueles jovens que pareciam acuados e amedrontados. No entanto, para minha surpresa, eles não obedeceram à ordem do padre. Em silêncio todos seguiram para dentro do templo, inclusive o Bruno. Iniciaram a cerimônia de adoração ao santíssimo com a oração do Pai Nosso. Cantaram e leram um

trecho da Bíblia, uma passagem que fala de Daniel na cova dos leões. Bruno fez a leitura e, em seguida, uma reflexão sobre a postura de fé e resignação que não permitiram que Daniel fosse devorado pelos leões. Os jovens rezavam e cantavam de uma forma que eu nunca tinha visto, parecendo querer dizer alguma coisa, gritar algo que estava preso na garganta. Cantaram muito alto e com bastante vigor. Ao término da leitura do evangelho e de algumas canções – não consigo me lembrar quantas – Bruno toma a palavra e convoca a todos a assumir postura semelhante à de Daniel perante as dificuldades que o grupo enfrenta. Faz referências às suas desavenças com o padre, rezando por ele. Lembrou a falta que sentiu da igreja e de estar com os colegas durante os quase três meses em que esteve afastado. A essas alturas os jovens ali presentes choravam copiosamente. Apesar da penumbra do ambiente, era possível ouvir soluços emocionados. Neste momento foi impossível manter a postura imparcial de pesquisadora. Também me rendi às emoções e não consegui conter as lágrimas. Foi inevitável naquele momento me perguntar sobre o significado de tudo aquilo para aqueles jovens, o poder que a fé exerce sobre eles, a angústia que eles pareciam demonstrar por não serem compreendidos pelo fato de quererem manifestar sua fé de outra forma que não àquela desejada pelo padre. Ao final da celebração uma senhora que estava rezando no santíssimo se manifestou, pedindo a Deus que iluminasse os jovens para que eles “parem de brincar com fogo”, referindo-se a atitude de resistência, quando os jovens entraram no templo com alguém que não tinha a permissão do padre. Ela pedia a Deus que iluminasse os jovens para que eles entendam que uma autoridade precisa ser respeitada, não pode ser questionada, estando ela certa ou não. Os jovens não responderam o discurso da beata e encerraram o encontro com uma proposta de fazerem uma semana de oração a partir dali. (NOTAS DE CAMPO - 01/12/10).

Também na forma de vivenciar a religião é possível perceber certa falta de sintonia entre as gerações jovens e adultas. Enquanto os jovens, embora seguindo a religião dos pais, não vivenciam a religiosidade da mesma forma que os adultos, seguindo à risca os preceitos e rituais do catolicismo tradicional, esses, por sua vez, tendem a agir com certa condescendência em relação à autoridade do padre, inclusive em assuntos com os quais não concordam. Nesse sentido, vale ressaltar que na cidade não é apenas a relação dos jovens com a instituição igreja que é emblemática, mas, como evidencia o enxerto retirado do caderno de campo, a figura do padre é uma variável importante, que afeta a relação não apenas dos jovens, mas, por vezes, dos próprios adultos com a igreja. Em diversas ocasiões ouvi relatos de adultos que se afastaram da igreja por desavenças com o padre. A diferença é que os jovens, pelo menos boa parte deles, se recusa a se afastar da igreja e prefere enfrentar e assumir uma postura de resistência, enquanto os adultos apenas aderem aos ditames do padre. A

semana de oração foi vista por alguns como um desafio dos jovens ao padre e por outros como um ato de fé e louvor a Deus, reunindo dezenas de jovens nos últimos dias.

Terceiro dia de oração. Ontem eu estava no Vinhático e não pude acompanhar o encontro do grupo que, segundo relatos, caminhou em oração pelas ruas da cidade. O grupo começou com 12 e hoje já eram 24 jovens participando. No templo havia uma senhora rezando. A oração, mais uma vez, foi conduzida pelo Bruno que, em alguns momentos, referia-se ao padre em tom desafiador, tratando-o pelo nome e afirmando que estavam ali para rezar por ele e para pedir a Deus que ilumine seus pensamentos. Em um dado momento ele pede a quem precisa de oração que se aproxime do santíssimo para que possam receber a bênção final. Nesse momento a senhora que estava ajoelhada dirigiu-se a ele e o conduziu ao santíssimo, fazendo com que ele se ajoelhasse e, apoiando a mão sobre sua cabeça, fez orações pedindo a Deus que afaste o que o atormenta. A senhora rezava em tom de voz alto, em um ritmo frenético, parecendo querer exorcizar algo naquele jovem. Ela clama aos jovens que recuem, que se conformem com o padre que têm e que o aceitem tal como ele é. [...] No quarto dia de oração, ao contrário, uma manifestação de apoio de uma senhora pareceu dar um novo ânimo aos jovens. Essa senhora, que aparentava ter uns 65 anos, rezou pelo Bruno, pediu clemência a Deus por ele. Falava da necessidade de que os jovens sejam compreendidos, que sejam aceitos como são e que não mudem só para satisfazer a vontade do padre. Ao final da oração Bruno pediu a todos que se dirigissem e se ajoelhassem à frente do santíssimo para a oração final. Neste momento optei por me manter de pé, ao fundo do pequeno templo que estava lotado, com cerca de 30 pessoas. Estavam todos de olhos fechados, ajoelhados e o Bruno de pé, conduzindo a oração. Nesse momento entra o padre, de forma intempestiva, põe-se em frente ao Bruno e aproxima o dedo da sua boca, fazendo gesto de pedido de silêncio. O ambiente estava na penumbra, iluminado apenas pela luz vermelha ao lado do Santíssimo e não foi possível captar as expressões do rosto nem do padre nem do Bruno, mas foi possível ver claramente que ele repetiu o gesto três ou quatro vezes até que o jovem assentiu e calou-se. (NOTAS DE CAMPO – 29/11/10).

Essa semana foi um dos períodos mais marcantes da minha presença no campo. Embora, pelos limites deste estudo, não seja possível fazer uma análise mais apurada desses acontecimentos (creio que tampouco consegui fazer um relato que descrevesse tais episódios contemplando o real significado que teve para todos que ali estavam), optei por tentar descrever os episódios da forma mais fiel à realidade. A importância foi tal que durante a semana a Thalia me procurou perguntando se eu não poderia gravar os encontros para que no meu livro sobre eles isso ficasse bem explicado, e eu disse-lhe que, por questões éticas, não poderia, visto que não tinha autorização de todos ali presentes. Posteriormente fiquei me indagando se essa experiência religiosa desse grupo ganhou tal dimensão pelo valor que eles conferiam à religião ou se pelo sentimento de desafiar o padre, uma das autoridades máximas da cidade e a única dos três poderes (Padre-Prefeito-Polícia) a bater de frente e medir forças com os jovens.

3.6 – O TRABALHO

O trabalho também é outra categoria importante para o entendimento da condição juvenil no contexto analisado. Se, por um lado, esses jovens afirmam precisar estudar para ter um futuro, por outro, muitos precisam trabalhar para viver o presente. Conforme demonstra o perfil socioeconômico desses jovens, a grande maioria não vivencia a juventude na perspectiva da moratória, do adiamento das obrigações com o trabalho que os permitam dedicarem-se apenas aos estudos, mesmo no período da adolescência. O trabalho produtivo é uma realidade – e para muitos uma necessidade – desde muito cedo. É significativo o número dos que começaram a trabalhar entre os 13 e os 15 anos de idade (33,8%), como também daqueles que começaram antes dos 13 anos de idade (11,8%). Entre os que ainda não trabalhavam é significativo o número dos que não havia procurado trabalho no último mês, evidenciando a falta de perspectivas desses jovens, realidade comum à juventude do campo, marcada pela ausência de alternativas de inserção laboral, como assinala Carneiro (2008).

Como já evidenciado na descrição do município, são poucas as possibilidades de os jovens conseguirem qualquer colocação, salvo em atividades esporádicas como uma faxina para as meninas ou um roçado para os meninos. Nesse sentido, quando se dispõem a procurar trabalho geralmente o fazem em Governador Valadares ou em outras cidades onde tinham parentes ou conhecidos. A busca por trabalho era mais comum entre os jovens com mais de 17 anos, sobretudo moradores da zona rural e com condições econômicas precárias.

Hoje cheguei bem cedo e os estudantes do Vinhático já estavam na rua, à espera da abertura dos portões da escola. Aproximei-me de um grupo e comecei a conversar com a Renata, uma jovem de 19 anos, aluna do 1º ano. Ela trabalha em um alambique. Conta do medo que sente em trabalhar lá porque as pessoas que mexem com a caldeira não entendem muito bem do assunto e que aquilo lá pode explodir a qualquer momento. Ela conta que não gosta do trabalho, mas que não tem outra opção. Precisa trabalhar porque os pais não podem sustentá-la. Fala em ir para São Paulo em busca de trabalho e diz que não sabe se vai dar pra continuar estudando. (NOTAS DE CAMPO - 18/10/10).¹⁸

¹⁸ Em 2011 essa jovem não retornou à escola. Os colegas me deram notícia que ela foi para São Paulo, no final do ano de 2010, para trabalhar.

O caso dessa jovem evidencia que mundo do trabalho nesse contexto, em alguns casos, chega a ser uma ameaça à escolarização, como também sugerem alguns dados do questionário e o próprio cotidiano que esses jovens compartilharam comigo durante o período em que convivemos. Muitos ingressaram no mundo do trabalho ainda no período de escolaridade fundamental, como mostram os dados a seguir, em um sinal de que para muitos desses sujeitos a própria infância pode está sendo ameaçada.

Quadro 2: Com que idade você começou a exercer trabalho remunerado?

Ainda não trabalho	57,9%
Antes dos 13 anos	11,8%
Aos 13 anos	8,2%
Aos 14 anos	8,2%
Aos 15 anos	5,6%
Depois dos 15 anos	6,2%
Não respondeu	2,1%

Se por um lado mais da metade ainda não se considera inserido no mercado de trabalho, por outro é significativo o número dos que começaram a trabalhar antes dos 13 anos de idade. E não é qualquer trabalho. É trabalho árduo, pesado, que exige muito esforço físico de corpos ainda em formação e lhes suga as energias que poderiam (deveriam) ser priorizadas para a vida escolar.

A dificuldade em conciliar escola e trabalho, em manter-se estudando e em responder às expectativas da escola com relação aos rendimentos escolares parecer ser uma das maiores tensões enfrentadas por boa parte do grupo. O índice de repetência escolar é significativo e pode estar relacionado a essa tensão, visto que um número alto deles trabalha e muitos podem ser identificados como “trabalhador-estudante”, nos termos de Spósito (1989), vivenciando simultaneamente o sistema educacional e o mundo do trabalho, sendo este a prioridade.

Quadro 4: Você já repetiu ano escolar?

Não	48,7
Sim, uma vez	26,2
Sim, duas vezes	14,9
Sim, mais de 2 vezes	9,7
Não respondeu	0,5
Total	100

É uma jovem de 17 anos, morador da sede, estudante do 3º ano, filho de uma família de classe média, quem primeiro chama a minha atenção para esses casos. Certa vez, observando um debate em sala, quando os alunos discutiam quais as principais dificuldades que eles encontravam para estudar, a Ana Flávia: “a escola deveria pensar uma forma desses alunos [*referindo aos colegas da roça*] aproveitarem mais o tempo em que estão na escola, já que eles só são estudantes quando estão aqui dentro, lá fora eles precisam trabalhar”.

Para essa juventude esses dois mundos são absolutamente desvinculados, visto que estudam em uma escola urbana, com propostas pedagógicas e um currículo desconectado da realidade em que vivem e com temporalidades pensadas para jovens estudantes que podem dedicar-se apenas aos estudos. Uma das maiores reclamações dos jovens, sobretudo os da zona rural, é o fato de a escola funcionar no turno da manhã. Até o ano anterior à pesquisa o ensino médio funcionava à noite, mas, segundo a direção, por orientação da SEE, por questões de segurança, todas as escolas que não tivessem demanda para os três turnos deveriam funcionar apenas durante o dia. A mudança de turno causou um impacto negativo, levando à evasão ou transferência para a escola de ensino médio mais próximo, que fica no município de Governador Valadares e oferece o ensino médio à noite.

Embora o cotidiano tenha revelado essa dificuldade de muitos jovens em conciliar estudos e trabalho, quando perguntados se já ficaram sem estudar em algum momento da vida, apenas 20,5% responderam que sim, no entanto, poucos atribuem à necessidade de trabalho esse afastamento temporário da escola (apenas 3,6%). Um dado importante é que, embora o trabalho seja uma constante na vida desses jovens, quando

indagados sobre a ocupação remunerada, o número não é tão expressivo quanto o campo me mostrou. Os jovens foram perguntados se naquele momento desenvolviam alguma atividade remunerada e os dados mostram o seguinte:

Quadro 5: Atualmente você desenvolve alguma atividade de trabalho remunerado?

Sim, com carteira assinada	1,5%
Sim, sem carteira assinada	12,3%
Sim, trabalha com a família	19,0%
Não	67,2%

Tenho duas hipóteses para as respostas. A primeira é que talvez a pergunta não tenha ficado evidente, já que no momento da aplicação muitos me questionaram sobre o termo “remunerado”. A segunda é que como muitos trabalhavam com a família, a “remuneração” é esporádica, ou seja, trabalham, mas os pais só lhes pagam pelo trabalho quando os jovens têm alguma necessidade como ir a um baile, comprar um material para a escola ou comprar uma roupa. Isso pode ser interpretado por eles como uma ajuda, como mostra gráfico abaixo, e não como uma remuneração pelo trabalho desempenhado. Como expliquei que queria saber quem trabalhava e recebia pagamento pelo seu trabalho alguns podem ter considerado que não recebem pelo trabalho que fazem na propriedade da família. É caso do trabalho doméstico, uma “obrigação de todas as meninas”. Independente da classe social, se vivem na roça ou na cidade, elas são as responsáveis pelos afazeres domésticos. Nesse sentido, quando indagados sobre a situação econômica na qual consideram se encaixar, os jovens responderam da seguinte forma:

Quadro 6: Qual a situação que melhor descreve seu caso?

Não respondeu	1,0%
Trabalho e me sustento	3,1%
Trabalho e contribuo com o sustento da minha família	5,6%
Trabalho e recebo ajuda da minha família	24,1%
Não trabalho e meus gastos são financiados pela minha família	66,2%

Os jovens foram indagados sobre a influência do trabalho no desempenho escolar. Dos que trabalhavam 23,6% diziam que o trabalho não atrapalhava o desempenho escolar. Uma hipótese pode ser o fato de que para esses o trabalho seja a prioridade e não os estudos. Desses 17,9% achavam que prejudicava, mas não totalmente e apenas 4,6% consideram que prejudica bastante. Para aqueles cujo trabalho era a prioridade, a escola acabava sendo o tempo de estar com os amigos, de fugir à árdua rotina do mundo do trabalho, como evidencia o relato de um jovem que terminou o ensino médio no ano de 2010, “à custa de muita teimosia”, como me disse certa vez em uma conversa no recreio. Em um debate em sala ele relata como se ver entre os dois mundos.

[...] O jovem de 19 anos, que mora na zona rural, explica para a turma que, ao longo do dia ele vivencia diferentes tempos e diferentes atividades. “Eu não sei o que eu sou. Uma hora eu sou estudante, outra hora eu sou trabalhador. É difícil ter que mudar de vida o tempo todo durante o dia”. Relata que levanta às 3h00 da manhã, trabalha tirando leite, depois pega a moto do pai, já que não dá tempo para ir no ônibus escolar, vai pra escola - às vezes chega atrasado, mas a escola o deixa entrar - chega em casa por volta do meio dia, almoça e retoma a rotina do trabalho na propriedade da família. Nem sempre consegue parar o trabalho no meio da tarde para estudar. Diz que é complicado isso tudo. Seu pai tem 84 anos e ele não quer vê-lo no trabalho pesado, pois não tem mais condições, “não dá mais conta”. Os dois irmãos mais velhos estão nos Estados Unidos e assim resta apenas ele para cuidar da propriedade da família. Também não consegue se dedicar aos estudos à noite porque já está cansado e precisa acordar cedo para começar tudo de novo. Na sala está quase sempre sonolento, chegando às vezes a dormir debruçado sobre a carteira. Diz que no início achava que não ia dar conta, pensou em desistir, mas sabe que é preciso estudar. Além do mais gosta de vir pra escola porque, diz ele, “esse é o meu tempo, o tempo que eu tenho pra mim.” (NOTAS DE CAMPO – 30/11/10).

Essa é uma realidade para muitos desses jovens. A necessidade de ter que conciliar o trabalho com a escola, muitas vezes de forma precária, visto que em muitos casos as condições de trabalho era sem salário fixo e sem contrato formal, e por isso não era visto um trabalho rentável ou mesmo como emprego. Em geral eles se referem à renda desse trabalho como uma “ajuda” dos pais, mas uma ajuda que em alguns casos demanda tanto tempo de dedicação quanto a escola, às vezes até mais, como no caso acima mencionado. Há uma questão importante que precisa ser explicitada em relação a isso. Outra característica é o número significativo de jovens que nem trabalhava nem

procurava emprego (55,9%), podendo sinalizar para o que Pochmann (2004) chama de inatividade forçada, visto que durante a pesquisa de campo observei que muitos manifestavam o desejo de conseguir alguma renda, mas diziam que nem adiantava porque em SGP não tinha nada que lhes pudesse ocupar.

3.7 - GÊNERO E SEXUALIDADE

Este grupo pesquisado é caracterizado por um número significativamente maior de mulheres, que totalizam 62% do grupo, contra 38% de homens. Essa diferença entre o número de homens e mulheres, embora seja uma realidade no município como um todo, na escola é mais acentuada. De acordo com o censo de 2010, de uma população residente neste município de 4.389 habitantes, o total de homens era de 2.136 e de mulheres 2.253. Sendo assim, já que esse dado dentro da escola não pode ser considerado proporcional ao número de habitantes, como evidenciado no Censo, nem mesmo uma tendência nacional, como evidenciado por SAMPAIO (2009), a forte presença das mulheres nesse nível de escolarização nesse contexto é algo que merece ser problematizado em estudos futuros.

Gênero e sexualidade são aspectos centrais quando se discute a condição humana, no entanto, nos estudos da juventude ainda são pouco explorados segundo Weller, Silva e Carvalho (2011). O mesmo acontece nas práticas escolares e no cotidiano do contexto estudado, ou seja, tais questões relativas à dimensão da condição humana costumam ser silenciadas. O que pude observar no campo foi que quando tratam das questões relativas ao tema, tanto a escola como outras instituições socializadoras, o fazem sob a perspectiva da vigilância, como apontam Weller, Silva e Carvalho (Op. cit.). Ou seja, foi possível perceber vigilâncias relativas aos modos desses jovens manifestarem suas masculinidades e feminilidades; em torno da forma como vivenciam a sexualidade e do modo como se constituem subjetivamente a partir desses aspectos. Para ilustrar essa observação destaco, inicialmente, o depoimento do Antonio:

Ah, aqui sô, o menino eles até incentiva, igual, desde pequeno eles já incentiva. Cê tem de que ser agarrador, tem que pegar essas mulher tudo. Agora, menina não!
(Antonio)

Esse sentimento foi corroborado dias depois, em uma entrevista individual, por uma jovem que havia emigrado para GV. O depoimento da garota, apesar de longo, é bastante apropriado, razão pela qual opto por manter suas próprias palavras para dizer algo que para ela e para outras jovens da cidade, mostrou-se por vezes angustiante. Falo das diversas formas de vigilâncias, mencionadas anteriormente, que alguns expressam por meio de rótulos às meninas que não correspondem às expectativas impostas às elas. Elas crescem sabendo que precisam ser uma boa moça se quiserem ter um bom futuro. Mas o que isso significa?

Maria Antônia – Lá, para você ser uma menina boa, você não pode sair, você não pode gostar de nada. Você tem que ser aquela menina que ninguém nem te conhece. E os meninos, não! Os meninos podem sair, os meninos podem se divertir. Então lá é bem diferente, tem esta separação aí. Lá é bem tipo, **os homens podem tudo, as mulheres não podem nada**. E tem aquela coisa, se a menina fica com um tanto de menino, ela é piranha; se o menino fica com um tanto de menina, nossa, ele é o cara. [...]. Se o menino bebe demais, nossa, ele é um doidão e tal... Se a menina bebe, nossa, que vergonha, você viu?

Pesquisadora: Você falou uma expressão que me chamou atenção: ser uma menina boa. O que é ser uma menina boa?

Maria Antônia: Uma menina... uma menina... como é que eu posso te explicar...? Que todo mundo fala... todo mundo elogia, que todo mundo... ah fulano de tal, vamos supor né, a menina... porque eles falam assim, a filha de fulano, nunca falam seu nome, né? A filha de fulano de tal, você viu que gracinha? Não sai de casa, é dedicada ao estudo, não namora (rsrs), isso é uma menina perfeita. Vai à missa todo domingo e toda quinta. Então, isso é uma menina perfeita lá, menina boazinha. A menina ruim é aquela, nossa você viu a filha de fulano de tal que estava na festa dançando que nem uma doida, estava bebendo, estava beijando na boca (rsrs), você viu aquilo? Isso aí já queimou o seu nome lá.

Pesquisadora: Você acha que os meninos quando vão procurar alguém para namorar ou para casar eles ficam medindo desta forma também? Se é menina boa, se não é menina boa?

Maria Antônia: Ah, nem tanto, eles não estão nem aí, eu acho, com isso. Praticamente hoje as meninas boas não namoram (rsrsr). Eles não querem as meninas boazinhas, eles querem as meninas ruins, mais ou menos isso. Porque, tipo, as meninas boas, a maioria das vezes, é daqueles pais mó [*maior*] chato, que não deixam elas fazerem... [*interrupção abrupta na fala*] mas, não é porque elas não querem, é porque elas não podem fazer. Quando você vai conversar, as meninas é pior do que a gen... [*novamente interrompe abruptamente*] do que as que fazem. Mas, por causa que são presas pelos pais, então, os meninos já oh, aquela dali o pai dela não deixa nem sair. Ou então se sai pode ficar na rua até 22h:00 horas ou 22h:10 no máximo estar em casa.

A Thalia também falou sobre isso:

Ser uma boa menina é não ser eu. Na verdade, você tem que seguir o protocolo. Você tem que ser a mocinha, claro, da história. Dedicada, atenciosa, você não pode nem olhar pro lado, você não pode rir... Aliás, você tem que rir pouco. Prestar bastante atenção. Na verdade, as vezes, pra alguns... Pra alguns, nem expor sua opinião, só concordar. Que aí você tá sendo uma boa moça. (Thalia).

Essa é uma categoria importante nesse contexto, a boa moça, reconhecida e valorizada por responder fielmente ao que essa sociedade espera das jovens mulheres. Esses depoimentos evidenciam bem a categoria e apontam inúmeros aspectos que evidenciam as diferenças e desigualdades de gênero nesse contexto, resumidas nessa frase da Maria Antonia “os homens podem tudo, as mulheres não podem nada”. Ou seja, os meninos podem se divertir, podem namorar com quantas garotas quiserem, podem ficar fora de casa até a madrugada, podem beber e as meninas, boa parte delas, não podem quase nada. As meninas precisam ser “meninas boas”. As que assumem protagonizar o governo de suas condutas, o fazem e enfrentam as consequências. As que não o fazem, acabam por acatar os ditames da cultura local, adotando a postura da “menina boa”, muito bem descrita pela entrevistada. Também nesse aspecto, foi possível perceber traços das sociedades tradicionais e traços da modernidade nas condutas e produção das subjetividades juvenis, evidenciando o que Sales (2010), inspirada em Foucault, aponta como sendo o “ponto de contato” de técnicas que atuam no autogoverno e no governo dos outros nesse processo de produção das subjetividades juvenis por meio das marcas da sexualidade.

Também é perceptível nesse contexto o modelo de vigilância apontado por Weller, Silva e Carvalho (2001) que dita o comportamento padronizador, considerados dignos da mulher, como por exemplo, o toque de recolher. Presenciei no baile de final de ano, promovido pelos estudantes concluintes do ensino médio, uma cena de uma mãe que foi buscar a filha que desobedeceu ao horário de chegar em casa. Não satisfeita em chegar ao baile para buscá-la, ela “deu-lhe um coro” lá mesmo no clube, na frente dos colegas, para mostrar, segundo ela, que a filha não é nenhuma largada, ou seja, que a filha é uma “menina boa”. Um detalhe importante é que essa jovem era um das organizadoras do evento, assim como era de muitos outros eventos protagonizados pela juventude na comunidade, inclusive eventos religiosos. Ou seja, para essa mãe pouco

contava a participação da sua filha nas atividades comunitárias em que se envolvia, visto que apesar do envolvimento comunitário, ela não estava acatando algumas das regras que caracterizam a “menina boa” naquele contexto que é não ficar fora de casa depois do horário estabelecido pelos pais.

Outro aspecto importante, relativo às sexualidades, diz respeito ao modelo de vigilância definido por Weller, Silva e Carvalho (2001) como a vigilância voltada à manutenção do corpo supostamente frágil, que impõe às mulheres restrições a determinadas tarefas, afazeres, profissões e esportes historicamente e culturalmente destinados a homens. Embora as autoras refiram-se à fragilidade física no contexto por elas investigado, no caso por mim analisado o que observei foi também a questão dos valores regulando algo que muitas vezes as meninas estão perfeitamente aptas a assumir fisicamente. Por exemplo, mulher jogando futebol é algo visto com bastante desconfiança, mas não relativamente às habilidades da jovem jogadora, mas como uma ameaça à sua sexualidade ou ao que os outros vão pensar sobre sua orientação sexual.

[...] Aí as duas estavam falando “ah, põe a Bruna que ela é igual macho”. E eu não gosto. Nossa, a pior coisa que me falam é isso. Elas foram falando... falando... falando e eu lá atrás. Aí eu não aguentei e explodi, aí eu comecei a xingar elas dentro da sala, aí a professora não falou nada. Falei com ela: “ah, cala a boca”, não sei o quê e fui xingando... fui xingando... A professora olhou para mim e fez assim [*faz gesto de silêncio*]. [...]. Mas eu não gosto, porque não... não sou homem. Só porque eu jogo bola eu sou homem? Não, tá doido! Fica chamando de mulher-macho, aí eu apelo mesmo. (Bruna)

Chama atenção o fato de a professora ter silenciado a jovem que estava se sentindo ofendida com as “brincadeiras” que atacavam e colocavam em dúvida sua sexualidade pelo simples fato de ela gostar de jogar futebol. Não percebi em nenhum momento que o interesse dessa jovem constituísse uma ameaça à virilidade masculina, até porque ela jogava com os meninos e era muito bem aceita. Também não percebia, nas partidas de futebol que assisti e que ela atuava, que ela fosse vista como o sexo frágil para tal atividade pelos colegas de time. Seu grande desafio era enfrentar a desconfiança e ignorância da comunidade e da própria família que “temiam” que a jovem “se tornasse” homossexual por gostar de futebol.

Nesse contexto a homossexualidade era vista como algo que envergonha a família. Durante o período da pesquisa de campo tive notícia de um garoto e uma garota que cometeram suicídio por razões relativas à sexualidade. A garota deixou uma carta explicando porque de tal atitude e, segundo informações que só circulava entre os jovens, ela deixou uma carta de despedida à namorada. Os adultos, quando perguntados, diziam que nas cartas deixadas por ela para a família não dizia porque estava fazendo aquilo, apenas se despedia. Esses fatos parecem sinalizar para algo que aponta Sales (2010, p. 161) que “o processo de naturalização e normalização da heteronormatividade produz relações de poder em que as outras formas de vivência da sexualidade são avaliadas e descritas como incorretas e monstruosas”. Essa aversão à homossexualidade foi algo que ficou explícito nessa comunidade, sobretudo por parte dos adultos.

Para além da vigilância, que funciona como um dos reguladores da forma como esses jovens constroem as subjetividades a partir dos marcadores de gênero e da sexualidade, esses são temas considerados tabus na relação com os adultos. Conversar sobre o assunto, seja com os professores, seja com algum adulto da família, não é muito comum entre esses jovens.

Na minha família, por exemplo, a minha avó, mãe do meu pai, acha que beijar na boca é absurdo. O desenvolvimento do corpo da gente a gente não pode perguntar, a gente tem que descobrir sozinha porque ela não tem coragem de falar. Então, assim, se eu fosse criada com ela basicamente eu não ia entender nada. Eu ia ficar louca. (Maria Antônia).

No caso da Maria Antonia, cuja mãe emigrou para os Estados Unidos quando ela entrava na puberdade, ela contou-me que conversava sobre o assunto com a prima e melhor amiga, quase da sua idade, e com uma tia que era um pouco mais velha que ela. O assunto era tabu não só entre os mais velhos, mas também para muitos jovens adultos. Certa vez ouvi uma professora na escola argumentar que era melhor nem falar “nesse assunto” [*referindo-se à sexualidade*], porque alguns pais podiam achar que a escola estava incentivando as filhas. Quando abordada na escola, a questão é desviada pela zuação, como conta essa jovem:

Principalmente em biologia quando a professora ia explicar a matéria os meninos começavam a fazer piadinhas. Aí ficava sem graça, e tal. Então, assim, os professores até evitam de falar nesses assuntos dentro na sala, porque ainda é uma coisa que... é... deixa todo mundo assim... eufórico e tal. É meio complicado

Apesar do tabu, o que percebi é que entre eles os jovens discutiam sexualidade ou buscavam alternativas para burlar o silenciamento do assunto dentro da escola, como aconteceu com a polêmica relativa ao kit anti-homofobia¹⁹ que, por pressão das bancadas conservadoras do Congresso Nacional, fora proibido de circular pelas escolas públicas. Muitos jovens na escola não só assistiram aos vídeos como faziam questão de comentar e trocar opiniões sobre os conteúdos lá mesmo dentro da escola.

Depois de caracterizar como esse grupo estava vivenciando a juventude no período de realização da pesquisa, resta-me apresentar algumas respostas possíveis a esta pergunta que se mostrou importante não só para esta pesquisa, mas para os próprios jovens.

3.8 – AFINAL, O QUE É SER JOVEM PARA OS JOVENS DE SGP?

Embora tenham dado mais de uma resposta a essa pergunta, de um modo geral as respostas dialogam e parecem convergir para o entendimento de que ser jovem não é se preparar para o futuro, mas viver o presente sem perder de vista a dimensão do futuro. Uma das respostas dadas por muitos deles a essa pergunta foi: “ser jovem é aproveitar a vida”. Essa foi a explicação que ouvi em diversas ocasiões de meninos e meninas, de diferentes idades, da sede e da zona rural. Mas, afinal como eles aproveitam a vida?

O que percebi foi que naquele período os jovens que ali viviam tinham modos próprios de dar significados à sua juventude e, portanto, de aproveitar a vida. Aproveitavam de todas as formas possíveis, dentro dos limites impostos pelo contexto em que viviam. Driblavam a falta de dinheiro, organizando bailes, gincanas, cavalgadas, campeonatos de truco, festas e resenhas nas casas dos amigos ou mesmo fazendo “bicos” para conseguir a grana para a cerveja do fim de semana. Burlavam o toque de recolher dos pais, reunindo na porta de casa os amigos que não precisavam cumprir

¹⁹ Trata-se de um material educativo abordando o tema das sexualidades, desenvolvido pelo Ministério da Educação, em parceria com algumas entidades e organizações da sociedade civil, que seria distribuído nas escolas públicas de ensino médio no ano de 2011. O material, que alguns manifestantes contrários à sua distribuição passaram a classificar vulgarmente de “kit gay”, foi motivo de polêmica e acabou por ter sua distribuição vetada pela presidência da república.

horário de chegada, assim os pais não tinham como acusá-los de não estarem em casa na hora marcada. Criavam modos próprios para lidar com a falta de espaços de lazer e sociabilidade, reinventando o território, fazendo da praça, da casa dos amigos, da casa da avó ou mesmo da escola, locais em que fosse possível fazer coisas interessantes, se divertir e aproveitar a vida. Faziam de espaços como a igreja e os eventos de manifestação religiosa espaços de cumplicidade, de sociabilidade e de troca de experiências juvenis, respeitando os limites da fé e exigindo das autoridades religiosas respeito às suas demandas por formas próprias de manifestação da fé. Alguns eram capazes de utilizar-se até dos momentos de trabalho doméstico para promover encontros com os amigos, alegando que ali estavam para ajudar, com o intuito de garantir momentos de diversão e, claro, de aproveitar a vida. O mesmo faziam, e com respaldo institucional, com os trabalhos escolares, uma boa oportunidade para os “da roça” ficarem na cidade depois da aula, na casa dos amigos, estudando e aproveitando a vida.

Além disso, ser jovem para eles também estava relacionado a uma etapa de amadurecimento físico, emocional e intelectual, quando já não podiam mais fazer o que quisessem sem pensar nas consequências, ou seja, ser jovem para alguns era ter consciência e assumir responsabilidade por seus atos, como dizia essa jovem:

Ser jovem também é ter consciência daquilo que a gente vai fazer. Igual, criança não tem noção, o que manda ela faz, é aquilo mesmo. Jovem não. Jovem sabe o que é certo e o que é errado, né? Já tem sua própria escolha. (Luci)

Além da dimensão autonomia, das escolhas e da responsabilidade pelos seus atos, como enfatizam os que acham que ser jovem é assumir ter consciência dos seus atos, para outros a juventude é identificada com estilo próprio, em geral demarcado por diversas dimensões das culturas juvenis, como as roupas da moda, acessórios que usam, tipos de música que ouvem, entre outros aspectos.

As meninas, assim nós na fase de 15,16 anos, 17... a gente gosta mais de usar bermudinha curta, camisetinha, essas coisas. Tem gente que critica, porque fala que a gente gosta de andar pelada, mas não é. É porque a gente se sente jovem desse jeito. Eu mesmo, se for pra colocar uma bermuda que pega no joelho e uma blusa que tampa a cintura da bermuda, eu me acho assim, uma pessoa tipo assim, que tá com mais de 20 anos. Eu me acho velha. (Thainá)

Nesse aspecto, algo que me chamou atenção foi como que a moda jovem, mesmo nas comunidades rurais, pouco, ou nada, difere dos grandes centros urbanos. Ou seja, para esses jovens o corpo é um importante agente para expressar elementos próprios das culturas juvenis e dos modos de ser jovem, o que não é específico apenas desse contexto. De acordo com Feixa (1999), as culturas juvenis expressam a forma como as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente e podem ser analisadas tanto sob a perspectiva das condições sociais como sob o plano das imagens culturais, que se traduzem nos estilos juvenis. Em SGP, tanto os estilos locais que caracterizam a moda, que são identificados, sobretudo, pelo uso de chapéus, botas e roupas que podem ser identificadas com o estilo “country”, como também a moda dos grandes centros (incluindo marcas internacionais de roupas e calçados, como já apontado) é muito forte entre eles. No caso dessa jovem do depoimento anterior, para se sentir jovem ela precisa se vestir como jovem, ou seja, não basta ter uma determinada idade, é preciso expressá-la.

Também não passa despercebido a esse grupo o fato de que as juventudes são muitas e as formas de viver a juventude são também variadas, inclusive dentro de uma pequena comunidade rural, como diz essa jovem moradora do Vinhático:

Agora, Zenaide, tipo assim, igual eu sei, eu gosto muito de curtir, eu gosto muito de usar as roupas da moda, eu acho bonito, eu gosto de usar. Eu gosto de sair, entendeu? Isso é o meu modo de viver a juventude. Mas tem gente que acha que o jeito de viver a juventude também é mexendo com droga, roubando, matando. Mas é... tá certo, que se ele acha que é assim que tem que viver a juventude dele, beleza. A gente vai criticar? Não! Mas a gente sabe que tá errado. Porque assim cê não tá vivendo, cê ta se acabando. (Thainá)

Além de mencionar elementos importantes das culturas juvenis expressas nos estilos, ela chama também atenção para um aspecto da condição juvenil que não foi abordado neste estudo por não serem significativos entre os jovens que compuseram os informantes desta investigação, de acordo com os dados levantados. Falo da questão das drogas ilícitas que estão presentes neste município e tem levado muitos jovens à dependência. Os casos mais graves, não só de consumo, mas também os principais

pontos de venda de drogas, estão localizados na comunidade rural do Vinhático, onde vive a Thainá. E ela fala de amigos e parentes dela que são viciados e a família pouco tem a fazer para tirá-los dessa situação.

Por fim, foi possível perceber que para alguns (talvez mais para as meninas) o critério idade é um aspecto importante da condição juvenil e muitas aguardam ansiosamente completar 18 anos. Embora no caso brasileiro idade não seja um marcador preciso para se discutir transição para a vida adulta, visto que juridicamente falando, são várias as idades para conquistas de direitos e cumprimento de deveres, no caso aqui analisado os 18 têm um significado importante. Por exemplo, um jovem tem direito de votar aos 16 anos, embora a obrigatoriedade só se aplique a partir dos 18 anos. Tem direito de dirigir a partir dos 18 anos, mesma idade que também passa a poder consumir bebida alcoólica. Pode casar-se sem o consentimento dos pais a partir dos 18 anos, embora possa praticar sexo consentido se for maior de 14 anos de idade.

Durante o período da pesquisa de campo duas jovens informantes (a Thainá e a Thalia) completaram 18 anos e eu estive com elas no dia do aniversário conversando sobre o assunto. Percebi que a expectativa era que os 18 seria uma espécie de rito de passagem, embora elas não tivessem clareza se a passagem seria para algo melhor ou pior. Lembro-me da Thalia me perguntando: “enfim 18, e agora? O que muda na minha vida?”, e eu devolvi-lhe com uma pergunta. Então, qual é a sensação? E ela me respondeu:

Ah, agora eu posso chegar no bar e dizer: “Oi moço, eu posso beber, eu tenho dezoito anos.” Aí ele vai falar: “O quê que você quer beber?” “Nada não, e só pra falar que eu posso. Quero nada não. Mas tá avisado que eu posso, viu? Caso eu queira. (Thalia).

Quando eu... quando eu tinha dezessete anos, eu ficava aquela coisa assim, é... se eu fizer alguma coisa de errado é... os pais que vão assumir, né? Aí, quando eu tava um dia pra fazer dezoito anos, fiquei assim... Nossa depois de amanhã eu vou tá de maior, nossa, totalmente de maior. Mas tudo que eu fizer vem em cima de mim, entendeu? As consequências vão vim em cima de mim. Aí comecei a ficar com medo... (Thainá)

A Thainá confirma algo que também foi apontada pela Thalia, quando lembrou que agora, embora seus direitos tenham aumentado, seus deveres também. Assustada, ela faz um comentário semelhante: “nossa, agora eu também posso ser presa!”, lembrando que há coisas boas e ruins em fazer 18 anos e evidenciando um sentimento ambíguo entre as perdas e ganhos de chegar à maioridade.²⁰

A maior autonomia em relação ao mundo adulto também é mencionada como um ganho da maioridade. Alguns pais, como a mãe da Thalia, ainda têm os 18 como uma referência para permitir os filhos fazerem determinadas coisas, como sair à noite sozinho, pilotar moto ou viajar. Sobre isso a jovem diz:

[*Agora que fiz 18*] se eu disser que eu vou, ela pode dizer: “Não vai.” Mas ela não vai poder falar que é porque eu sou de menor. Ela vai ter que arrumar uma desculpa... Na verdade, ela não vai ter desculpa. Porque a desculpa dela muito era essa. Agora ela não vai ter mais essa desculpa. (Thalia).

Embora comemore o *status* legal conquistado com a maioridade, ela também lembra que ainda que mude no papel, na prática tudo continua igual, já que mora com os pais, não trabalha e depende deles para tudo, portanto, a obediência a eles deve continuar. Completar 18 anos, então, é mais uma condição pública que privada já que, perante as leis do país, a partir dessa idade o jovem é responsável por seus atos, na prática, todavia, o status legal quando não vem acompanhado de condições socioeconômicas que respondam às demandas dos jovens, pouco ou nada muda suas vidas com a chegada da maioridade.

²⁰ Em estudos com jovens atendidos por programas sociais no interior de São Paulo, Malfitano (2011) também identificou esse sentimento de medo e ambiguidade em relação aos 18 anos entre os jovens investigados, além de um sentimento por parte dos jovens de que não queriam fazer 18 anos e receber de presente o não direito de ter acesso à instituição que frequentaram durante anos e de conviver com as pessoas com quem criaram laços nesse período.

CAPÍTULO IV – JUVENTUDE E TRANSNACIONALISMO

“[...] Todos os dias é um vai-e-vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega pra ficar
Tem gente que vai pra nunca mais
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai e quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E assim, chegar e partir
São só dois lados da mesma viagem,
O trem que chega
É o mesmo trem da partida. [...]”.

Encontros e despedidas. Milton Nascimento

4.1 – PARTIDAS E CHEGADAS

Quando ele foi embora pros Estados Unidos, eu vi que ele foi embora. Ele ficou lá dois anos e voltou. [...]. Alguma coisa assim. Aí, antes ele já tinha ido pra Alemanha, só que eu não lembro bem, porque eu era muito novinha. Mas, quando ele foi pros Estados Unidos, eu lembro. (Bruna).

Histórias como essas não são incomuns em SGP. Pessoas que vão e vêm, que cruzaram fronteiras, buscando reencontrar os familiares ou simplesmente emigraram em busca de seus próprios sonhos e retornaram, não se adaptaram, voltaram a emigrar. Pessoas que protagonizam (embora na época em que a pesquisa foi realizada esse movimento já não fosse tão comum) o que chamo aqui de transnacionalismo. Tal movimento tem significativa influência na condição juvenil, visto que muitos vivenciam etapas essenciais de transição da infância para a adolescência e juventude longe de membros importantes da família nuclear.

Esses são alguns dos aspectos que justificam a importância deste capítulo, cujo objetivo é apresentar uma discussão relativa a uma categoria fundamental para este estudo, o transnacionalismo. Esta emerge quando os dados empíricos evidenciaram que não só a migração é uma característica central do contexto analisado, como trata-se de uma movimento marcado pela estreita relação entre o local de origem e os locais de

destino dos emigrados. Essa relação ocorre de diversas formas, evidenciando no local de origem fortes traços desse fenômeno que é caracterizado pela “fluidez de ideias, objetos, capital e pessoas que se movem através das fronteiras” (BASCH *et all*, 1994, p. 27).²¹ Sendo o transnacionalismo caracterizado por eventos que acontecem nos dois polos da migração, a análise deste estudo centra-se apenas nos eventos que se sucedem no local de origem, que pode ser identificado como uma comunidade transnacional.

No meu entendimento, “comunidade envolve um senso de história e identidade compartilhadas e significados mutuamente compreendidos.” (GOLDRIN, 1998, p. 173). À primeira vista, SGP poderia ser apenas mais uma comunidade rural como tantas outras no interior do Brasil, todavia, as características da dinâmica migratória internacional nesse contexto imprimem-lhe peculiaridades que têm influenciado sua história, identidade, costumes, valores e os modos de vida da população local. Os fortes vínculos com os locais de destino das migrações internacionais é uma característica importante na região de Governador Valadares e evidenciada sob diversos aspectos que serão apresentados neste capítulo.

Dada a complexidade do contexto analisado, meu entendimento coaduna com o que defende Patarra (2006) de que a dinâmica das migrações internacionais envolve fenômenos diversos e seu entendimento exige olhares multidisciplinares. O entendimento dos processos sociais envolvidos nos fluxos de pessoas entre países, regiões e continentes passa pelo reconhecimento de que sob a rubrica migração internacional estão envolvidos fenômenos distintos, com grupos sociais múltiplos e implicações diversas. Se, de um lado, interessa aos estudiosos da mobilidade humana reter o termo migração como forma de legitimar e garantir a visibilidade do que está sendo tratado, também está posto o desafio de concretizar, em termos teórico-conceituais, “as diversas e complexas interligações de instâncias sociais, econômicas, culturais, jurídicas e institucionais, entre outras, que envolvem os movimentos de pessoas que cruzam fronteiras de Estados-nação.” (PATARRA, 2006, p. 09).

Essa complexidade ficou bastante explícita durante a pesquisa de campo, o que me levou a buscar outros aportes teórico-conceituais que dessem conta de auxiliar na análise dos fenômenos ali observados. Assim, o esforço analítico empreendido nesse capítulo é no sentido de buscar responder: por que o conceito de migração não é

²¹ Todas as citações cujos originais estão em inglês foram traduzidas por mim exclusivamente para fins de uso neste trabalho.

suficiente para analisar o contexto estudado? De que forma o transnacionalismo pode ser percebido no local de origem? Quais são as principais características do transnacionalismo nesta comunidade? Qual a influência desse fenômeno na cultura local e na dinâmica familiar dos jovens de SGP? Como se caracteriza a experiência da transição para a vida adulta que esses sujeitos estão vivenciando nesse contexto transnacional?

4.2 - MIGRAÇÃO E MIGRANTES TRANSNACIONAIS

A migração tem se constituído objeto de análise de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, podendo ser caracterizada como um campo multidisciplinar. As bases teóricas assentam-se em clássicos como os estudos de Ravenstein sobre as leis da migração, no final do século XIX e, mais recentemente, a teoria dos fatores *push and pull* proposta por Everett Lee na segunda metade do século XX. Essas abordagens enfatizam as determinações econômicas na decisão do indivíduo de migrar, analisam algumas regularidades e singularidades do fenômeno, bem como características tanto nos locais de origem como de destino que podem ser determinantes ao indivíduo na tomada de decisão. As concepções presentes nesses modelos de análise estão ancoradas na teoria econômica neoclássica, de cunho racionalista, em suas vertentes micro ou macro, que apontam os motivos econômicos como as principais razões para as migrações.

Desde a obra pioneira de Ravenstein, diversos estudos, em distintas áreas do conhecimento como a demografia, a economia, a sociologia, a geografia, dentre outras, têm tomado como objeto de análise a migração que, embora não seja um fenômeno recente, não é uma categoria de fácil definição. A dificuldade de elaboração do conceito de migração, de acordo com Martine (1980), pode ser reflexo de uma discrepância conceitual entre as diferentes áreas e paradigmas epistemológicos que se ocupam do fenômeno. Para outros autores como Oliveira e Stern (1971) e Baganha (2001), pode ser consequência da ausência de uma teoria geral dos processos migratórios. De acordo com Standing (1984), essa dificuldade deve-se ao fato de que, para definir migração, há que se considerar quatro dimensões cruciais: espaço, residência, tempo e atividade laboral. Para esse autor, também é importante pensar o tipo de mobilidade: permanente,

temporária, pendular (diária), período prolongado ou não migrantes. Essa miscelânea de classificações, embora não sendo suficiente para definir as diversas formas de mobilidade humana, constitui um ponto de partida interessante para uma aproximação do conceito, conquanto não ofereça ainda uma resposta satisfatória. Sendo assim, cabe perguntar: Quem é migrante, afinal?

Para a Organização das Nações Unidas (1997), o conceito de migrante não deve pautar-se apenas no fato de o sujeito atravessar ou não uma barreira política, mas há que se considerar critérios como duração da estadia, razões para o deslocamento e até as condições de cidadania de que dispõem o migrante na região ou país de acolhimento (ALVES, 2007). Assim, há que se compreender, dentro da pluralidade de características que marcam os movimentos populacionais, quem são os sujeitos que protagonizam tais movimentos que estamos chamando de migrantes.

As características do movimento de pessoas ao redor do planeta, em diferentes períodos históricos, têm feito emergir diferentes *status* para diferentes sujeitos que protagonizam os movimentos migratórios (MOSES, 2006). De acordo com esse autor, três etapas distintas no histórico dos movimentos migratórios podem ser identificadas: o período mercantilista, marcado pela migração forçada de africanos para a América; o período liberal, caracterizado pelo estímulo à circulação de pessoas; e o novo período liberal contemporâneo, que se caracteriza pela aceleração dos processos, por diversas razões e, paradoxalmente, pelo acirramento do controle das fronteiras. Ademais, esse grupo que protagoniza as migrações nos períodos mais recentes da história tem especificidades que diferenciam os movimentos contemporâneos dos períodos anteriores. “Estudos sobre os “novos imigrantes” do mundo pós-Segunda Guerra Mundial estão repletos de descrições da propensão do recém-chegado a firmar raízes no seu novo mundo, ao mesmo tempo em que mantêm laços vitais com o velho mundo” (BASCH *et all*, 1994, p. 31). É precisamente essa abordagem dos estudos do transnacionalismo - na perspectiva discutida por Basch *et all* (1994) e também por outros autores que dialogam com essa obra - que melhor caracteriza os sujeitos que protagonizam os movimentos migratórios no contexto aqui estudado.

Todavia, vencer o desafio de identificar o grupo a que nos referimos dentro desse guarda-chuva no qual se pode alocar essa categoria não é suficiente. Essa foi uma das conclusões a que cheguei em minha pesquisa de mestrado com crianças, filhos de

imigrantes brasileiros no contexto escolar português (ALVES, 2007). O que pude observar, naquele caso, é que as diferentes (e por vezes cruéis) formas de viver na sociedade de acolhimento depende, por um lado, do *status* legal do sujeito, mas, por outro, de aspectos identitários como o território de origem, o gênero e a cor da pele. Ou seja, naquele estudo ficou explícito que as variáveis “estrangeiro” ou “imigrante” isoladas não têm o mesmo valor que têm quando conjugadas a esses e outros aspectos da identidade.²²

Embora no referido estudo eu tenha analisado um grupo de crianças brasileiras na relação com outros grupos (estrangeiros e autóctones), os estudos de Margolis sobre os brasileiros em Nova Iorque mostram que, até dentro de um mesmo grupo étnico, essas diferenças podem gerar *status* desiguais no país de acolhimento. A comunidade brasileira em Nova Iorque, por exemplo, discrimina negativamente os mineiros e descrevem-nos como “muito provinciais, sem requinte, astutos, exploradores e mercenários.” (MARGOLIS, 2009, p. 33). Ou seja, um mesmo grupo, com mesma origem territorial, mas marcados por diferenças como classe social, raça, geração, nível de escolaridade, domínio da língua inglesa, tempo de residência nos Estados Unidos, dentre outros. À variável imigrante acrescida de outras como: brasileiro, negro/branco, com ou sem diploma universitário, da capital ou do interior, com ou sem documentos, falante da língua inglesa ou não, dentre outros, fazem diferença na condição de migrante.

Dentro de alguns desses aspectos, há ainda outras categorias que podem afetar de forma diferente as experiências do migrante no país de acolhimento, por exemplo, o *status* legal, como evidencia Cebulko (2009) em análise de migrantes vivendo nos Estados Unidos. Essa autora classifica os migrantes no local de destino por *status* legal, de acordo com as seguintes categorias: indocumentados (que não têm permissão para viver no país); em legalidade limiar (que estão em processo para adquirir a permissão); residentes permanentes legais (que possuem documentos) e cidadãos (imigrantes que adquiriram a cidadania do país de destino).

Dada a dinamicidade do fenômeno da migração, tais categorias podem tornar-se insuficientes diante dos acontecimentos cotidianos que envolvem esse grupo. Por

²² Nesse estudo, analisei o caso de três crianças, duas meninas (uma negra e uma branca, identidade racial por mim atribuída) e um menino, na suas relações de sociabilidade dentro de uma escola que atendia crianças estrangeiras de pelo menos sete países diferentes.

exemplo, a análise de Cebulko (*op. cit.*) não abarca o mais recente *status* de imigrante que se pode identificar nos Estados Unidos. Trata-se dos jovens beneficiados com a publicação do Deferred Action for Childhood Arrivals²³, no primeiro semestre de 2012, pelo presidente Barack Obama. De acordo com essa legislação, publicada em 15 de junho daquele ano, podem se beneficiar dessa política aqueles que atendam aos seguintes requisitos:

Tinham menos de 31 anos de idade na data da publicação; chegaram aos Estados Unidos antes de completar 16 anos de idade; terem residido ininterruptamente no país desde 15 de junho de 2007; estavam fisicamente presentes no país na data da publicação; entraram no país sem inspeção antes dessa data ou seu estatuto legal expirou nessa data; estão estudando ou concluíram o ensino médio; integram as forças armadas e não tenham sido condenados por crime ou contravenção significativos.

Fonte: <http://www.uscis.gov/portal/site/uscis>

Comprovadas as exigências e após pagar uma taxa de \$465,00, o jovem conquista o direito de estudar e trabalhar legalmente nos Estados Unidos por pelo menos dois anos, podendo solicitar prorrogação desse *status* por igual período. Importa ressaltar que a Ação não legaliza aqueles que vivem indocumentados no país, apenas suspende temporariamente a deportação dos sujeitos que se enquadram nos requisitos acima descritos. Trata-se, portanto, de uma política de governo, de caráter provisório e temporária e que tem como público-alvo o grupo numericamente mais significativo no fenômeno das migrações, os jovens²⁴. Assim, essa iniciativa faz surgir uma categoria de imigrantes que não são nem indocumentados, porque a legislação cessa a ameaça de deportação fornecendo-lhes documentos provisórios; mas também não estão em legalidade limiar, porque a Ação não prevê a possibilidade de residência permanente. Esses jovens estão em uma espécie de “limbo”. Eles saíram da ameaça infernal da deportação, mas não chegaram ao paraíso da residência permanente, nem da promessa.

²³ Ação Deferida para Chegadas na Infância.

²⁴ De acordo com McKenzie (2008), os jovens de 12 a 24 anos representam um quarto dos migrantes internacionais. Esse grupo não é apenas numericamente significativo. Nos Estados Unidos, os imigrantes em situação irregular, dentre eles muitos jovens estudantes, têm organizado manifestações diversas, alguns cruzando o país em um ônibus (*undocubus*) pintado com a frase “*No papers, no fear*,” (sem papéis, sem medo), levando sua mensagem a diferentes partes do país e às convenções partidárias nesse ano de eleição presidencial.

Todo esse debate acerca do conceito de migração, de migrantes, de *status* diferenciados para os sujeitos dos processos migratórios evidencia a complexidade das migrações e acirra a discussão acerca dos processos migratórios, que Sayad denomina de “sistema”.

Por durar tanto, por se generalizar a ponto de se tornar um dado estrutural de todos os países desenvolvidos e, mais fundamentalmente, por se institucionalizar sob a forma de oposição intrínseca entre o mundo da emigração (que tende a se confundir com o mundo do subdesenvolvimento) e o mundo da imigração (mundo identificado como o mundo desenvolvido) e, dessa forma, por se universalizar, a imigração acabou por constituir-se um sistema. [...] É um sistema porque é igualmente dotado de uma lógica própria, porque tem seus efeitos e suas causas próprias, bem como suas condições quase autônomas de funcionamento e de perpetuação. (SAYAD, 1998, p. 105)

Para o autor, o fenômeno da imigração deve ser entendido como um “fato social total” (SAYAD, 1998), visto se tratar de algo que é ao mesmo tempo histórico e estrutural e tem na emigração uma de suas partes integrantes. Nessa perspectiva, falar de imigração é falar de emigração. Uma não existe sem a outra, já que o “movimento migratório” envolve os dois polos, em diversas etapas, desde o planejamento inicial até as diversas formas de inserção e adaptação nos locais de destino e, em alguns casos, mantém esses dois polos ligados a ponto de serem vistos como “desterritorializados” (BASCH *et. all*). Assim sendo, o sujeito do movimento migratório, o migrante, é ao mesmo tempo o emigrante, do ponto de vista do local de origem e o imigrante, quando está no local de acolhimento.

4.3 - DEFININDO TRANSNACIONALISMO

Um dos grandes desafios enfrentados durante esta investigação foi entender o contexto pesquisado. Isso porque embora se trate de uma comunidade rural como já evidenciado neste estudo, essa definição é muito simplista para a complexidade observada no campo. De fato, SGP é, como apresentado em capítulos anteriores, um município rural, mas com peculiaridades e complexidades impostas pelas migrações internacionais nas últimas décadas. Isso porque, como argumentam Schiller, Basch & Blanc-Szanton (1992), o que estamos presenciando hoje é um “novo e diferente

fenômeno migratório” (p. 09) que, diferente de outros momentos históricos, não se define apenas por pessoas cruzando fronteiras, mas, ao contrário, às vezes parecem até desconhecer fronteiras, conforme o depoimento dessa jovem: “Eu quero ir embora, eu quero trabalhar, eu queria ir pros Estados Unidos, pra Inglaterra, sei lá... Qualquer lugar.” (Thalia).

Essa jovem - que tem parentes vivendo nos Estados Unidos, em Portugal e na Inglaterra - é um exemplo de como o movimento transnacional que caracteriza a região marca a vida da população local. É muito comum os jovens dessa comunidade se referirem aos países onde vivem os parentes como se fossem um lugar familiar, próximo, a cidade vizinha. E às vezes é o que parece, dada a frequência com que alguns emigrados cruzam a fronteira para visitar os parentes no Brasil, para passar as festas de fim de ano, para passar os meses de verão no hemisfério sul ou mesmo para passar um longo período com a família e depois reemigrar, como aconteceu com o pai da Thalia, que emigrou mais de uma vez.

O fato é que os ausentes estão presentes e a forma de se fazerem presentes nesse local de origem das migrações pode até variar, mas não deixa de acontecer. Os que vivem no exterior com documentos visitam os parentes no Brasil regularmente. Os que vivem sem documentos se fazem presentes através do envio constante de presentes, de bens de consumo, das remessas, ou retornam com a intenção de ficar e acabam reemigrando quando surge uma oportunidade. Esses sujeitos parecem viver simultaneamente nas duas nações, seja se fazendo presente fisicamente, seja impondo sua presença no local de origem, por meio do envio de remessas e bens materiais. Essa é a principal característica do movimento migratório nesse contexto e é uma particularidade importante do transnacionalismo, cujos aspectos observados nesta investigação passarei a discutir. Antes de prosseguir, é importante alertar para um pormenor relevante que alguns autores têm apontado, relativo à dubiedade do conceito de transnacionalismo. De acordo com Rios (1992, p. 227):

O termo é problemático, uma vez que permite diferentes interpretações. Um dicionário define como uma transformação ou metamorfose, passagem a outra nacionalidade. Os autores, no entanto, usam o termo no sentido de uma ponte e não é claro se esta ponte constitui uma mistura de culturas, um fenômeno de transição ou uma cultura completamente nova.

No meu entendimento, não se trata de uma transformação, mas de um fenômeno caracterizado por experiências humanas que transcendem os limites das fronteiras físicas sem ignorar os aspectos simbólicos das culturas nas quais estão inseridos, tanto nos locais de origem como de destino. Vejamos alguns aspectos que caracterizam o transnacionalismo no contexto analisado.

4.4 - UM PÉ LÁ E OUTRO CÁ

Meu tio Zé fica nessa vida de Estados Unidos e Brasil a vida inteira, já tem 25, 26 anos assim. (Ana Paula)

Igual o pessoal [*que mora fora do Brasil*] veio pro aniversário da minha vó. Não veio todo mundo porque quem tá fora do país e não é legal aí não tem como vim. Mais sempre que pode vem. Minha tia vem um ano, salta dois vem outro ano, salta três vem no outro ano, mas vem. Os que tão lá ajudam muito a minha vó e meu vô e minhas tias também. (Bárbara)

Essa fala da Bárbara, que tem parentes vivendo nos Estados Unidos e na Inglaterra, é um exemplo de como o movimento transnacional que caracteriza a região influencia na vida da população local. Um aspecto importante do movimento transnacional é o ambíguo desejo de estar lá e cá. É sabido que a questão da vivência entre duas terras não é algo novo quando falamos em mobilidade humana. Não é possível afirmar que em outros momentos da história esse ideário não estivesse presente. Exemplos na literatura, ainda no período mercantilista, dão conta dessa vivência simultânea entre dois mundos, embora naquela época tal possibilidade estivesse restrita apenas ao sonho. O poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, escrito em 1843, cinco anos depois de o autor chegar a Portugal para estudar, é um retrato fiel dessa afirmação. Citarei apenas o trecho que ilustra essa ideia.

[...]

“Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá”.
[...]

Nesse caso, embora o autor tenha conseguido realizar o desejo do retorno, expresso em sua obra, morreu fora da sua terra natal, em um naufrágio poucos quilômetros antes de conseguir alcançar a costa brasileira, em 1864. Hoje, com o avanço tecnológico e as facilidades de comunicação, é possível “viver em trânsito”, embora eu não queira com isso afirmar que essa possibilidade se aplica aos imigrantes contemporâneos como um todo. Como aponta Margolis (2007), há um grupo de imigrantes (os indocumentados) que, embora desejem voltar e tentar recomeçar a vida em seu país, ou mesmo visitar seus entes queridos, não o fazem por medo, como diz o depoimento dessa jovem citada no início deste tópico. Para Margolis (Op. cit) estão “encalhados”, aprisionados nos países de destino por políticas que, ao invés de barrar os indesejados, acabam por aprisioná-los ainda mais. Tais restrições, no entanto, não se aplicam a outras dimensões do transnacionalismo, ou seja, essas políticas barram as pessoas, mas não o movimento de ideias, informação, bens, mercadorias e remessas.

Embora não estejamos diante de um fenômeno novo, “o transnacionalismo atual marca um novo tipo de experiência migratória” que exige um esforço analítico sob uma perspectiva global, se queremos entender o que assemelha e o que diferencia os movimentos no passado e no presente (BASCH *et. all* 1994, p. 24). Claro está que o avanço tecnológico que marca as sociedades contemporâneas tem influência significativa nesse processo, uma vez que a facilidade de acesso à comunicação, viagens mais acessíveis, dentre outros fatores, tendem a contribuir para o transnacionalismo, embora, como já explicitado, não possam ser apontados como razões ou motivações para tal (BASCH *et. all* 1994; GOLDRIN, 1998). Mas o que afinal explicaria o acirramento de tal fenômeno? Para Basch *et. all. (op. cit)*, explicações baseadas apenas no avanço tecnológico, desconectadas de uma análise das relações sociais de produção não respondem satisfatoriamente a essa questão.

Além do movimento de pessoas, outro aspecto que caracteriza o transnacionalismo nessa região é o envio do exterior de bens e remessas, estas investidas, sobretudo, em imóveis, seja residencial, seja em terras. Nesse sentido, a casa em estilo colonial, em geral sobrados luxuosos, é o sonho de consumo.

4.5 - A CASA DOS SONHOS ...

[...] Porque o ponto X da coisa lá é melhorar a vida da gente e da família da gente. Porque a gente quer estudar, a gente quer ser inteligente pra saber conversar com todo mundo, isso e tal. Mas a gente quer o quê? A gente não quer morar de aluguel; a gente quer ter uma casa. A gente não quer ver a nossa família morando na mesma casa com piso de cera, cê tem que ralar o joelho pra poder passar aquela cera, ocê não quer isso. Ocê não quer uma casa pequena, que cê mal passa pela porta.
(Thalia)

Como já mencionado no capítulo metodológico, a escolha da cidade para realização da pesquisa teve alguns critérios objetivos iniciais a partir dos quais selecionei alguns municípios para visitar e definir o local da pesquisa. Nessa primeira incursão, o que mais me chamou atenção foi justamente a arquitetura. Conforme evidenciado por Siqueira (2009), adquirir um imóvel, inicialmente uma casa para morar ou, com o passar do tempo, uma propriedade rural, é o grande sonho daqueles que emigram. As casas são também referências para os moradores locais para definir quem foi ou está sendo bem sucedido lá fora. Foi assim que fui apresentada à cidade nos primeiros dias por um membro da minha *host family*, indicando quem ganhou muito dinheiro e quem ganhou pouco. Pergunto como ela sabe e ela me responde: “uai, olha essa casa!”.

As casas foram, pelo menos inicialmente, um importante critério que lancei mão para observar o impacto da migração nas cidades visitadas e tudo indica que a opção foi acertada, visto que, das duas cidades finais que selecionei, ambas apareceram nos dados do IBGE no ano seguinte como municípios brasileiros com maior número de emigrados em relação ao número de habitantes. O Censo constatou também que são de Minas Gerais as três cidades brasileiras com maior número proporcional de emigrantes. Sobrália, com 88,85 de emigrantes por mil habitantes; São Geraldo da Piedade, com 67,67 emigrantes por mil habitantes e Fernandes Tourinho, com 64,69 emigrantes por mil habitantes.

Em visita ao município de Sobrália foi um dos mais antigos moradores locais, que tem dois filhos vivendo nos Estados Unidos, quem me apresentou a cidade e falou

sobre os investimentos que os filhos estavam fazendo para construir suas casas, o grande sonho de consumo de muitos que deixam essas cidades. Essa é uma característica muito forte nos municípios da região, ou seja, os casarões luxuosos, que passei a denominar “*american houses*”, construídos e decorados com o que há de mais moderno na indústria moveleira e na construção civil. As casas dos emigrados são tão características que alguns fazem questão de mostrar o *status* conquistado com os dólares criando bairros próprios, como fizeram alguns retornados do município de Sardoá²⁵, cujo bairro de luxuosas *americans houses* recebeu o nome de América. Essas construções são outro meio importante de manutenção dos vínculos. Os emigrados passam anos construindo ou reformando e participam ativamente do processo, desde a planta aos detalhes do acabamento. Quando visitei membros de uma família que vive em Boston, a primeira coisa que me perguntaram foi se conheço a casa que estão construindo e se está ficando bonita.

4.6 - SHOPPING CENTER PARA QUÊ?

Quando perguntados que espaços eles não têm na cidade e que gostariam de ter, o *shopping Center* aparece em primeiro lugar na preferência dos jovens (23,1%), seguido de cinema (14,9%). Essa resposta me chamou atenção por uma razão. Os moradores do município têm acesso a bens de consumo enviados do exterior, como perfumes, roupas, calçados e eletrônicos que são vendidos a preços exorbitantes nas lojas de importação da capital mineira. Isso foi possível perceber com a convivência com os moradores de SGP. Certa vez, cheguei à casa de uma das jovens e a mãe estava hidratando os pés com o creme da marca *Victoria's Secret* que a filha havia enviado dos Estados Unidos. Aproximei-me e vi que se tratava de um creme para as mãos. Perguntei-lhe se ela costumava usar sempre aquele creme e ela disse que a filha manda sempre, de diferentes cores e perfumes, e que seus pés haviam se dado muito bem com aquele. Em outra ocasião me chamou atenção a roupa de cama na casa de uma jovem de família transmigrante. Achei tão sofisticado que resolvi olhar a etiqueta e, para minha

²⁵ Sardoá, localizada a 20km de SGP, ficou nacionalmente conhecida em agosto de 2010 quando dois jovens moradores da cidade foram vítimas de uma chacina em que foram assassinados 72 imigrantes na fronteira do México com os EUA. A vizinha Gonzaga também ficou conhecida por uma tragédia, o assassinato do jovem Jean Charles no metrô de Londres em 2005, cuja história foi contada em um filme do diretor Henrique Goldman.

surpresa, os lençóis tinham carimbo de um hotel norte-americano e fui informada que haviam sido enviados por parentes que moram em Boston e trabalham naquele hotel.

Produtos norte-americanos como perfumes, roupas, tênis e brinquedos infantis são muito comuns em SGP. Seja nos bailes organizados pelos jovens na quadra da cidade, seja nas cavalgadas, aniversários e festas religiosas, camisetas de marcas como Hollister, GAP e Aeropostale são itens praticamente obrigatórios. Não que tais marcas sejam desconhecidas nos grandes centros urbanos brasileiros, mas em SGP os consumidores não se dirigem a uma loja para comprar (até porque não existe); eles recebem diretamente dos parentes que vivem no exterior.

Alguns trazem de fora do país grandes aparelhos de TV, computadores de última geração e até refrigeradores que sequer são fabricados no Brasil. Visitei algumas famílias cuja mobília e decoração da casa impressiona tanto pela novidade como pelo luxo das mercadorias, “coisa de primeiro mundo” como dizem. Diante desse padrão de consumo fora da realidade de muitas famílias de classe média brasileira, é pertinente perguntar: *shopping center*, para quê? Para ver gente bonita e “comer *Mac Donald*”, foi o que me disse certa vez uma jovem que contou que adorava ir a GV só pra ir ao *shopping*. Disse ainda que para ir ao *shopping* usa as roupas que os parentes mandam dos Estados Unidos.

4.7 - MINAS GERAIS SEM FRONTEIRAS

[...] Eles dormiram num pasto. Não, primeiro dia foi tipo perto da floresta, e o pessoal caçando, passando de helicóptero, cachorro, mas não conseguiram achar eles. Acho que eram uns dez, tudo dentro de uma caminhonete, deitado um quase em cima do outro, assim. Aí depois eles ficaram lá e o cara veio, o cara voltou, foi lá na frente e esperou a polícia ir embora e no outro dia de manhã é que ele voltou e veio buscar eles. Eles tavam na estrada esperando que passasse um carro pra poder prender eles né, porque eles já não tavam mais agüentando, né? (Ernesto).

Histórias como essas são comuns na região, sobretudo de quem se aventurou na travessia pelo México, o que tem se tornado cada vez mais difícil. Durante o período em que lá estive, ouvi diversas histórias de pessoas que fizeram a travessia, umas relatadas com muita dor e sofrimento; outros, no entanto, talvez por vergonha, tentam minimizar

a experiência, afirmando que não enfrentaram qualquer dificuldade, o que é desmentido sistematicamente. Há quem se refira à travessia do deserto como “o inferno aqui na terra” e, em relatos mais emocionados, ouvi pessoas dizerem que pediram para ser pegos pelo serviço de imigração ou para morrer, pois não viam outro jeito de acabar com aquele sofrimento. A morte, aliás, em alguns casos, acaba por ser o destino de alguns que investem nessa empreitada. Quando cheguei à cidade, em setembro de 2010, os moradores da região ainda estavam aturdidos com a notícia dos dois jovens da vizinha Sardoá que haviam sido assassinados em uma chacina perto de cidade de San Fernando na fronteira do México quando esperavam pelos coitotes que os guiariam na travessia. Esses e outros casos malsucedidos de tentativa de emigrar são exemplos de que Minas Gerais pode até não ter fronteira e, nesse sentido, sair do estado ou mesmo do país pode até ser “fácil” como afirmam alguns agenciadores, o que não significa que entrar em outro país também seja.

A história de vida dessas pessoas guarda elementos importantes para se compreender a própria história desse estado e desse país. Aprender o significado do papel das migrações (internas e internacionais) para o estado brasileiro de Minas Gerais requer o entendimento da própria história desse estado, conhecido em alguns ditados populares como “terra de passagem”. Uma vez que o processo de colonização brasileiro deu-se a partir do litoral, as terras mais interioranas só passaram a ter valor quando alguma riqueza natural foi descoberta, depois que se iniciaram as expedições dos bandeirantes. No caso de Minas Gerais, rico em recursos naturais, as pedras preciosas que deram origem ao nome do estado, foram os primeiros recursos naturais a serem encontrados pelos bandeirantes e logo começaram a ser explorados. O ouro, tão cobiçado pela coroa portuguesa desde a chegada ao Brasil, em 1500, só foi descoberto com as primeiras expedições exploratórias ao interior do país, no final do século XVI, tendo seu ciclo consolidado no século XVII. No início do século XX, os recursos naturais da região mineira de Governador Valadares começaram a ser explorados. De acordo com Espíndola (1998, p. 158):

Ao lado da mica, destacaram-se as atividades de beneficiamento da madeira, cujo auge também se concentrou nos anos quarenta e cinquenta, quando assumiram o papel de motores do crescimento de Gov. Valadares. A indústria da madeira teve início nos anos vinte, com a produção de dormentes para a Estrada de Ferro Vitória a Minas.

Até os anos trinta, a exploração não se deu em bases racionais, de forma que se pudesse caracterizá-la como um empreendimento capitalista.

A exploração da mica, mineral utilizado na indústria bélica na Segunda Guerra Mundial e cujo domínio na exploração durante os anos trinta e quarenta foi feito por empresas norte-americanas, é apontada por diversas pesquisas²⁶ como o principal fator que contribuiu para o início do ciclo migratório na região. Isso porque, terminado o ciclo exploratório, os cidadãos norte-americanos que ali haviam se estabelecido retornaram ao seu país, alguns levando consigo pessoas para trabalharem em suas casas.

Ainda durante as muitas idas à região, na etapa exploratória da pesquisa de campo, já eram visíveis os sinais da cultura da migração e do transnacionalismo na região. Os primeiros olhares já deixaram claro a forte ligação da população local com contextos internacionais. São várias as histórias de parentes, vizinhos ou conhecidos que vivem fora do Brasil, que foram e já retornaram ou que estão se preparando pra ir. Nesse contexto, algumas pessoas demonstram certa familiaridade com termos alheios à realidade local. Por exemplo, falam de aspectos geográficos da região de fronteira dos Estados Unidos ou mesmo de aspectos financeiros, como a conversão monetária do dólar, de forma bastante familiar. Não que esses sejam temas estranhos ou desconhecidos de boa parte da população brasileira, mas se pensarmos em um pequeno município de 5.000 habitantes, com acesso restrito à internet, onde o melhor acesso à TV ainda é por meio de antena parabólica e o acesso à internet feito por rádio, as novidades trazidas ou contadas por telefone pelos parentes que vivem em Boston ou Nova Iorque podem chegar muito mais rápido lá que aos moradores da periferia de um grande centro urbano. Em visita ao município de Fernandes Tourinho, 50 km de Governador Valadares, chamou-me atenção uma jovem que estava limpando a igreja matriz da cidade. Ela me contou rapidamente a história de sua irmã caçula que já havia tentado entrar duas vezes nos Estados Unidos pela fronteira do México e, da segunda vez, já estava no Texas quando foi alcançada pelo serviço de fronteira e deportada. Falava com um conhecimento geográfico dessa região incompatível com o seu aparente pouco grau de escolaridade perceptível na linguagem utilizada.

²⁶ Cf. Weber (2002); Siqueira (2010).

Os modos de vida nesses locais de origem dos fluxos migratórios evidenciam características interculturais, em que o local e o global se fundem trazendo à tona elementos do que pode ser entendido como cultura da migração. Foi o que percebi em uma das primeiras incursões à região, em Sobrália, quando um dos mais antigos moradores locais, ao me apresentar a cidade, e seu patrimônio construído com os dólares enviados pelos filhos do exterior, enfatiza a forte influência dos que vivem fora na transformação da cidade e dos modos de vida dos moradores. As casas coloniais, de dois pavimentos, são o grande sonho de consumo. Essa é uma característica muito forte nos municípios da região, ou seja, os casarões luxuosos, construídos e decorados com o que há de mais moderno na indústria moveleira e na construção civil.

Nesse aspecto, os padrões de consumo também revelam o diálogo entre o global e o local. A primeira vez que estive em SGP, ainda sem ter definido aquele como local para pesquisa de campo, chamou-me atenção a história de uma família que contabiliza cerca de 40 membros com histórico de migração (emigrados ou retornados). A esposa de um desses membros construiu e mobiliou a casa com materiais e móveis “encomendados da cidade grande”, como faz questão de ressaltar, e “tudo de primeira qualidade”. Essa mesma família faz as compras de mantimentos em uma pequena mercearia e o acerto é feito ao final do mês, quando o marido manda as remessas. Nessa pequena mercearia, tanto pra essa família como para todas as outras que também são freguesas do local, tudo é anotado na caderneta, um antigo costume que tem resistido à chegada dos dólares e ao uso dos cartões de crédito.

Na cidade de Governador Valadares, durante uma dessas visitas, conheci uma profissional da educação que se apresentou como coordenadora pedagógica de uma das melhores escolas privadas da cidade. Em uma conversa informal na praça da matriz, por ocasião de uma festa junina, ela me relatou um grande desafio que sua escola vivenciava naquele ano de 2010, a presença de jovens retornados de países de língua inglesa nas turmas de ensino médio. O desafio dizia respeito ao precário – e em alguns casos até desconhecimento – da língua portuguesa. Disse-me que naquele ano estava com nove jovens que foram alfabetizados apenas em inglês e que nem ela nem a escola sabiam muito bem como lidar com a situação, que se complicava nos casos de alguns que não aceitavam a decisão do retorno imposta pelos pais.

Esse quadro geral evidencia a necessidade de uma análise para além da perspectiva local visto que, de acordo com os dados empíricos, esse contexto está impregnado por influências globais promovidas pelos movimentos migratórios transnacionais. Os dados coletados na pesquisa de campo evidenciaram que SGP é uma comunidade transnacional mas, ao mesmo tempo, não perdeu suas características de uma comunidade rural tradicional. Embora a economia local ainda tenha características rurais baseadas na criação bovina e na agricultura familiar, os sinais do uso de moedas estrangeiras estão em toda parte, como, por exemplo, negociar em dólares. Com relação aos costumes e manifestações culturais locais, embora preservem festas tradicionais como a do “Boi de Balaio”, o “Festival da banana” ou mesmo as músicas sertanejas, elementos culturais de outros países são introduzidos em seu cotidiano, como a festa do “Halloween” que está se tornando uma tradição da cidade e os *hits* de artistas *pops* norte-americanos que têm lugar garantido nos bailes e cavalgadas. Esses casos ilustram um cenário de “hibridismo cultural” (GOLDRING, 1998; BASCH *et all*, 1994) ou de “sobrevivência cultural” (TURNER, *apud* SAHLINS, 1997) e pode ser uma resposta positiva a algumas visões apocalípticas sobre a influência da globalização para as comunidades tradicionais locais. Esse processo parece não ser recente, tampouco uma tendência apenas de SGP ou outros contextos transnacionais, mas vem sendo observado em outros contextos rurais, como observa Carneiro (1998, p. 68):

Tal processo implica um movimento em dupla direção no qual identificamos, de um lado, a reapropriação de elementos da cultura local a partir de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos, no sentido inverso, a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo uma situação que não se traduz necessariamente pela destruição da cultura local, mas que, ao contrário, pode vir a contribuir para alimentar a sociabilidade e reforçar os vínculos com a localidade.

Ressalto que a autora refere-se à relação rural-urbano e minhas análises nesse aspecto referem-se à relação global-local, mas a ideia é a mesma, ou seja, as transformações na comunidade rural provocadas pela intensificação das trocas com o mundo urbano (pessoais, simbólicas, materiais) não resultam, necessariamente, na descaracterização de seu sistema social e cultural como os adeptos da abordagem adaptacionista interpretavam (*ibidem*, p. 57), mas trata-se de um movimento de ressignificação da cultura local.

Os vínculos entre os transmigrantes e os não-migrantes têm influenciado não somente os aspectos culturais, mas também a economia local, a vida social e as decisões políticas em SGP. Um exemplo claro aconteceu nas eleições locais de 2012 quando, depois de oito anos de mandato de uma família de tradição na política local, o prefeito eleito foi um imigrante retornado, também de uma família tradicional, que havia apoiado a candidatura da irmã no pleito de 2008, sem sucesso. Inconformado com os rumos políticos da cidade, retornou ao país em 2010 e decidiu candidatar-se. Teve imenso apoio da população e foi eleito com maioria absoluta dos votos.²⁷ Situações semelhantes, não só relativamente à política mas também a outras áreas, têm acontecido em outras comunidades transnacionais. Como mostraram Basch *et all* (1994), por exemplo, no caso da pequena ilha de Grenada, cuja população transmigrante influenciou, segundo as autoras, a população local nas discussões sobre o conceito de democracia nos anos de 1980, ou os casos de São Vicente e Grenada, que modificaram o período do carnaval para favorecer a participação dos seus endinheirados cidadãos emigrados.

4.8 - DINÂMICA FAMILIAR EM SGP: AS FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS

Meus avós maternos moram aqui. Eles têm dez filhos. Três filhos moram aqui, um é retornado, mora aqui em São Geraldo, dois nos Estados Unidos e um na Inglaterra. Dois moram em Valadares. Um mora em estado diferente. Os meus primos, eu tenho primo pra caramba. Olha só! Eu tenho uma tia que tem seis filhos. Minha mãe teve quatro filhos, uma mora fora, em Portugal, dois moram fora, em Valadares, e eu moro aqui. Meu tio Piu tem um filho que mora no exterior, um que mora aqui e um que mora em outra cidade. Meu tio Rick tem um filho que mora com ele lá nos Estados Unidos. Meu outro tio doido, perdido, tem uma filha que mora nos Estados Unidos, uma filha que mora em outra cidade e quatro que moram em outro estado. Minha tia Lina tem dois filhos que moram no exterior e um que mora em outra cidade [...]. (Thalia).

Conforme explicitado no capítulo em que abordei a condição juvenil em SGP, a família é a instituição socializadora de maior importância para os jovens discutirem suas questões relativas ao futuro. Assim, a família aparece como uma instituição central no

²⁷ Exemplos como esse que estão acontecendo no local de destino são mais propensos a chamarem atenção, como o caso do mineiro José Félix Peixoto, candidato, em 2012, a deputado federal pelo distrito 26 Flórida (<http://colunistas.ig.com.br/diretodemiami/2012/09/25/brasileiro-pode-ser-eleito-deputado-federal-nos-eua-em-novembro/>) ou ainda dos imigrantes venezuelanos antichavistas que viajaram ao país de origem para votar, na tentativa de derrubar Chaves nas urnas.

processo de socialização desses jovens, como é em qualquer sociedade ocidental. Nesse caso, no entanto, algumas particularidades proporcionam a esses sujeitos experiências distintas, evidenciando singularidades na condição juvenil nesse contexto. Alguns estudiosos já apontaram a importância da família nos processos migratórios, uns dando conta do papel dela na decisão de migrar (Cf. CARNEIRO, 1998; HARBISON, 1981), outros tratando das questões de gênero e do papel da mulher cujo marido emigra e ela precisa assumir o controle da família (Cf. SIQUEIRA, 2010), ou ainda discutindo os arranjos familiares em contextos transnacionais (ARIZA, 2002). Portanto, esse é um aspecto que já vem sendo discutido, porém, o que é importante evidenciar nesta investigação é como essa configuração familiar impacta na condição juvenil, visto que esta é também uma instituição com peculiaridades, como também já aponte. Uma dessas peculiaridades, como evidencia a citação anterior, da entrevista concedida pela Thalia, é a dispersão, não só dentro do estado de Minas Gerais e do Brasil, mas em outros países, razão pela qual estou denominando famílias com essas características de famílias transnacionais.

Nesse contexto de mobilidade transnacional que afeta essas famílias de modo direto, é possível que a entrada na vida adulta também apresente especificidades. Isso porque muitos desses jovens veem-se obrigados a passar parte importante da juventude longe de um dos pais ou, em alguns casos, de ambos. Nesse sentido, quando falamos de transição para a vida adulta na nossa sociedade, a saída da casa dos pais é, em geral, um marcador essencial. Assim, entende-se a adolescência e a juventude como um período importante e rico em experiências com as quais os jovens “preparam-se” para essa nova etapa da vida. Esse período pode ser um processo doloroso e conflituoso, como disse uma jovem, quando me contou sobre as dúvidas que tinha quando entrou na puberdade e não tinha a mãe por perto e contou com uma tia para atravessar as turbulências da fase.

A minha avô, mãe do meu pai, [...] ela acha que beijar na boca é um absurdo. O desenvolvimento do corpo da gente, a gente não pode perguntar, a gente tem que descobrir sozinha porque ela não tem coragem de falar. Então, assim, se eu fosse criada com ela, basicamente eu não ia entender nada. Eu ia ficar louca. (Maria Antônia).

No exemplo acima citado, a jovem enfrentou sérios problemas na escola e na cidade, envolveu-se com drogas (apenas lícitas, segundo me contou), brigou com a

família por parte do pai, assumiu uma postura considerada de rebeldia para muitos moradores da cidade e diz que a avó materna e a mãe, mesmo de longe, foram seus portos seguros. Tais conflitos e questionamentos “explodem” no seio da família, como nos lembra Sarti (2004), instituição por excelência na qual devemos buscar referências para esse novo mundo que nos aguarda (o mundo adulto) e em que podemos descarregar nossas angústias, aflições e conflitos tão comuns no período da puberdade.

A importância fundamental da família para o jovem está precisamente nesta possibilidade de manter o eixo de referências simbólicas que a família representa - como lugar de afetividade e, assim, palco de conflitos - e que, nesse momento, mais radicalmente ainda do que em outros momentos do ciclo de vida familiar, precisa abrir espaço para o outro, justamente para continuar a ser ponto de referência. (SARTI, 2004, p. 7).

Nesse sentido, no caso dos jovens de SGP, um dos principais elementos que caracterizam esse grupo é o fato de boa parte estar crescendo ou ter passado um tempo da infância longe de alguns membros do núcleo familiar, disperso pelas migrações. Isso porque são comuns nessa região famílias que podem ser identificadas como “família transnacional multilocal” (GLICK *et al*, 1992; GUARNIZO, 1997, *apud* ARIZA, 2002), ou seja, com membros vivendo em locais distintos, mas mantendo vínculos contantes.

Durante uma entrevista coletiva, uma ferramenta utilizada para iniciar a conversa foi o desenho das famílias a partir das experiências migratórias dos seus membros. A atividade consistia em escolher um dos avós e desenhar a árvore genealógica, identificando a situação migratória dos parentes por cor. (Ver Cap. II). Uma questão importante nesse histórico que, embora o gráfico não mostre, é o vai e vem de pessoas na dinâmica migratória, ou seja, os casos de reemigração, muito comuns entre os moradores do município. Isso ficou bastante evidente nas observações e conversas cotidianas com os moradores da cidade e nas entrevistas, como mostra o diálogo a seguir:

Ana Paula - Meu tio Zé fica nessa vida de Estados Unidos e Brasil a vida inteira. Já tem 25... 26 anos [vivendo] assim.

Z – Ele já foi e já voltou quantas vezes?

Ana Paula – Ahh Zê! Eu sinto muito...

Bruna – Umas 580 vezes...

Ana Paula - É como a tia Marta falava, “só vinha fazer um minino e ia embora.”

[...]

Thalia – [Eles, os primos, vêm] de ano em ano. Minha tia agora é legal lá [nos

Estados Unidos] e eles também são, que eles nasceram lá. Aí, geralmente de ano em ano... já ficaram 2 ou 3 anos sem vim aqui. Mas agora tão conseguindo vim de ano em ano. Minha tia que mora na Inglaterra também vem de ano em ano. Bárbara - Igual o pessoal veio pro aniversário da minha vó. Não veio todo mundo porque quem tá fora do país e não é legal aí não tem como vim. Mas sempre que pode vem. Minha tia vem um ano, salta dois, vem outro ano, salta três, vem no outro ano, mas vem.

A fala dessas jovens evidencia os movimentos transnacionais protagonizados pelos parentes, mas mostra também outro lado dessa história, poucas vezes mencionado nos estudos relativos ao tema. Falo destes que se veem obrigados a permanecer nos locais de destino, mesmo que tenham condições financeiras de visitar os parentes no Brasil, o que Margolis (2007) chama de “brasileiros no limbo”. São os imigrantes que entraram nos Estados Unidos de maneira irregular (quase sempre identificados pejorativamente pela mídia como “ilegais”), que lá permanecem “encalhados”, para usar os dizeres da autora, em alguns casos até contra a própria vontade, mas não retornam por medo de não conseguirem entrar novamente em território norte-americano.

4.9 - FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS. POR QUE PARTEM, AFINAL?

Olhando para esse histórico e convivendo cotidianamente com essas famílias, as indagações sobre as circunstâncias que levaram a esse quadro são inevitáveis. Quando questionados, as respostas vêm, quase sempre, em explicações que já viraram clichê nessa região: “ah, vou pros Estados Unidos pra melhorar de vida”, ou então “ah, porque lá tem melhores condições que aqui”, ou “porque quero juntar dinheiro pra construir minha casa”.

As respostas não variam muito, mas a convivência cotidiana acaba evidenciando razões diversas e casos específicos. Percebe-se que as explicações dadas pelas diferentes correntes dos estudos migratórios não são inconsistentes na prática, contudo, são insuficientes para o caso aqui analisado. No caso dessas famílias, foi possível identificar pelo menos cinco razões distintas que, combinadas ou isoladamente, produziram diferentes histórias de vida individuais e trajetórias familiares de separação, reunificação e reencontros circunstanciais.

Uma das razões que observei nesse contexto foi o que chamo de migração circunstancial, em geral influenciada pelas redes, que ocorre em razão de uma

conjuntura específica. Em alguns casos, a migração nem era um projeto pessoal, mas a oportunidade surgiu e a migração aconteceu. Um jovem me conta como foi a decisão de emigrar para alguns de seus parentes.

[...] No ano de 2005, meu tio perguntou se minha mãe queria ir e ela falou que não tinha como. Ele tava querendo levar a namorada dele, só que ele queria que alguém da família fosse com ela pra acompanhar na viagem [*travessia pelo México*]. [...] Aí minha mãe não podia [*por causa dos filhos pequenos*] e uma prima minha foi no lugar dela aí, depois de dois meses que ela tava lá, minha mãe decidiu ir". (Ernesto).

O caso do Ernesto, cujo pai já vivia nos Estados Unidos há dois anos, é ilustrativo. A mãe ficou com os dois filhos em Belo Horizonte e o casal não pensava em separar a mãe dos filhos, mas a oportunidade surgiu com um convite, porque alguém precisava de companhia para fazer a travessia pelo México, e a mãe começou a cogitar a possibilidade de emigrar. Foi assim que emigraram ela e uma prima.

A família da Ana Flávia também é ilustrativa desse tipo de migração. O primeiro tio que emigrou precisava de ajuda para os trabalhos para o qual havia sido contratado nos Estados Unidos e foi levando os irmãos para ajudá-lo. Todos trabalhavam com atividades agrícolas no Brasil e aprenderam a trabalhar na construção civil quando chegaram aos Estados Unidos.

Os casos de reunificação familiar são mais comuns entre casais que, mesmo não conseguindo uma forma legal de entrar no país estrangeiro, arriscam-se na clandestinidade. Também são comuns as tentativas de levar os filhos, mas de forma legal, já que os pais temem a travessia pelo deserto. Tais tentativas, no entanto, na maioria das vezes, são frustradas, pois a dificuldade maior, nesse caso, não é financeira²⁸, mas conseguir o visto para entrar legalmente no país, já que esse grupo pode ser caracterizado como “categoria suspeita” (MARGOLIS, 1994), ou seja,

²⁸ O processo de se candidatar a um visto de turista para os Estados Unidos pode custar cerca de \$ 2.000 por pessoa de acordo com alguns moradores locais, entre taxas, serviços de agências especializadas em “preparar” o candidato para a entrevista, “tutores”, para os menores de 18 anos e, no caso dos mineiros, passagens e hospedagens em uma das cidades brasileiras onde se pode requerer o visto (São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Brasília até 2012).

mineiros (com o agravante de ser de Governador Valadares), jovens e com fortes indícios de querer se estabelecer no país. Os pais do Ernesto, da Ana Paula e do Antônio, por exemplo, tentaram algumas vezes, sem sucesso, conseguir o visto para os filhos.

Aí antes da minha mãe ir, nós tentamos o visto e foi negado. Nós tiramos outro passaporte, porque já tem um carimbado que seu visto foi negado. Então sempre que eles olharem eles vão saber, né? Aí tiramos outro passaporte. Meu pai marcou com a mulher a entrevista e tudo lá e ela ia levar a gente e ele ia passar um papel pra ela como se ela fosse a tutora [...] minha e do meu irmão. Só que não deu certo. Ela queria um dinheiro muito alto e antes ainda da gente poder viajar. Aí nós nunca fomos. (Ernesto).

Também identifiquei nas histórias contadas nessa comunidade que, em alguns casos, as pessoas emigraram por razões que identifico como fuga de condições adversas ocasionadas por questões relativas a desigualdades de gênero, desordem familiar ou alguma insatisfação com as condições econômicas e também sociais no lugar de origem. Durante a minha presença no campo, ouvi diversas histórias de pessoas (principalmente mulheres) que deixaram a cidade porque queriam viver de forma mais independente das tradições locais. É o caso da mãe da Maria Antônia que, terminando o curso de pedagogia, resolveu emigrar depois que se separou e, segundo alguns moradores locais, tomou a decisão por vergonha de continuar vivendo ali. A filha, no entanto, atravessou a adolescência enfrentando situações vexatórias por conta da separação dos pais.

A cidade lá é muito pequenininha, então é muito preconceituosa. Então quando meus pais se divorciaram, muitos outros pais afastaram os filhos, não podiam andar comigo, porque eu era filha de pais separados, que minha mãe era vagabunda e tal e tal. Eles falaram mais ou menos isso. (Maria Antônia).

Uma tia da Bruna me conta que sua filha largou a faculdade quase no final do curso e emigrou para os Estados Unidos porque temia ter o mesmo futuro da maioria das mulheres que, quando trabalham, ganham pouco e são subalternas ao marido. Uma mãe, cujos filhos gêmeos emigraram aos 17 anos, conta que, como o pai bebia muito e batia nos filhos, ela resolveu pedir ajuda ao padrinho dos meninos (que, segundo alguns

moradores, trabalhava como cônsul na época) para levar os filhos para trabalharem nos Estados Unidos. Há ainda o caso de uma família cujo pai foi assassinado e os filhos, jurados de morte, tiveram que deixar a cidade, a propriedade da família e a única irmã. Também ouvi diversos casos de mulheres que deixaram a cidade porque se separaram do marido e não aguentaram a pressão social, ou ainda casos de homossexuais, homens e mulheres, que preferiram viver em uma cidade mais desenvolvida.

[*Falando da mãe*] É uma encheção de saco. Me maltrata na frente dos outros. Então assim... Por essas coisas, eu sempre quis ir embora, sabe? Eu pensava: “Eu vou embora, vou embora... Eu quero ir embora”. Eu vou embora pra meio que ser mais livre, vou trabalhar. Eu quero ir embora, eu quero trabalhar, eu queria ir pros Estados Unidos, eu queria ir pra Inglaterra [...]. Até hoje eu acho que nem descarto isso não. (Thalia).

Por fim, foi possível identificar diversos casos de migrações recorrentes, ou seja, pessoas que voltaram a emigrar depois do primeiro retorno, corroborando a tese de Lee (1980) de que quem emigra a primeira vez está mais propenso a voltar a fazê-lo. Casos como o pai da Bruna, que viveu dois anos nos Estados Unidos, retornou a SGP e depois de um ano reemigrou para a Alemanha; o pai da Thalia, que esteve nos Estados Unidos pelo menos três vezes; e alguns dos tios da Bárbara, que também reemigraram.

Esses casos evidenciam elementos do transnacionalismo nessa comunidade. Assim, o objetivo deste capítulo foi sustentar o argumento de que esses jovens estão vivenciando uma condição juvenil com singularidades e passando por um processo próprio de transição para a vida adulta, marcado pelos processos de transnacionalização que caracterizam o contexto no qual estão crescendo. Para definir esse fenômeno, parti do conceito de transnacionalização definido a seguir, discutindo seus limites e possibilidades para este estudo.

Our conceptualization of transnationalism calls attention to connections between people as well as to the movement of ideas and objects. The term “transnational” is used to signal the fluidity with ideas, objects, capital, and people now move across borders and boundaries.” (BACSH, *at all*, 1994, 27).

Mas, afinal, de que modo esse contexto de transnacionalismo em que estão vivendo os jovens desta investigação tem influenciado no processo de transição para a vida adulta? Esse é o tópico a ser discutido, a partir desse momento.

4.10 - OS FILHOS DA MIGRAÇÃO E A TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA

Lembro-me de um adágio popular muito comum no interior do Nordeste brasileiro, que eu ouvi diversas vezes durante a minha infância: “São Paulo é terra onde filho chora e mãe não vê”. Só fui entender o que esse ditado de fato significava quando, aos 19 anos de idade, deixei a casa dos meus pais e me tornei uma migrante interna. A separação da família me fazia sentir, em alguns momentos, órfã de pais vivos. De fato, aquele foi o meu marco na transição para a vida adulta. Não foi apenas deixar a casa dos pais, mas deixar os pais para trás, afastar-me geograficamente, a uma longa distância, embora dentro do meu próprio país.

Analisando o caso dos jovens desta investigação que vivem longe das famílias, optei por identificá-los como “filhos da migração”, afinal, pelo menos em boa parte dos casos que tomei conhecimento, apesar da separação geográfica, eles não abandonam completamente o núcleo familiar. Eles se reorganizam, reestruturam a disposição dos membros da família de modo a se apoiarem mutuamente, criando arranjos tanto no local de origem como de destino. Dessa forma, não considero filhos da migração somente aqueles cujos pais partem e eles ficam sendo cuidados por outros membros da família, mas também os que partem, deixando os pais para trás. Em ambos os casos, o que pude perceber é que, apesar da separação física, os laços de afetividade, cuidado e solidariedade da família perduram. Um caso desses é de uma família de quatro filhos (um rapaz e três moças) dividida pela migração. O rapaz emigrou e levou, uma de cada vez, as duas irmãs mais velhas, deixando a caçula com a mãe. Ele foi deportado depois de dez anos vivendo nos Estados Unidos e as duas irmãs permaneceram, apoiando-se e dando prosseguimento ao sonho de juntar dinheiro para voltar ao Brasil. A mãe, zelosa tanto com os que ficaram como com os que partiram, mostra-se preocupada com o estilo de vida das duas filhas que vivem nos Estados Unidos:

Minhas filhas [*que vivem nos Estados Unidos*] não aproveitam nada da vida. Só ficam trabalhando. Tem uma que quando liga nem quer muito saber das festas por aqui, só pergunta como eu tô e pronto, desliga. Eu acho que ela se arrependeu muito de ter ido, mas agora não tem volta, não terminou os estudos, vai fazer o quê? (NOTAS DE CAMPO – 01/12/10)

Os filhos da migração quando não se separam dos pais ainda na infância, a separação se dá na juventude. A legislação brasileira considera jovens os sujeitos que compõem a coorte geracional compreendidos na faixa etária entre 15 e 29 anos de idade. O grupo de jovens desta investigação é composto por sujeitos que, além de pertencerem a uma mesma geração, também compartilham de outros aspectos da vida que os identificam como jovens. Todos estão vivenciando o processo de transição para a vida adulta e, nesse contexto, os marcadores principais, tradicionalmente utilizados nas pesquisas, parecem não dar conta de explicar. Isto é, a complexidade das sociedades contemporâneas trouxe à tona novos modos de viver a juventude e novos modelos de transição para a vida adulta, seja conjugando os marcadores tradicionais, seja alternando esses modelos dentro da “lógica da reversibilidade” definida por Pais (2001), seja criando formas próprias de transição, como acontece com os filhos da migração. Esses jovens têm vivenciado esse processo longe da família, instituição por excelência detentora de credenciais significativas nesse momento da vida (afetivas, materiais, culturais), sem a referência do pai, da mãe ou de ambos em alguns casos.

E assim meu tio foi... meu tudo. Aí meu... como é que fala? A minha figura masculina né ... Referência. Foi ele. Então eu aprendo andar de cavalo com ele, de bicicleta com ele. Aí eu... tipo quando ele ia sair, ele falava pra mim, quando ele ia sair. E sempre ele me levava porque, né, eu gostava demais, sei lá como é isso. Aí foi isso, né, essa convivência. Aí meu pai voltou, aí eu achei estranho, que eu não queria aquele pai não. Eu queria o outro. (Thalia).

No caso dessa jovem, o rearranjo familiar mencionado no tópico anterior é claro. A figura do pai é substituída pelo tio com quem ela conviveu mais de perto desde criança e que também emigrou quando ela estava entrando na puberdade. Ela se dizia bastante perdida, sem entender algumas situações que lhe afetavam. Os modelos de transição para a vida adulta marcados por lógicas próprias são problematizados por Pais, Cairns e Pappámikail (2005), por meio da ideia de “trajetórias fragmentadas”, para

referirem-se a um processo que se desenvolve a partir de uma lógica que remete às diferentes condições juvenis. Falam ainda de “múltiplas transições” que, embora não sejam diretamente para o mundo adulto, fazem parte do caminho como uma etapa da transição, por exemplo, a transição da escola secundária para o ensino superior. Os autores nos instigam a repensar e reelaborar modelos analíticos de transição na contemporaneidade.

A transição para a vida adulta no contexto desta pesquisa é marcada por especificidades na condição juvenil, já explicitadas em capítulos anteriores, e tem dois aspectos que são significativos e que, em alguns casos, são os marcadores principais da transição para a vida adulta: o término do Ensino Médio e o papel do jovem na família. O Ensino Médio, para muitos, é um rito de passagem importante, uma conquista para muitas famílias que se sacrificam para verem os filhos “formados” e conquistam esse objetivo no último fôlego.

Com a democratização do acesso ao nível médio de ensino no sistema educacional brasileiro, o término do ensino médio tem se mostrado como um momento crucial na definição dos projetos de vida dos jovens brasileiros de um modo geral. Para esse grupo de jovens do meio rural, esse rito de passagem é ainda mais claro. Concluir o ensino médio significa ter que tomar a principal decisão das suas vidas: permanecer em SGP ou emigrar, seja para uma das cidades da região, para outro país (as duas opções mais comuns), para a capital do estado ou para outro estado do Brasil. Quando indagados sobre os planos para depois do ensino médio, o desejo pela continuidade dos estudos, o que implica, na maioria dos casos, ter que sair da cidade, é significativo (55,9%), ao passo que os que tentam permanecer na cidade e/ou trabalhar na propriedade rural da família são a minoria (5,6%), contra 4,1% dos que manifestaram desejo de sair do país depois que concluírem a escolarização básica.

Outro aspecto que marca a transição são os papéis assumidos na família pelos jovens. O trabalho, por exemplo, é uma realidade comum à maioria, seja o trabalho remunerado formal, seja o trabalho produtivo na propriedade da família (em geral não recebem salário, apenas o custeio dos gastos com lazer), seja o trabalho doméstico, considerado nesse grupo como uma “obrigação” das meninas e que não lhes rende qualquer remuneração. Isto é, a condição juvenil não se define pela moratória para o

período de estudos ou de momentos de lazer e sociabilidade, mas agrega esses aspectos ao trabalho e às responsabilidades no seio da família.

As discussões relativas à condição juvenil neste capítulo são essenciais para se pensar os projetos de vida dos jovens que serão tratados no próximo capítulo.

CAPÍTULO V – JUVENTUDE E PROJETO DE VIDA

“[...] Acho que gosto de São Paulo
Gosto de São João
Gosto de São Francisco e São Sebastião
E eu gosto de meninos e meninas. [...]”

Meninos e Meninas
Legião Urbana

5.1 – POR QUE DISCUTIR PROJETOS DE VIDA.

Este capítulo tem o objetivo de apresentar e discutir uma parte fundamental desta investigação: a forma de organização dos projetos de vida dos jovens de SGP. Um grande esforço foi empreendido ao longo do capítulo no sentido de explicar o conceito de projeto e, conseqüentemente, de projeto de vida. Ao utilizar a categoria projeto de vida, não me limito ao recorte temporal de um tempo futuro, seja próximo ou distante, mas trato na perspectiva da narrativa biográfica, que envolve passado, presente e futuro. Isso explica porque utilizo o termo projeto de vida e não de futuro, pois este soaria redundante, já que o futuro está explícito quando se fala em projeto. Não tem como projetar o passado. Assim, compartilho da ideia de que “todo projeto, por meio da identificação de um futuro desejado e dos meios próprios para fazer com que aconteça, estabelece certo horizonte temporal no interior do qual evolui” (BOUTINET, 2002, p. 78). Nessa mesma perspectiva, também considero que ao conceito de projeto está ligado outro importante conceito, o de tempo, afinal, “o homem se faz na história” (MENESES, 1982, p. 35) e para o entendimento dessa história a dimensão temporal é imprescindível.

Por assim entender é que foi necessário delinear todos os aspectos levantados e discutidos nos capítulos anteriores, relativos a particularidades importantes da história de vida dos jovens, bem como aquelas relativas às suas famílias, às instituições em que estão sendo socializados, ao território onde nasceram e estão crescendo e ao período histórico em que estão vivendo. É ancorado nesse quadro, composto por elementos diversos relativos ao contexto e à identidade do sujeito, que seus projetos de vida estão se delineando.

Desvelar os projetos de vida desses jovens não foi um exercício fácil. Talvez pela forma como a concepção de projeto está presente na nossa sociedade, como algo

sistematizado e documentado, de uma maneira que a ideia de projeto de vida pode não fazer sentido a princípio. Eis a razão pela qual nos perguntamos: existe de fato um projeto de vida? Quando surge? Como podemos identificá-lo e caracterizá-lo? Todos têm projetos de vida? No que se assemelham e no que diferem de outros tipos de projetos? Essas são perguntas frequentes quando falamos em projetos de vida e algumas das respostas foram contempladas no âmbito desta investigação, relativamente aos projetos de vida dos jovens de SGP.

5.2 - LULA E STEVE JOBS.

Para ajudar na discussão da categoria projetos de vida, recorri inicialmente a algumas narrativas biográficas que me forneceram elementos importantes para o entendimento do tema. O gosto por ler biografias me despertou para o tema dos projetos de vida. Sempre, ao final de cada leitura, eu me pegava voltando às memórias do sujeito, tentando entender que aspectos foram mais significativos na sua trajetória, que pessoas influenciaram sua vida, que momentos foram marcantes; indagava-me sobre o processo de construção da identidade e a influência de tudo isso para aquilo que essas pessoas se tornaram. Ou seja, o que me perguntava era como o sujeito foi se tornando quem é. O que para mim ficava evidente com esse exercício de análise, mesmo sem qualquer pretensão investigativa ou científica, era que os sujeitos vão se constituindo biograficamente a partir de um movimento *continuum* de articulação entre passado, presente e futuro, na seguinte perspectiva:

“São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória.” (VELHO (2003, p. 101)

Embora não seja possível, nos limites deste trabalho, apresentar e discutir de forma detalhada essa ideia, trago aqui dois casos em particular de biografias que

chamam atenção pela riqueza das informações que apresentam, embora tenham sido escritas por razões distintas e utilizem gêneros discursivos²⁹ diferentes.

Primeiro a biografia do ex-presidente Lula, cuja trajetória começou a ser conhecida com sua ascensão no cenário político nacional durante as greves da região do ABC paulista nos anos finais do período do Regime Militar, e ganhou destaque com o lançamento do filme biográfico “Lula, o filho do Brasil”, lançado em 2009. De acordo com o livro que deu origem ao filme, seu pai não queria que os filhos estudassem porque precisavam começar logo a trabalhar pra ajudar no sustento da família. “Na verdade meu pai não queria que ninguém estudasse. Ele só queria que a gente trabalhasse. Meu pai era analfabeto. [...] Ele achava que ninguém deveria entrar na escola, que a gente tinha que trabalhar [...]”. (PARANÁ, 2002, p. 56). Esse mesmo caso, no entanto, tem outros personagens, com posicionamentos diferentes em relação à importância da escolarização, como a mãe do ex-presidente, que reconhecia o valor dos estudos e fazia questão de manter os filhos na escola, mesmo sem ela própria ter estudado. A mãe é definida por ele como alguém “muito nobre para os padrões culturais que ela tinha” (*Idem*, p. 60). A história de Lula traz ainda ricos elementos para entendermos a importância de analisar o contexto em que nasce e se desenvolve o sujeito e a influência desse contexto nos seus projetos de vida. Ele diz: “Também não me lembro dos meus projetos e expectativas de criança. Expectativa eu lembro que comecei a ter quando vim pra Santos. [...] Eu tinha como grande expectativa da minha vida ser motorista de caminhão.” (PARANÁ, 2002, p. 69). Alguns podem se perguntar: Como esse homem, nascido em uma das regiões mais pobres do mundo, no seio de uma família desprovida de quase tudo, que pouco frequentou a escola, tornou-se uma das maiores lideranças políticas nacionais? Ele tinha esse projeto para a sua vida?

Outra narrativa biográfica de alguém que viveu em um período histórico próximo, mas de uma realidade sociocultural totalmente oposta, também pode fornecer subsídios importantes para o entendimento de como os projetos ganham forma ancorados em elementos diversos. O renomado criador da multinacional Apple, Steve Jobs, foi adotado ainda bebê por uma família norte-americana de classe média, escolarizada, que vivia em uma das regiões norte-americanas de maior desenvolvimento

²⁹ De acordo com Soares (2003), o gênero do discurso é resultado da função que o autor atribui ao texto, do público para quem o autor escreve, das condições discursivas em que o texto é produzido e dos objetivos que pretende alcançar.

tecnológico, o Vale do Silício. Embora sua relação com a escola nunca tenha sido amistosa (histórico de desistência e reprovação), apesar do estímulo dos pais, ele cresceu em um ambiente que, ao contrário de Lula, na primeira infância, permitia-lhe sonhar e vislumbrar possibilidades diversas na vida, como ele mesmo reconhece: “Tive muita sorte, porque quando eu era criança tanto meu pai como os kits Heath me fizeram acreditar que eu poderia construir qualquer coisa.” (ISAACSON, 2001, p. 34).

As histórias de vida dessas duas personalidades nos apontam importantes elementos para o entendimento do conceito de projetos de vida neste estudo. Concordando com Velho (2004), a explicação para comportamentos, ações, preferências e aspirações do indivíduo está na trajetória e não apenas no resultado, ou seja, no que o indivíduo é/ou projeta ser. Daí que os projetos não devem ser analisados apenas na perspectiva futura, mas na relação que esse futuro almejado guarda com o presente vivido e com o passado experimentado.

5.3 – DEFININDO PROJETO, UMA CATEGORIA MULTIDISCIPLINAR.

Uma das referências mais importantes neste trabalho para o debate sobre projetos foi a obra “Antropologia do Projeto” do francês Jean Pierre Boutinet para quem o projeto é muito mais do que um simples conceito, mas trata-se de um regulador cultural e por isso mesmo demanda uma abordagem antropológica. Para o autor, é importante que se analise o lugar e as diferentes funções do projeto em uma determinada cultura e entre diferentes culturas, visto que se trata de uma referência simbólica significativa nas sociedades contemporâneas ocidentais.

Independente do contexto ou área do conhecimento em que é utilizado, projeto está relacionado à projeção, à antecipação. Boutinet (2002) define projeto como uma antecipação justificada em experiências prévias. Para esse autor:

Um grande número das realizações que concretizam a experiência humana são anteriormente interiorizadas, refletidas, antecipadas e orientadas pelo mecanismo do projeto. Este evitará que o indivíduo se deleite na compulsão da repetição, esforçando-se para criar o inédito, um inédito que mantenha um secreto parentesco com a experiência já realizada do indivíduo, com sua história pessoal. É esse parentesco, essa convivência não confessa – porque dificilmente observável – que dará significação ao projeto. (p. 270).

Nesse inédito que se busca conquistar por meio do projeto está implicado o desejo de mudança, de sair de uma determinada situação rumo à outra, em um futuro próximo ou distante, antecipando ações das mais simples às mais elaboradas. Por exemplo, se eu sei que tenho que ir à escola ou a um baile, fazer uma viagem ou mesmo fazer compras no supermercado, eu me planejo, ou seja, eu tento, de alguma forma, antecipar o que está por vir. É bem provável que por serem ações mais simples, cotidianas, nem sempre denominamos tais ações de projetos. Pode ser que chamemos isso de organização, planejamento, preparativos, mas a ideia é a mesma visto que se trata de “condutas de antecipação”. Nos termos de Schutz (*Apud* Velho, 2004, p. 26), “quando há ação com algum objetivo predeterminado, ter-se-á o projeto.” É isso que diferencia as condutas humanas dos comportamentos de outros animais, de natureza instintiva e apetitiva porque a capacidade de ter projeto é própria do humano (MACHADO, 2004; BOUTINET, 2002).

Boutinet (2002) identifica quatro modos característicos de antecipação: as antecipações adaptativas, alocadas nas figuras de previsão e providência; as antecipações cognitivas, manifestadas por meios de adivinhações e profecias; as antecipações imaginárias, manifestadas pelas utopias e ficção científica; e, por fim, as antecipações de tipo operatório, estas organizadas com vistas a objetivos, a alvos, à realização de desejos, a planos, a projetos propriamente ditos. Diferente das anteriores, são justamente esses tipos de antecipações que definem o futuro pessoal que o autor da antecipação tentará realizar. Boutinet (*Ibidem*) as definirá como antecipações de tipo racional ou determinista (o alvo, o objetivo e o plano); de tipo volitivo formal (o desejo e o voto) e de tipo vago ou parcialmente determinadas (o projeto registrado, a intenção).

Por meio de uma discussão acerca das origens e evolução da concepção de projeto ao longo da história e do seu funcionamento tanto para os indivíduos como para os grupos culturais, Boutinet (2002) busca desvelar, em uma perspectiva multidisciplinar, o conceito de projeto abordando-o em diversas áreas, inclusive na educação. O autor advoga que o uso das noções de projeto nas sociedades modernas, marcadas por uma cultura tecnológica, tem se intensificado em oposição ao que se podia perceber nas sociedades tradicionais. Desafiando a si mesmo no debate sobre a forte presença da figura do projeto na nossa vida cotidiana, o autor questiona: “Esse capricho, no mínimo linguístico, que faz com que usemos e abusemos agora do termo projeto, é

afinal um puro capricho, ou revela questões psicológicas e sociais presentes em toda cultura, mas mais intimamente ligadas à nossa cultura tecnológica?” (BOUTINET, 2002, p. 31).

Segundo esse autor, o termo projeto surge, de maneira regular, no século XV, já com a conotação de perspectiva, de lançar-se para frente, embora ainda não utilizado no sentido amplo e multidisciplinar que tem hoje, somente adquirido a partir do século XIX. A história do conceito de projeto tem raízes na arquitetura, mas ganha lugar de destaque nas produções filosóficas na primeira metade do século XX, embasado no conceito de **intencionalidade**. Nessa perspectiva, “o projeto traduz a capacidade de devir do homem, o que ele pode ser em razão de sua liberdade” (*Ibidem*, p. 50), demarcado por dimensões objetivas e subjetivas, por tempo passado e futuro.

A centralidade da categoria projeto para a condição humana também é apontada por Machado (2004) para quem nós, seres humanos, alimentamo-nos dos projetos que realizamos. Para ele, o projeto é o que vai nos permitir fugir aos determinismos e imprevistos, organizando e planejando nossas ações futuras. Esse processo não é linear tampouco singular. Ou seja, realizamos projetos diversos simultaneamente (pessoais e coletivos) e o fazemos em movimentos de ida e volta, de avaliação e reavaliação das nossas ações, orientando-nos por metas que foram atingidas (ou não) e por perguntas que foram respondidas (ou não). Nas palavras de Machado:

A fecundidade de uma pergunta é a garantia de que a resposta à mesma significará um esclarecimento e muitas outras dúvidas. Novas metas devem decorrer daquelas que foram atingidas, não como uma determinação, mas de modo natural. (MACHADO, 2004, p. 16).

A ideia de projeto discutida pelo autor apresenta aspectos centrais para esta análise, às quais recorrerei mais adiante, e um deles é a noção de que projeto está diretamente relacionado a valores. Ou seja, um sujeito, em uma determinada sociedade e tempo histórico, vai desenvolver projetos embasados nos valores que orientam seus modos de ver o mundo. Por exemplo, um projeto de lei (que depois de analisado e aprovado torna-se legislação) que embasa a educação nacional de um país carrega, explícita e implicitamente, os valores que orientam essa sociedade e os sujeitos que se pretende formar. Da mesma forma, os projetos de vida são carregados de valores, tanto individuais quanto dos grupos sociais nos quais vivemos.

Ademais, Machado (*Ibidem*) argumenta ainda que os projetos apresentam alguns ingredientes fundamentais sem os quais não é possível seu entendimento. Assim, uma característica fundamental é a dimensão da novidade, a abertura para o novo. Ou seja, “se o futuro existe, mas já está totalmente determinado, também não se faz projeto.” E ainda, o autor aponta outra característica essencial para o entendimento dessa categoria que é o caráter indelegável e intransferível da ação projetada, no sentido de que “não se pode projetar pelos outros.” (p. 7). O entendimento dessa dimensão é fundamental, sobretudo no que tange aos projetos individuais ou de grupos, no sentido de que, por exemplo, os pais não podem (ou pelo menos não deveriam) projetar pelos filhos; ou uma escola não pode (ou não deveria) adotar para si o Projeto Político-Pedagógico de outra instituição ou elaborado por pessoas externas; ou ainda um professor não pode querer que seus alunos cumpram projetos que são seus (ou da escola).³⁰ Nesse sentido, acredito que se o projeto é parte da condição humana, é necessário que seja pessoal, intransferível e indelegável. Cada um com seu projeto, mesmo que cada projeto não seja, necessariamente, exclusivo de cada um. Por fim, é importante ter sempre em mente que falar em projeto é tomar como referência o futuro, visto que estamos falando de antecipação de ações. Nas palavras do autor, “não se faz projeto se não há futuro – ou não se acredita haver.” (MACHADO, 2004, p. 6).

5.4 - PROJETOS DE VIDA.

[...]

E quando isto acontecer, quando nós permitirmos o sino da liberdade soar, quando nós deixarmos ele soar em toda moradia e todo vilarejo, em todo estado e em toda cidade, nós poderemos acelerar aquele dia quando todas as crianças de Deus, homens pretos e homens brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão unir as mãos e cantar nas palavras do velho espírito negro: "Livre afinal, livre afinal."

Martin Luter King JR.

³⁰ Quanto a essa dimensão do projeto, refiro-me a projetos individuais, pessoais. Os projetos coletivos, pensados para um grupo social, nem sempre podem contar com a adesão de todos que compõem aquele grupo social ou aquela sociedade para sua elaboração, o que não significa que prescindam da adesão dos sujeitos para sua efetivação. Sendo assim, e continuando com o exemplo da escola, a escolarização, enquanto um projeto da sociedade brasileira, é obrigatória durante a etapa básica, no entanto, o fato de os sujeitos cumprirem sua parte nesse projeto, aderindo à escola pela frequência, não significa que adotaram para si esse projeto ou que vá cumprir fielmente todos os requisitos tal como pressuposto no projeto educacional do país. Sendo assim, se os projetos individuais são pessoais e intransferíveis, os projetos de sociedade ficam comprometidos sem adesão coletiva.

Esse trecho do memorável discurso de Luter King diz de algo que é crucial para qualquer projeto, diria que a gênese, onde tudo começa: o desejo, o sonho. Nesse sentido e considerando o projeto uma categoria multidisciplinar, alguns aspectos se aplicam a toda e qualquer área do conhecimento, uns mais, outros menos. Um desses aspectos, que considero comum a qualquer projeto, é a forma como nascem. Seja no campo da política, seja na arquitetura, seja na área cultural, seja no campo educacional; para se projetar, sonhar é fundamental, como evidencia o famoso discurso de Martin Luther King que um dia sonhou viver em uma sociedade racialmente democrática. “Eu tenho um sonho”, discurso proferido em 1963, tornou-se um marco e é, até os dias de hoje, referência quando se pensa em projetos no campo social e racial. Da mesma forma, vejamos exemplos vindos da arquitetura. Brasília nasceu de um sonho de Juscelino Kubitschek de transferir a capital federal para o centro do país, assim como o templo da Sagrada Família e tantas outras importantes obras de Antoni Gaudí em Barcelona nasceram de um sonho de alguém que chegou a ser ridicularizado à época. Em ambos os casos, esses dois sonhos só viraram projetos e daí só se concretizaram porque receberam adesão de pessoas que neles acreditaram e que estimularam, que sonharam juntas. Isso nos leva a outro elemento crucial dos projetos: os suportes³¹. Como diz uma canção de Raul Seixas, “sonho que se sonha só é um sonho que sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”. Esse aspecto do suporte, da confiança para os projetos de vida tem um significado diferente, visto que, diferente dos exemplos citados, aquilo se sonha para vida, embora dependa também de apoio material, a dimensão simbólica é essencial. Ou seja, se o jovem percebe que tem a confiança do mundo adulto para os seus sonhos, este pode ser um estímulo para que esse sonho vire um projeto e se concretize. A partir dessas considerações, deixarei a generalidade dos projetos e centrar-me-ei na particularidade dos projetos de vida.

Entendendo o projeto como um regulador cultural que orienta e antecipa as nossas ações, não seria nossa própria vida um projeto? Um projeto que não nos pertence originalmente, porque a vida não é uma adesão voluntária, mas uma dádiva que acabamos por aceitar e aderir incondicionalmente. E quando isso acontece, ou seja, quando nos damos conta de que herdamos o projeto de outrem (nossos pais), este

³¹ Não desconheço a discussão teórica acerca do conceito de suporte desenvolvida por Martuccelli e cuja importância nas análises sobre o indivíduo na sociedade contemporânea é inquestionável, no entanto, dados os limites deste estudo, não me atreei a uma discussão do conceito. Utilizo a ideia buscando o significado literal da palavra, no sentido de apoio, de sustentação.

começa a ganhar sentido para nós, a se tornar lugar de convergência de intencionalidades e de tomada de consciência de uma existência relacional.

Eu tenho uma irmã, ela tem 18 anos hoje, não, ela tem 19 anos... 19 anos... é 19. Ela tava... quando ela morava aqui com a gente, ela tinha uma vida muito sofrida, sabe? Porque, ela nunca foi bem de saúde, ela sempre foi ruim de saúde, e... e... e... ela, tipo assim, como ela é a mais velha, que nós são três irmãos homens e três meninas. Aí, tipo assim, ela vendo, como ela era mais velha de mim e da minha outra irmã, ela via tipo assim, a necessidade que minha mãe passava, a necessidade que meu pai passava, entendeu? O que ela fez? Ela resolveu ser alguém na vida. (Thainá).

O que mobilizou inicialmente o projeto dessa jovem foi o desejo de dar melhores condições de vida à mãe. Cansada de ver a família passar necessidade, ela começou a pensar em como mudar aquele estado de coisas e a desejar sair daquela situação. A mesma situação serve de inspiração para Thainá que, em diversas ocasiões, recorre à história de vida da irmã para justificar seus próprios desejos e continuar acreditando no sonho de ser alguém na vida. Essa tomada de consciência configura um momento importante de construção da identidade e autonomia do jovem. Nesse processo, a ideia de projeto constitui um elemento central para o entendimento da condição juvenil e de organização do seu futuro, o que, nas palavras de Boutinet (2002):

Responde aos imperativos psicológicos de afirmação da identidade pessoal, de desenvolvimento da autonomia, de atualização progressiva de si através de uma história pessoal que pode tanto menos ser abandonada porque se prolonga, assim como se prolonga a expectativa de vida. (p. 271).

Assim, não utilizo a ideia de projeto de vida para nomear de forma fechada e arbitrária as manifestações dos jovens sobre suas perspectivas de futuro, mas para interpretar o modo como esses sujeitos se posicionam diante da necessidade de assumirem autonomamente seus processos de construção de futuro. Trata-se de uma dinâmica que está intimamente ligada à construção da identidade que, segundo Dayrell (1999), é um processo de aprendizagem que implica no amadurecimento da capacidade de integrar o passado, o presente e o futuro, bem como as condições objetivas e subjetivas, articulando a unidade e a continuidade de uma biografia individual.

Para Spranger (1970), trata-se do despertar, por parte dos jovens, de outros interesses, diferentes daqueles da infância, em virtude das transformações psíquicas

pelas quais os jovens estão passando. As características dessa nova organização psíquica são resumidas pelo autor em três pontos essenciais: a descoberta do eu; o estabelecimento paulatino de um plano de vida; e o ingresso nas diferentes esferas da vida (SPRANGER, 1970, p. 63). Esses três aspectos, segundo ele, relacionam-se e se complementam.

O descobrimento do eu é fruto de um percurso que não está dado, como nos alertam Dayrell e Gomes (SD), e que também não acontece, de acordo com Spranger (op. cit.), pacificamente, mas, ao contrário, manifesta-se de forma antagônica em um movimento tanto de fuga de si próprio como de busca de respostas à pergunta “quem sou eu?”. É daí que emerge um impulso por independência e o desejo por emancipação em relação ao mundo adulto que, conseqüentemente, leva o sujeito à necessidade de fazer planos. Nesse sentido, o que ser ou fazer no futuro é uma questão que, a partir de um determinado momento, para uns mais cedo, para outros mais tarde, passa a compor o universo de preocupação desses jovens.

[...] Eu tenho na minha cabeça uma coisa muito, muito, muito centrada mesmo. Igual, minha mãe casou com 17, 18 anos, sei lá. E eu não quero isso pra mim agora, eu quero estudar, eu quero ser feliz pra sempre, mas estudando, sendo inteligente, sabendo conversar de um monte de coisa, entendeu? Não é fazendo a mesma coisa que ela fez. (Thalia).

A fala dessa jovem chama atenção para uma dimensão importante na elaboração dos projetos de vida. Saber o que não quer da vida é tão importante quanto saber o que quer e, para alguns deles, é até mais importante. Essa jovem artista, autora de muitas canções e dona de uma bela voz, dizia desejar muita coisa da vida, como viajar, estudar, formar-se (embora não tivesse clareza em quê), mas casar e ter filhos, para ela, estavam descartados, porque considerava que a escolha da mãe em casar e ter filhos tão cedo não foi acertada. Portanto, falar em projetos de vida não significa falar apenas em sonhos, ideais de futuro, utopias ou crenças em situações ou ações possíveis. Falar em projetos de vida é falar do futuro desejado, mas também do futuro renegado. Em diversas ocasiões, ouvi alguns jovens dizerem: ainda não sei o que vou ser no futuro, mas sei o que não quero ser. Quando perguntei em uma entrevista o que eles descartariam para a sua vida, as respostas foram variadas:

Exemplos do meu pai. E também, eu tenho um tio viciado em *crack*. Deus me livre! (Ana Flávia)

Encher o mundo de filhos. Além disso, dona de casa. Eu não quero mesmo,... eu acho que viver a vida que a pessoa, tipo o marido... mas, eu não tô querendo casar, mas quero ter filhos, mas não quero ser mãe solteira. Eu não sei não... Igual, professora, nunca eu quero ser professora, porque assim eu não vou ajudar meu pai, minha mãe. (Bruna)

A Bruna falou que não quer ser dona de casa, eu já quero. (Emanuele)

Mas, igual, as meninas falaram, eu também gente, eu tenho tanta vontade de ser uma dona de casa, eu gosto tanto de cozinhar... (Ana Paula)

Não sei porquê que eu acho isso, mas eu não descartaria o exterior não... mas, eu descartaria pro meu futuro a vida em São Geraldo da Piedade. Eu descartaria essa vida. Eu descarto essa vida pobre, sofrida de São Geraldo da Piedade. Entende? Eu quero um futuro maior, um futuro brilhante. (Thalia)

Mas, eu descartaria, que eu não tenho vontade mesmo de morar fora do Brasil. (Bárbara)

O uso de drogas lícitas é muito comum entre jovens de SGP e muitas drogas ilícitas (sobretudo crack e maconha) estão se tornando um problema de saúde pública na região. Em virtude disso, casos de roubos e furtos têm passado a fazer parte da rotina da comunidade e tal realidade tem feito com que muitos dos jovens investigados temam entrar em contato com tais drogas, afirmando não querer para as suas vidas em hipótese alguma. Outro aspecto renegado como projeto de vida é ser dona de casa, ser sustentada pelo marido, obedecer ao marido. Ficar cuidando da casa enquanto o marido vai para a farra com outras mulheres, ser responsável por todos os afazeres domésticos e, em alguns casos, ainda precisar fazer alguma atividade remunerada fora de casa para ajudar no sustento da família são práticas comuns às famílias de SGP, o que a maioria das jovens demonstra rechaçar para as suas vidas. Outro aspecto que aparece para muitos como um projeto renegado é a migração internacional, que para alguns é algo que jamais desejariam para as suas vidas.

Seja sabendo o que quer, seja sabendo o que não quer, os modos de antecipação são caracterizados por serem estrategicamente organizados (mesmo que em níveis e formas diferenciadas). Assim, caminhos diferentes poderão ser trilhados para viabilizar e operacionalizar os projetos de vida, seja por meio dos estudos, seja se dedicando apenas ao trabalho, seja por meio do casamento, seja ainda por meio de uma herança familiar, seja saindo, seja permanecendo em SGP. A opção de permanecer é

praticamente nula para boa parte dos jovens, no entanto, isso não significava naquele momento, necessariamente, a opção por deixar a cidade rumo a outro país. Quando perguntados se gostariam de morar em outra cidade, 71,8% disseram que sim, todavia, quando perguntados onde, destes, 12,3% apontam os Estados Unidos (sem mencionar uma cidade especificamente).

Em 2009, quando teve início esta investigação, a crise econômica global se fazia muito presente naquele contexto, caracterizada sobretudo pelos movimentos de retorno de emigrados. De acordo com Siqueira (2009, p. 147), nos Estados Unidos, a crise “começou no setor imobiliário, atingindo diretamente grande parte dos emigrantes que trabalhavam na construção civil e também aqueles que, encantados pelo crédito fácil, resolveram investir suas economias na aquisição de imóveis naqueles país”. Um dos efeitos da crise, facilmente perceptível durante a pesquisa de campo, foi a diminuição no envio das remessas e até dos bens de consumo como roupas, perfumes, calçados e eletrônicos. Não era difícil encontrar pessoas contando histórias da época em que se negociavam em dólar, de quando alguém quis comprar sua casa e fez a oferta em dólar, de quando as caixas³² chegavam e os parentes e amigos se reuniam para abrir e receber os presentes.

Aliado às questões econômicas globais que afetavam diretamente aquela comunidade, o contexto local, carente de referências e informações, sobretudo no campo profissional, impunha àqueles jovens limitações até para pensar possibilidades de futuro distintas dos referenciais empíricos de que dispunham. Ou seja, se por um lado eles sentiam na pele o que estava acontecendo globalmente, por outro eles sentiam dificuldade em avaliar o contexto local e pensar perspectivas de futuro, dada a falta de conhecimento desse contexto. Nesse sentido, eles se apegavam à ideia de estudar, já que era mais difícil emigrar, mas conheciam muito pouco do contexto acadêmico com o qual sonhavam. Unido a isso, o momento político em que estavam crescendo, embora tendo visto emergir políticas públicas para a juventude como o Estatuto da Juventude, programas de governo como o ProJovem e o Prouni, tais iniciativas não beneficiam as juventudes brasileiras de forma igual. Assim, viver longe demais das capitais era uma barreira para esses jovens que sonhavam com as benesses desse Brasil que eles viam na

³² Durante o tempo em que vivi em SGP, nunca presenciei a chegada de uma caixa, apenas de pequenos pacotes enviados individualmente com poucas coisas, mas ouvi relatos de como as caixas eram esperadas com ansiedade. Trata-se de caixas grandes (em alguns casos *containers*) com todo tipo de produtos e presentes para adultos e crianças.

TV. A situação naquele momento era: os dólares sumiram de SGP e as políticas de juventude não chegaram.

A questão territorial é um fator significativo na constituição identitária e na condução e elaboração dos projetos de vida. Sabemos que as desigualdades e diferenças que marcam os territórios do campo e da cidade acabam por estigmatizar e inferiorizar os moradores do campo perante outros grupos territoriais (ALVES e OLIVEIRA, 2012). Diante disso, os limites sociais, econômicos e culturais a que estão expostos os jovens do campo ou mesmo do interior do Brasil ainda configuram, nessa virada de século, um dos fatores de desigualdade interna dentro no Brasil e de exclusão das populações que vivem fora dos grandes centros urbanos.³³ Nesse cenário, se a juventude é uma categoria que ainda carece de muitas análises, a juventude fora do contexto urbano é ainda mais desafiante. O estigma de que são vítimas os jovens do campo, e apontado em diversas ocasiões pelos sujeitos desta investigação, é sentido por esses jovens que rechaçam a possibilidade de ter que continuar vivendo ali depois que atingirem a maioridade. É o que me conta essa jovem que sonhava em ser artista, era fã do grupo Engenheiros do Hawaii e certa vez me lembrou uma música do grupo, intitulada “Longe demais das capitais”, que eu própria gostava muito de ouvir na minha juventude: “Nossa cidade é tão pequena e tão ingênua, tão distante do horizonte do país.”

Mas, assim, essa, essa vida pequena, na verdade sofrida, eu descarto, essa vida pobre, sofrida de São Geraldo da Piedade. Entende? Eu quero um futuro maior, um futuro brilhante. Não que eu quero ser milionária e tal e ter dinheiro, mas eu quero ter inteligência, profissionalismo, entendeu? Eu quero realização, eu quero tudo bem *up*, sabe? (risos) Bem alto e é isso! (Thalia).

Nesse caso, o projeto que se manifesta pela recusa a algo, no caso, à vida pacata e de possibilidades restritas da cidade pequena evidencia uma categoria importante na discussão sobre projetos que será discutida mais adiante, o campo de possibilidades. Por saber o que quer da vida, essa jovem mostra algum conhecimento do seu campo de

³³ Não quero com isso dizer que desconheço as desigualdades que afetam dentro dos territórios urbanos os diferentes grupos sociais. Pochmann *et all* (2003) chamam atenção para o fenômeno que denominam metropolização da pobreza que vem afetando as grandes cidades brasileiras desde a década de 1970 e forçando a emigração de mão de obra qualificada, sobretudo de jovens.

possibilidade e sabe que o que deseja, o que sonha, não poderá realizar se ali permanecer. E não é apenas por se tratar de uma cidade pequena, mas, sobretudo, pela situação de precariedade da cidade, como ela mesma diz, “vida pobre, vida sofrida”, distante do país. É assim que muitos se sentem, distantes da pátria, distantes da prosperidade, das oportunidades tão alardeadas com o crescimento econômico que o país vem evidenciando nos últimos anos. Certa vez, uma jovem me disse que ouviu notícias de tanto emprego no Brasil e ela não vê isso, e completou: “será que nós estamos mesmo no Brasil?”. Ou seja, a forma ensaística com que essa jovem expressa seu sentimento de abandono é, na realidade, o sentimento de descrença e desilusão que muitas vezes orienta a decisão desses jovens de saírem da cidade e até do país, por não verem ali, naquele município rural onde vivem, oportunidades que respondam às suas expectativas e aos seus projetos de vida.

Baseados na atual definição de urbano e rural, os dados do censo de 2000 apontam que 18% da população entre 15 e 24 anos vivia no meio rural àquela época. As projeções sinalizam para um decréscimo dos jovens na zona rural do país, fenômeno atribuído por Weisheimer (2005) à migração que vem ocorrendo cada vez mais cedo. Nos anos de 1950, a faixa etária média da população migrante era entre 30 e 39 anos e, nos anos 1990, houve um deslocamento dessa faixa etária, situando-se, sobretudo, entre os 20 e 24 anos (ABRAMOVAY e CAMARANO, 1990, *apud* WEISHEIMER, 2005). De acordo com este levantamento da produção acadêmica em torno da juventude rural feita por Weisheimer (*op. cit.*), os principais aspectos que caracterizam a condição juvenil no campo são a invisibilidade e a migração. Ou seja, uma vez que passam despercebidos pelas instituições de produção do conhecimento encarregadas pela orientação das políticas públicas no país, esses jovens (e suas famílias) encontram na migração – movimento dos quais são mentores, articuladores (já que não temos políticas de orientação aos sujeitos dos processos migratórios iniciais) e, ao mesmo tempo, protagonistas – um rumo possível para seus projetos de vida. Carneiro (2003) aponta que as abordagens sobre a juventude do campo que, em geral, tomam esses sujeitos apenas sob a ótica do trabalho podem contribuir para que esses sujeitos permaneçam invisíveis quanto às suas possibilidades de inserção plena em outras esferas da vida social. Os jovens até veem vantagem em morar na zona rural, como a falta de violência e o cuidado dos vizinhos, mas acham que tem mais desvantagens...

Então lá... é... bem difícil. Qualquer coisa que você faz lá tem preconceito. Você não pode ser diferente, você tem que ser igual a todo mundo. Então você não pode ser você. Você tem que ser o que eles querem que você seja, então isso é bem difícil conseguir. (Maria Antonia).

Essa jovem chama atenção para outro aspecto, ligado ao território, que é a questão de gênero, importante para os projetos de vida. Se, por um lado, o processo de emancipação feminina que as sociedades modernas têm presenciado desde o final do século passado vem sendo, em alguma medida, agenciada por essa nova geração, por outro, esses jovens também se sentem compelidos a responder às expectativas das famílias que, orientadas por princípios tradicionais, acabam exigindo das meninas um comportamento diferente daqueles que essas jovens acreditam ser o ideal para uma moça vivendo no século XXI.

Conforme apontado no retrato da juventude nesse contexto apresentado no capítulo 3, muitos desses jovens acreditam que ser mulher em um município rural é mais difícil do que ser homem e é também mais difícil do que ser mulher na cidade grande. Não é desconhecido o fato de que, apesar dos importantes avanços nas diversas esferas das sociedades contemporâneas, as mulheres ainda continuam sendo um grupo bastante afetado em diversos aspectos da vida. O matrimônio ainda é praticamente mandatório em alguns grupos sociais; algumas profissões ainda são restritas; e as condições de autonomia, sobretudo para as jovens moradoras da zona rural, ainda são bastante afetadas pelas tradições. Nesse contexto, foi também possível perceber que a questão econômica é outro fator que interfere na condição juvenil e na elaboração dos projetos. Esses jovens buscam mobilidade social verbalizando isso no desejo de ser alguém na vida.

Acho que se eu não tivesse esse... eu queria ir embora. Se eu tivesse 18 anos... sei lá... eu sou meio doida, eu ia embora. Mas depois... eu... eu ia embora assim, não pra trabalhar só, eu ia embora pra estudar, fazer algum curso lá, aprender a falar inglês e tal e chegar aqui fazer mais outra coisa e o dinheiro que eu conseguir lá ia montando outra coisa. Talvez, igual o pai dela e a mãe dela, a oportunidade que tiveram lá não tiveram aqui. E lá não é assim... tipo aqui, o dinheiro, o dinheiro que eles ganham lá num mês sobrevivem lá, mas o dinheiro que ganha aqui num mês não sobrevive aqui, com o que eles fazem lá, não tem como. Trabalha lá um mês e ganhar, por exemplo, 500 dólares... (Bruna).

O sentimento de indecisão dessa jovem corrobora o estudo com jovens das zonas rurais do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, feita por Carneiro (1998), que evidencia um sentimento relativo aos projetos de vida quanto a decisão de permanecer no campo – o que responderia a uma expectativa familiar – ou construir projetos individualizados, longe das famílias de origem. Para os jovens do meio rural, os projetos de vida são, muitas vezes, decisões tomadas no seio da família, com apoio de redes sociais instituídas na cidade. Essas famílias costumam dividir a prole entre quem vai estudar e quem vai trabalhar na terra, estratégia que nem sempre coincide com os projetos dos próprios jovens, avaliando os pontos positivos e negativos de cada decisão.

Mas ela fala que se ela pudesse voltar atrás, ela não tinha ido embora. (Bárbara)
Mas eu vazava. Não, minha filha, aqui... mas, num mês, apesar que pra mim nem tudo é dinheiro e tal... mas num mês cê ganhar 500, por exemplo, 500 reais, lá cê ganha num dia. Cresce olho. (Ana Paula)
Mas, Ana Paula, ela sofreu demais. Por isso que eu falo, não tenho vontade. Brasileiro lá é tratado como cachorro. Porque eles sofreram demais. (Bárbara).

As notícias que chegam dos parentes emigrados, como ficou evidente na entrevistas coletivas acima, são a principal referência para os projetos de vida daqueles que poderiam ser identificados como migrantes potenciais³⁴. Como já sinalizado em capítulos anteriores, o sofrimento que os parentes passam, a forma como são tratados fora do Brasil, a situação de exclusão e marginalidade que vivem são sempre ponderadas e relativizadas com os ganhos advindos da migração. Assim, a balança do projeto de emigrar parece pender, ao menos para essa geração, para o lado do ficar. Embora alguns ainda pensem nos dólares americanos, nos euros, nas libras esterlinas, como fala essa jovem cuja mãe vive nos Estados Unidos há mais de dez anos, eles fazem contas e comparam com as vantagens de ficar, estudar e tentar conseguir um emprego aqui mesmo no Brasil. Pesam na balança também questões relativas aos momentos de lazer e sociabilidade, pois, como já dito aqui, eles têm muita clareza de que o projeto de vida não deve pautar-se apenas no trabalho. Embora decisões como essa, de sair ou ficar, não sejam tomadas apenas por eles individualmente, assim como

³⁴ Embora eu considere desde o início desta pesquisa todos os moradores dessa região como migrantes potenciais, dado que vivem em um contexto marcado pela cultura da migração, essa possibilidade é muito mais forte para aqueles que têm parentes de primeiro grau vivendo fora do país, visto que são seduzidos constantemente pela possibilidade de reunificação familiar.

evidenciado nos estudos de Carneiro (1998) e Harbison (1981), nesse contexto, o indivíduo tem um peso significativo na negociação com a família. Em caso de famílias grandes, a decisão sobre quem vai para a cidade e quem permanece no campo, em geral, tem como critérios as aptidões pessoais (quem “dá” para os estudos, quem “dá” para tocar o negócio da família) e projetos individuais dos jovens.

Tipo que nem lá em casa antes, aqui na região era todo mundo muito pobre, cê entende? Então lá era a forma de ganhar dinheiro para dar uma condição melhor para família. Aí nisso ia um, aí os outros irmãos ficava tudo assim, ah eu também tenho, quero ir aí nisso, lá em casa pelo menos foi assim, aí foi tudo [*quer dizer, foram todos os irmãos, ficando apenas ela, a única filha mulher, para cuidar dos pais*]. Aí quando chegava o limite que o irmão falava assim “não vou começar a te dar isso também não. Pronto, parou!” Aí caçava um jeito de ir embora também para ter a vida dele independente lá. (Gabi, moradora do Sossego).

Esse é um caso típico de família estragicamente organizada de modo que uns ficam com os pais enquanto os outros emigram, e os que partem vão provendo os irmãos que ficam enquanto podem ou enquanto estes são ainda muito jovens, até sentirem-se prontos para “cair na vida”, para começar a andar com suas próprias pernas. Dessa forma, assim como evidenciado nos estudos de Carneiro (1998) e Harbison (1981), a organização dos projetos de vida muitas vezes oscila entre as influências externas, do contexto mais amplo da modernidade em que estão sendo socializados e das influências familiares.

Apresentarei e discutirei a seguir três dimensões importantes para o melhor entendimento da categoria projeto de vida: o tempo, o campo de possibilidades e as dimensões objetivas e subjetivas em que o sujeito está elaborando seus projetos.

5.4.1 - A questão do tempo

Não tenho tempo! Estou sem tempo! Meu tempo é precioso! Tempo é relativo! Você teria um tempinho pra mim? Quem nunca ouviu ou mesmo pronunciou uma dessas “pérolas” do discurso cotidiano? Mas, o que é o tempo, afinal? Será que ele é percebido da mesma forma por todos os seres vivos em todos os tempos? Será que ele é sentido da mesma maneira por um mesmo indivíduo em diferentes momentos da sua

própria experiência humana? A sociedade tecnológica em que vivemos atualmente altera nossa percepção temporal? Quem nunca ouviu a expressão “o tempo voa” para dizer de formas diferenciadas de experienciar o tempo. Em que circunstâncias o tempo “voa”? Será que é possível economizar tempo, como sugere aquela máxima capitalista “tempo é dinheiro?”. Existiria um tempo mais importante que outro (passado, presente, futuro)? Aliás, essa forma de dividir o tempo teria o mesmo significado para todas as pessoas? Lembro-me, certa vez, de que uma jovem me perguntou o que era o futuro, devolvi-lhe a pergunta e ela disse-me: “o futuro pra mim é esta hora e acabou”. Assim, é possível falar em objetividade na forma de viver, sentir e conceber o tempo?

Dois aspectos importantes para se pensar a categoria tempo estão implícitos nessas indagações: quando falamos de tempo, falamos de uma dimensão física, mas também de uma dimensão social. Teixeira (1998) discute duas possibilidades de conceituar tempo a partir dessa perspectiva: o tempo das estruturas (horas, dias, meses, anos...) e o tempo das experiências, ou seja, a forma como nós humanos vivenciamos o tempo das estruturas. Nesse sentido, parte do pressuposto de que “a noção de tempo é uma construção social, uma invenção da culturas” (TEIXEIRA, 2008, p. 33).

A maneira de conceber e dividir o tempo não é a mesma para diferentes povos e culturas. Na tradição cristã, o tempo está associado a duas formas: a cíclica e a linear. Na concepção cíclica, o tempo é circular, definido pelos ritmos da natureza e, portanto, pela repetição dos acontecimentos, caracterizado por parcas e tênues mudanças. De acordo com essa concepção, a história da humanidade está fadada a acontecimentos que se repetem, como os ciclos das estações do ano. Nessa mesma perspectiva, mas em uma concepção linear, o tempo é segmentado - passado, presente e futuro - e a humanidade, orientada por forças divinas, caminha em uma direção, para um fim predeterminado, que é a parúsia. (LECCARDI, 2005). De acordo com Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1074), “a contemporaneidade inaugura novas formas de temporalização” e o futuro já não pode ser visto como um tempo controlável, progressivo e planificável.

A modernidade inaugura uma concepção laicizada de tempo que, embora vetorial, não mais tem uma perspectiva do futuro como um tempo a ser definido por influências divinas ou naturais, passando para o domínio humano seu controle, ou para o não domínio do futuro, na perspectiva de um futuro aberto. Aberto à indeterminação por parte de um ser divino, aberto ao novo e, acima de tudo, aberto à possibilidade de

manuseio, de controle, de escolhas e decisões, de experimentações e possibilidades (LECCARDI, 2005).

Essas formas de lidar com o tempo influenciam na decisão dos sujeitos de antecipar ou não suas condutas, na perspectiva do projeto já discutida. Ou seja, se um grupo acredita em um futuro marcado por fatalismo religioso, por que se projetar rumo a algo que não vê possibilidades de mudanças? Dessa forma, mesmo sendo o projeto uma dimensão eminentemente humana, este pode manifestar-se no sujeito pela negação. Boutinet (2002) define como pessoas do antiprojeto ou como sem-projeto aquelas que levam um modo de vida que o autor qualifica como tradicional, marcado pelo sedentarismo e pelo apego aos valores culturais herdados do passado. Segundo o autor, a precariedade limita a capacidade de antecipar. Isso, de certo modo, fica evidente no exemplo apresentado no início deste capítulo, da biografia do ex-presidente Lula e também é perceptível em tantos outros casos de excluídos e marginalizados das sociedades modernas. Para esses atores, cujas possibilidades de antecipação são esvaziadas, o futuro aberto a que me referi anteriormente não pode ser visto da mesma forma.

Diferente da ideia de futuro aberto, Machado Pais (2001, p. 55) caracteriza a modernidade recente como “um terreno labiríntico que se furta à planificação”, ou seja, são tantos os caminhos por meio dos quais podemos orientar nossas vidas que parecemos viver dentro de labirintos. Trata-se, segundo o autor, de um contexto em que as possibilidades são tantas que a ideia de um futuro linear dá lugar a outra de um futuro de incertezas, de vidas em labirinto, e os caminhos a serem seguidos podem ser tantos que às vezes parecem difíceis de serem identificados, como reclama essa jovem: “Que bom seria se a gente tivesse um GPS para a nossa vida”, disse-me certa vez olhando o aparelho no meu carro e ouvindo minhas explicações sobre seu funcionamento. Esse pensamento parece estar ligado à ideia de labirinto de que fala Machado Paes (op. Cit), afinal, se são tantas as possibilidades, tantos caminhos possíveis, que bom seria se um GPS ajudasse a percorrê-los.

Para o sociólogo Norbert Elias, a abundância de oportunidades nas sociedades complexas, em comparação às sociedades mais simples, possibilita ao indivíduo um caminho extremamente rico em ramificações e caminhos possíveis a serem seguidos.

Entretanto, argumenta, essa realidade não é idêntica para aqueles de diferentes classes sociais nessas sociedades, como tampouco nas sociedades mais simples onde:

Há menos alternativas, menos oportunidades, menos conhecimento sobre as ligações entre os acontecimentos e, portanto, menos oportunidades passíveis de parecerem “perdidas”, quando vistas em retrospectiva. Na mais simples de todas é frequente haver diante das pessoas um único caminho em linha reta desde a infância – um caminho para as mulheres e outro para os homens. Raras são as encruzilhadas; raramente alguém é colocado sozinho diante de uma decisão. (ELIAS, 1994, p. 110).

Essas provocações trazem elementos importantes para analisar o contexto desta pesquisa. Seria a condição juvenil, nesse contexto, caracterizada pelos modos de vida em labirinto, tal como nas sociedades que vivem um estágio mais avançado da modernidade industrial? No caso aqui analisado, o contexto em que esses jovens estão crescendo parece agregar, ao mesmo tempo, características da modernidade e de sociedades orientadas por tradições arraigadas, pelo conflito de valores entre as gerações e também por diferentes formas de lidar com o tempo.

Algo que me chamou bastante atenção no campo foi com relação às festas típicas do pequeno vilarejo, que são aguardadas durante todo o ano e para as quais todos se preparam da melhor maneira possível. É o caso, por exemplo, das festividades religiosas em homenagem à Virgem Maria, no mês de maio, que, segundo moradores locais, repetem-se sempre do mesmo jeito desde que a cidade foi fundada. Há ainda o Festival da Banana, outra festa típica que acontece no mês de outubro, mas começa a ser anunciada muito tempo antes. São festas tradicionais, das quais participam moradores de todas as gerações, de todos os credos, do campo e da cidade, e que reforçam valores da identidade daquele grupo.

Outra característica das formas próprias de lidar com o tempo nessa comunidade são os valores que orientam os sujeitos em suas diferentes temporalidades. Os jovens expressam isso quando dizem que alguns adultos parecem viver em outro tempo, que não entendem as novidades do mundo atual. Uma das grandes reclamações dos jovens diz respeito ao modo como muitos adultos lidam com as novas tecnologias, em muitos casos demonizando o que para os jovens é vital.

Thainá- Outro dia eu falei com a minha avó assim: “lá na escola agora vai dá um curso de computação, todo ano tem. Vó, vou vê se faço um curso de computação lá, porque vou terminar o terceiro né, aí vou sair com meu curso feito, com certificado, aí vou colocar no meu... meu... como é que fala gente?”

Helena – Currículo.

Thainá – É, currículo. Pra conseguir um serviço mais fácil. Aí fica fácil de arrumar um serviço. Aí minha vó: “Cê vai fazer é trem errado no computador porque... é, boba, passa no jornal aí todo dia que as mulher tá tudo se perdendo é no computador”.

Outro jovem completa:

Mas as pessoas daqui não entende que ocê vai mexer em computador, ocê vai é mexer com namorada, ocê vai mexer com coisa errada, vai mexer com tal... e na cidade não. Na cidade, o computador, ele é,... como assim, uma sobrevivência pra eles. (Netim).

Além dos valores que orientam diferentes gerações, a fala desses jovens também deixa clara a preocupação com o futuro e como a dimensão temporal tem uma centralidade quando pensamos em projetos. Não só o tempo das estruturas, mas também o tempo das experiências. Para eles, os mais velhos vivem em outro tempo e não entendem o tempo deles. O que eles querem dizer é que, embora estejam no mesmo ano, mês e dia da semana, cada geração vivencia esse tempo à sua maneira, de modo que se para os jovens o computador é algo bastante familiar, para os mais velhos é uma ameaça.

Nesse debate em torno do tempo e dos valores que orientam os diferentes grupos e culturas em diferentes épocas, o tempo futuro ganha especial atenção, ora sendo super valorizado, ora sendo deixado de lado em detrimento do presente. O significado do futuro na contemporaneidade, sobretudo em relação à forma como os jovens constroem seus projetos biográficos, tem sido problematizado por Leccardi (1999), a partir da ideia de presente estendido. Baseada em pesquisas realizadas com jovens italianos sobre suas perspectivas de futuro, a autora define aspectos de uma identidade temporal que denomina presente estendido. Este seria caracterizado como “um período de tempo suficientemente próximo do presente, sujeito ao domínio humano e social, mas suficientemente extenso para ser incorporado em algum tipo de construção temporal

tradicional” (LECCARDI, 1999, p. 13). Essa concepção traz subjacente um questionamento acerca do projeto de vida como um princípio orientador das biografias desses jovens, uma vez que o futuro aparece como indeterminado, como incerto, ganhando centralidade o tempo presente. Tais provocações justificam a necessidade de tomar o projeto como uma categoria importante nas análises sociais contemporâneas, dado o estado de incerteza que caracteriza a contemporaneidade.

A dimensão do tempo na discussão do projeto também tem papel central para Guerreiros (2008), para quem o projeto deve ser pensado considerando-se pelo menos três aspectos: a situação presente, o futuro desejado e os meios para logr -lo. Nesse sentido, o projeto pode ser entendido para os jovens como a busca pela autonomia, ou seja, a conquista do direito de escolher, de tomar decisões de forma mais aut noma em rela o ao mundo adulto. Por exemplo, conquistar o direito de escolher a marca do t nis; conquistar o direito de viajar com os amigos nas férias ou até fazer escolhas alongo prazo, como a escolha profissional, até quando estudar, decidir se vai ou não emigrar, se vai se casar....

Essas são questões que problematizam a condi o de heteronomia dos jovens em rela o aos adultos e o desejo por parte daqueles de modificar tal situa o. Ou seja, se o sujeito vive no presente uma dada situa o e deseja uma mudança no futuro, necessariamente faz-se necessário pensar modos de se organizar para conseguir atingir as mudanças desejadas. Nesse sentido, não seria arbitrário afirmar que, independente da condi o etária, todos temos projetos. Segundo Dayrell (1999), os projetos podem ser individuais e/ou coletivos; mais amplos ou restritos, em curto ou médio prazo, dependendo do campo de possibilidades. A realiza o do projeto se consubstancia através da identidade, em uma dimensão individual, do conhecimento da realidade na qual o sujeito está inserido e ainda dos meios de que dispõem para tal, numa dimensão estrutural, que Velho (1999) denomina campo de possibilidades na dimensão sociocultural. Assim, se os projetos são elaborados dentro de uma perspectiva temporal (mais centrados no futuro, em um futuro próximo ou distante, em um presente estendido) também estão ancorados na dimensão do campo de possibilidade, que discutirei a seguir.

5.4.2 - O campo de possibilidades

Essa categoria é utilizada com base no entendimento do sociólogo Gilberto Velho (1999), que utiliza o conceito de campo de possibilidades para dizer das alternativas possíveis de serem sonhadas e desejadas, individual ou coletivamente, no contexto sociocultural no qual os sujeitos estão inseridos, ou seja, da estrutura em que os sujeitos estão inseridos. Para o autor, a realização do projeto se consubstancia através da identidade e do conhecimento da realidade na qual o sujeito está inserido (ou seja, desse mundo à sua volta) e ainda dos meios de que dispõem para concretizá-lo. O autor defende essa ideia tomando como exemplo a trajetória de uma família de açorianos radicada nos Estados Unidos, na qual havia claramente o desejo de melhorar de vida, que levou ao projeto, sonhado e desejado durante longos anos, de emigrar. Para essas famílias, o que estava posto no campo de possibilidades naquele momento era a migração, difundida na ilha pelas redes sociais de famílias de emigrantes que já viviam nos Estados Unidos da América.³⁵ Nesse contexto, devido às fortes relações entre os dois países em virtude da base militar que os Estados Unidos mantêm nos Açores, as possibilidades de trânsito são bastante reais. O campo de possibilidades é definido por Velho (1999, p. 40) como “o espaço para formulação e implementação de projetos.” Esse espaço, no entanto, além de dinâmico e não determinista como reconhece Velho, tem também limitações. Portanto, falar em projetos é falar em possibilidades, mas também em limites.

Assim, o campo de possibilidades pode ser identificado como sendo as condições estruturais e conjunturais, balizadas pelos limites de ordem social, histórica, econômica, cultural, territorial e pessoal aos quais os projetos estão sujeitos. Não é determinista e também tem certo dinamismo. Assim, por exemplo, a migração pode até estar no campo de possibilidades dos jovens que estão crescendo no contexto aqui descrito, marcado pela cultura da migração, mas isso não significa que venha a se concretizar. Primeiro porque não depende exclusivamente do desejo ou mesmo de viver em um contexto de cultura da migração. Não migra quem quer, migra quem pode, quem reúne as condições (em geral econômicas, mas não só) necessárias para tal. Mesmo para

³⁵O arquipélago dos Açores é polo de fluxos migratórios entre Portugal e Estados Unidos, caracterizado tanto pela saída de portugueses como pela entrada de norte-americanos, em virtude da base aérea que o país americano mantém na cidade de Lajes, na Ilha de Terceira.

os projetos de migração irregular, em que a condição financeira é um dos aspectos decisivos, ainda assim o indivíduo precisa reunir disposição pessoal para se submeter a todas as adversidades da empreitada. Nessa mesma direção, ser modelo ou jogador de futebol, por exemplo, pode até estar no campo de possibilidades, mas o sujeito tem de reunir as credenciais físicas para ser modelo ou as habilidades necessárias para ser jogador de futebol.

Em inúmeras situações presenciei jovens de famílias pobres e pouco escolarizadas dizendo que estavam estudando porque queriam ser médicos. De acordo com nosso sistema de ensino e já que vivemos em um estado democrático de direito, esse jovem pode ser médico, ou seja, a medicina, em tese, está no seu campo de possibilidades. Todavia, estudando em uma escola pública que não lhe oferece as condições necessárias para passar em um vestibular de medicina de uma universidade pública, ou de conquistar notas suficientes para conseguir uma bolsa de estudos limita significativamente seu campo de possibilidades. E ainda, oriundo de uma família que não tem condições de arcar com os custos desse curso, como realizar esse projeto? Nesse caso, a medicina está no campo de possibilidades, mas isso não significa que seja de fato um projeto possível de se concretizar. Em diversos casos, os próprios jovens demonstram ter ciência de que esse campo de possibilidades tem suas limitações. Quando perguntados sobre que profissão gostariam de exercer no futuro, não foram poucos os casos dos que manifestaram desejo por profissões distintas, como ser médico ou pedreiro; ser policial ou oficial da marinha; policial ou advogado; policial ou psicólogo.

Ser policial é o sonho mais presente, tendo sido manifestado por 9,7% dos jovens como sendo o primeiro e único desejo, seguido da profissão de médico, desejo de 6,7%. Embora não tenha me detido a detalhar o porquê das escolhas, algumas hipóteses me ocorreram sobre o motivo desse desejo de ser policial. Uma delas é que, sendo esta uma das figuras públicas mais influentes e respeitadas, como o que chamo de os três poderes de SGP (o Prefeito – o Padre – a Polícia), esse pode ser um caminho possível para conquistarem o reconhecimento que tanto almejam. Outra hipótese é que esses jovens podem, além de ser influenciados pelo poder da profissão, avaliar como sendo uma profissão de mais fácil acesso (já que não exige nível superior) e com rentabilidade que eles consideram justa. Em diversas ocasiões, flagrei-os comparando

ser professor com ser policial e se posicionando favorável à segunda, motivados por um desses aspectos.

A pesquisa qualitativa também trouxe evidências de como esses jovens percebem os limites dentro das possibilidades que estão postas em seus projetos de vida e demonstram isso quando falam, por exemplo, do não desejo de ver reproduzido nas suas vidas situações que têm dentro de casa, como o casamento e a dependência financeira do marido para as meninas, ou o consumo e dependência de drogas para meninas e meninos.

O campo de possibilidades pode ainda encontrar limites na própria família ou mesmo nos valores que orientam a sociedade contemporânea. Assim, por exemplo, uma família que faz opções pelo *status* social do filho em detrimento da vida escolar (investir em uma roupa de grife e não em um curso de línguas) certamente está interferindo em seu campo de possibilidades (mesmo que isso não seja de forma consciente). Ou o contrário, uma família que se preocupa tanto com a dimensão escolar que acaba prejudicando a sociabilidade em outros contextos, com pares de outros meios que não apenas a escola, também poderá, de certa forma, contribuir para uma limitação do campo de possibilidades. Ou ainda casos em que a família acredita que menina é para casar e menino para trabalhar, passando a assumir atitudes que orientam os projetos de vida desses jovens nessas direções. Em todas essas situações, tais atitudes acabam por limitar o campo de possibilidades. É por essa razão que, além da dimensão estrutural do campo de possibilidades, a dimensão individual, subjetiva é tão importante na elaboração dos projetos de vida, afinal, se “o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo, formula-se dentro de um campo de possibilidades”, (VELHO, 2004, p. 27), e “há sempre uma combinação única de fatores psicológicos, sociais e históricos (p. 28) atuando e influenciando as biografias, as subjetividades e os projetos. Passemos a essa discussão.

5.4.3 – Tensões entre as dimensões objetivas e subjetivas

A discussão da categoria campo de possibilidades é primordial na análise dos projetos de vida por inúmeras razões, como tentei evidenciar anteriormente, mas um aspecto fundamental merece ser destacado, até para explicitar que não vejo o campo de

possibilidades como determinista, como também não o tomo como o único ou mesmo o mais importante elemento definidor dos projetos, mas considero como igualmente importante a dimensão individual, subjetiva, afinal, como afirma Teixeira (1998, p. 15), “os atores sociais são criaturas e criadores da sociedade e da história, sendo também seus intérpretes, vivem a permanente tensão entre escolhas e contingências, instituído e instituinte, factibilidade e possibilidade”.

Sendo assim, ponderar os elementos das condições estruturais e conjunturais que compõem o campo de possibilidades e as condições subjetivas que estão postas na dimensão individual é fundamental para não cairmos na tentação de assumir, por um lado, o discurso neoliberal que responsabiliza única e exclusivamente o sujeito pelo seu destino, levantando bandeiras do tipo “basta querer que você vai conseguir”; ou, em outro extremo, de tomar uma posição pessimista e determinista do tipo “tem jeito não, quem nasceu para ser mula nunca chegará a cangalha”, desconsiderando que as condições socioeconômicas em uma sociedade capitalista podem sim produzir efeitos perversos, ceifar sonhos individuais e comprometer o próprio desenvolvimento social, por não oferecer igualdade de condições e oportunidades e por não proporcionar a todos o mesmo ponto de partida.³⁶

Um dos efeitos perversos de se fazer uma discussão sobre projetos sem problematizar essas duas dimensões de forma mais crítica pode ser percebido no contexto atual, por exemplo, nos debates sobre as políticas de ações afirmativas. Em diversas ocasiões, presenciei jovens discutindo sobre o tema e se posicionando radicalmente contra as políticas de cotas nas universidades, utilizando como justificativa o discurso de que eles não são inferiores a ninguém e que por isso preferiam entrar na universidade por seus próprios méritos. O que fica evidente nesse tipo de discurso é que o sistema escolar não tem sido capaz, ao menos nesse contexto, de superar a lógica da reprodução, denunciada desde a década de 1970 e, pior, parece estar reforçando as desigualdades sociais e as ideologias³⁷ da classe dominante. A perversidade está

³⁶ Não entrarei aqui no debate acerca da tensão entre agência e estrutura, até porque penso que esse já é um ponto superado nas ciências sociais. Assumo, como defende Schutz (*Apud* Peters, 2011), que não é possível desconsiderar a importância da ação individual e dos elementos subjetivos na elaboração dos projetos de vida, ou seja, a história de cada um de nós se faz com base no campo de possibilidades, mas também a partir dos desejos e intenções perseguidos pelos agentes, bem como das habilidades cognitivas que nos permitem agir sobre o nosso destino e não apenas ser produto das estruturas.

³⁷ Utilizo o conceito de ideologia na perspectiva de Althusser (1985) como um sistema de ideias, valores e representações que orientam os modos de ver e atuar no mundo de um indivíduo ou um grupo. De acordo

justamente no fato de que essa instituição tem privado os jovens de uma análise mais crítica e menos severa com eles mesmos acerca do círculo vicioso de produção e reprodução das desigualdades em nossa sociedade e, com isso, continua reproduzindo desigualdades sociais e contribuindo para que as classes populares reconheçam como legítima a ideologia dominante, assumindo-se como culpados e não como produto de um sistema desigual.³⁸ Uma jovem que acompanhei na escola durante o terceiro ano do ensino médio e acabara de entrar no curso de engenharia elétrica de uma universidade privada em Governador Valadares estava com muitas dificuldades para acompanhar o curso e se expressava exatamente nesses termos, justificando o fato de que estava pensando em desistir da faculdade:

[...] eu perdi o meu 1º, 2º e 3º ano praticamente. Eu não estudava, eu não prestava atenção e depois eu não fiz cursinho e cheguei aqui ainda... tipo tô chegando e encarando um tanto de coisa difícil. [...] Se eu passar tranquila este período, vou continuar estudando, se não, se eu ficar em alguma matéria, eu pretendo parar, fazer um curso técnico e depois voltar para faculdade. (Maria Antonia).

O depoimento da Maria Antonia é semelhante ao de tantos outros que ouvi de jovens que acreditavam que se fossem mais esforçados, se estudassem mais conseguiriam nota boa do Enem, conseguiriam entrar em uma boa universidade, muitas vezes sem ao menos questionar as próprias condições em que estudam, como mostrado no capítulo 02 em que apresento o contexto da pesquisa. Quando um jovem de camada popular diz coisas do tipo: “não passei no vestibular porque não estudei”, ou “a culpa é minha, eu que sou burro mesmo”, está assumindo sozinho uma responsabilidade que,

com essa perspectiva, quando age dessa forma, privilegiando os valores e crenças de uma classe (a dominante) em detrimento de outra (as classes populares), a escola, entendido como um Aparelho Ideológico de Estado, está reproduzindo um sistema que beneficia um grupo em detrimento de outro. Não quero com isso dizer que os sujeitos são receptores passivos desse processo (agência e estrutura mais uma vez tensionando o debate), mas que a força de um sistema como o sistema escolar (que, em muitas situações, é endossado por amplos setores da nossa sociedade), no contexto analisado, em que são poucas as instituições socializadoras que estimulam a reflexividade desses jovens, o sujeito ainda encontra muitos limites para desenvolver um discurso contra-hegemônico.

³⁸ Convém ressaltar que, embora a escola onde foi realizada a pesquisa tenha boa estrutura física, como descrito no capítulo II, um aspecto que compromete bastante a qualidade do ensino nesse contexto é a preparação inadequada dos docentes. Algo que percebi é que muitos dos professores que atuam na escola tiveram uma formação inicial precária (alguns têm apenas o magistério, outros cursaram graduação a distância ou semipresencial, conciliando a vida no campo, os trabalhos domésticos e os estudos) e demandam por formação continuada, alegando, sobretudo, a necessidade de saber como lidar melhor com a juventude e com as novas tecnologias dentro da escola.

afinal, é de toda uma sociedade e está reproduzindo um discurso da classe dominante que, além de criminalizar, responsabiliza a juventude por seus fracassos, desvios, descaminhos e insucessos. No caso da Maria Antonia, acima mencionado, o perfil dela (Ver Cap. III) evidencia em que condições ela cursou o ensino médio, enfrentando a ausência dos pais que emigraram para os Estados Unidos quando ela tinha onze anos de idade, o preconceito da cidade pequena contra filhos de pais separados, o fato de viver na roça e ter de levantar de madrugada para sair para a escola, o envolvimento com drogas lícitas ainda na puberdade e, mesmo assim, toma para si a responsabilidade pelo fato de não ter conseguido cursar o ensino médio como deveria e cuja consequência sente no ensino superior. Não quero com isso dizer que o sujeito não tem sua parcela de responsabilidade sobre os destinos da sua vida, mas defender a importância de o jovem conhecer a realidade em que está inserido para ser capaz de assumir um posicionamento crítico e autocrítico em relação ao campo de possibilidades e a si mesmo, como propõe Dayrell (s.d.):

Quanto mais o jovem conhece a realidade em que se insere, compreende o funcionamento da estrutura social com seus mecanismos de inclusão e exclusão e tem consciência dos limites e das possibilidades abertas pelo sistema na área em que queira atuar, maiores serão as suas possibilidades de elaborar e de implementar o seu projeto. As duas variáveis demandam espaços e tempos de experimentação e uma ação educativa que a possa orientar. (p. 03)

Nesse sentido, se por um lado uma leitura crítica do campo de possibilidades é necessária, também uma auto-reflexão acerca da dimensão individual e subjetiva é fundamental. A discussão sobre identidade também é central, pois, como afirma Dayrell (*op. cit.*, p. 02), “quanto mais o jovem se conhece, experimenta as suas potencialidades individuais, descobre o seu gosto, aquilo que sente prazer em fazer, maior será a sua capacidade de elaborar o seu projeto”. Dessa forma, é importante não perdemos de vista, como nos alerta Dayrell (2007), que aos falarmos da juventude estamos falando de uma etapa da vida em que os sujeitos estão vivenciando, de modo mais intenso, os processos de construção da identidade, de elaboração dos projetos de vida, de experimentação, de exercício da autonomia. Assim, se há por um lado a necessidade de considerar o campo de possibilidades, também é importante considerar as características individuais, os desejos, as aptidões. Conhecer as estruturas externas e conhecer-se

internamente é um exercício dialógico essencial na elaboração dos projetos de vida dos jovens e, nesse exercício, as instituições socializadoras têm um papel crucial, caso contrário, a juventude ver-se-á isolada na elaboração dos seus projetos, como mostrado por Leão, Dayrell e Reis (2011) em pesquisa realizada em escolas de ensino médio no estado do Pará:

Na forma como elaboraram os seus projetos de vida, parece-nos que se encontravam abandonados a própria sorte, a não ser pelo apoio da família. A escola e a sociedade em geral não lhes ofereciam muitas perspectivas. Viam-se, assim, com poucos suportes materiais e subjetivos que os possibilitassem vislumbrar possíveis caminhos nos seus futuros. (p. 1082).

Por fim, nesse debate acerca da centralidade do sujeito e da tensão entre as possibilidades estruturais e individuais, cabe lembrar um aspecto fundamental, que considero o grande mobilizador dos projetos, que é o desejo. Como já foi dito anteriormente, o projeto precisa ser assumido pelo sujeito. É por essa razão que, muitas vezes, vemos casos de jovens nascidos em meios economicamente favorecidos ou em famílias que têm tradição em uma determinada área do sistema produtivo e os filhos não seguem os caminhos trilhados pela família. Porque aquele não era o SEU projeto. Portanto, desejo e determinação são os elementos que, aliados à identidade e ao campo de possibilidades, servirão de alicerce para a concretização dos projetos de vida.

5.5 - OS JOVENS DE SGP E SEUS PROJETOS

No meio do grupo me chama atenção a frase na camisa da turma de formandos: “Não posso mudar o passado, mas posso fazer no presente uma mudança para o futuro.” Foi com essa frase escrita nas costas das camisas que os jovens do terceiro ano despediram-se da escolarização básica em 2010. Pergunto quem escolheu e um dos jovens responde que foi a turma, mas diz que não sabe exatamente como foi isso. Diz que não lembra muito bem, pois isso já tem um tempo. Pergunto, então, para o grupo, o que essa frase significa para eles. Alguns até tentam explicar, mas são bastante genéricos nas respostas, dizendo apenas que tem a ver com a preocupação deles com o futuro. A professora chega e nossa conversa é interrompida. (NOTAS DE CAMPO – 14/11/10).

O que esses jovens dizem é da preocupação deles com o futuro e evidenciam alguma clareza da relação do futuro com o passado e o presente. Para eles, terminar o ensino médio é um marco importante na vida, momento que eles veem como decisivo. A discussão em torno da noção de projeto tem me levado a aderir à proposição de que é o projeto que alimenta nossas ações e nos constitui como humanos, porque é a capacidade de antecipação organizada das nossas condutas que nos diferencia dos não humanos. Nesse sentido, o projeto de vida não é entendido nesta análise como resultado de um cálculo matemático, estrategicamente elaborado, ou de um processo linear e, portanto, não pode ser tomado a partir da terminologia projeto tal como é usada em determinadas áreas do conhecimento, como já discutido anteriormente. O projeto de vida, diferente dos projetos arquitetônicos, dos projetos políticos, dos projetos educativos, não são lineares, nem escritos formalmente, com objetivos, metodologia e cronograma a serem cumpridos. Eles nascem e ganham consistência em relação às situações passadas e presentes, com vistas às futuras e de acordo com as conjunturas. Ele possui, segundo Dayrell (1999), uma dinâmica própria, transformando-se de acordo com o amadurecimento dos sujeitos ou ainda com mudanças no campo de possibilidades.

Sendo assim, a forma de organizar as condutas futuras, se não é uma preocupação que anda nas bocas da juventude que habita essa pacata cidade do interior, certamente povoa as mentes de boa parte dos jovens estudantes da escola de SGP, contrariando o que costuma afirmar o senso comum que a juventude não se preocupa com o futuro. Basta ver que a maioria desses jovens (56,4%) reconhece que tem todo um futuro pela frente, sabe o que quer e está fazendo tudo para conseguir; embora também seja alto o número dos que ainda se dizem perdidos, sem saber o que fazer (34,4%), mas que também se mostram preocupados com o futuro, quando respondem que **sabem que tem um futuro pela frente**, mas sentem-se perdidos, sem saber o que fazer, como mostra o gráfico abaixo:

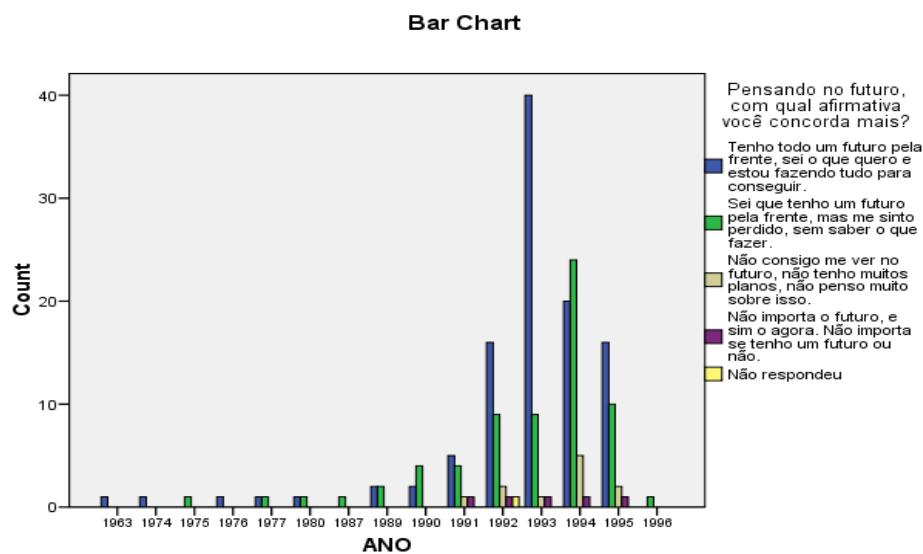
Gráfico 2: Pensando no futuro, com qual afirmativa você concorda mais?

Tenho todo um futuro pela frente, sei o que quero e estou fazendo tudo para conseguir.	56,4%
Sei que tenho um futuro pela frente, mas me sinto perdido, sem saber o que	34,4%

fazer.	
Não consigo me ver no futuro, não tenho muitos planos, não penso muito sobre isso.	5,6%
Não importa o futuro e sim o agora. Não importa se tenho um futuro ou não.	3,1%
Não respondeu	0,5%

Comparando as perspectivas de futuro e ano de nascimento, observei que os mais jovens do grupo são os que mais figuram na resposta 02, ou seja, dizem sentir-se perdidos, sem saber o que fazer, como mostra a tabela a seguir.

Gráfico 3: Preocupação com o futuro por idade



Os dados mostram que os 50 jovens nascidos em 1994, que tinham portanto 16 anos quando responderam ao questionário, são proporcionalmente os mais pessimistas com relação ao futuro. Se comparados aos 51 jovens nascidos um ano antes, aqueles são mais que o dobro entre os que escolheram a resposta 02, de cunho mais pessimista. Proporcionalmente, os jovens que tinham 17 anos à época do questionário (51 ao todo) foram os que deram respostas mais otimistas em relação ao futuro. Isso provoca algumas indagações cujas respostas não cabem nos limites desta pesquisa e que mereceriam atenção pormenorizada em estudos futuros: O que faz com que apenas um ano de diferença seja tão significativo nas perspectivas de futuro desses jovens? O que

levaria à discrepância dessa visão de futuro entre jovens nascidos em 1993 e 1994? Que variáveis poderiam explicar esse comportamento?

O sentimento de indecisão evidenciado por muitos nessa questão também se reflete quando são perguntados sobre o que gostariam de fazer ou que profissão eles gostariam de ter no futuro. Cerca de 50 profissões diferentes aparecem na lista de desejos dos jovens, a maioria profissões que exigem uma formação universitária em cursos prestigiados, como medicina, direito, engenharias e administração. No entanto, a profissão mais presente no horizonte dos jovens é a de policial, com 9,7%, um índice muito próximo daqueles que não responderam, não sabem e ainda não pensaram sobre isso que, juntos, perfazem um total de 10,2% das respostas. Quando perguntados sobre a maior preocupação deles no presente, emprego e profissão aparecem em primeiro lugar para mais da metade, seguido de saúde.

Tantando levantar variáveis que pudessem dialogar com essas questões, cruzei os dados de anos de nascimento com visões de futuro e gênero. O resultado mostrou que as meninas nascidas em 1993 são mais otimistas que os meninos nascidos no mesmo ano, ao passo que para os nascidos no ano seguinte esse quadro se inverte completamente e as meninas passam a se sentir muito mais pessimistas em relação ao futuro que os meninos. Elas, no entanto, não manifestam outras variações nas opções de respostas, além das opções 01 e 02, diferentemente dos meninos que, em todas as idades, variaram para além das duas primeiras opções.

Gráfico 4 – Pensando no futuro, com qual afirmativa você concorda mais? – Nascidos em 1993

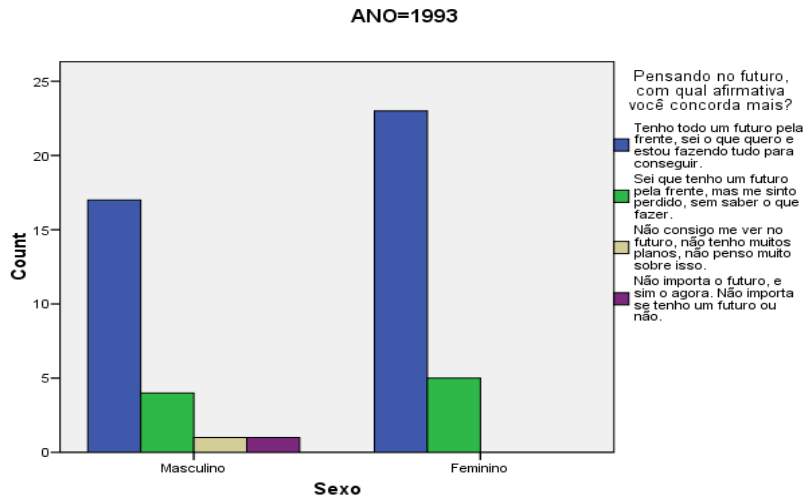
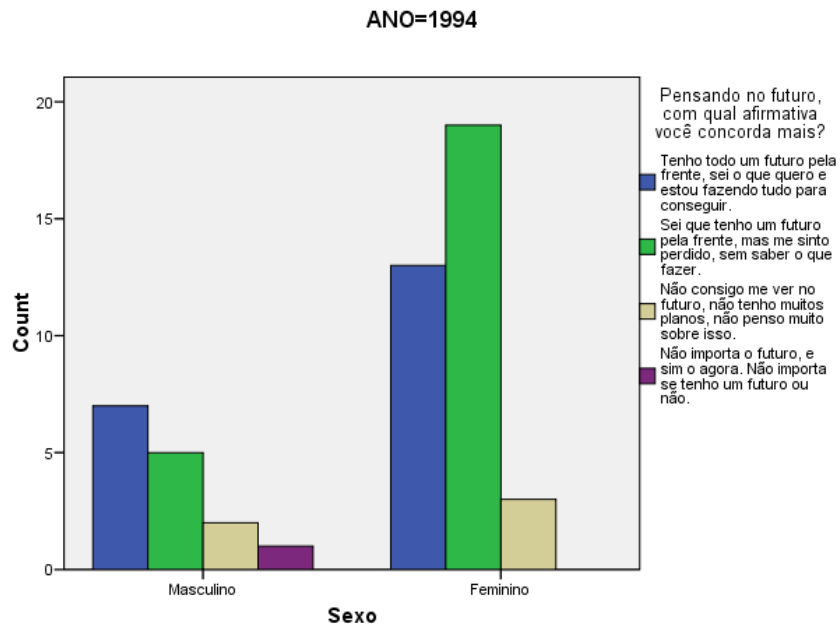


Gráfico 5 – Pensando no futuro, com qual afirmativa você concorda mais? – Nascidos em 1994 por sexo.



Também procurei indícios para essas questões no cruzamento de dados entre moradores do campo e da sede, e os dados evidenciam que há diferenças significativas de perspectivas de futuro nos dois grupos. Enquanto os jovens da sede, nascidos em 1993, mostram-se majoritariamente otimistas, com um pequeno número sinalizando para a resposta 04, os da roça mostram-se bem otimistas, embora o número dos que se

dizem perdidos seja representativo. Já para os nascidos no ano seguinte, o quadro é outro, sendo os do campo mais pessimistas que otimistas, apresentando inclusive outras variações de respostas e os da cidade variando em suas respostas, passando a evidenciar um desequilíbrio entre os otimistas e os pessimistas, diferente daqueles nascidos no ano anterior.

Embora as respostas ao questionário tendam a sinalizar para certo otimismo em relação ao futuro, isso não significa que esses jovens evidenciem clareza sobre os meios para alcançar o futuro almejado, quando indagados sobre quais são as possibilidades para realização dos planos pós-ensino médio. Todavia, quando são questionados a explicar como lidam com tal preocupação, aumenta significativamente o número dos que dizem não pensar no assunto, passando de 9,7% na pergunta anterior para 26,7%.

Gráfico 6: O que você faz hoje que pode te ajudar a realizar seus planos depois do Ensino Médio?

Não respondeu	1,0%
Conheço pessoas e/ou tenho familiares que podem me ajudar a sair do país	4,6%
Tenho um (a) namorado (a) com quem pretendo me casar	4,6%
Estou aprendendo a trabalhar com a minha família	6,2%
Conheço pessoas e/ou tenho familiares que podem me arrumar um trabalho	19,0%
Por enquanto ainda não penso nisso	26,7%
Estudo bastante e me preparo para o vestibular	37,9%
Total	100%

Também nas conversas os jovens na escola e na comunidade evidenciaram certa falta de clareza sobre o quê fazer no futuro e como atingir seus objetivos. As meninas parecem vislumbrar a continuidade dos estudos nos objetivos futuros mais do que os meninos. Diversos depoimentos das meninas tomam como referência a condição da mãe para afirmarem não querer ser como a mãe, dona de casa, submissa ao marido, evidenciando o que chamo de “projeto de recusa”. Os meninos, por sua vez, nem sempre têm como referência uma pessoa, mas uma área de atuação profissional. Ou seja, o discurso masculino é de negação do trabalho no campo, também evidenciando projetos semelhantes aos das meninas, ou seja, de recusa. Mesmo aqueles que trabalham

com a terra ou com criação de animais dizem não querer continuar com essa vida no futuro. Essa negação pelo trabalho com a terra é corroborada no questionário em que essas profissões pouco aparecem: apenas uma pessoa apontou a profissão de vaqueiro como aquela que deseja seguir, dois a de agrônomo, três de veterinário e um quer ser fazendeiro. Embora a maioria dos jovens moradores do campo sejam filhos de agricultores tradicionais, de acordo com a definição de Carneiro (1998), eles não demonstram interesse pela atividade dos pais, admitindo até continuarem trabalhando no campo, desde que seja em atividades mais valorizadas economicamente e reconhecidas socialmente.

A forma como a escola lida com os diferentes anseios e projetos é indiferente e os jovens sentem essa indiferença. Essa foi uma das primeiras “reclamações” que ouvi quando comecei a conversar com os estudantes pela escola, sobretudo dos jovens que estavam no último ano do ensino médio. Ressentiam-se de ter pouca informação na escola sobre o que vem pela frente, seja o vestibular, seja o Enem, seja o mercado de trabalho, seja a vida na roça. Durante as observações, ouvi muitos jovens falarem do Enem, de vestibular, de universidade, entretanto, não percebi o assunto com a mesma frequência nas conversas com e entre os professores ou mesmo com a direção da escola. Na semana do Enem de 2010, quando imaginei ver uma mobilização da escola em torno do assunto, já que muitos alunos das turmas de 3º ano fariam o exame, nenhum comentário na escola.

Isso se reflete nas respostas dadas à pergunta sobre quem procuram para conversar quando estão com dúvidas relativas aos projetos de vida, ou seja, não é a escola. Mais uma vez a centralidade da família, e em menor proporção, dos amigos, fica evidente, tal qual quando estão com dúvidas em assuntos pessoais, em que apontam primeiro os amigos, seguidos da mãe como interlocutores legítimos. Nesse aspecto, assim como naquele, mais uma vez os professores aparecem em último plano, permanecendo quase na invisibilidade.

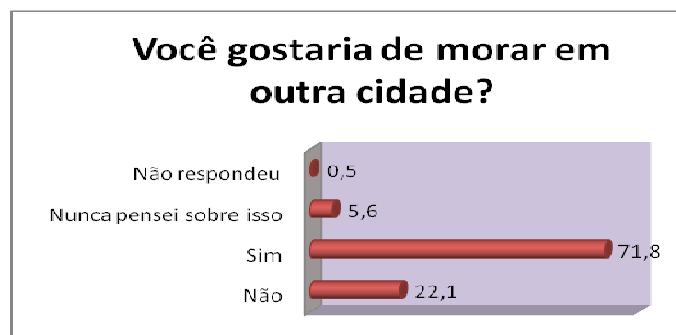
Gráfico 7: Com quem você conversa sobre seus projetos de futuro?

	%
Com minha família	58,5%
Com meus amigos	18,5

Com namorado(a)	2,1
Com meus professores	0,5
Com amigos da família	1,5
Com parentes	2,6
Não converso com ninguém	15,9
Outros	0,5
Total	100

Uma hipótese que inicialmente instigou esta pesquisa foi a de que, dado o contexto fortemente marcado pelas migrações internacionais em que estavam crescendo esses jovens, esse histórico poderia influenciar nos seus projetos de vida. Isso, no entanto, não se corroborou, nem quando indagados na pesquisa quantitativa, nem nas conversas cotidianas e entrevistas qualitativas. Pensando nisso, eles foram indagados sobre a migração internacional como possibilidade de futuro e, diferente dos discursos cotidianos nos quais o fantasma da emigração ronda os desejos mais íntimos, quando perguntados, são poucos os que alimentam esse desejo.

Gráfico 8: Você gostaria de morar em outra cidade?



Quando perguntados sobre em que cidade gostariam de viver, aparece uma confusão entre cidade e país. Importa ressaltar que em nenhum momento foi feito qualquer questionamento com relação ao desejo de viver em outro país, com vistas a não influenciar as respostas dos entrevistados. Todavia, diversos países, tanto da Europa como Estados Unidos e Canadá, aparecem como respostas à pergunta relativa à cidade que gostariam de viver. Os Estados Unidos (e algumas cidades norte-americanas), sozinhos ou como segunda opção, lideram a lista de destinos desejados, aparecendo

também, em números menos significativos, países como Portugal, Reino Unido, Espanha e Alemanha. É o que mostra o gráfico no qual são separadas apenas as alternativas em que aparecem, isoladas ou associadas a outras opções, o interesse pela migração internacional.

Gráfico 9: Em que outro lugar gostaria de morar



Esse número representa 25% dos entrevistados, sendo que apenas 12,2% falam explicitamente dos Estados Unidos, país que já foi, em épocas anteriores à crise de 2007, o grande sonho de boa parte dos moradores, segundo relatos. Durante as conversas e observações, eram frequentes as histórias de sofrimento de outros parentes que emigraram, de como a vida lá fora é difícil e o reconhecimento de que só se arriscam se não conseguirem nada por aqui. Os que ainda têm a migração no horizonte são, sobretudo, aqueles cujas condições econômicas são críticas e que se miram nas histórias de sucesso daqueles que foram e que conseguiram fazer fortuna. Um jovem estudante do 1º ano contou-me que, junto com dois colegas, estavam se preparando para cruzar a fronteira, mas precisaram adiar a viagem porque o coite que estava cuidando da documentação foi preso.

O fato é que deixar a cidade parece ser a solução mais comum encontrada pelos jovens que sonham em conquistar a autonomia financeira e independência da família, pois não encontram ali as condições para tal. Lembro-me certa vez de uma conversa, antes da entrada na escola, com uma jovem moradora do Vinhático, aluna do 1º ano, que trabalhava no alambique da comunidade. Ela me contava do medo que sentia em

trabalhar lá porque as pessoas que mexem com a caldeira não entendem muito bem do assunto e que aquilo lá poderia explodir a qualquer momento. Dizia que não gostava do trabalho, mas que não tinha outra opção e que precisava trabalhar, pois os pais não podiam sustentá-la. Falava em ir para SP em busca de trabalho e que por isso não sabia se daria para continuar estudando. Deixar a cidade, seja para estudar, seja para trabalhar, é a principal estratégia de organização das condutas futuras desses jovens, e o que os move é exatamente o diferencial de cada um na busca do sonho de ser alguém na vida. Chama atenção a forma como alguns jovens, principalmente as meninas, pautam a decisão de sair da cidade. Contrariando a ideia de que a migração é um fenômeno eminentemente econômico, elas me falaram sobre outros motivos para querer sair daquela pequena cidade, como, por exemplo, querer sair da casa dos pais.

5.6 - CADA UM COM SEU PROJETO

Diante das discussões desenvolvidas até aqui, a análise que se empreenderá agora diz respeito ao modo como os jovens de SGP tentam antecipar e organizar suas condutas futuras, que estou chamando de projetos de vida. Diante da diversidade do grupo de informantes (diversidade de gênero, faixa etária, classe social, territorial...), o que se percebeu é que os projetos também são diversos. Nem todos organizam suas condutas da mesma forma, com os mesmos referenciais, a partir dos mesmos valores, com o suporte das mesmas instituições e objetivando as mesmas metas. Isso porque, como afirma Velho (2004), os projetos não são estanques, eles podem mudar, transformar-se, são dinâmicos, assim como são as próprias biografias humanas.

A forma como os jovens explicitaram seus projetos, seja nos discursos cotidianos, seja nas entrevistas formais, foram categorizadas de modo a identificar e explicitar as diversas possibilidades de compreender o que esses jovens dizem de seus projetos. Reconheço que toda categorização é arbitrária, no entanto, na análise científica, considero que elencar instrumentos que nos forneçam elementos sobre a realidade estudada, tornando-a inteligível, sem necessariamente se confundir com ela (SANTOS e PINTO, 1986), é uma etapa essencial. Por conta de tal arbitrariedade, pode ser que um mesmo jovem esteja em mais de uma categoria, visto que um sujeito pode ter projetos individuais e também sociais sobre os quais tem olhares diferentes; ou pode

ainda ter visões diferentes sobre os projetos profissionais e os projetos pessoais. É por tudo isso que cabe lembrar que, como afirma Velho (2004), as categorias podem ser reconhecidas pelos sujeitos, como podem ser tomadas como acusações ou rótulos estigmatizantes. É um risco do qual o pesquisador não pode se furtar.

5.6.1 - Projetos miméticos

[...] eu quero fazer engenharia, mas não sei, tenho medo de começar e não terminar, não conseguir fazer. Porque eu penso que eu não vou fazer uma coisa que eu não vou ganhar. Igual professora, nunca eu quero ser professora pra ganhar um salário [mínimo] ou coisa assim. (Bruna)

Os jovens que baseiam seus projetos nos modelos miméticos tendem a imitar³⁹ algo ou alguém que tem como referência positiva, por exemplo, um parente que admira, um conhecido que faz sucesso na comunidade, alguém que conquistou determinado *status*, que tem o respeito da sociedade, seja por meio da posição social ou da ocupação profissional. Nesses casos, eles, embora sem muita reflexão, sem levar em conta seu campo de possibilidades, desejam construir uma história de sucesso com base em quem é sucesso para eles. Esse tipo de projeto é, em geral, influenciado por modismos, por tendências do mercado ou por notícias, seja veiculadas pela mídia, seja pelo boca a boca da pequena comunidade, das possibilidades financeiras ou por exemplos, bons ou ruins. Em termos profissionais, os jovens que se baseiam nesse modelo almejam profissões que, no entendimento deles, renderiam um bom salário, como as engenharias.

Engenharia, medicina e carreira militar são as mais visadas pelos jovens pesquisados e as mais presentes nessa categoria, balizadas por duas razões: são os profissionais mais bem-sucedidos que eles conhecem e os mais respeitados (reconhecidos) na comunidade. Quando essa jovem rechaça veementemente a possibilidade de ser professora, ela não está apenas rechaçando uma profissão que não é reconhecida socialmente e nem dá o retorno financeiro por eles almejado. Certa vez,

³⁹ Imitação não está sendo usada aqui no sentido de uma repetição mecânica, como poderia ser identificada no comportamento das formigas, por exemplo, mas uso no sentido que o faz o sociólogo francês Gabriel de Tarde, de uma imitação-refletida, quando um jovem cresce tendo os pais como referência e deseja ser como eles, ou uma imitação-espontânea, como as experiências sociais que adquirimos imitativamente, como a linguagem, por exemplo.

uma jovem me perguntou se eu era mesmo professora, se eu tinha viajado para vários países e podia fazer tanta coisa interessante na minha vida só sendo professora. Em outra ocasião, durante uma entrevista coletiva, depois de tentar convencer os colegas por que afinal queria ser professora, uma jovem respondeu: por que “eu vou ter que ser uma Zenaide, eu quero ser uma Zenaide.” (Ana Paula). Quer dizer, quando se tem uma referência em quem se mirar, parece que fica mais fácil olhar o horizonte e ver um alvo, um fim, aonde se quer chegar. Ou seja, eles se miram em alguém, olham e pensam: é lá que eu quero chegar. Muito comum em quem lança mão desse tipo de projeto são os jovens que planejam ser jogadores de futebol, como esse que respondeu referindo-se à fama, sucesso e *glamour* que envolve essa profissão:

Porque, tipo assim, o brasileiro é identificado com o futebol no mundo inteiro. Igual meus primos que tão lá na Inglaterra, todo mundo pergunta sobre o Ronaldinho Gaúcho, Robinho, Roberto Carlos... São, tipo assim, admirados, sabe? Nos quatro cantos do mundo e... é isso, a gente tem essa inspiração. É a fama... Igual hoje tem aí hoje o Neymar... (Júnior)

A projeção e o *status* que se pode conquistar, e eles acreditam que é possível porque têm referências, é a grande mola propulsora de quem se projeta por meio da imitação, ou da negação, como veremos nos projetos de recusa, ou seja, esse alguém pode ser um modelo a ser imitado (no caso desse jovem, os grandes jogadores de futebol). Para ele, o desejo de se tornar um jogador de futebol famoso, se é algo que está no seu campo de possibilidades, esbarra na questão do tempo, já que para ser um jogador de futebol é necessário que comece a se preparar para a carreira ainda na infância e ele acabara de completar 18 anos, e nas questões pessoais, subjetivas, já que não basta querer, não basta ter oportunidades para fazer testes, como ele relatou que chegou a fazer testes no Cruzeiro, mas há que ter as credenciais físicas, pessoais e as habilidades necessárias para se tornar um atleta.

Uma característica desse tipo de projeto é que os sujeitos que a eles se apegam, em termos profissionais, não refletem muito sobre suas possibilidades e limites. Concentram-se no futuro como se, no futuro, tudo fosse possível, avaliam muito mais os ganhos futuros do que as possibilidades presentes. Ponderam pouco, ou quase não o fazem, seus desejos presentes, acreditando que quando conquistarem a posição que

almejam e o salário dos sonhos, todo o resto está garantido. É o caso, por exemplo, de algumas pessoas que emigraram ou que sonham em fazê-lo porque conhecem outros que se deram bem, que mandam notícias do exterior dando conta de como a vida lá é mais fácil. Os carrões que os imigrantes retornados desfilam pelas poucas ruas da pequena comunidade de SGP, as roupas elegantes e aparelhos eletrônicos que os que lá estão mandam para os filhos no Brasil, os casarões construídos com os dólares americanos são o modelo a ser imitado por quem elabora seus projetos de forma mimética nesse contexto.

5.6.2 - Projetos hipomaníacos

[*O meu futuro*] É ser uma pessoa formada, ter sua carreira, ter sua casa, sua moto, seu carro, o que cê quiser. Porque eu não pude ter agora, mas não porque a minha mãe não quer dar, mas porque não conseguimos e eu quero ter tudo isso no futuro. Porque eu quero! (Bruna)

Caracterizados por excesso de otimismo, euforia, mania de grandeza, desconhecimento do campo de possibilidades, projeções excessivas no futuro, quase uma fuga da realidade, aqueles que se expressam dentro do modo de projeto aqui definido como hipomaníaco, por vezes, parecem misturar realidade e fantasia, brincam com tudo que o futuro pode oferecer, já que para estes no futuro tudo é possível. Eles se permitem fantasiar, sem se preocupar com o campo de possibilidades, com possíveis limitações individuais e com estratégias de realização dos seus projetos, como evidencia a fala da Thalia:

Thalia - Eu quero me dar o mundo, entendeu? Eu quero... eu poderia ser política, policial, artista tanto de pintar como de, de... como é que fala? Artes cênicas ou ...
Pesquisadora – Artes plásticas?
Thalia – Pode ser, entendeu? (risos). Eu gostaria de salvar vidas, então poderia ser uma médica, poderia ser uma bombeira, eu poderia ser...
Ana Paula – Uma salva-vidas!
Thalia – É, entendeu? Entendeu? É isso tudo. Eu poderia pilotar um avião. Cê entende? Eu tenho vontade pra muita coisa, sabe? E assim, eu acredito que eu vou conseguir fazer muita coisa do que eu quero, muita coisa.

Embora não cheguem a ser utópicos, já que não se trata de manifestar desejos completamente fora do campo de possibilidades, ou que dependam de mobilizar uma sociedade inteira para conseguir realizar, são projetos vagos, indefinidos, sem embasamento empírico que possam dar sustentabilidade. Projetos imprecisos, caracterizados por promessas desconexas, discursos vazios, caminhos sem rotas previamente estabelecidas. Esses sujeitos sabem que precisam pensar sobre seu futuro, que precisam começar a tomar as rédeas das suas próprias vidas, mas ainda não conseguem definir nem o alvo nem a seta. Comuns em quem faz planos para quando um dia ganhar na loteria, por exemplo, ou quem sonha em conseguir um *status* na sociedade por meio da conquista de bem materiais. Eles querem tudo e manifestam tal desejo sem pensar muito nas estratégias para alcançá-los.

Eu quero! Eu tenho vontade! Eu poderia! Eu pretendo! São todas frases comuns para expressar esse tipo de projetos. Nesse grupo também se alocam jovens (em geral moças) cujo desejo de crescer, de melhorar de vida se expressa pela busca do casamento dos sonhos com um homem rico, para ter tudo que sempre sonharam, alguém que possa realizar todos os seus desejos de consumo. Nesses casos, a hipomania se apresenta no presente, com vistas a conquistar o futuro almejado, endividando-se para comprar roupas caras, sapatos, acessórios, perfumes de marca para conquistar um namorado rico. O casamento, embora apareça mais como um projeto de recusa, sobretudo para algumas jovens desta pesquisa, ainda é um meio de vida para muitas, na maioria das vezes, estimuladas pelas mães que inculcam nessas meninas a importância de conquistar um bom marido. Aqui, bom marido, muitas vezes, significa marido rico. Nesses casos, o jovem tende a não refletir sobre as possibilidades reais de implementação do seu desejo, expressando ao mesmo tempo uma falta de reflexão sobre a questão dos projetos.

5.6.3 - Projetos estratégicos

Eu acho que os Estados Unidos é um lugar onde oferece boas condições de emprego. Boa condição de emprego não, bom salário... Lá você trabalha duro, mas cê ganha dinheiro e aqui cê trabalha duro e não ganha nada. Mas igual, meu dilema é esse, ficar aqui ou ir pra lá. [...] Eu acho que eu não tenho precisão, tipo, minha família tem uma condição boa, então eu acho que não seria a hora de eu ir pra lá, ainda mais largar o... a escola (Antonio)

Os projetos elaborados com base nesse modelo apresentam claramente alvo e seta, ou seja, evidenciam conhecimento suficiente do campo de possibilidades de modo a avaliar e definir os fins e os meios possíveis para alcançá-los. Em alguns casos, mencionam um plano B e alternativas possíveis para lidar com os desafios da sociedade labiríntica em que estão crescendo. O tempo que caracteriza os sujeitos que organizam suas condutas futuras de modo estratégico é tanto o presente como o futuro, visto que nas suas falas fica evidente que eles não só se preocupam com o futuro, como se organizam no presente para alcançar os objetivos futuros. Também evidenciam posicionamento em relação às questões enfrentadas no presente para organizar seus projetos e, embora para alguns deles as questões objetivas e subjetivas ainda se mostrem difusas nas análises sobre tais dificuldades, elas não são totalmente desconhecidas, como diz o jovem no início desse parágrafo, cujo plano B era ir para os Estados Unidos, onde vive sua mãe.

O depoimento desse jovem é uma mostra de muitos com quem conversei, entrevistei, visitei, que se encontravam nesse dilema de ficar ou sair e conseguiam pensar de forma minimamente organizada sobre os prós e contras dessa empreitada. Para a maioria deles, a estratégia é: pretendo estudar e se não conseguir nada, aí eu vou para os Estados Unidos.

Antonio – Eu sempre busquei conhecimentos da vida, tipo, eu quero o conhecimento científico, eu não quero saber, tipo, negócio de escola. Eu acho muito chato. Eu não tenho interesse nenhum, mas pra fazer o que eu quero fazer, pra estudar o que quero estudar, eu tenho que passar essa etapa, né, então...

Pesquisadora – E o que tu gosta de estudar?

Antonio – Ah, eu gosto de estudar, tipo... eu vou fazer gastronomia, né, mas eu me interesse por filosofia, sociologia, teologia, é... astronomia. Tipo, tá tudo ligado...

Pesquisadora – E por que gastronomia? De onde tu tirou isso?

Antonio – Nossa, eu acho interessante demais. Eu gosto de mexer em cozinha, eu gosto de fazer comida assim. Eu não sei, mas...eu não sei... minha mãe faz uma comida muito bacana. Deve ser por isso, mas eu também acho interessante.

Pesquisadora – A escola é uma coisa difícil para ti?

Antonio – Não, difícil é, igual, eu gosto de escola, não gosto de estudar, entendeu?

Pesquisadora – Então, o que tu gosta na escola?

Antonio – Na escola eu gosto de tudo, menos de estudar. Eu gosto de, de ir, bagunçar, ficar no meio da galera, conversar, mas na hora do estudo já me dá sono, me dá raiva, me dá tudo. Eu só fico olhando pro relógio. Acho que é por isso que eu não aprendo, porque quando eu não tô cochilando, eu tô olhando pro relógio, aí eu... mas tá indo.

Esse jovem reconhece a importância da escola para alcançar seu projeto e se mostra disposto a “fazer o sacrifício”, como ele me disse certa vez, porque sabe que só assim conseguirá se realizar na vida. A estratégia dele é, portanto, bem evidente. O plano A era estudar gastronomia, e para tal ele sabe que precisa terminar o ensino médio e, depois disso, precisa se mudar para Belo Horizonte, onde já levantou todas as informações sobre o curso que pretende fazer. Se nada disso der certo, aí sim ele pretende encontrar a mãe nos Estados Unidos para tentar a vida lá, colocando em prática o plano B.

Conheci jovens que diziam pensar em cursar engenharia, porque eram bons com os números, mas sabiam que não conseguiriam entrar em uma universidade pública e que os pais não conseguiriam pagar a faculdade privada. Nessa mesma direção, estão jovens que planejavam ser mães, mas não pretendiam casar e sabem que isso seria difícil porque, para as famílias, ser mãe solteira é algo inadmissível. Ou ainda aquelas que não desejam ser mães por considerar que a maternidade não é compatível com outros projetos como viajar, aproveitar a vida, divertir-se, estudar, formar-se.

5.6.4 - Projetos de recusa

Não quero os exemplos dele [*o pai*] pra mim não. Encheu o mundo de filho e deixou aí pras mães cuidar. (Ana Flávia).

Aqueles que se encaixam nessa categoria apresentam projetos marcados pela lógica da negação veemente de algo que já conhecem, muitas vezes de experiências bem próximas ou até no seio familiar, à qual abjuram sob qualquer hipótese. Aqui a vivência pessoal é um elemento importante e experiências negativas que lhes afetam de alguma maneira é o que mais conta. Os tempos presente e futuro são contemplados, à medida que eles falam de projetos futuros sem perder de vista que tudo começa hoje, no tempo presente. O campo de possibilidades é bastante familiar e, por vezes, pode assustar, por ser visto como determinista.

Assim, por exemplo, o medo de fracassar em algo porque tem um membro da família que tentou e fracassou, ou o medo de se envolver com drogas porque tem casos na família e sabe que isso pode lhe acontecer, ou ainda a recusa à

maternidade/paternidade por terem exemplos de colegas ou mesmo alguém no seu histórico familiar que foram pais/mães cedo ou de forma não planejada e eles veem isso como a última opção para suas vidas, ou seja, recusam tal projeto. Outro projeto recusado, nesse caso pelas meninas, é o de se tornar dona de casa. Algumas são enfáticas em afirmar que querem qualquer coisa da vida, menos casar e ficar em casa cuidando de marido, filhos e casa, como fazem muitas mulheres em SGP. E ainda, em termos pessoais, outra recusa intensa que apareceu nas falas e no cotidiano desses jovens foi o desejo de não se envolver com drogas. Essa é uma mazela que ronda aquela pequena comunidade e assusta não só as famílias como os próprios jovens que têm visto colegas se perderem em vícios que eles achavam que só existiam em cidade grande, como o *crack* e a cocaína.

Em termos profissionais, os projetos de recusa são muito comuns em relação a algumas ocupações, como o trabalho na roça ou trabalho doméstico, ou a algumas profissões, como ser professor, conforme evidenciam os depoimentos a seguir:

Na área de educação, para mim, eu acho que não vai, que não ganha muito bem não, porque eu vejo as minhas tias, mesmo fazendo a área de educação para ser professor, chega uma época que não vai ter mais serviço para a área de professor, aí eu penso em outra coisa pra mim. [...] Daqui uns dias ninguém vai querer ser professor mais não, por causa do salário. (Daniel, morador do Vinhático).

Embora ser professor seja algo bastante presente no campo de possibilidades desses jovens, eles avaliam a condição docente de modo bastante negativo, não vendo futuro na profissão nem vislumbrando vantagens no presente. Falam das dificuldades em lidar com crianças e jovens dentro da escola, apontam questões em suas próprias turmas que, segundo eles, se fossem professores não admitiriam e recusam ser professores pelas condições de trabalho presente, evidenciando exemplos que têm na família e falta de perspectivas futuras.

Ainda que sem pensar apenas no futuro, mas analisando também as condições presentes, o trabalho na roça (capinar, roçar, tombar lenha, cuidar de gado...) é recusado, sobretudo pelas condições desfavoráveis, por ser um trabalho pesado, por não ser valorizado e por ter que acordar muito cedo e trabalhar no sol durante todo o dia.

Entrevistado 1: Tombar lenha e seguir o caminho dos meus irmãos na Padrão.

Pesquisadora: Tombar lenha?

Entrevistado 1: É que eles trabalham em uma firma... a Padrão, aí eles acordam quatro horas... Três... três e meia e sai daqui quatro e meia, pra trabalhar. O único que tá escapando é eu.

Entrevistado 4: Acho que trabalhar roçando. Igual o meu irmão mesmo, tem uma família grande, não estudou e está trabalhando roçando, não quero essa vida pra mim não.

Algo que ficou marcado nessa categoria foi a recusa, quase sempre tendo em vista um membro da família, um amigo ou um parente próximo como referência, e a crença na escola e na educação como meio para sair, fugir desse futuro indesejado. Não é à toa que os próprios pais e mães por vezes usavam, além das surras, a ameaça do trabalho pesado como estratégias para estimular os filhos a frequentarem a escola. “Se não quiser ir pra escola, cabo da enxada”, ou ainda “ou a escola ou o cabo da vassoura”. Esses eram os meios que as mães encontravam para colocar os filhos na linha quando eram chamadas pra ouvir reclamações na escola.

5.6.5 - Fora de projeto

Eu não me vejo no futuro. Todo dia eu durmo achando que eu vou morrer. [...]. Não me vejo no futuro não. Eu sou doída. Na mesma hora quero fazer uma coisa, quero fazer outra. Na mesma hora quero tentar aquilo, quero sumir no mundo, tenho futuro não. Vou ser um Zé Ninguém. (Ana Flávia)

Essa categoria foi inspirada na afirmação de Boutinet (2002) de que alguns grupos, como nas sociedades tradicionais ou mesmo os excluídos e marginalizados das sociedades capitalistas industriais, dada a precariedade do modo de existência que os impedem de antecipar, podem ser identificados como sem-projeto ou fora de projeto. Para esses sujeitos, as condições de existência, que os obrigam a concentrar todas as energias, sonhos e recursos no tempo presente, impossibilitam qualquer ação projetada. Assim, nesse contexto, foi possível identificar jovens em situação semelhante, que ainda não eram, naquele momento de suas vidas, capazes de se posicionar, de antecipar qualquer sonho, desejo ou meta para o futuro.

O trecho citado acima revela um sentimento de quem se sente sozinha, sem rumo, sem perspectiva. A ideia do Zé Ninguém diz de vazio que essa jovem sente. Ela se vê como sem importância, insignificante. Os sujeitos desse tipo de projeto evitam lançar qualquer olhar sobre o futuro e, quando o fazem, demonstram desilusão e falta de expectativas para qualquer ação além do tempo presente. Isso pode ocorrer por diversas razões, em virtude das poucas possibilidades materiais em que vivem; da descrença que afeta a autoestima e a capacidade de antecipar qualquer conduta; ou ainda da falta de apoio por parte dos adultos para os sonhos e intenções que esses sujeitos possam tentar compartilhar. Esse último me parece ser o caso da jovem desse depoimento que, em diversas ocasiões, reclamava que o pai não ligava para ela e a mãe não acreditava em nada que ela dizia que queria fazer.

Importa ressaltar que, de todas as categorias, essa foi a menos recorrente, o que ficou evidente também nas questões feitas no questionário, que demonstraram que apenas 5,6% dos respondentes sentiam-se perdidos, sem saber o que fazer com relação ao futuro. No entanto, é importante chamar atenção para essa categoria, já que esse sentimento pode ser típico de um momento ou uma fase da vida, mas pode prolongar-se e acabar por comprometer o desenvolvimento do sujeito.

No caso dos jovens desta investigação, tendo a acreditar que se trata de uma situação conjuntural, visto que, conforme demonstra o perfil, não seria possível identificar nenhum desses jovens que participaram como informantes como sendo de algum grupo que possa ser rotulado como vulnerável à exclusão social. Malgrados os casos daqueles que passaram ou passavam no momento da pesquisa por situações de distanciamento geográfico dos pais ou de algum membro da família, ou mesmo que começaram a consumir bebida alcoólica ainda cedo, não é possível afirmar que se trata de um grupo em situação de risco social objetivo.⁴⁰ Exemplo disso é o caso dessa jovem

⁴⁰ Importa ressaltar que entendo exclusão social não como um fenômeno horizontalizado e não apenas econômico, ou seja, é possível ter grupos com poder aquisitivo alto que são excluídos socialmente. Veja, por exemplo, o caso de alguns ciganos na Europa e em outras partes do mundo, ou mesmo grupos de homossexuais que, embora estando em níveis elevados da pirâmide econômica, podem vivenciar situações de marginalidade e exclusão social, não tendo acesso pleno aos direitos sociais que deveriam ser universais. Nesse contexto, tive conhecimento de pelo menos dois casos de suicídios cometidos na comunidade por jovens homossexuais que não eram aceitos pelas famílias, além de outros que precisaram deixar a cidade por se sentirem excluídos e marginalizados. Como pensar no futuro vivendo nessas condições? É possível projetar-se em uma situação de exclusão social provocada por uma subjetividade que muitas vezes precisa ser manipulada, escondida ou até evitada? Uma breve discussão sobre essa noção de exclusão social, analisada na perspectiva dos trabalhadores imigrantes brasileiros vivendo em Portugal, está na minha dissertação de mestrado (ALVES, 2007).

do depoimento anterior, que pertence à família mais rica da cidade e durante o período da pesquisa era uma das mais descrentes e pessimistas com relação ao futuro.

5.7 - O QUE ELES DESEJAM, AFINAL, É “SER ALGUÉM NA VIDA”

Que vai ser quando crescer?
Vivem perguntando em redor. Que é ser?
É ter um corpo, um jeito, um nome?
Tenho os três. E sou?
Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?
Ou a gente só principia a ser quando cresce?
É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?
Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
Que vou ser quando crescer?
Sou obrigado a? Posso escolher?
Não dá para entender. Não vou ser.
Vou crescer assim mesmo.
Sem ser. Esquecer.

Verbo ser. Carlos Drummond de Andrade

Drummond traduz nesse poema um questionamento ao qual poucos escapam desde tenra idade. O que ser quando crescer? Há que ser? Se há que ser é porque não se é! Ou seria porque não se é o que gostariam que fôssemos? Ou será porque não somos o que nós mesmos gostaríamos de ser? No caso dos jovens aqui investigados, a expectativa que evidenciam sobre o ser, o devir na vida futura diz respeito tanto a perspectivas deles próprios como de outros (a família, a sociedade, o mundo). Como? Eles dizem (uns de forma mais objetiva, outros nem tanto) que o que desejam é SER ALGUÉM NA VIDA. Como assim? Eles não são? Assim como no poema, eles não têm um corpo, um jeito, um nome que os fazem alguém? Não têm uma vida? Ou precisariam crescer para ser alguém? Crescer e aparecer! Ser! Por que...

“Ser alguém na vida é você ser reconhecido na sociedade. Você desenvolver um serviço onde você pode ser conhecido, igual eu falei. Ser conhecido, eu considero assim, é você ajudar realmente quem precisa, porque, quem ajuda as pessoas é reconhecido na sociedade.” (Netim).

A demanda por reconhecimento aparece em diversas ocasiões na fala desses jovens. O que eles demandam, afinal, quando reclamam que querem ser reconhecidos na sociedade? Para eles, ser alguém na vida significa ser reconhecido, ter o respeito da sociedade, ser enxergado e conhecido. Ser ouvido e respeitado. Ser valorizado. Enfim, sair da condição de invisibilidade, deixar de ser um “João Ninguém”, como me falou certa vez um jovem morador da comunidade do Vinhático.

Para isso, eles têm claro que a inserção no sistema produtivo, por meio de uma atividade laboral que lhes garanta as condições necessárias de assumir-se como um membro autônomo da sociedade é muito importante, mas é só o começo. Ou seja, se “a busca do projeto de vida parte de uma compreensão da constituição do sujeito mediante uma atividade laboral que lhe garanta a inserção social”, como argumenta Dias (2009, p. 94), mas isso não é suficiente. Ser alguém na vida é muito mais do que conquistar um lugar no mercado de trabalho, é ter um lugar que lhe permita ser reconhecido como um membro da sociedade, como um cidadão. Para eles, é evidente que falar em projetos de vida não significava apenas falar em profissão/ocupação e não deveria ser diferente, afinal, a vida não se resume em trabalho. Para justificar essa afirmação, pensemos, por exemplo, em quando falamos em qualidade de vida. Nós estamos falando, na realidade, de uma série de fatores que contribuem para que tenhamos o que chamamos de uma vida com qualidade, como saúde, alimentação, trabalho, moradia, vida sexual, relacionamentos... enfim, são diversas as dimensões da vida e o trabalho é uma delas.⁴¹ Vejamos o depoimento de uma jovem que explicita bem essa ideia:

A gente quer estudar, a gente quer ser inteligente pra saber conversar com todo mundo, isso e tal. Mas a gente quer o quê? A gente não quer morar de aluguel, a gente quer ter uma casa. A gente não quer ver a nossa família morando na mesma casa com piso de cera. Cê tem que ralar o joelho pra poder passar aquela cera, ocê não quer. Ocê não quer uma casa pequena, que cê mal passa pela porta. Cê não quer sua família assim... (Thalia).

Esse e outros depoimentos deixam claro que esses jovens evidenciam diversas preocupações com relação ao futuro, questões que não dizem respeito apenas a que profissão seguir. Eles se questionam sobre questões do tipo: onde eu vou morar? Será

⁴¹ Partindo desse entendimento, considero que os estudos que tratam de projetos de vida sob a perspectiva profissional estão abordando apenas UM aspecto dos projetos, já que tratam de apenas UMA dimensão da vida humana.

que quero casar? Se quero, qual será a melhor idade? Vou ter filhos? Nunca vou me envolver com drogas! Quero casar, mas não quero ser dona de casa! Será que vou conseguir ir para a universidade? Enfim, eles elaboram seus projetos pensando em dimensões diversas e a vida profissional, para muitos deles, perpassa muitas dessas dimensões, talvez por isso muitas análises priorizem abordar os projetos de vida sob essa perspectiva.

Nesse sentido, questões como casar, constituir família, discutir sobre o mundo das drogas, saber se posicionar sobre assuntos diversos como orientação sexual, religião, política, economia, continuar ou não os estudos depois do ensino médio, construir uma carreira acadêmica são todas potenciais matérias-primas para debates sobre projetos de vida e estiveram sempre presentes em nossas conversas. Eles demandam da escola falar sobre questões que os desafiam na vida, saber conversar. Certa vez, uma jovem disse-me que a escola deveria ensiná-los “a entrar e sair”. Na hora não entendi muito bem, mas seguimos conversando e ela explicou que, para vencer na vida, a pessoa precisa saber “se virar” em diferentes contextos. Isso para ela é saber entrar e sair, ou seja, saber como se comportar. Ela alegava que como os pais são da roça e desconhecem muita coisa importante que ela sabe que iria precisar pela vida fora dali, era isso que ela esperava da escola, além de aprender a ler e escrever, como fez questão de frisar. Essa crítica ao afastamento do currículo das suas realidades também foi apontada por jovens do Pará, como mostrado por Dayrell, Reis e Leão (2011), “crítica dos jovens alunos a um currículo distante da sua realidade, pleiteando uma articulação maior entre os conteúdos e sua vida cotidiana.” (p. 1082).

Portanto, o projeto de ser alguém na vida envolve diversos aspectos e demanda o conhecimento da realidade complexa na qual esses jovens estão inseridos. Esses jovens demandam ser respeitados e admirados. Demandam não ser tratados como “jecas” quando precisarem “ganhar o mundo”. Demandam ser independentes dos pais, dos cônjuges, enfim, almejam autonomia em relação ao mundo adulto. É por tudo isso que para ser alguém na vida não basta aprender uma profissão.

“Ser alguém na vida é, tipo assim, é tá dependendo da gente mesmo, sem ficar, tipo assim, igual, a gente, eu dependo dos outros. Do jeito que eu tô aqui, eu dependo dos outros. Porque se eu quero alguma coisa, tipo assim, igual eu, tipo assim, juntei, tipo casada, se eu preciso de alguma coisa, eu corro pra pessoa que

tá do meu lado.” (Thainá).

“Pra mim, ser alguém na vida é eu pensar as coisas e ter certeza que eu tô fazendo a coisa certa ou errada, ter direito pra poder falar as coisas que é certa e que é errada pra pessoa.” (Betim).

Analisando discursos pautados na ideia de ser alguém na vida para mães de uma comunidade na periferia carioca, Haanwinckel (2006) mostra que a projeção que aquelas mães fazem para o futuro dos filhos, traduzida nessa máxima, significa que desejam para a prole um futuro longe do que consideram o caminho errado, que pode envergonhá-las perante a comunidade. Elas desejam ver os filhos longe do mundo das drogas, do crime, sendo mães solteiras, enfim, desejam que os filhos “andem na linha” e que “não caiam na vida.” (p. 105). Para essas mães, os caminhos que levarão seus filhos a conquistar essa “terra prometida” pautam-se nos pilares da educação e da inserção profissional. Os estudos também assumem centralidade no projeto de jovens mães de Belém do Pará, analisadas por Pantoja (2003), para quem a maternidade precoce constitui um estímulo a mais na busca do projeto de ser alguém na vida.

Buscando identificar como, historicamente, as relações sociais de reconhecimento são desenvolvidas teoricamente, Mayer (2008) chama atenção para outros valores envolvidos nesse debate, como honra, respeito, reputação, estima social, moralidade e dignidade. “A noção de dignidade faz referência à esfera pública e às sociabilidades secundárias que a caracterizam.” (*Ibidem*, p. 40). Esse autor fala do reconhecimento ocorrido em âmbitos distintos da vida do sujeito, calcado nas relações primárias, no âmbito da família, desenvolvido na criança por meio da autoconfiança. Em outro âmbito, o reconhecimento é demandado a partir do exercício dos direitos sociais, que proporciona o reconhecimento público de todos os membros de uma sociedade que gozam de iguais direitos. Por fim, uma terceira dimensão trata do reconhecimento a partir das relações de solidariedade comunitárias, com vistas à conquista de objetivos comuns no grupo a que pertence e à agregação de valores. Ou seja, quando o jovem fala que não quer saber de envolvimento com drogas, está dizendo que não quer ser reconhecido na comunidade onde vive por esse motivo (ou o contrário, se o traficante for alguém valorizado/reconhecido na comunidade).⁴²

⁴² Claro está que o reconhecimento é uma categoria sociológica importante para a discussão dos projetos de vida, no entanto, dados os limites deste estudo, aponto como uma possibilidade para pesquisas futuras.

Dessa forma, é possível concordar com Dias (2009) para quem a vida em sociedade determina, de alguma maneira, quem somos, a forma como pensamos e orientamos nossos projetos de vida de acordo com o papel que desejamos desempenhar nessa sociedade. Sendo assim, nossos projetos refletem nossos valores, como argumenta Machado (2003). Eles podem ser expressos de diferentes formas, para uns mais explicitamente, para outros de maneira mais vaga; para uns a partir de uma referência próxima, para outros pode ser representado como uma fuga de todo e qualquer modelo que tenha nas suas relações sociais. Foi isso que os jovens de SGP evidenciaram ao falar dos seus projetos de vida.

Assim, ao expressarem a forma como estão organizando (ou no mínimo pensando em organizar) suas condutas futuras, a relação com aspectos como o tempo, o campo de possibilidades e outras questões objetivas e subjetivas que estão envolvidas nos projetos são evidenciadas em maior ou menor grau. Os tipos de projetos e a relação com esses aspectos podem assim sintetizadas:

Quadro 5: Os tipos de projetos e a relação com esses aspectos podem assim sintetizadas

	Tempo	Campo de possibilidades	Objetividade e subjetividade
Miméticos	Futuro	Alvo definido e seta em definição	Ênfase em aspectos objetivos
Hipomaníacos	Futuro e presente	Alvo e seta indefinidos	Ênfase em aspectos subjetivos
Estratégicos	Futuro e presente	Alvo e seta definidos	Ênfase em aspectos objetivos e subjetivos
De recusa	Presente e futuro	Alvo e seta em definição	Ênfase em aspectos objetivos e subjetivos
Fora de projeto	Presente	Sem alvo e sem seta	Sem objetividade ou subjetividade definidos

CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

[...] Será que ninguém vê
O caos em que vivemos?
Os jovens são tão jovens
E fica tudo por isso mesmo
A juventude é rica, a juventude é pobre
A juventude sofre e ninguém parece perceber. [...].

Aloha. Legião Urbana.

SOBRE A CONDIÇÃO JUVENIL...

Estudar, trabalhar, namorar, cuidar de casa, ajudar a família, se divertir, ir à igreja, dormir bastante, beber, curtir com os amigos, andar na moda, jogar conversa fora, praticar esporte, cavalgar, ouvir músicas, sonhar, desejar, reclamar, rir, chorar, duvidar, acreditar... Todos esses são verbos que descrevem as juventudes de SGP. Diante dessa pluralidade que caracteriza a condição juvenil nesse contexto buscarei, nesta etapa final do trabalho, apresentar uma sistematização das questões fundamentais discutidas neste estudo, de modo a sintetizar as principais contribuições da investigação para as áreas do conhecimento que esta pretendeu abarcar. Os resultados aqui apresentados não têm pretensão de fornecer generalizações nem à juventude como um todo, nem mesmo dentro do grupo pesquisado (embora aspectos comuns à juventude enquanto um grupo social tenham sido identificados), mas de evidenciar aspectos relativos à condição juvenil e aos projetos de vida de um grupo de jovens dentro de um determinado contexto.

A juventude é uma daquelas categorias cuja definição não é tão simples, do mesmo modo que não é tão simples identificar quem é jovem. Há quem diga que esta é muito mais uma tarefa de hetero-atribuição do que de auto-atribuição. Ou seja, são os outros quem nos dizem, quando passam a nos chamar “rapaz” ou “moça” ou, quando não nos vêem mais como jovens, “senhor” ou “senhora”, em geral pelo critério idade, mas não só. Para esses jovens desta pesquisa o fator idade, por si só, não pode ser considerado um marcador de entrada na vida adulta. Não existe um ano da vida que demarca o fim de uma etapa do desenvolvimento humano. Nesse sentido, para eles, completar 18 anos não significa que o sujeito foi dormir imaturo e acordou mais

amadurecido. Sendo assim, é importante estarmos atentos ao fato de que não só “é difícil precisar quantas e quais são as fases da vida e quais são os processos que as caracterizam (CAMARANO, MELLO e KANSO, 2006, p. 35), como também é difícil generalizar o processo de desenvolvimento humano. Isso porque, além dos aspectos biológicos, que podem até ser mais universalizantes (mas não exatos), há que se considerar os aspectos subjetivos, simbólicos, culturais e econômicos que compõem esse processo.

Assim, o que esta investigação evidenciou é que, além da idade, esses jovens também precisam atingir uma determinada condição de autonomia para sentirem que estão, de fato, entrando em uma nova etapa da vida. Nesse sentido, a empiria confirmou que abordar a condição juvenil, sob todos os aspectos que constituem esta etapa da vida, inclusive a faixa etária, foi uma decisão importante nas escolhas teórico-metodológicas deste estudo. Isso me permitiu, por exemplo, identificar no campo jovens que, pelo critério idade, se encaixariam na categoria juventude, mas cujas condições de vida (já eram casados, independentes da família de origem, viviam em condição de completa autonomia em relação ao mundo adulto) lhes permitiam viver essa idade sem algumas preocupações que afetavam outros que, na mesma faixa etária, estavam vivenciando. Portanto, todos os sujeitos que constituíram o grupo principal de informantes desta investigação eram jovens, considerados a partir do critério adotado no Brasil, de acordo com o Estatuto da Juventude, no entanto, nem todos abarcados por esse critério foram considerados jovens para efeitos desta investigação.

Ainda a esse respeito, outro aspecto importante que os jovens evidenciaram é que a juventude não é uma fase apenas do devir. Eles estão sim preocupados com o futuro, no entanto, eles não abrem mão que seja considerada a sua condição também no presente. Eles refutam a visão hedonista e irresponsável, muitas vezes imputadas aos jovens, embora reconheçam que, por viverem a juventude de forma muito diferente dos seus pais e avós, se divertindo e aproveitando a vida, isso pode ser entendido pelos adultos como falta de respeito, de responsabilidade ou de preocupação com o futuro.

Acredito que essas nuances relativas ao modo próprio de viver a juventude nesse contexto só foram possíveis de serem observadas e coletadas graças à metodologia utilizada, ao exercício de escuta e observação constantes no campo. Digo isso porque, à primeira vista, um olhar menos cuidadoso apontaria nesse grupo aspectos relativos ao

que eles chamam de aproveitar a vida sem considerar o que isso significa. Lembro-me dos primeiros dias no campo, quando fui tomada por uma sensação de que os jovens daquela pequena cidade não se interessavam por nada, que bebiam demais, que estavam sempre procurando a próxima cavalgada para se divertir, um campo de futebol pra disputar uma partida, uma mesa de truco para desafiar os amigos ou pensando onde seria a próxima resenha. Isso era visível tanto para os jovens da sede como para os do campo, embora para os moradores da zona rural a mobilidade fosse um limitador na busca por formas de aproveitar a vida e esses, na maioria dos casos, tinham que pensar formas alternativas. Às vezes organizavam caronas solidárias entre os que tinham moto ou faziam longos percursos a pé para se locomover pela região, experiência da qual participei uma vez, quando caminhamos seis quilômetros na madrugada de volta de um aniversário porque não tinha carona para todo o grupo. No entanto, a presença prolongada no campo me mostrou muito mais do que jovens com um copo de cerveja na mão, um chapéu na cabeça, uma camisa da Hollister ou montado em uma moto percorrendo os quatro cantos da região atrás da próxima diversão. O exercício de acompanhá-los, observá-los, conviver com eles em diferentes momentos da vida cotidiana, ouvir seus anseios, suas angústias, seus pontos de vista sobre a sua condição juvenil e sobre a própria sociedade me mostrou que, apesar da forma intensa como vivem o presente, eles não perdem de vista a dimensão do futuro.

Um grande desafio que estava posto a esse grupo, no entanto, é que eles pareciam se sentir sozinhos nas questões relativas ao futuro, ao passo que no presente estavam apoiados entre si no projeto de aproveitar a vida, dentre outras formulações. Eles pareciam sentir-se à deriva quando o assunto era o futuro, situação semelhante ao assinalado por Leão (2011) sobre projetos de vida de jovens estudantes do ensino médio do Pará, que apontou que a falta de diálogo com a escola comprometia a formulação de planos além do tempo presente. Para os jovens de SGP se, por um lado, o desejo de aproveitar a vida encontrava respaldo de diversas formas no tempo presente, com o grupo de amigos, o desejo de ser alguém na vida parecia ainda ser, para a maioria, um sonho que estavam sonhando sozinhos, sem suportes institucionais sólidos. Embora contassem com o importante suporte da família, muitas delas, como evidenciado, quase nada tinham a oferecer além do suporte moral e afetivo. Não que isso seja insignificante, mas são valores simbólicos que, na prática cotidiana de uma sociedade

capitalista não são suficientes. Eles reconhecem a importância do apoio da família, mas sabem que é só isso que podem esperar.

Ah... tipo assim, eu não tive como fazer faculdade, mas minha mãe me deu a maior força pra mim estudar. Ela falou assim “ah Lorena, a gente não tem condições de pagar faculdade pra você, que você mesmo sabe, mas se você quer ir trabalhar, vai trabalhar, continua fazendo um cursinho...” Ela sabe que o meu sonho é estudar, é me dar bem na vida, ganhar melhor, porque ninguém merece ganhar um salário mínimo só pra sobreviver ou ficar dependendo de mãe, porque a gente nunca sabe o que pode acontecer. Mas ela, o que eu quero escolher, ela me apóia, total apoio, sabe? [...] Meus irmãos também, mas eles também não têm condições de me ajudar. (Lorena, moradora da Sede).

O que essa jovem reconhece é que para boa parte da juventude naquele contexto o lugar social que o sujeito ocupa “vai determinar, em parte, os limites e as possibilidades com os quais constroem uma determinada condição juvenil.” (DAYRELL, 2007, p. 1108). No caso da Lorena, como de muitos outros desse estudo, a condição de estudante não pode ser parte da condição juvenil para além do ensino médio. As condições precárias em que muitos deles viviam não lhes permitiam concretizar o desejo de continuar estudando. Precariedade que não vem apenas da condição social das famílias, mas do meio em que vivem, aquela zona rural esquecida pelas políticas públicas e, muitas vezes, do próprio sistema de ensino. O fato de a maioria pertencer ao grupo de estudantes que identifiquei como “os enturmados” (embora a Lorena não fizesse parte desse grupo) mostra que eles tinham formas próprias de se relacionar com a escola, mesmo que a cultura escolar ainda não fosse capaz de acolhê-los com tais especificidades. Os “premiados”, apesar de minoria, eram os mais valorizados, evidenciando que na cultura escolar prevalecia o modelo ideal de aluno (o chamado CDF), enquanto que o aluno real (aquele que, apesar de mediano nas notas, levava para dentro da escola outras dimensões da condição juvenil) estava sendo acolhido, mas não valorizado dentro da instituição escolar a partir de outras habilidades que não apenas as do currículo formal.

Mais uma consideração importante e necessária diz respeito às políticas educacionais que orientam as escolas de municípios rurais. Estas, apesar de localizadas na sede, atendem majoritariamente estudantes do campo. Essa questão mostrou-se emblemática visto que, na prática, aquela não é uma escola urbana, já que seus sujeitos,

na sua maioria, não o são. O sistema escolar deveria reconhecer os sujeitos que ali estão na sua diversidade e especificidade de jovens do campo, valorizando seus saberes e garantindo-lhes direitos próprios de estudantes do campo. Por exemplo, a adoção do calendário escolar urbano provoca a evasão de um número significativo de estudantes do período de chuvas, pois a mobilidade na zona rural fica praticamente impossível. Outra questão relativa a esse ponto é com relação à merenda escolar. Como muitos jovens saem de casa muito cedo, alguns ainda de madrugada, não fazem a primeira refeição do dia e ficam com fome até as 9h:00 da manhã, horário em que é servida a merenda escolar, embora muitas vezes reforçada, diga-se de passagem.

Portanto, a investigação apontou que são múltiplos os modos de ser jovem nesse contexto e que a condição juvenil carrega importantes marcas da cultural local, como também aspectos globais, proporcionados pela cultura da migração que se desenvolveu nessa região mineira nos últimos anos e que tem como principal característica o transnacionalismo. Muitos desses jovens pertencem a famílias transnacionais, que protagonizam movimentos constantes de pessoas, bem como trocas de bens, ideias, valores e remessas entre essa região mineira e países como os Estados Unidos, Portugal e Inglaterra.

SOBRE OS PROJETOS DE VIDA...

Os projetos de vida estão intimamente ligados à identidade dos sujeitos na fase da juventude, o que justifica a abordagem desse tema nos espaços educativos e demais instituições socializadoras. Ademais, o tema do projeto pode auxiliar os jovens no processo de construção da identidade, de conhecimento e descoberta de si. A juventude é um momento importante de conquista de autonomia em relação ao mundo adulto e, nesse sentido, “a noção de que os indivíduos escolhem, ou podem escolher, é a base, o ponto de partida para se pensar em projeto.” (VELHO, 2004, p. 24). Em determinados contextos, no entanto, a possibilidade de escolha é muito limitada e os projetos precisam orientar-se, por vezes, pela contingência. No contexto estudado, uma hipótese inicial era de que a migração internacional ocuparia um lugar privilegiado nos projetos de vida dos jovens. Nesse sentido, é notório como a cultura da migração influenciava fortemente a vida nessa comunidade, no entanto, não se pode afirmar que no aspecto projetos de vida

tal influência possa ser percebida na mesma intensidade. O outro lado da fronteira está bastante presente, por conta do contexto transnacional em que esses sujeitos estão crescendo, no entanto, a pesquisa mostrou que os herdeiros da migração não estão se apropriando da herança na mesma proporção em que os eventos transnacionais se fazem (ou fizeram) presentes nessa comunidade. O projeto de emigrar, quando aparece, na maioria dos casos aparece como um plano B, em geral uma opção aos estudos. Ou seja, o que muitos dizem é que preferem estudar e, se não der certo, emigram. É muito comum usarem exemplos de parentes que emigraram e não estudaram e depois se arrependeram. Uma tendência que observei em algumas famílias transnacionais é que os retornados estão procurando se especializar, seja fazendo cursos técnicos, seja em cursos universitários.

A questão do transnacionalismo nem mesmo tem no currículo escolar a centralidade que tem na história dessa comunidade. Esse tema, que poderia ser um importante fio condutor para discutir questões relativas ao multiculturalismo, à pluralidade racial, à mobilidade humana (tão própria da condição humana) e à própria história da região não apareceu no currículo escolar durante a pesquisa de campo. E essa ausência não se fez perceber somente na escola. Esse estudo não detectou qualquer discussão sobre o processo de migração do ponto de vista desse local de origem, seja na escola, seja em outras instituições socializadoras como associações de moradores, igrejas ou mesmo o poder público local. Aliás, uma lacuna nessa região mineira, historicamente marcada pelos movimentos migratórios, é a carência de organização dos migrantes e seus familiares, tal como se percebe nos locais de destino de migração internacional. As organizações coletivas de grupos étnicos são uma das principais características do transnacionalismo nos países de acolhimento. Exemplos como a Associação Mais Brasil, na cidade do Porto, em Portugal, ou ainda organizações menos formalizadas, mas que funcionam como suporte ao grupo de imigrantes nos locais de destino, os enclaves migrantes, como as conhecidas Little Italy, Little Brazil e China Town em Nova York são ilustrativos dessas formas de organização dos migrantes nos locais de destino.

Quanto aos projetos de vida os jovens evidenciaram uma visão bastante ampla sobre o tema, alertando para o fato de que a vida não se reduz a trabalho, carreira, emprego, como alguns estudos que abordam o tema costumam tratar. Eles falaram de

todos os aspectos que consideram importantes quando pensam em seus projetos de vida: casamento, estudos, trabalho, sexualidade, lazer, diversão, profissão, renda, emancipação, direito de escolhas, autonomia e tantos outros temas que compõem a multidimensão da condição e da vida humana. Por isso utilizo sempre nesta pesquisa projetos de vida, no plural, por considerar as diversas dimensões da vida humana.

As falas e o cotidiano desses jovens trouxeram elementos importantes para pensarmos os projetos individuais e a interface com um projeto de sociedade que, embora não seja explícito, não se pode dizer que estão ausentes. Se eles não falam, objetivamente, de um projeto coletivo de sociedade, como o fazia o jovem Luther King e tantos outros engajados em movimentos políticos e sociais na segunda metade do século passado, eles evidenciam preocupações com a sociedade, preocupações mais amplas que extrapolam o individualismo que marca as sociedades contemporâneas.

Por exemplo, quando dizem que não querem encher o mundo de filhos sem ter como cuidar, ou quando evidenciam desencanto pela profissão docente e afirmam que não acham justo professor ser tão desvalorizado, já que é uma profissão tão importante, eles estão de fato pensando além da dimensão individual. Manifestam desejo por emancipação feminina, quando recusam a vida de “dona de casa” sustentada e mandada pelo marido. Demandam por espaços de participação, embora rechacem as formas ortodoxas de participação via partidos políticos, por desacreditarem que podem ajudar a melhorar o mundo dessa forma. Nesse sentido, o grupo de jovens das igrejas (sobretudo católica, mas também evangélica) é o meio privilegiado de participação e de contribuição para a construção de um mundo melhor para esses jovens. Sonham em constituir famílias, mas esta não é a prioridade, evidenciando preocupação inicial com o futuro deles próprios e dos eventuais filhos que possam vir a ter. Sendo assim, o casamento, embora importante para muitos, é algo que pode esperar. Já a continuidade dos estudos, que ganha centralidade em muitos dos projetos, está fora do campo de possibilidades de boa parte desse grupo.

Em relação ao modo de elaboração dos projetos e a forma como os expressam, embora tenham sido apresentados aqui de forma categorizada, não significa que são estanques, imutáveis, rígidos ou definitivos. Ao contrário, os projetos são dinâmicos e, de certa forma, ziguezagueantes. Podem mudar de acordo com as circunstâncias, com os valores vigentes em determinados momentos da vida, com as interações sociais, com os

contextos e até com os suportes com quais contam. Sendo assim, vale lembrar que “o que a noção de projetos procura é dar conta da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinados momentos históricos de uma sociedade.” (VELHO, 2004, p. 107).

Nesse processo, a dimensão do reconhecimento teve lugar privilegiado em meio às demandas dos jovens. O reconhecimento depende dos valores vigentes em determinados contextos histórico-culturais, ou seja, alguém é ou não valorizado e reconhecido se responde às expectativas que correspondem aos valores daquele contexto. Foi a partir da demanda por reconhecimento que a categoria “ser alguém na vida” emergiu com bastante força neste estudo, ganhando centralidade e sendo expressa objetivamente, sobretudo por aqueles dos extratos economicamente inferiores do grupo social estudado. Para os demais a ideia também esteve muito presente, embora esses não a manifestassem verbalmente como o faziam os mais pobres, moradores das comunidades rurais. Assim, considero que essa é uma categoria que merece estudos mais aprofundados, visto que parece sinalizar para uma categoria que diz de um *ethos* de classe, característico de alguns grupos das classes populares, uma vez que não o identifiquei em todos os sujeitos desse grupo nem em outros estudos que tratam do tema, relativo a jovens mais abastados.

PALAVRAS FINAIS...

Por exigências canônicas, é hora de colocar um ponto final neste trabalho, embora ainda parem tantas indagações sobre tudo que o vi, ouvi e vivi durante esta investigação. Todavia, esse não poderia ser um momento mais oportuno. Escrevo as últimas páginas deste relato de pesquisa embalada por um barulho que vem das ruas. E não é o chamado *white noise* da vida cotidiana. É um barulho novo, agradável, apesar de estridente e ao qual ainda não estamos habituados. É o barulho da juventude brasileira que, coincidentemente, neste momento vai às ruas e parece corroborar uma das ideias centrais defendidas neste estudo. “Há um presente e nós queremos vivê-lo com dignidade. Há um futuro e nós estamos preocupados, sim, com ele.” É o que os jovens desta investigação me disseram, em voz baixa, só entre nós, durante os oito meses em

que com eles convivi. E é o que a juventude do Brasil está gritando para o mundo inteiro ouvir, durante o mês de junho de 2013.

Assim, termino este estudo com algumas respostas, com muitas indagações e com o forte desejo de que os jovens brasileiros não se cansem de repetir o que a sociedade parece não querer ouvir. Que os jovens não desistam dos adultos. Que a juventude seja ouvida nos seus anseios, desejos e necessidades. Que a juventude seja compreendida no seu modo de viver o presente e de sonhar o futuro. E que a sociedade seja capaz de compreender, como eles estão nos ensinando, que a juventude não é apenas uma fase de preparação. A juventude é uma fase da vida, como tantas outras, com especificidades próprias e com potencialidades incalculáveis.

E, persistindo a dificuldade em colocar o ponto final, deixo essa tarefa para uma das jovens “co-autoras” deste trabalho. Essas foram suas palavras quando, pelo Facebook, após alguns meses depois que eu deixei a cidade, ela me perguntou: “então Zê, você não vai mesmo voltar?”, e eu disse, não. Terminei a pesquisa e agora preciso escrever o tal livro. Algumas semanas depois ela me enviou uma poesia:

Ela sumiu.
Sem deixar suspiros, sem deixar seu brilho, sem fazer barulho, sem deixar vestígios.
Sumiu.
Não disse aonde ia, muito menos o que faria, levou seu sorriso, levou alegria.
Mas não posso negar, alguma coisa deixou...
Deixou seu nome - Era Maria. "Deixei esperança". É o que ela diria.
Deixou mais que lembranças, mais que verdade.
Essa Maria deixou foi saudade!

(Sabrina Moura – nome verdadeiro de uma das jovens desta pesquisa)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M. Virginia de. **Juventude e Adolescência no Brasil:** referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ABRAMO, Helena. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In:* ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira:** análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo. 2008, p.37-73.

ALMEIDA, João Ferreira e PINTO, José Madureira. Da teoria à investigação empírica. Problemas metodológicos gerais. In. SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira (orgs). **Metodologia das Ciências Sociais.** Porto: Edições Afrontamento, 1986, 55-78.

ALTUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado.** Notas sobre os aparelhos ideológicos de estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ALVES, Maria Zenaide. Como nos damos com eles. **Estratégias de sociabilidades de crianças brasileiras no contexto escolar: um estudo de caso.** Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado, Porto: 2007.

ALVES, Maria Zenaide. Infância e imigração no contexto escolar português. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio e PINTO, Regina Paim (Orgs.). **Acesso aos direitos sociais:** infância, saúde, educação, trabalho. São Paulo: Contexto, 2010.

ALVES, Maria Zenaide e OLIVEIRA, Igor. A juventude no território: o campo e a cidade. In: **Projeto diálogos com o ensino médio:** curso de atualização juventude brasileira e ensino médio inovador. Curso JUBEMI. Belo Horizonte: Título independente, 2012. http://www.jubemi.suporteufmg.com.br/pdf/modulo05_03.pdf

ARIZA, Marina. Migración, familia y transnacionalidad en el contexto de la globalización: algunos puntos dereflexión. **Revista Mexicana de Sociología**, Vol. 64, No. 4 (Oct. - Dec., 2002), pp. 53-84. Published by: Universidad Nacional Autónoma de México. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3541596> . Accessed: 30/06/2012 20:41.

BASCH, Linda; SCHILLER, Nina Glick e BALNC, Cristina Szanton. Nations Unbound. **Transnational projects, postcolonial predicaments and deterritorialized nation-states**. New York: Routledge, 1994.

BRASIL – **Comunicado IPEA n. 61**. Migração Interna no Brasil, 2010. URL: <http://www.ipea.gov.br>

BAGANHA, Maria Ioannis. A cada Sul o seu Norte: Dinâmicas migratórias em Portugal. In.: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Globalização: fatalidade ou utopia?** Porto: Edições Afrontamento. 2001.

BRENNER, Ana Carina, DAYRELL, Juarez e CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo. 2008, p.37-73.

BOUTINET, Jean-Claude. **Antropologia do projeto**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação** – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

CAMARANO, Ana Amélia, MELLO, Juliana Leitão e KANSO, Solange. Do nascimento à morte: principais transições. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** IPEA: Rio de Janeiro, 2006.

CAMPOS, Mardem Barbosa. Estimativas de migração internacional no Brasil: os velhos e os novos desafios. In: OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto e OLIVEIRA, Antônio

Tadeu Ribeiro de (Orgs). **Reflexões sobre os Deslocamentos Populacionais no Brasil**. Brasília: IBGE, 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

CARNEIRO, Maria José. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: Francisco Carlos Teixeira da Silva; Raimundo Santos; Luiz Flávio de Carvalho Costa. (Org.). **Mundo Rural e Política**. Rio de Janeiro: Campus, 1998, v , p. 95-118.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo. 2005, p.37-73.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 11, outubro 1998: 53-75.

CEBULKO, Kara Beth. **Documented, Undocumented and Somewhere-In-Between**: Documentation Status and the Incorporation of Children of Brazilian Immigrants. College of Arts and Sciences in the Department of Sociology Indiana University, 2009.

COELHO, Luciane Gernano Simões. **A Emigração sob o Olhar de Quem Fica**: Uma Análise das Experiências de Famílias do Município de Ipaba-MG. Viçosa: UFV, 2007. Dissertação de mestrado.

CORREIA, José Alberto e MATOS, Manuel. Da crise da escola ao escolacentrismo. In: STOER, Stephen, CORTESÃO, Luisa e CORREIA, José Alberto. (orgs). **Transnacionalização da educação**: da crise da educação à “educação” da crise. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

CORTI, Ana Paula. Aproximando-se do conceito de juventude. In: CORTI, Ana Paula e SOUZA, Raquel. **Diálogos com o mundo juvenil**: subsídios para educadores. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

COSTA, António Firmino. A pesquisa de terreno em sociologia. In: SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira (Orgs). **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto: Edições Afrontamento, 1986, p. 129-163.

DAYRELL, Juarez. Juventude, Grupos Culturais e Sociabilidade. In: **XXIV Reunião Brasileira de Antropologia**, 2004, Recife. Anais. Recife: ABA - Associação Brasileira de Antropologia, 2004. p. 102-102.

DAYRELL, Juarez. **A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educação e Sociedade. Vol. 28, no. 100 Campinas, 2007. <<http://www.cedes.unicamp.br>> [acesso em 10-03-2009]

DAYRELL, Juarez. **Por uma pedagogia da juventude**. Belo Horizonte: manuscrito, (s.d.).

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Set /Out /Nov /Dez 2003 N. 24.

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte: Faculdade de Educação UFMG. Nº 30. Dez 1999. p. 25-38.

DAVIS, Kingsley. Social Science Approaches to International Migration. In.: **Population and Development Review**, Vol. 14, Supplement: Population and Resources in Western Intellectual Traditions (1988), pp. 245-261 Published by: Population Council Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2808098> Accessed: 18/05/2010 16:58.

DA VEIGA José Eli. **Cidades Imaginárias**. O Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Editora Autores Associados, 2003, 304p.

DIAS, Maria Sara de Lima. **Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de universitários**. Tese de doutorado, UFSC, 2009.

DIOGO, Ana Matias. Do envolvimento dos pais ao sucesso escolar dos filhos: mitos, críticas, e evidências. Sociologia da Educação. **Revista Luso-Brasileira**. Ano 01, 2010. http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/rev_sociologia_edu.php?strSecao=input0

DOMINGUES, Devani Tomaz. **Dos Estados Unidos da América para Governador Valadares: conexões e desconexões**. Belo Horizonte: FAFICH-UFMG, 2008. Dissertação de mestrado.

DO CARMO, Helen Cristina e CORREIA, Licínia Maria. O Ensino Médio no Brasil. In: **Projeto diálogos com o ensino médio: curso de atualização juventude brasileira e ensino médio inovador**. Curso JUBEMI. Belo Horizonte: Título independente, 2012. <http://www.jubemi.suporteufmg.com.br/pdf/modulo02.pdf>

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert, e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ESPÍNDOLA. Haruf Salmen. **A história de uma formação socio-econômica urbana: Governador Valadares**. Varia História, Belo Horizonte, nº19, Nov/98, 1998.]

FEIXA, Carlos. De culturas, subculturas y estilos. **Antropología de la juventud**, Capítulo III. Editorial Ariel, S.A. Barcelona, 1999. pp. 84-105.

FUSCO, Wilson. **Redes sociais na migração internacional**: o caso de Governador Valadares. Campinas: UNICAMP, 2000. Dissertação de mestrado.

FUSCO, Wilson. **A formação de comunidades-filhas no fluxo de brasileiros para os Estados Unidos**. São Paulo em Perspectiva, v. 19, n. 3, p. 55-63, jul./set. 2005a. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000300005&script=sci_arttext [acesso em 14-04-2009].

FUSCO, Wilson. **Capital cordial**: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Campinas: UNICAMP, 2005b. Tese de doutorado.

GADOTTI, Moacir. **Diversidade cultural e educação para todos**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo Perspec. vol.14 no. 2 São Paulo Apr./June 2000.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 2011.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. **Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian**, 4^a Ed, 2004.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. **Rio de Janeiro: Zahar, 2002**.

GOLDRING, Luin. *The Power of Status*. In: GUARNIZO, Luis Edwardo & SMITH, Michael Peter. **Transnational Social Fields. Transnationalism from Below**. (Comparative Urban and Community Research). Transaction Publishers, 1998.

GOLGHER, André Braz. **Os determinantes da migração e diferenciais entre migrantes e não-migrantes em Minas Gerais**. Belo Horizonte: CEDEPLAR-FACE-UFMG, 2001. Tese de doutorado.

GUIMARÃES, Nádya Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo. 2005.

HAANWINCKEL, Bárbara Zilli. **Como "ser alguém na vida"?** Caminhos e planos de vida de mães para jovens moradores do Morro Azul na cidade do RJ: uma análise sócio-cultural. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado, UFRJ, 2006.

HAMMERSLEY, Martyn e ATKINSON, Paul. **Ethnography: Principles in Practice**, London: Routledge, 1995.

HARBISON, Sarah F. Family structure and family strategy in migration decision making. In: DE JONG, Gordon F. and GARDNER, Robert W. **Migration decision making**. New York: Center for Cultural and Technical Interchange between East and West, 1981.

HADBERG, Anders Vedel. **The Methodology of Paul Willis**. A review of "Learning to labor": how working class kids get working class jobs. Athenea Digital, n. 9. www.invenia.es/oai:dialnet.unirioja.es:ART0000097761

ISAACSON, Watson. **Steve Jobs: a biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KEARNEY, M. The local and the global: The Anthropology of Globalization and Transnationalism. **Annual Review of Anthropology**. 1995, 24:547-565. Downloaded from arjournals.annualreviews.org

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma de cultura. In: em Regina Novaes e Paulo Vannuchi (org.), **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. Rio de Janeiro, Editora Fundação, 2004.

KRAWCZYK, Nora. **O ensino médio no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa, 2009. (Em questão, 6).

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 21ª edição. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.

LEÃO, Geraldo. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola... In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignês Costa e STENGEL, Márcia. **JUBRA – Juventudes contemporâneas, um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez e REIS, Juliana. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

LECCARDI, Carmen. **Por um novo significado do futuro**: mudança social, jovens e tempo. Tempo Social. Volume 17, número 2, novembro de 2005.

LECCARDI, Carmen. **Time, Young people end the future**. Young: Volume 7, Number 1, 1999. <http://logic.itsc.cuhk.edu.hk/~b114299/young/1999/articleLeccardi99-1.htm>

LEE, Everett. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, Hélio A. de (coord.). **Migração interna** – textos selecionados. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980, 217-244.

MACHADO, Igor de Renó. **O ponto de vista das famílias: etnografia sobre os emigrantes internacionais valadarenses (Brasil)**. In: PADILLA, Beatriz e XAVIER, Maria (org.), Revista Migrações. Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina, Lisboa: Outubro 2009, n.º 5. ACIDI, pp. 155-168

MACHADO, Nilson José. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: escrituras, 2004.

MACHADO, Nilson José e MACEDO, Lino de. **Jogo e projeto pontos e contrapontos**. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 2006.

MADEIRA, Felícia Reicher. Educação e desigualdade no tempo da juventude. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** IPEA: Rio de Janeiro, 2006.

MALFITANO, Ana Paula Serrata. Juventudes e contemporaneidade: entre a autonomia e a tutela. **Revista Etnográfica**, outubro de 2011, pg, 523-542.

MALINOWSKI, B. Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, Alba. Zaluar. (org.). **Desvendando as máscaras sociais**. 2a ed. Rio de Janeiro: 1980.

MARTINE, George. Adaptação dos migrantes ou sobrevivência dos mais fortes. In.: MOURA, Hélio A. de (coord.). **Migração interna – textos selecionados**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. p. 217-244.

MARTINS, José de Souza. **O futuro da Sociologia Rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural**. Estudos Avançados,15 (43), 2001.

MARTINS, José de Sousa. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de rumo**. La sociedad a escala del individuo. Santiago: LOM Ediciones, 2007.

MASSEY, Douglas et. all. Theories of International Migration: A Review and Appraisal. **Population and Development Review**, Vol. 19, No. 3. (Sep., 1993), pp. 431-466.

MATZA, David. As tradições ocultas da juventude. In.: BRITO, Sulamita de. **Sociologia da Juventude III, a vida coletiva juvenil**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 81-106, 1968.

MARGOLIS, Maxine L. **Little Brazil**. An ethnography of Brazilian immigrants in New York City. Princeton University Press. Princeton, New Jersey: 1994.

MARGOLIS, Maxine L. **An Invisible Minority**: Brazilians in New York City. Revised and expanded edition. Gainesville: UP of Florida, 2009.

MARGOLIS, Maxine L. "**Brasileiros são prisioneiros do limbo**". Entrevista Folha de São Paulo. Dec 9, 2007.

MCKENZIEA, David J. **Profile of the World's Young Developing Country International Migrants**. Reviewed work(s). Population and Development Review, Vol. 34, No. 1 (Mar., 2008), pp. 115-135.

MENESES, Adélia Bezerra. **Desenho mágico**: poesia e política em Chico Buarque. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

MOSES, Jonathon W. **International Migration** – Globalization's Last Frontier. London: Zed Books Ltda. 2006.

NASCIMENTO, Ivany Pinto. Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: **um estudo psicossocial sobre suas representações. Imaginário**. [online]. junho 2006, vol.12, no.12 [acessado 25 Marzo 2009], p.55-80. Disponible en la World Wide Web.

NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola na contemporaneidade: **fenômeno social/interrogações sociológicas**. Análise Social, vol. XI (176), 2005.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude**

Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo. 2005.

ONU. International Migration Report 2006: **A Global Assessment**. United Nations: New York. Acesso em 15-01-09
http://www.un.org/esa/population/publications/2006_MigrationRep/report.htm.

ONU-Monitoring: **International Migration and Development** – Report of the Secretary-General, United Nations Population Information Network, [On-line]
<http://www.undp.org/popin>, New York, 1997. Acessado em 17/04/2007

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de e JANNUZZI, Paulo de Martino. **Motivos para migração no Brasil e retorno ao nordeste padrões etários, por sexo e origem/destino**. São Paulo em Perspectiva, v. 19, n. 4, p. 134-143, out./dez. 2005.
<http://www.scielo.br/pdf/spp/v19n4/v19n4a09.pdf> [acesso 20-03-2009].

OLIVEIRA, Orlandina de e STERN, Cláudio. Notas sobre a teoria da migração interna. In: MOURA, Hélio A. de (coord.). **Migração interna** – textos selecionados. Fortaleza: BNB/ETENE: 1980, 250-265.

ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (Orgs). **Globalização e religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada. In.: José PETRUCCELLI, Luis e SABOIA, Ana Lucia. (Orgs). **Características Étnico-raciais da População: Classificações e identidades**, 2013.

PERES, Roberta Guimarães. **Diferenciais por sexo no retorno Migratório: O fluxo Criciúma-Estados Unidos-Criciúma**. Campinas: UNICAMP, 2006. Dissertação de mestrado.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: AMBAR, 2001.

PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia. **Jovens europeus: retrato da diversidade**. Tempo Social, São Paulo, vol.17, n.2, 2005.

PANTOJA, Ana Lúcia Nauar. **“Ser alguém na vida”**: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19 (Sup. 2). S335-S343, 2003.

PARANÁ, Denise. **Lula, o filho do Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

PATARRA, Neide et all. **Migrações, condições de vida e dinâmica urbana**. Campinas: Instituto de Economia Unicamp/Fapesp, 1997.

PATARRA, Neide. **Migrações internacionais: teorias, políticas, e movimentos sociais**. Campinas, Rev. Estudos Avançados, 2006.

PEREGRINO, Mônica. Juventude e escola – elementos para a construção de duas abordagens. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignês Costa e STENGEL, Márcia. **JUBRA – Juventudes contemporâneas, um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011.

PETERS, Gabriel. **Admirável senso comum?** Agência e estrutura na sociologia fenomenológica. Ciências Sociais Unisinos. 47(1):85-97, janeiro/abril 2011.

POCHMANN, Márcio. Et. all. **Atlas da exclusão social no Brasil**. Vol. 02. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

PORTES, Alejandro. **Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação**. Oeiras: Celta editora, 1999.

POUPART, Jean et. All. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

REZENDE, Dimitri Fazito de Almeida. **Reflexões sobre os sistemas de migração internacional:** Proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários. FACE/CEDEPLAR/UFMG. 2005. Tese de doutorado.

RUMBAUT, Rubén G. and KOMAIE, Golnaz. **Immigration and Adult Transitions. Reviewed work(s):** The Future of Children, Vol. 20, No. 1, Transition to Adulthood (SPRING 2010), pp.43-66Published by: Princeton University <http://www.jstor.org/stable/27795059> . Accessed: 30/06/2012 21:44.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é objeto em via de extinção. (Parte I e II). Mana vol.3, n.2 Rio de Janeiro: Oct. 1997.

SALES, Shirlei Rezende. **Orkut.com.escola@:** currículos e ciborguização juvenil. UFMG/FAE, 2010. Tese de doutorado.

SARTI, Cynthia Andersen. O jovem na família o outro necessário. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.), **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 115-129, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Globalização: fatalidade ou utopia?** Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SANTOS, Gislene Aparecida. **Estado, redes sociais e fronteira: a migração do sul catarinense para os Estados Unidos.** Florianópolis, UFSC, 2007, tese de doutorado.

SANTOS, Maria Inês. **Projetos de vida e perspectivas futuras:** um estudo sobre as representações sociais do tempo futuro presentes nos projetos de vida dos jovens. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 2002.

SANTOS, Gevanilda, SANTOS, Maria José e BORGES, Rosangela. A juventude negra. *In*: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo. 2005, p.37-73.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHILLER, Nina Glick, BASCH Linda and BLANC, Cristina Szanton. **From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration Reviewed work(s)**: Source: Anthropological Quarterly, Vol. 68, No. 1 (Jan., 1995), pp. 48-63

SCHILLER, Nina Glick, BASCH Linda and BLANC, Cristina Szanton. **Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered**. The New York Academy of Sciences. NYC, 1992.

SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira. Uma visão global sobre as ciências sociais. *In*. SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira (orgs). **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto: Edições Afrontamento, 1986.

SILVA, Pedro. **Escola-Família, uma relação armadilhada. Interculturalidade e relações de poder**. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e empreendedorismo na micro-região de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno**. Belo Horizonte: FAFICH-UFMG, 2006. Tese de doutorado.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno Brasil/Estados Unidos**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

SIQUEIRA, Sueli et all. **Divisão sexual do trabalho, rearranjos familiares e relações de gênero em comunidade rural de emigração masculina**. XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú- MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.

SIQUEIRA, Sueli. **Realizações e frustrações no retorno à terra natal**. Caderno Neder 2 – Dossiê da Imigração. Governador Valadares: Editora UNIVALE, (sd)

SOARES, Weber. **Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. Belo Horizonte, CEDEPLAR-FACE-UFMG, 2002, tese de doutorado.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica, 2003.

SOUZA, André Ricardo de. **Igreja in concert: padres cantores, mídia e marketing**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2005.

SOUSA, Leonardo Gomes e DIAS, Carlos Alberto. **Microrregião de Governador Valadares: a busca de uma identidade territorial para uma região em crise**. Acesso em 29/08/11. www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2010/D10A104.pdf.

SPÓSITO, Marília. A pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006). In: SPÓSITO, Marília. (Coord). **O estado da arte sobre juventude: Educação, Serviço Social e Ciências Sociais**. (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SPOSITO, Marília P. Educação e Juventude. **Educação em Revista**, Minas Gerais, n. 29, 1999.

SPRANGER, Eduard. **Psicologia da juventude**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1970.

STANDING, Guy. **Conceptualizing territorial mobility**. In.: BILSBORROW. Richard, OBERAI, A. S. e STANDING, Guy. *Migration surveys in low income countries: guidelines for survey and questionnaire design*. London and Sydney, Croom Helm, 1984.

STOER, Stephen. Desocultando o vôo das andorinhas: educação inter/multicultural crítica como movimento social. In. STOER, Stephen, CORTESÃO, Luisa e CORREIA,

José Alberto. (orgs). **Transnacionalização da educação: da crise da educação à “educação” da crise.** Porto: Edições Afrontamento, 2001, p. 245-275.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **Tempos enredados: teias da condição professor.** Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1998. Tese de doutorado.

VALLE, Edênio. **A Renovação Carismática Católica.** Algumas observações. Estudos Avançados, 18 (52), 2004.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose.** Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura.** Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais:** mapa de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005. (Estudos Nead, 07).

WELLER, Wivian, SILVA, Iraci Pereira e CARVALHO, Nivaldo Moreira. Discussões de gênero e sexualidade no meio escolar e o lugar da jovem mulher no ensino médio. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignês Costa e STENGEL, Márcia. **JUBRA – Juventudes contemporâneas, um mosaico de possibilidades.** Belo Horizonte: PUC Minas, 2011.

WILLIS, Paul. Aprendendo a ser trabalhador: **escola, resistência e reprodução social.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 241pp.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina.** A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.